

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E DE EDUCAÇÃO FÍSICA

OS VALORES ORIENTADORES DAS PRÁTICAS DESPORTIVAS EM GRUPOS EMERGENTES DA TERCEIRA IDADE: UM ESTUDO SOBRE AS SUAS CONSTRUÇÕES SIMBÓLICAS

LEONÉA VITORIA SANTIAGO

PORTO

NOVEMBRO - 1999

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E DE EDUCAÇÃO FÍSICA

OS VALORES ORIENTADORES DAS PRÁTICAS DESPORTIVAS EM GRUPOS EMERGENTES DA TERCEIRA IDADE: UM ESTUDO SOBRE AS SUAS CONSTRUÇÕES SIMBÓLICAS.

LEONÉA VITORIA SANTIAGO

Dissertação apresentada às provas de doutoramento em Ciências do Desporto na Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

ORIENTADOR: PROF. DOUTOR RUI PROENÇA GARCIA

PORTO

NOVEMBRO - 1999

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho:

Aos meus filhos, Reynaldo Gytman e Rodrigo Feliciano, pelo constante estímulo na busca de um amanhã melhor.

E ao grupo de idosos que permitiu ser invadida a sua privacidade.

AGRADECIMENTOS

No decorrer do tempo as mais variadas formas de agradecer se concretizarão, aqui serei muito breve. Assim agradeço:

- À Universidade do Porto, por aceitar e apoiar a minha candidatura ao Doutoramento.

- À Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Aos seus órgãos diretivos, seus professores e funcionários pelo tratamento educado e delicado que me foi dado dentro desta casa.

- À Universidade Federal de Alagoas, por investir e acreditar na minha formação profissional.

- À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pela concessão da bolsa de estudos necessária à realização deste.

- Ao Prof. Doutor Rui Garcia, por acreditar na realização deste estudo e com paciência e atenção orientar a sua condução. Obrigada pelo voto de confiança depositado.

- Ao Prof. Doutor Jorge Olímpio Bento, por abrir as portas da Universidade do Porto.

- Ao Prof. Doutor António Marques, por me aproximar à temática da terceira idade em Portugal. Obrigada pela sua contribuição acadêmica na minha formação profissional.

- Ao Prof. Doutor António Costa, pelo seu modo engraçado de dizer coisas sérias.

- À Prof. Doutora Maria da Graça Guedes, pela sua simpatia e hospitalidade.

- Ao Prof. Doutor Jorge Mota, pela sua maneira alegre e descontraída de ser acadêmico.

- À Prof. Doutora Maria Paula Botelho Gomes, pela sua disponibilidade e atenção à frente do Conselho Diretivo da Faculdade.

- À Prof. Doutora Ana Maria Duarte, pela sua gentileza e atenção.

- Ao Prof. Doutor Adroaldo Gaya, por me apontar o caminho da Universidade do Porto.

- Ao Prof. Doutor Hugo Lovisolo, pela amizade e disponibilidade dispensada ao longo da minha vida.

- Ao Prof. Doutor Roberto Ferreira dos Santos, por facilitar o meu acesso tanto na UERJ como na AVAT/RJ.

- À Prof. Doutora Maria da Graça C. Ribeiro, por facilitar a recolha de alguns dados fundamentais para a elaboração deste estudo.

- Ao Prof. Walace David Monteiro, pela contribuição dada a recolha de alguns dados necessários ao estudo.

- À minha mãe Maria Vitória, por sempre acreditar que a "filha consegue".

- À Sra. Catarina, Rafael e Joel Zulay, pela energia emanada.

- À Leny, Marina e Raquel pela força da vida.

- À Lúcia e Eduardo Simermman, pelo apoio incansável à minha família.

- Ao Carlos Manuel, pela positividade, pelos dias que sempre são de sol.

- À Ana Lúcia, Eduardo e Patrícia Montenegro, por administrar com tamanha prontidão a minha vida no Brasil.

- À Joice, pela companhia nas horas alegres e tristes que passamos juntas.

- Ao Juarez, pelo seu modo parceiro de ser, que facilitou a vida da minha família em Portugal.

- À Neiza, temos caminhado juntas há algum tempo e gosto do seu jeito de ser. Obrigada pela parceria.

- Ao Stigger, por ter me ajudado neste e noutros momentos difíceis da minha vida. À Marlis e a Paulla pelo afeto familiar.

- Ao Jefferson, pelas boas-vindas à cidade do Porto.

- À Fany e ao Carlos Afonso, pelo reforço dado ao grupo de coragem.

- Ao grupo de estudos de Espinho: - Joice, Juarez, Neiza e Stigger – pela vontade de aprender e produzir algum conhecimento efetivo para a nossa formação. Espero que o tempo não esmoreça as nossas vontades. Gostaria de encontrá-los em outra oportunidade.

Santiago, Leonéa Vitoria. *Os valores orientadores das práticas desportivas em grupos emergentes da terceira idade: um estudo sobre as suas construções simbólicas.*(Tese de Doutoramento). Porto: Universidade do Porto – FCDEF.

RESUMO

Este estudo situa-se dentro da perspectiva global de conhecimento da terceira idade e em particular no âmbito do corpo e do desporto, as representações simbólicas que comandam a resistência ao envelhecimento. É pertinente aos objetivos deste, verificar as representações simbólicas, a construção dos sentidos que orientam a participação dos idosos em atividades físicas e desportivas, os hábitos de vida dos respectivos grupos. Os estudos nesta dimensão procuram compreender o fenômeno para poder interpretá-lo. A realidade fenomenal empírica tratada neste estudo a partir de recortes do real, foi apreendida em quatro grupos distintos: (1) praticantes de natação, (2) praticantes de atletismo (inclusive a prova de maratona, todos com participações em competições), (3) frequentadores da UnATI/ UERJ (4) frequentadores de uma Academia, situada na cidade do Rio de Janeiro. Todos praticantes de atividades físicas regulares. As articulações metodológicas utilizadas neste estudo qualitativo, inscrevem-se numa dimensão sócio-antropológica e caminharam no veio fenomenológico-existencial. O método comparativo faz parte de tais articulações e ao admiti-lo propomos-nos verificar as semelhanças e diferenças existentes em tais grupos. As estratégias metodológicas utilizadas foram: a auto-narrativa de identidades, que foi obtida através de entrevistas semi-estruturadas e do diário de campo. O modelo por nós estruturado para esta comparação foi: comparar inicialmente os grupos 1 e 2 (os competidores), e 3 e 4 (praticantes de atividades físicas) para estabelecer uma comparação entre si, e em seguida uma comparação entre os resultados encontrados nos dois grupos. Obtivemos os dados da pesquisa com base em recolhas etnográficas. As interpretações foram feitas a partir dos discursos dos idosos e não pura e simplesmente sobre um texto, o que por conseguinte pode ser confrontado com o objeto de representação ali expresso, possibilitando-nos a sua validação. A partir de uma escuta exaustiva, recortamos, descrevemos e interpretamos os discursos dos atores, aceitando desde o princípio, que a descrição e a interpretação coexistem e interagem durante todo o processo, pois na própria descrição está contida a interpretação. A análise de conteúdo temática auxiliou nas interpretações. Todo o esforço desta articulação metodológica-epistemológica, tem como questão fundante a existência do grupo estudado, numa tentativa de compreender o seu modo de ser no mundo, o seu modo de o habitar. Como considerações finais apreendemos que de algum modo, os mecanismos geradores das diferenças encontram apoio na avaliação feita por eles, das suas experiências passadas, em relação às atuais, e ainda encontram algumas possibilidades de construção para projetos futuros. A crença nas suas escolhas garante-lhes uma segurança ontológica. A qualidade de vida está garantida no interior das práticas. O uso instrumental e valorativo do seu corpo, são exemplos de mudanças audaciosas, que os tornam diferentes dos demais idosos. Os comportamentos apresentados por estes idosos, dão corpo à atitude de uma nova geração que emerge no seio da tradição.

Santiago, Leonéa Vitoria. *The values that guide the sportive pratice in groups that emerge from the third age: a study about their symbolic formations.* Graduation thesis, Oporto University - FCDEF.

ABSTRACT

This study gives us a global perspective of the knowledge of the third age and of the symbolic representations that command the resistance to the ageing, as far as the body and the sport are concerned. The aims of this study are: to verify the symbolic representations, the formation of the senses that command the participation of the aged people in physical and sportive activities, the life habits of the both groups. The studies in this dimension try to understand the phenomenon to interpret it. The phenomenal empirical reality approached in this study, on grounds of real examples, was taken from four different groups: (1) swimmers, (2) athletics practisers (including the marathon race, all with participations in competitions), (3) the UnATI / UERJ goers, (4) Academy goers, in Rio de Janeiro city, all practisers of regular physical activities. The methodological articulations, used in this qualitative study set in a socio-antropological dimension proceed in the phenomenological-existential vein. The comparative method is part of such articulations and accepting this, we propose ourselves to verify the similarities and the differences that exist in such groups. The methodological strategies used were: the auto-narrative of the identities that was obtained through semi-structured interviews and field diary. The model structured by us, for this comparison was: first, to compare the groups 1 and 2 (the competitors) and 3 and 4 (practisers of physical activities) to establish a comparison between them and then a comparison among the obtained results in both groups. we obtained the data of the research based on ethnographical research. The interpretations were made taking the speeches of aged people into consideration and not only a text, this way it can be faced with the representation object there expressed, making its validation possible. From an exhaustive listening, we gather, we describe and we interpret the speech of the actors, accepting since the beginning that the interpretation and the description co-exist and interact along the whole process, as in the description itself is the interpretation. All efforts of this methodological-epistemological articulation has as a fundamental question the existance of the group studied, in an attempt of understanding the way of being and living in the world. As final considerations we concluded that the mechanisms that breed the differences, find support in the evaluation made by them, from their past experiences, comparing them with the present ones and they still find some existing possibilities for the future projects. The belief in their choices guarantee them an ontological security. The quality of life is secured in the interior of the practice. The instrumental and valorative use of their body are examples of audacious changes that make them different from the other aged people. The behavior presented by these aged people, embodies the attitude of a new generation that emerges within the tradition.

Santiago, Leonéa Vitoria. Les valeurs qui orientent les pratiques sportives dans groupes qui emergent du troisième âge: une étude sur leurs constructions simboliques. Thèse de doctorat Université du Porto - FCDEF

RÉSUMÉ

Cette étude nous donne une perspective globale de connaissance du troisième âge et des représentations symboliques qui commandent la résistance au vieillissement, en particulier dans le domaine du corps et du sport. Vérifier les représentations symboliques, la construction des sens qui orientent la participation des personnes âgées aux activités physiques et sportives, les habitudes de vie des groupes respectifs, fait partie des objectifs de cette étude. Les études dans cette dimension cherchent à comprendre le phénomène pour pouvoir l'interpréter. La réalité phénoménale empirique traité dans cette étude, à partir des exemples réels, a été recueillie dans quatre groupes différents: (1) pratiquants de la natation, (2) pratiquants de l'athlétisme (y compris l'épreuve de marathon, tous participants en compétitions), (3) habitués de la UnATI / UERJ, (4) habitués d'une Académie, située dans la ville Rio de Janeiro. Tous pratiquants d'activités physiques régulières. Les articulations méthodologiques utilisées dans cette étude qualitative, s'inscrivent dans une dimension socioanthropologique et elles s'acheminèrent dans la voie phénoménologique-existentielle. La méthode comparative fait partie de ces articulations et en l'admettant, nous nous proposons de vérifier les ressemblances et les différences présentes à tels groupes. Les stratégies méthodologiques utilisées ont été: l'autorécit d'identités, obtenu à travers les interviews demi-structurées et le registre quatidien. Le modèle que nous avons structuré pour cette comparaison a été: confronter initialement les groupes 1 et 2 (les compétiteurs), et 3 et 4 (pratiquants d'activités physiques), pour établir une comparaison entre eux et, ensuite, une outre entre les résultats obtenus parmi les deux groupes. On a obtenu les données de la recherche à partir des récoltes ethnographiques. Les interprétations ont été faites à partir des discours des personnes âgées et pas purement et simplement à partir d'un texte, ce qui, par conséquent, peut être confronté avec l'objet de représentation exprimé, possibilitant sa validation. À partir d'une écoute exhaustive, on a découpé, décrit et interprété les discours des acteurs, acceptant dès de début que la description et l'interprétation coexistent et interagissent pendant tout le procès, car l'interprétation est contenue dans la propre description. Tout l'effort de cette articulation méthodologique épistémologique a comme question fondamentale l'existence du groupe étudié, essayant de comprendre sa façon d'être au monde et de l'habiter. Comme dernières considérations, nous concluons que, de quelque façon, les mécanismes générateurs des différences trouvent leur appui dans l'évaluation faite par eux, de leurs expériences passées par rapport aux actuelles et ils trouvent encore quelques possibilités de construction pour des futurs projets. La croyance en leurs choix leur assure une sécurité ontologique. La qualité de vie est garantie à l'intérieur des pratiques. L'usage instrumental et valorisant de leur corps sont des exemples de changements audacieux, qui les rendent différents des autres personnes âgées. Les comportements présentés par ces personnes âgées donnent corps à l'attitude d'une nouvelle génération qui emerge au sein de la tradition.

ÍNDICE

LISTA DE ANEXO I
LISTA DE QUADROS.....II
LISTA DE SIGLAS III

I -INTRODUÇÃO 2
PROBLEMATIZANDO O ESTUDO 5
METODOLOGIA: reflexões epistemológico-metodológicas 14
Grupos estudados: 19
Natação..... 19
Atletismo 19
Atividades Físicas na UnATI 20
Atividades Físicas na Academia Hidrocenter 20
Caracterizando o grupo estudado 21
Estratégias metodológicas utilizadas: a apropriação dos instrumentos .. 27

II - QUADRO CONCEITUAL.....29
O TEMPO..... 31
O Tempo na cultura: uma visão sócio-antropológica 40
Tempo na vida: um inculcar constante de valores 45
O CORPO..... 54
A fisiologia do envelhecimento: marcas impressas no corpo pelo tempo. 68
O valor do corpo como expressão de uma auto-identidade: símbolos e interações presentes nas atividades físicas e desportivas..... 83
O corpo do idoso nas atividades físicas e desportivas: existência, resistência e manutenção 95

A MORTE.....100

Antropologia da morte: a busca de um entendimento possível.....108

A morte na sociedade moderna ocidental: alguns tópicos e reflexões históricas 125

A COMPETIÇÃO.....135

A COMPETIÇÃO NA TERCEIRA IDADE : uma vontade de poder ser super-homem. 140

Vontade de Poder 141

Transmutação dos valores.....147

Super-Homem.....152

Eterno Retorno 157

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL 163

A realidade social: as condutas orientadoras da vida cotidiana 178

As representações das atividades físicas e desportivas para o idoso: uma tentativa de mapear os seus sentidos 181

III - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO: um diálogo entre as teorias e os dados empíricos.....188

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....272

POSFÁCIO.....281

BIBLIOGRAFIA.....283

Lista de Anexo

ANEXO 1 298

Lista de Quadros

QUADRO 1 - ESTUDOS DESENVOLVIDOS SOBRE O TEMA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS... 185

QUADRO 2 - CATEGORIAS MAIS FREQUENTES POR ORDEM DE EVIDÊNCIA 187

QUADRO 3 - CATEGORIAS LEVANTADAS NO GRUPO: 1 214

QUADRO 4 - CATEGORIAS LEVANTADAS NO GRUPO: 2 236

QUADRO 5 - CATEGORIAS LEVANTADAS NO GRUPO: 3 256

QUADRO 6 - CATEGORIAS LEVANTADAS NO GRUPO: 4 270

QUADRO 7 - GRELHA 1: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE PARES 271

Lista de Siglas

ABMN – Associação Brasileira de Masters de Natação

AVAT – RJ – Associação dos Veteranos de Atletismo do Estado do Rio de Janeiro

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMMA – Idosos em Movimento Mantendo a Autonomia

INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

SONI – Sociedade Neurológica Integrada

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UnATI – Universidade Aberta da Terceira Idade

"Cada método é uma linguagem e
a realidade responde na língua
em que é perguntada.
Só uma constelação de métodos
pode captar o silêncio que persiste
entre cada língua que pergunta"

Boaventura de Sousa Santos (1997:48).

I - INTRODUÇÃO

O nosso primeiro olhar para grupos de idosos em movimento de atividades físicas e desportivas teve início em 1990, com uma equipe de nadadores, na cidade do Rio de Janeiro. Naquela altura também estávamos ingressando no curso de mestrado e tínhamos olhos e ouvidos bem aguçados à procura de uma temática para o nosso estudo.

Tivemos oportunidade de desenvolver um estudo voltado para a observação participante durante 16 meses, pois tínhamos a função de treinadora adjunta e nadadora desta mesma equipe. Tal oportunidade permitiu-nos um convívio muito próximo no dia-a-dia desses idosos, que passava para além dos treinamentos, viagens e competições em outros estados. Diante de tal proximidade, não pudemos deixar de evidenciar o paradoxo ali existente entre a idade dos corpos e o entusiasmo das suas vontades. Este estudo foi concluído em 1993. Ainda então continuamos a investigar sobre a mesma temática[1] e reafirmar cada vez mais a nossa evidência.

Neste estudo optamos pela fenomenologia como postura epistemológica, pois o cerne da nossa questão é o sentido de se ser no mundo. O pensar do homem cotidiano que cuida concretamente do seu modo de habitar o mundo, partilha e convive com os outros homens. No pensamento de Husserl seria o real interpretado como "fenômeno". A fenomenologia ou questionamento do ser, não nasceu como um método rigoroso com procedimentos e instrumentais definidos, mas diluída nas obras de pensadores como Husserl, Merleau-Ponty, Ricoeur, Heidegger, Arendt entre outros. Esse autores que serão por nós revisados, reúnem conceitos que fundamentam o modo fenomenológico de ver, uma orientação para o olhar,

[1] Ver lista de anexos a relação dos estudos desenvolvidos a partir de 1990.

compreender e dizer, isto é, o seu caminho de produção do conhecimento (Critelli, 1996).

O estudo tratará da realidade fenomenal empírica, a partir de recortes do real, onde o centro das preocupações são as atividades físicas e as práticas competitivas para maiores de 60 anos. Estudaremos quatro grupos distintos, praticantes das seguintes atividades: 1-natação, 2-atletismo, 3-atividades físicas na UnATI, 4-atividades físicas na academia. As indagações norteadoras deste estudo são: - Que possibilidades têm as atividades físicas e as práticas competitivas, de serem meios motivadores para iniciarem um processo de construção de um novo estilo de vida e ao longo dele tornar-se um elemento de realimentação para o idoso? Em que medida os valores orientadores da existência desses idosos, estão ancorados nas suas respectivas práticas? A velhice pode ser entendida nestes grupos específicos, como oportunidade para uma nova autoconstrução, autodesenvolvimento ou construção de um "eu" novo ou renovado?

O quadro conceitual foi instituído com base em cinco grandes temas, a saber: O TEMPO, na sua apreensão imanente, sempre presente no curso da consciência do homem, impondo-lhe as situações limites. O CORPO, tendo um uso instrumental de resistência e existência ao envelhecimento. A MORTE, na corrente fenomenológica existencialista, que trava uma luta não só para a entender mas também viver. E qual o sentido que move não só a vida como a morte? A COMPETIÇÃO, como meio de "ganhar da velhice", ancorada numa vontade de poder ser reconhecido socialmente. A REPRESENTAÇÃO SOCIAL, como fio condutor do estudo, na busca de um entendimento das atividades físicas e das práticas competitivas na vida destes idosos, as suas relações e expectativas existenciais. Daremos alguns passos no caminho da filosofia, a fim de compreendermos o "mundo da vida", tomando a linguagem como discurso plural interpretativo do mundo. Na perspectiva de Heidegger (1997), que assume da compreensão pela

linguagem, a fundamento da ontologia da existência. Acreditamos que a lógica instituída neste quadro conceitual possa dar conta das nossas indagações.

A análise e interpretação dos dados será baseada num diálogo entre as teorias e os dados empíricos, que foram levantados a partir da auto-narrativa de identidade e do diário de campo.

Partindo do pressuposto que a existência destes idosos está orientada pelas suas respectivas práticas, enveredamos por este caminho com a crença de nos aproximar da compreensão do homem na sua dimensão filosófica e sócio-antropológica. Pois toda a experiência mundana, todo o ser espaço-temporal tende a experimentar, pensar, valorar, desejar e agir num mundo que tenha sentido, e a validade deste sentido está nele próprio.

PROBLEMATIZANDO O ESTUDO

O envelhecimento é uma preocupação constante dos homens de todos os tempos. Na nossa sociedade o homem rejeita o envelhecimento, não se conformando com a sua evidência. A terceira idade desperta sentimentos negativos, como a piedade, o medo e o constrangimento. A imortalidade e a eterna juventude são sonhos míticos do homem. A eterna juventude está sempre relacionada com a felicidade plena. A procura da fonte da juventude é assunto nos mais antigos escritos. A mitologia está repleta de seres imortais e a Bíblia cita com freqüência seres de grande longevidade. O Livro do Gênesis relata que após o dilúvio as pessoas passaram a viver mais. Vários poetas gregos escreveram sobre a longevidade. Hesíodo, por exemplo, que viveu no oitavo século a.C., descreveu uma raça dourada, constituída por um povo que vivia centenas de anos sem envelhecer e que morriam dormindo quando chegasse esse dia. Em Cícero, que nasceu em Arpino em 106 e morreu em Caieta em 43 a.C., também encontramos entre as suas obras "Catão-O-Velho ou Da Velhice". Os gregos acreditavam existir um povo que vivia em terras longínquas ao norte e que sobreviviam a milhares de anos.

Os gregos Aristóteles, filósofo e Galeno médico, acreditavam que cada pessoa nascia com certa quantidade de calor interno, que se iria dissipando com o passar dos anos, considerando então a terceira idade o período final desta dissipação de calor. Aristóteles (384-322 a.C.), um dos mais influentes filósofos do pensamento do mundo ocidental, sugeria o desenvolvimento de métodos que evitasse a perda de calor, o que prolongaria a vida, dando um certo cunho científico ao problema.

A maioria dos povos sempre apelaram para a fantasia quando procuravam a fonte da juventude. Alguns pensaram encontrar a juventude em longínquas ilhas, outros em rios caudalosos, alguns em extratos especiais

de testículos de cães e outros em ser a longevidade dependente de uma vida reta e disciplinada.

Na China, o taoísmo, preconiza o encontro do "verdadeiro caminho" que seria viver tanto até se tornar imortal. Para isto aprende-se a conservar as energias vitais, como por exemplo mantendo o controle da respiração, alimentando-se de frutas de raízes, evitando carne e álcool, e procurando mudança do comportamento sexual, preconizando-se trocar a ejaculação pela meditação.

No século XVI começaram a aparecer os primeiros trabalhos científicos que estudaram a terceira idade. Cientistas famosos como Descartes, Bacon e Benjamim Franklin acreditavam que a terceira idade seria " vencida" pelo desenvolvimento científico.

Um dos primeiros trabalhos científicos conhecido, sobre a terceira idade, foi escrito no século XIX, pelo médico francês Jean Marie Charcot, (1867), com o título: - "Estudo Clínico sobre a Senilidade e Doenças Crônicas". Este autor não se preocupou com a imortalidade mas sim procurou destacar a importância de se estudar o processo de envelhecimento, suas causas e suas conseqüências sobre o organismo.

O prêmio Nobel de Medicina de 1908, Elie Metchnikoff (1845-1916), acreditava que o processo de envelhecimento era resultado de venenos produzidos no intestino grosso pela deterioração dos alimentos. Preconizava a ingestão regular de leite ou iogurte e o hábito de se usar laxante com freqüência, hábitos que desceriam esterilizar o intestino.

Inúmeras são as propostas que ousam tornar-se famosas por deterem o poder de diminuir o processo de envelhecimento: - as substâncias químicas, com a utilização de doses elevadas de vitaminas, principalmente A, C e E associada a utilização de hormônios (do crescimento e a glândula adrenal) poderiam levar ao rejuvenescimento. Alguns métodos "científicos" também foram desenvolvidos com o objetivo de interromper o processo de

envelhecimento, tais como o transplante de testículo de macaco ou de carneiro para o homem, ou a injeção de células de embrião de carneiro. O método da quelação, sugere que através de determinadas reações químicas provocadas pela medicação denominada EDTA, introduzida no organismo, retirem substâncias que acelerem o processo de envelhecimento, como por exemplo os radicais livres. O aparecimento da "Medicina Ortomolecular", que acreditamos ser mais um método terapêutico, vê na eliminação de radicais livres um meio de postergar o processo de envelhecimento e para tal propaga doses elevadas de substâncias químicas, principalmente as vitaminas. Já as técnicas de resfriamento do corpo foram mais além, propondo o resfriamento do corpo com o objetivo de estancar o processo de envelhecimento ou ainda manter o corpo congelado até o dia da descoberta da "cura" para a terceira idade.

Nenhuma das tentativas terapêuticas, até então, puderam comprovar que cientificamente são eficientes e as buscas permanecem. Trabalhos científicos, sugerem que processos que diminuem a velocidade do metabolismo do organismo poderiam retardar o processo de envelhecimento. Os estudos específicos sobre o envelhecimento das células e sobre os aspetos genéticos, atualmente ocupam grande parte das pesquisas sobre o envelhecimento.

O desejo de controlar o envelhecimento é um anseio legítimo e sem dúvida faz parte da busca pela felicidade. A decadência corporal pode trazer a infelicidade, sendo que a consciência da finitude pode gerar a depressão. A rejeição à terceira idade nos tempos atuais, parece-nos ser um mecanismo de defesa natural do homem. O envelhecimento da população brasileira tem crescido a passos largos, em relação a proporção dos países ricos.

Os dados demográficos da Organização das Nações Unidas-ONU verificaram um fenômeno universal; o envelhecimento da população nos últimos 25 anos (Kalache, 1987), com uma projeção de grande crescimento

para o ano de 2030, não só da população idosa mas de um contingente formado por indivíduos com idade acima de 85 anos. Deste modo haverá um aumento da população onde se amplia a categoria dos muito idosos e dos muito muito idosos ("very old" and "very very old") (Pescatello & Dipietro, 1993).

As projeções da Organização Mundial de Saúde-OMS, demostram que entre 1950 e 2025, a população de idosos terá crescido dezesseis vezes enquanto a população total não terá aumentado mais do que cinco vezes. Esse crescimento é considerado o mais acelerado do mundo, só comparável ao do México e da Nigéria. Em 2025 a China ocupará o primeiro lugar no ranking mundial, com inacreditáveis 284 milhões de pessoas com mais de 60 anos, em seguida virão Índia, Rússia, Estados Unidos, Japão e Brasil.

O Brasil era considerado até bem pouco tempo como um país jovem, mas já está envelhecendo, surgindo a possibilidade, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), de haver uma inversão na pirâmide etária do país. As projeções do órgão não param e anunciam que até 2025 os idosos brasileiros passarão de 11 para 32 milhões. Será um crescimento vertiginoso que triplicará a população de idosos do país, registrando uma grande mudança no perfil demográfico, que em três décadas apresentará o mesmo percentual de velhos que países europeus desenvolvidos: 15% do total da população. Atualmente o Brasil tem 7,5% de idosos no total do seu contingente populacional.

A tendência para o envelhecimento populacional é global, como também evidenciam os levantamentos demográficos efetuados na Europa[2] na América do Norte[3] e nos países do Terceiro Mundo[4]. Atualmente há um

---

[2] Parlament Europeen. L' Europe des Seniors, Bruxelles: Direction Génerale des Comissions et Delegations et Delegations et Direction Générale des Etudes, 1995a.

[3] Statistics Canada. Population aging and elderly. Current demographic analysis. Ottawa: Statics Canada Demography Division,1993.

[4] Organisation Mondiale de la Sante. Rapport sur la santé dans le monde 1995: réduire les écarts – rapport du Directeur Général. Genève:OMS, 1995.

contingente de 400 milhões de indivíduos com mais de 65 anos em todo o mundo. O envelhecimento populacional define-se pelo proporcional aumento de indivíduos com idade acima de 60 anos no âmbito geral da população.

O aumento do percentual de indivíduos velhos na população tem repercutido nos diversos setores sócio-culturais, econômicos, entre outros da sociedade[5]; deixando de ser matéria exclusiva da geriatria e da gerontologia passando a ser temática de outras áreas do conhecimento. Fisiologicamente sabemos que o envelhecimento do ser humano é um procedimento único e inexorável mas encontramos diferenças no ritmo e autonomia de cada indivíduo. Araújo (1996) diz-nos que a máquina humana foi projetada e desenvolvida criteriosamente para funcionar adequadamente por mais de 100 anos. Contudo, se por um lado as ciências médicas, o desenvolvimento da tecnologia e o uso da ecologia contribuem para o aumento da expectativa de vida, por outro a poluição, o estresse, a violência urbana e rural surgem como fatores negativos para o aumento dos anos de vida das populações. Portanto, estaria dentro da normalidade viver até aos 100 anos de idade, o que de fato se tornou uma exclusividade para poucos.

As ciências médicas também acenam com a possibilidade de uma velhice ativa, onde as Ciências do Desporto e a Educação Física seriam parceiras nesta tarefa. Este fenômeno é essencialmente simples, porém de conseqüências múltiplas, muitas das quais ainda desconhecidas, pois os fatores que interferem na ordem social também são diversos.

Admitimos a perspectiva de Giddens (1994:73) para o entendimento de estilo de vida, onde este pode ser adotado mediante um conjunto de "práticas rotinizadas, as rotinas incorporando-se em hábitos" que o indivíduo adota para atender os seus gostos e as suas necessidades utilitárias, mas também porque sustentam a sua narrativa de auto-identidade. As escolhas assumidas as decisões tomadas pelo indivíduo intervém não só no seu modo

[5] United Nations Organization. Economic and social implications of population aging. Génève: UNO, 1994.

de agir e pensar, no seu conjunto de valores e normas orientadoras, como também no seu modo de ser, onde então a narrativa de auto-identidade com a sua natureza móvel acompanha as possíveis modificações estruturando ou reestruturando os seus hábitos de vida.

> *"Envelhecer significa a transformação gradual (ou antes, súbita) de um mundo de rostos familiares (quer seja de amigos ou de inimigos) numa espécie de deserto habitado por rostos estranhos. Por outra palavras, não sou eu que me retiro do mundo é o mundo que se desfaz"* (Arendt, 1982:440).

Sob o ponto de vista social, a velhice também significa uma desorganização, uma perda de relações sociais significativas correlatas de uma perda da importância social, do reconhecimento social em função do presente.

Quando as pessoas ficam velhas parecem perder ou sair dos círculos sociais de pertencimento e interação social que compunham, centralmente seu cotidiano. No próprio plano familiar, os filhos tornam-se adultos diminuindo as responsabilidades e as oportunidades de incidência sobre as suas vidas. O velho torna-se alguém que requer cuidados e atenções, já não sendo aquela pessoa que protegia os seus filhos. As relações ocupacionais desmancham-se, perdem a sua forma e intensidade, sobretudo quando a aposentadoria se torna um estado do velho. Os amigos perdem-se por doença, morte ou, menos dramaticamente, por dificuldades de locomoção. Na perspectiva social, a velhice aparece como um caminho de redução da sociabilidade, de aumento da possibilidade de solidão, de perda do reconhecimento familiar e extra-familiar, enfim como redução do eu que se forma e reconhece a partir do

relacionamento com os outros. Porém, e talvez como um processo de perda ou diminuição da autonomia corporal, psicológica e social.[6]

A perda do espaço profissional associa-se à perda do "status" que é proporcionada pela idade. Pois no trabalho o homem encontra as hipóteses de vida. Para Weber (1994), as hipóteses de vida estão associadas às opções de potenciais estilos de vida. E ao afastar-se do mundo produtivo, o indivíduo é obrigado a estabelecer um novo sistema de valores, onde deverá pautar a sua vida, reordenando deste modo sua auto-identidade, em função das novas rotinas. A construção reflexiva da auto-identidade em Giddens, está diretamente relacionada com a preparação do futuro e a interpretação do passado. Ontem, um corpo jovem e produtivo, hoje um corpo velho para viver numa sociedade orientada até então para os corpos jovens.

O comportamento dos indivíduos ditos velhos, pertencentes aos grupos estudados, vem evidenciando um novo estilo de vida para este segmento da sociedade. A procura de dietas, produtos bioquímicos e diversas práticas de atividades físicas, têm entrado abertamente no cotidiano destes indivíduos, rompendo com atitudes e normas sociais pré-estabelecidas. Estas até há pouco tempo, orientavam no sentido da acomodação diante de um processo inevitável. A acomodação tradicional está saindo de cena e os novos atores são as estratégias acionadas pelos indivíduos para sobreviverem de forma ativa, mais esta etapa da vida.

Os profissionais de Educação Física enfrentam assim uma nova realidade. A Educação Física tradicionalmente pensada em relação a crianças e jovens, deverá estar atenta também à nova situação de que a resistência ao envelhecimento e o peso dos velhos na sociedade lhes demandam.

Associamos a velhice a processos naturais de desorganização, perda, de entropia em todos os níveis: biológico, psicológico e social. Assim resistir

---

[6] Estudos realizados por Renée Vanfraechem-Raway (1997), Laboratoire de l'effort-unité de Recherche en Psychologie Appliquée à l' Education Physique, Université Libre de Bruxelles aproximaram-se em certa medida de tais afirmações.

à velhice significa, em princípio, um exercício de vontade e de inteligência para criarmos estratégias, para encontrarmos atividades que nos permitam a redução no ritmo da desorganização corporal. A imagem termodinâmica aparece-nos como altamente adequada para pensarmos e sentirmos o processo de envelhecimento biológico, que começaria, lenta e inexoravelmente, quando estamos a sair da juventude. Resistir à entropia da velhice, imaginamos que signifique montar estratégias que permitam reduzir o seu ritmo de desorganização, que signifique adotar um regime ou hábitos de vida que reduzam os efeitos visíveis e sensíveis do processo de desorganização, mantendo a vitalidade e autonomia[7]. No plano do corpo, mantêm-se os padrões circulatórios, digestivos, de flexibilidade, resistência e força, que criam a imagem de um funcionamento fisiológico "mais novo" que o cronológico. No plano social, criando novos pertencimentos e relacionamentos que mantenham em bom funcionamento a sociabilidade, o prestígio, o reconhecimento e a circulação social. No fundo, os hábitos de vida devem motivar a vontade de viver, de lutar contra a entropia, de não se abandonar à desorganização biológica, psicológica e social.

Em estudos anteriores[8], percebemos a existência de um paradoxo entre a idade dos corpos e o entusiasmo de suas vontades. Tal verificação motivou-nos a elaborar esta pesquisa, onde o centro das preocupações são as atividades físicas e as práticas competitivas para os masters. As questões norteadoras são: - quais as possibilidades das atividades físicas e das práticas competitivas, serem meios motivadores para iniciarem um processo de construção de um novo estilo de vida e ao longo dele tornar-se um elemento de realimentação para o idoso? Em que medida os valores orientadores da

---

[7] O termo entropia (o grego, entrope = uma transformação) é um conceito bastante controvertido nas ciências da comunicação. Aqui como hipótese geral, poderíamos pensar nos marcos da termodinâmica, em que todos os seres vivos estariam submetidos ao processo entrópico; levando-os a degradação, desintegração e ao seu desaparecimento. Os jovens, no entanto, teriam maiores possibilidades e reservas para resistir aos seus efeitos. A capacidade de recuperação do jovem diante do esforço é o vetor sobre o qual melhor se constata a juventude.

[8] Podemos citar como exemplo Santiago (1993), Natação Master: resistindo à velhice. Santiago e Lovisolo (1997), Master de Natação: competição, aprimoramento e expressão. Ver anexo I

existência desses idosos, estão ancorados nas suas respectivas práticas? A velhice pode ser entendida, nestes grupos específicos, como oportunidade para uma nova autoconstrução, autodesenvolvimento ou construção de um "eu" novo ou renovado? Lovisolo (1997), admite a possibilidade de uma linguagem estética articulada às relações e esta orienta tais construções ou renovação do "eu".

Entretanto, a gestão e desenvolvimentos de novos hábitos devem contar com forças motivadoras suficientemente poderosas para manter um esforço duradouro. Supomos que os esforços positivos, resultarão da adoção de novos hábitos de vida, demandam tempo para se manifestar e para criar os argumentos que reforcem os esforços que a adoção demandam.

Neste estudo pretendemos verificar as representações simbólicas, a construção dos sentidos que orientam a participação destes idosos em atividades físicas e desportivas, os hábitos de vida dos grupos distintos. Os estudos nesta dimensão procuram compreender o fenômeno para poder interpretá-lo; e este compreender decorre de um *estado de ânimo,* onde Heidegger[9] diz, que sempre evidencia o modo pelo qual o ser-no-mundo é afetado pelas coisas e/ou pelos outros que povoam os seus caminhos. Ontologicamente, o *estado de ânimo* é uma maneira do indivíduo referir-se ao mundo, aos entes, aos outros indivíduos e a si mesmo diante das situações do cotidiano. No âmbito fenomenológico-existencial não há indivíduo sem inserção *no-mundo,* sem o seu plexo de referências, sem o seu contexto de funcionalidade. A cada movimento humano surge sempre algo novo ou de novo, o que dá início a uma rede de relações significativas que vai se complementando no outro e com o outro. Também por meio do seu movimento vão iniciando algo novo ou de novo. Forma-se deste modo, uma trama de sentidos, e a esta rede de relações significativas Heidegger denomina de *mundo.* Sentido aqui é entendido como direção, como norte,

[9] Heidegger ((1927) 1974), parte1, cap. V: 29-30.

como orientação fundamental das escolhas e é este sentido, o da existência que nos impulsiona pressionando as modificações do nosso mundo, do nosso lugar na vida, do nosso trabalho, do nosso lazer, enfim de todos os nossos hábitos. Assim, tudo o que for dito ou compreendido dos indivíduos será sempre a partir de uma visualização efetivamente contextualizada, pois é dentro deste movimento de realização que os comportamentos culturais se produzem.

Casal (1996) diz-nos que a compreensão e a interpretação são os caminhos seguidos pelos estudos sócio-antropológicos, com o intuito de buscar teorias que permitam fundamentar e até sustentar epistemologicamente uma prática de campo. Olhar as Ciências do Desporto e a Educação Física por estas lentes ainda é uma tarefa difícil para aqueles que enveredam por estes caminhos.

Lovisolo fala que a Educação Física e as práticas desportivas têm como "característica central e positiva a intervenção"[10] e aqui acreditamos na possibilidade de intervenção a partir da compreensão do funcionamento dos "mecanismos" adotados pelos idosos para resistirem ao envelhecimento. Um estudo desta natureza está sujeito, bem como as ciências naturais a princípios epistemológicos da explicação, da experimentação e da verificação.

METODOLOGIA: reflexões epistemológico-metodológicas

A epistemologia tem como propósito as condições e os critérios de cientificidade dos discursos científicos efetivamente concretos numa organização teórica determinada. Ela funciona como a mola propulsora da pesquisa. Sob os pressupostos epistemológicos é construído o objeto

[10] Ver sobre esta temática em Educação Física: arte da mediação, onde o autor posiciona-se acerca dos objetivos e valores orientadores como prática da intervenção.

científico e a problematização se circunscreve. Uma teoria do conhecimento organizada e criticada sistematicamente, voltada para a natureza da produção deste conhecimento e para as suas condições de efetivação. A reflexão-intervenção é de algum modo o papel da epistemologia sobre a prática científica em todo o seu processo de elaboração, a fim de exercer uma vigilância do ideológico sobre o científico.

Sabemos que a metodologia enquanto prática crítica da investigação, deve necessariamente articular-se com o quadro conceitual de referência, que controla e orienta todo o processo de produção de conhecimento. De modo lato, encontramos uma definição de metodologia como «um conjunto de directrizes que orientam a investigação científica» (Herman, 1983:5). Assim entendemos como um conjunto de procedimentos inerentes ao método, que orienta cada passo de uma prática científica.

Contudo, acreditamos que nem a metodologia nem a epistemologia podem ser compreendidas como um conjunto de procedimentos lineares, receitas com propostas normativas e a-históricas, a fim de garantir a cientificidade dos discursos (Almeida&Pinto, 1995). Optamos pela fenomenologia como postura epistemológica, pois o cerne da nossa questão é o sentido de se ser no mundo, o pensar do homem cotidiano que cuida concretamente do seu modo de habitar o mundo, partilhando e convivendo com os outros homens, que no pensamento de Husserl seria o real interpretado como «fenômeno».

Este estudo é uma investigação sob a orientação fenomenológica o que de um modo geral podemos dizer que investigar é sempre colocar em andamento uma interrogação. É perguntar. Não se sai em busca da compreensão de um fenômeno tentando aplicar sobre ele uma resposta já sabida sobre ele mesmo. Investigar não é assim, uma aplicação sobre o real do que já se sabe a seu respeito. Ao contrário, é a ele que perguntamos o que queremos saber dele mesmo. A fenomenologia permite-nos várias maneiras

de concreta e operacionalmente, a aproximação e a interpretação do real. De formas diversas e diferenciadas as "articulações metodológicas", sempre desenvolvidas num acordo com a questão e o fenômeno que provocam o querer saber a seu respeito. A fenomenologia, ou questionamento do ser, não nasceu como um método rigoroso com procedimentos e instrumentais definidos, mas diluída nas obras de pensadores como Husserl, Merleau-Ponty, Ricoeur, Heidegger, Arendt entre outros. Estes autores reúnem conceitos que fundamentam o modo fenomenológico de ver, uma orientação para o olhar, compreender e dizer, isto é, o seu caminho de produção do conhecimento (Critelli, 1996). A idéia fundamental, básica da fenomenologia, é a noção de intencionalidade. Esta intencionalidade é da consciência que sempre está dirigida a um objeto. Isto tende a reconhecer o princípio que não existe objeto sem sujeito. Investigar o "mundo vivido" pelos sujeitos (Triviños, 1990) a partir dos padrões metodológicos da descrição, da compreensão e da interpretação.

> *"...descrever é uma representação do que é. Mas do ponto de vista linguístico – do qual nunca nos podemos abstrair em Antropologia, pois o discurso antropológico é um discurso natural-linguístico - , descrever é uma forma de falar para dizer o que é, é fazer o relato da representação do que a coisa é; é também interpretar (Casal, 1996:125).*

As articulações metodológicas utilizadas para a elaboração deste estudo qualitativo, inserem-se numa perspectiva sócio-antropológica e caminhou no veio fenomenológico-existencial."*...o objetivo de uma fenomenologia sócio-antropologica é o de encontrar ou reencontrar bases*

sólidas para uma metodologia específica para as ciências sociais e, em particular, para a antropologia" (Schutz in Casal, 1996:39). A especificidade científica da Antropologia, incluindo as suas fragilidades e as suas virtualidades epistemológicas, permite-nos admitir que os seus créditos teóricos e metodológicos procedem da própria natureza dos objetos estudados. Tal proposição é pertinente neste estudo, pelo fato de pretendermos, como no entendimento de Giddens (1994), de ao estudarmos os hábitos e costumes, não nos limitarmos às suas formas manifestadas nos comportamentos, mas também atentarmos nas formas encobertas de ação, onde segundo o autor, se encontra o modo de sentir e pensar do grupo, todo o seu estilo de vida.

Junto com a fenomenologia, que tem como preocupação central o sentido de ser, percorreremos o caminho que privilegia no indivíduo os seus possíveis modos de ser no mundo, onde ele desde o nascimento assume tais modos, apropria-se, desenvolve-os e põe-nos em curso até morrer; portanto, uma articulação no âmbito da sua própria existência. Os movimentos, as falas fazem parte do ato de criação e manifestação do ser. Na fala os indivíduos veiculam os sentidos das coisas, daquilo que existe e lhe é apresentado através de alguma forma de linguagem. Em Heidegger encontramos a linguagem como a casa do ser, portanto o que surge é confirmado e preservado de algum modo na manifestação da fala, onde o discurso sempre é portador de um sentido, de um conteúdo discursivo. Ricoeur (1990) assegura que só há narrativa porque há um enraizamento do homem no mundo e uma pré-compreensão do mundo, da práxis, das suas estruturas inteligíveis, dos seus recursos simbólicos e do seu caráter temporal. A narrativa percebida como fenômeno do mundo, está enraizada numa realidade concreta, como por exemplo o escritor que é um ser enraizado no mundo e portanto um pré-compreeensor. Ele ainda assegura que a vida é tempo, história e por isso mesmo linguagem. Aqui acrescentamos que a análise fenomenológica se

situa sob a orientação da análise discursiva, que busca sob a camada dos discursos uma constituição do sentido em relação ao dito.

Foi incluído na metodologia deste estudo o método comparativo. E ao admiti-lo, estamo-nos propondo a verificar as semelhanças e diferenças existentes no grupo de idosos brasileiros aqui em tela, que assumem as atividades físicas e desportivas competitivas nos seus hábitos diários. Ao entendermos o método comparativo num sentido amplo, observamos que ele está presente, de algum modo, em todas as etapas da investigação antropológica. Segundo Casal (1996:126), o método comparativo "é um dispositivo geral que deriva da própria problemática global da Antropologia: o estudo das diferenças numa totalidade". O modelo por nós estruturado para esta comparação foi comparar inicialmente os grupos 1 e 2 (os competidores), 3 e 4 (praticantes de atividades físicas) para estabelecer uma comparação entre si, e em seguida uma comparação entre os achados nos dois grupos.

Obtivemos os dados da pesquisa com base em recolhas etnográficas. Guiamo-nos pela concepção que Geertz (1989) possui acerca da antropologia, "como um ato interpretativo", para efetuarmos as interpretações etnográficas. Tais interpretações foram feitas a partir dos discursos dos idosos e não pura e simplesmente sobre um texto, o que por conseguinte pode ser confrontado com o objeto de representação ali expresso, possibilitando-nos a sua validação. A partir de uma escuta exaustiva, recortamos, descrevemos e interpretamos os discursos dos atores, aceitando desde o princípio, que a descrição e a interpretação coexistem e interagem durante todo o processo, pois na própria descrição está contida a interpretação.

> *"... as descrições etnográficas são uma parte ínfima dos dados antropológicos; as representações-interpretações constituem*

geralmente o grosso do trabalho etnográfico (Casal, 1996: 115).

As recolhas dos dados, deram-se mediante os princípios da fenomenologia ou seja, "perceber a ação ao nível do sentido do vivido", e não pura e simplesmente a sua descrição. E para tal, efetuou-se nas respectivas competições e locais onde as atividades físicas acontecem. Palcos de ação destes atores sociais. Com duração de uma semana de acompanhamento para os grupos das atividades físicas, e para as respectivas competições, todo o período de realização dos eventos.

Grupos estudados:

Competidores:

Natação

1)Os nadadores com idade acima de 60 anos, presentes no Campeonato Brasileiro Masters de Natação (ABMN), realizado em Brasília no ano de 1998, (Os masters em Portugal seriam os veteranos de um modo geral).

Atletismo

2) Os membros da Associação de Veteranos de Atletismo do Estado do Rio de Janeiro (AVAT-RJ), com idade acima de 60 anos. A recolha dos dados aconteceu durante os treinamentos matutinos do grupo, no Estádio Célio de Barros na cidade do Rio de Janeiro, durante uma semana em março de 1998. Os maratonistas com idade acima de 60 anos, presentes na Maratona da Cidade de São Paulo, no ano de 1998.

Praticantes de atividades físicas regulares:

Atividades Físicas na UnATI

3) Os integrantes do Projeto Idosos em Movimento: Mantendo a Autonomia (IMMA) da Universidade Aberta para a Terceira Idade (UnATI), núcleo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que participam das atividades físicas, também com idade acima de 60 anos e freqüência regular ao Projeto IMMA.

Atividades Físicas na Academia Hidrocenter

4) Os freqüentadores da Academia Hidrocenter, situada no bairro da Lagoa na cidade do Rio de Janeiro, com idade acima de 60 anos e freqüência regular a sua opção de aula.

A escolha desta população deveu-se a uma observação em jornais e revistas brasileiros a partir de 1990, sobre os eventos desportivos voltados para este contingente etário da população, onde se observou uma acentuada participação nas seguintes modalidades natação, atletismo e inclusive a prova da maratona. É sabido que outros grupos da categoria master (pertencentes à faixa etária superior aos 60anos), também estão se organizando ao longo desta década, como o basquetebol, voleibol e o tênis de campo. Ainda não atingiram um grau de organização, com participações que obedecem ao rigor dos calendários nacionais e internacionais das respectivas modalidades. Entretanto, a escolha dos grupos de atividades físicas, deveu-se à regularidade e disponibilidade de acesso que as instituições mantenedoras nos ofereceram.

Caracterizando o grupo estudado

O grupo estudado configurou-se no transcorrer das próprias entrevistas, simultaneamente, pois é uma das características em estudos desta natureza, não estabelecer previamente o número de indivíduos a serem entrevistados. As recolhas deram-se em dois momentos distintos: primeiro num estudo piloto só com um grupo de nadadores masters participantes do Campeonato Brasileiro da categoria, na cidade do Recife no ano de 1997, com um total de 12 entrevistados; e num segundo momento abarcamos os 4 grupos nas suas respectivas atuações práticas (especificadas na composição do grupo estudado), onde ao final das entrevistas reunimos um total de 49 entrevistados.

1) Os nadadores masters

Os nadadores masters são filiados na Associação Brasileira de Masters de Natação (ABMN), entidade ligada à Federação Internacional de Natação Amadora (FINA). Estas entidades são responsáveis por eventos nacionais e internacionais. Promovem os seus campeonatos, divulgam os seus calendários, onde os atletas podem organizar as suas rotinas de treinos, viagens e participações. As equipes possuem um alto grau de organização, pois a soma dos pontos obtidos em cada prova, acumula-se a uma soma geral, onde sairá a equipe vencedora. No campeonato observado, haviam 650 nadadores, distribuídos em classes por idades que iniciam aos 25 anos e é subdividida de 5 em 5 anos. Há uma particularidade nas provas de

revezamento, onde a soma das idades dá a divisão das categorias das provas.[11]

Os nadadores masters têm rotinas de vida diferentes dos demais indivíduos de mesma idade. A grande parte dos participantes desta atividade são do sexo masculino, poucos ainda trabalham, as profissões variam entre médicos de diversas especialidades (muitos ainda estão em plena atividade profissional), dentistas, militares da reserva, engenheiros, e alguns poucos bancários. A grosso modo verifica-se que o estatuto sócio econômico do grupo é de bom, para muito bom, haja vista que a participação nos campeonatos são de inteira responsabilidade financeira dos atletas, com raras exceções de patrocínio, como é o caso *sui generis* de um senhor que consegue fazer parte de dois grupos aqui estudados (nadadores e corredores de maratona), que possui patrocínios relacionados com empresas de saúde. Para a maioria dos homens o desporto faz parte das suas histórias de vida.

As mulheres assumem um outro perfil. As suas participações nos eventos ainda são menores que as dos homens. Segundo depoimento de um dirigente, este número tem crescido consideravelmente nos últimos anos. As mulheres tinham basicamente como ocupação funcional os cuidados domésticos e dos filhos inclusive. Neste universo do desporto existem poucas que possuem formação profissional a nível superior. São em maior número as professoras do ensino primário e bancárias. Poucas possuem uma história de vida que se inclua numa prática desportiva e as práticas competitivas ainda ficam mais distantes do seu universo existencial. Existe de tudo um pouco, são viúvas, casadas ou ainda solteiras, que sobrevivem de herança, pensão alimentícia ou mesmo aposentadoria. Refletem de fato, o papel da mulher na sociedade em décadas passadas. A sua participação no desporto competitivo na atualidade, foi através de amigos, ou das idas ao clube com a família.

---

[11] Ver exemplo nas categorias **vida e morte e vontade de poder**, relacionadas as provas de revezamento, onde aparecem nas falas as soma das idades.

2) Os veteranos do atletismo

No grupo dos veteranos de atletismo estão incluídos também os corredores da prova de maratona. A Associação dos Veteranos do Estado do Rio de Janeiro (AVAT-RJ), fica situada no lendário Estádio do Maracanã. É uma associação sem fins lucrativos, que reúne no elenco dos seus associados, um maior número de inscrições do sexo masculino. As mulheres aparecem em número bem reduzido, mas segundo alguns depoimentos, ainda é necessário vencer alguns preconceitos para se tornar uma atleta veterana do atletismo.

As competições que acontecem no estado são organizadas pela associação, em conjunto com firmas de promoções e eventos desportivos, patrocinadores específicos. Quanto aos campeonatos a nível nacional ou internacional, a associação organiza rifas, sorteios de prendas, a fim de conseguir verbas para as viagens. Ainda contam com uma segunda alternativa, dividem o valor total dos custos da viagem, inscrições nas provas, translado, alimentação, alojamento em suaves prestações mensais.

Assim como os nadadores os corredores estão subdivididos em categorias que se agrupam de 5 em 5 anos, a partir dos 40 anos. Possuem uma rotina de vida semelhante ao nadador e inclusivamente diferem dos outros indivíduos de mesma idade, pois entram nos seus hábitos rotineiros os treinamento para as suas provas específicas de competição. O perfil dos homens veteranos do atletismo é bem semelhante ao do nadador master, na medida em que se aproximam quanto ao estatuto sócio econômico, profissional, e nas suas rotinas do dia-a-dia. E poucos ainda exercem atividades profissionais. O desporto sempre fez parte das suas histórias de vida. E partilham de uma crença que cria um escalão diferente para aqueles que não praticaram o desporto desde tenra idade: - "Aqueles que correm as provas de rua, nunca souberam o que é participar de uma prova de campo".

Eles acreditam ainda que pelo fato de terem aprendido lançar o martelo, passar uma barreira ainda na juventude, nunca mais o esquecerão. Tal crença também é partilhada pelas mulheres veteranas do atletismo.

Estas também têm um perfil semelhante ao das nadadoras masters. Com uma participação em número inferior ao dos homens mas, estão presentes quer nos torneios regionais quer nos torneios nacionais e internacionais. Assemelham-se com as nadadoras no que se refere à ocupação funcional voltada para os afazeres domésticos, na formação profissional, professoras do ensino primário e bancárias. A forma de subsistência atual provém das mesmas fontes das nadadoras. São casadas, solteiras ou viúvas que moram com os filhos. As suas histórias de vida inclusivamente são próximas, mais voltadas para as artes do que para os desportos. A entrada no universo desportivo foi na maioria das vezes por incentivo dos familiares.

3) *as atividades físicas da UnATI*

O nosso primeiro contato com este grupo foi em 1993, ao terminarmos a nossa dissertação de mestrado, fomos convidados a integrar uma equipe de investigação multidisciplinar que desenvolvia diversas pesquisas relativas ao envelhecimento neste grupo. As aulas ainda decorriam no Posto de Assistência Médica (PAM) da São Francisco Xavier, órgão do Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (INAMPS), denominado pelos seus coordenadores como o primeiro pólo do Projeto Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia (IMMA). Com o surgimento da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o Projeto (IMMA) foi integrado à UnATI.

No grupo agora estudado encontramos indivíduos que participam desde a raiz do projeto, até aqueles que ali chegaram há poucos meses. Existe um vasto elenco de disciplinas que são ofertadas pela UnATI. No entanto o

nosso interesse foi voltado para àquelas que tratavam da temática da corporeidade do idoso.

Este grupo do estudo é composto por aposentados de ambos os sexos, casados, viúvos e aqueles que vivem sós. A freqüência feminina é superior em relação à masculina. O nível de escolaridade é mínimo, sendo este apresentado no esboço histórico do Projeto, como voltado para a classe trabalhadora (Faria Júnior (org), 1996). Poucos incluem nas suas histórias de vida algum tipo de prática de atividade física. As suas rotinas diárias foram reestruturadas a partir do ingresso no Projeto IMMA.

4) *as atividades físicas na academia*

A prática das atividades físicas de forma voluntária entrou na paisagem do cotidiano brasileiro a partir da década de 70, quando as pesquisas do médico americano Kenneth Cooper, e os efeitos do seu método de treinamento aeróbico, passaram a circular na imprensa falada e escrita daquele país. O programa Esporte Para Todos (EPT), gerenciado por órgãos oficiais do governo federal também exerceu grande influência na aquisição desta nova paisagem. É comum em diversos bairros do Rio de Janeiro a prática voluntária de atividades físicas.

O grupo aqui estudado fez a sua opção de prática numa academia da zona sul da cidade, que também é freqüentada por artistas de teatro, televisão, cantores, entre outras atividades de reconhecimento popular. Entrevistamos apenas as mulheres, pois o contingente masculino não estava ali representado. A escolha das atividades varia entre o treinamento personalizado, acompanhado em privado com um profissional de educação física ou a hidroginástica, aula que acontece em grupo. São senhoras possuidoras de um estatuto social elevado, aposentadas, ou pensionistas, solteiras, casadas, ou viúvas. A formação universitária que a maioria possui,

retrata um pequeno percentual da população brasileira nesta faixa etária, com tal formação. Este grupo difere dos demais na medida em que goza de um estatuto sócio econômico, com estabilidade financeira, que lhe permite uma velhice com algumas escolhas.

Este estudo situa-se dentro da perspectiva global de conhecimento da terceira idade e em particular no âmbito do corpo e do desporto, as representações simbólicas que comandam a resistência ao envelhecimento. É pertinente aos objetivos deste, contribuir com os programas desportivos, ao demonstrar a necessidade de conhecimento não só na área técnica em questão, mas incluir nos seus planos de trabalho matérias afetas ao cotidiano, presentes no imaginário do grupo a ser trabalhado. Os profissionais de Educação Física, assim como a sociedade em geral, enfrentam uma nova realidade no país; a população com mais de 60 anos cresce 5% a cada ano e já soma 12 milhões de brasileiros[12]. A Educação Física e os Desportos estruturados para crianças e jovens necessitam reordenar-se a fim de atender as exigências da demanda social.

Assim, o entremeado da cultura objetiva e as suas formas subjetivas de elaboração, compõem as reflexões que direcionarão o mapeamento das representações simbólicas do desporto e das atividades físicas para populações da terceira idade. A partir da interpretação do real, com vistas nos valores orientadores da sua existência, dos seus hábitos de vida pautados nestas práticas, como uma possibilidade de compreensão desse seu modo de ser no mundo; à luz do quadro conceitual e das estratratégias metodológicas.

[12] Dados verificados no censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 1991.

Estratégias metodológicas utilizadas: a apropriação dos instrumentos

1) A auto-narrativa de identidade (Giddens,1994) Foi obtida através de entrevistas semi-estruturadas e do diário de campo. Nas auto-narrativas de identidade oportunizou-se ao indivíduo falar sobre as atividades corporais. Elas testemunham as atividades do "corpo próprio". Foi Merleau-Ponty, que avançou nestas questões filosóficas: "é para o meu corpo que existe o percebido". Na base da ação, situa-se o que sabemos fazer, isto é, o que podemos. Este pensamento fora colocado pelo autor no centro da fenomenologia do corpo: a experiência do "eu posso". Com base nesta expectativa, utilizamos as entrevistas semi-estruturadas, pois com liberdade (guiada) para falar, assegurou-se que as questões do estudo seriam enfocadas sem a perda da espontaneidade do indivíduo. O núcleo da auto-identidade e todo o seu contexto móvel, em certa medida, é aflorado pela linguagem.

2) O diário de campo foi utilizado não só como auxílio na tarefa anterior, anotando-se as impressões obtidas após cada entrevista, mas também como uma oportunidade de complementação dos discursos, a fim de encontrar uma possível verossimilhança. Portanto, a relação de semelhança entre os significados dos discursos e as representações que a pesquisadora tem do palco observado. Este instrumento não teve a pretensão de verificar a veracidade do dito, mas se este é verosímil, plausível com as representações mapeadas em campo. Trata-se de estudar a produção simbólica com base inclusive, em registros obtidos diretamente em campo; a descrição das atividades físicas e desportivas mediante a observação. Pois, num estudo no plano simbólico consideram-se todas as possibilidades de produção de conhecimento, seja individual ou coletiva, numa tentativa de se constituir campos de representações.

Torna-se necessário neste estudo, perceber o homem inserido numa sociedade, "in situ", num dado momento histórico, do âmbito geral para o particular. Inteirar os aspectos afetivos e simbólicos "as emoções e os afetos são estimulados pelos símbolos inscritos na tradição, aos quais cada um faz eco" (Jodelet, 1989:70). A utilização deste instrumento propiciou uma aproximação do conceito de idoso, qual o seu atual estatuto social; que acreditamos ter sofrido modificações, mesmo que em pequena escala, e as atividades físico-desportivas têm contribuído de algum modo para tal.

Tais estratégias metodológicas foram submetidas às técnicas de análise de conteúdo, com o propósito de restituir, em certa medida, as «condições de produção», o sentido de um texto[13], e neste caso ancorado num dito. Estas técnicas são utilizadas nas investigações empíricas, como forma de tratamento das informações. Neste estudo reuniremos os dados sob a forma de categorias, organizados com base numa análise de conteúdo temática, a fim de constituirmos uma grelha para análise e interpretação do material recolhido no campo.

Todo o esforço desta articulação metodológico-epistemológica, tem como questão fundante a existência do grupo estudado, numa tentativa de compreender o seu modo de ser no mundo, o seu modo de o habitar, de se instalar nele, o seu modo de conduzir a própria vida. Pensar sob o prisma da fenomenologia do conhecimento é mais precisamente, uma reflexão acerca do modo humano de ser-no-mundo, sobretudo na tradição da civilização ocidental. Mais do que articular os instrumentos, uma metodologia que caminha no veio de uma episteme fenomenológica, necessita estar atenta ao modo de ver, compreender o talhamento de um olhar que se vai delineando pelo caminho.

---

[13] Michel Pêcheux, «Analyse de contenu et théorie du discours», *in Bulletin du CERP*, 1967.

II - QUADRO CONCEITUAL

De acordo com uma proposta de estudos com base na compreensão das representações sociais, a simbólica das atividades físicas e dos desportos na vida dos idosos, acreditamos necessitar de um quadro conceitual multidisciplinar, que trate do idoso nas dimensões biológica, psicológica e sócio-antropológica, contidas nas seguintes temáticas: - O TEMPO, O CORPO, A MORTE, A COMPETIÇÃO E A REPRESENTAÇÃO SOCIAL. As atividades físico desportivas aqui entendidas como manifestações culturais, são possuidoras de uma teia de sentidos e significados, símbolos, crenças e valores que à luz deste quadro conceitual exposto apenas em temáticas, supomos poder efetuar as interpretações etnográficas junto aos discursos. Contudo não estamos isentos das dificuldades epistemológicas que recaem sobre os estudos qualitativos.

Ao construirmos este quadro conceitual, percebemos o quanto caminhamos pelo âmbito filosófico para compreendermos a realidade do idoso em causa. A compreensão desta realidade começou com a seguinte indagação: - Mas o que é compreender? *É prender com, compreender é ligar, é unir, é relacionar.* A própria palavra nos indicou o caminho a ser percorrido, e deste modo a orientação filosófica possibilitou-nos essencialmente a aproximação com o *saber viver* e com o *conhecimento.* Este conhecimento com vistas a distinguir o verdadeiro do falso, o real do aparente, é o conhecimento racional, que deixa de lado o conhecimento apenas sensorial. A sabedoria procura com base neste conhecimento, orientar e guiar o homem na sua vida, isto é, ensiná-lo a bem viver.

"A palavra grega filósofo (philosophus) é formada em oposição a sophos, significa o que ama o saber, em contraposição ao possuidor

> *de conhecimentos, que se designa por sábio. Este sentido da palavra manteve-se até hoje: é a demanda da verdade e não sua posse que constitui a essência da filosofia, muito embora tenha sido frequentemente traída pelo dogmatismo, isto é, por um saber expresso em dogmas definitivos, perfeitos e doutrinas. Filosofar significa estar a caminho"* (Jasper, 1972:15).

Enveredamos por este caminho e propomo-nos a compreender os sentidos das atividades físico desportivas para os idosos, onde a filosofia atua aqui, como uma forma de conhecimento subjacente, não apenas na sua dimensão teórica em busca pelo *ser das coisas,* mas a sua dimensão prática que se torna ainda mais relevante neste estudo, pois é o entendimento de uma proposta de orientação existencial.

A filosofia, de algum modo, é a expressão da realidade que a circunscreve. Podemos dizer da filosofia o mesmo que se diz do homem: é produto e produtor da sociedade. A sociedade e os seus diferentes contextos contribuem para a compreensão de alguns aspectos da filosofia, pois ela é sempre parte do seu tempo, mas contudo não significa dizer que ela seja tão somente um reflexo dos problemas do seu tempo. Todavia, ainda temos a crença de que a filosofia, como a arte, a ciência, a literatura, até mesmo os desportos entre outros domínios da sociedade, sofrem reflexos dos condicionantes históricos, econômicos, sociais e políticos do tempo vigente.

O TEMPO

"O tempo é um fogo que me devora.

Mas eu sou o fogo".

Jorge Luís Borges

O tempo, desde sempre é um foco de atenções para os homens. Com a antropologia, tentou compreendê-lo; com a astronomia, tentou desvendá-lo; com o lazer e com o trabalho, tentou aproveitá-lo; com os calendários tentou demarcá-lo; com os relógios, tentou transportá-lo; com as crenças, tentou transpô-lo; com a medicina e com as atividades físicas, tenta adiá-lo; mascarando sua própria identidade e travestindo-se, tenta negá-lo. Vive-se implacavelmente no tempo e não se pode deixar de fazer parte dele. O tempo, para o homem, não tem exterior. E ao tentar postergá-lo, tenta escapar à sua própria inexorabilidade, na ilusão de escapar à morte.

Resultam infrutíferas todas as suas tentativas de escapar ao tempo, pois "*chronos-metrar*" é uma criação sua e por isso, o tempo é ele próprio. E por ser prisioneiro da sua própria criação, vive com ele esta eterna relação de amor e ódio, entre criador e criatura. Supostamente surge um embate entre um tempo físico e um tempo subjetivo, o tempo quantitativo dos relógios *(chronos)* e o tempo qualitativo das consciências *(tempus)*. O vocábulo grego "*chronos*" é admitido hipoteticamente como objetivo, independentemente da vontade dos indivíduos, segue uniformemente o seu trajeto por isso, podemos cronometrá-lo. Já o termo latino "*tempus*", se refere ao tempo vivenciado, experimentado, medido por cada indivíduo, a sua fluidez varia de acordo com os sentidos produzidos por cada acontecimento[14].

Deste modo, o tempo estrutura ordenadamente o cotidiano dos indivíduos, que passa pelo *chronos* e pelo *tempus*. Ousamos sugerir que o tempo da vida existe ao ser produzido por um sentido; pois este está presente em qualquer matéria, em todas as questões vigentes, sem no entanto ser apanágio de nenhuma delas. É essencial, porém, transitório.

---

[14] A mitologia grega possui a sua interpretação para o *Chronos e o Tempus*. Na sua forma divina o *Chronos* surge como um princípio de unidade e permanência com uma negação sectária do ser humano; já o *Tempus* não envelhece e é admitido como tempo imortal.

Santo Agostinho, um dos maiores pensadores sobre o tempo e inclusivamente um dos precursores no estudo da sua consciência interna, observou que a palavra "tempo" não comporta absolutamente nada, é um termo vazio quando se pretende apreender o seu conteúdo. *...se não me perguntarem, julgo saber o que é o tempo... mas se me perguntarem, deixo de saber.* No entendimento agostiniano apreendemos que o tempo numa tentativa de o definir de algum modo, é algo que passa quando nada se passa; é algo que faz com que tudo se faça ou se desfaça; que ordena as coisas em sucessão. É um devir em constante devir. A maior das suas dificuldades de definição reside em não se poder referir a ele. O tempo, fora do seu próprio contexto, é necessário relacioná-lo sempre a todo o resto, pois o tempo não é uma parte isolada do pensamento, nunca se desnuda.

> *"...o presente é, com efeito, a única coisa que não tem fim e que está sempre... presente, ao contrário do passado e do futuro, que só existem através do pensamento, sob a forma de recordação ou de expectativa, mas que não estão ao nosso dispor"* (Klein, 1995:78).

Ainda nos reportamos a uma indagação de Santo Agostinho, para entendermos a citação acima referida: "- *Como posso estar no presente e ter simultaneamente o distanciamento suficiente para me aperceber de que o tempo passa?"*[15]. Os autores apontam a impossibilidade de aceitarmos a existência do tempo, todavia se aceitarmos pura e simplesmente a sua

[15] Acompanhamos as reflexões agostinianas nos capítulos 14-28 do XI das Confessiones (1928 ,trad. It. p.43).

inexistência estaríamos negando a própria experiência humana, o que efetivamente é pouco provável.

Com base na história admitimos de fato a existência de enormes diferenças na percepção do tempo, entre os povos antepassados e os povos ditos modernos. Logo que, o homem incorporou o tempo na sua vida, no seu modo de pensar a vida propriamente dita, um novo rumo surgiu. Hall (1996) apresenta alguns indícios sobre os primeiros sinais de uma possível consciência interna do tempo a partir dos ritos mortuários dos homens de Neandertal que habitavam na Europa entre 70000 e 35000 anos. A seguir vieram os homens de Cro-Magnon, que sobreviviam das caças e residiam em cavernas no período Glacial no sul da França e no norte da Espanha, por volta de 37000 anos, e que também enterravam os seus mortos.[16]

E com um salto na história chega-se à idade do bronze, por volta de 2000 e 3000 a.C.. Foram criados «observatórios», de modo bem rudimentar, mas que permitiam registrar com um pouco mais de precisão os movimentos do sol, da lua e dos planetas. Estes observatórios, também conhecidos como calculadores, contribuíram não só para a demarcação das datas religiosas como inclusive para prever os eclipses do sol e da lua. O plantio, o cio dos animais, o tempo de viagem das aves migradoras, o tempo do degelo e o momento da chegada das grandes tempestades, foram alguns dos aspectos que a partir de então ficaram demarcados num espaço de tempo. E assim todos os setores da vida da espécie foram estruturados em função de um espaço de tempo. Desde a sincronia entre as cerimônias e as festas religiosas e as estações. No decorrer das idades primitivas, o centro da percepção do tempo era o universo e a natureza.

Muito tempo depois da Idade do Bronze, com o desenvolvimento dos observatórios, foi possível a construção de relógios, verosimelmente a partir

[16] Nas grutas habitadas foram descobertos restos que comprovaram que estes homens, "os primeiros homens modernos", já registravam de modo sistemático as fases da lua, da migração da raça, das desovas dos peixes e provavelmente, da posição do sol em várias épocas do ano. (A Marschack, « Ice Age Art », 1981).

de astrolábios complexos, com a ajuda de reproduções mecânicas do sistema solar, as mesmas utilizadas pela astrologia. Todavia os relógios só surgiram na Europa no século XIV, e era um privilégio só das famílias reais e dos ricos. Mas em meados do século XVI, foram desenvolvidas grandes corporações de relojoeiros e então os relógios passaram a ser vendidos nos mercados urbanos. O relógio passa então, a instituir o modo de vida das sociedades, ele está essencialmente ligado ao sentido que os indivíduos atribuem ao tempo, às variações no decorrer do tempo, ele é o instrumento de medida exterior ao corpo humano que possibilita a criação de uma arquitetura temporal.

Nos finais do século XIX, a problemática do tempo sofreu uma alteração, em particular o tempo dos filósofos, uno e universal, abrangendo todas as dimensões do ser, onde a duração bergsoniana[17] constitui a derradeira metamorfose, e agora surge como uma ficção: "Não existe um tempo dos filósofos. Existe tão somente um tempo psicológico diferente do tempo dos físicos". De um lado as consciências dos indivíduos e do outro os relógios demarcando suas vidas. A apresentação desta arquitetura temporal nos finais do século XIX, ainda subsiste na atualidade, sobretudo na forma de tempo quantitativo a determinar e avaliar a vida das sociedades.

Tal arquitetura temporal pauta-se na objetividade e na subjetividade, ancorados na perspectiva histórica e psicológica. No entanto, esta divisão jamais é dada, mas a todo o tempo, adquirida e reproduzida. A arquitetura temporal apresenta no seu estado presente, vivências do passado, obviamente não na sua forma autêntica, mas no modo como adquiriu ao longo de reintegrações. Percebemos que o passado não se esgota totalmente, ele ainda faz parte do presente sob muitas formas. A dimensão histórica apresenta-se

[17] Bergson introduziu o conceito de duração definida ao tentar demonstrar que a consciência e o mundo material são incomensuráveis. A duração interna, percebida pela consciência, se confunde com o encaixar dos fatos da mesma.

de modo fundamental a fim de dar oportunidade a um presente mais plausível.

Deste modo, as antigas ponderações acerca do tempo no cotidiano ainda guardam, em certa medida, alguma validade. Os achados de Einstein não eliminam os de Newton, assim como os filósofos contemporâneos não eliminam Kant, Hume, São Tomás, Santo Agostinho ou até mesmo o mais distante Aristóteles. Portanto, qualquer tentativa de descrever o tempo do universo visível, do jeito que ele se apresenta à percepção, aos sentidos sem a utilização de instrumentos e não conhecem ou não deixam de lembrar a sua existência, percebe-se tão logo como eram concernentes os escritos de Aristóteles sobre esta matéria. Bem como, se percebe a pertinência das reflexões agostinianas acerca do tempo na vida psíquica. Deve-se levar em conta que, estes pesquisadores viveram e pensaram num mundo onde os relógios mecânicos não existiam, onde o limite de toda a essência do ser era o que separava o visível do invisível.

Para Kuhn (1996) o mundo do cientista de acordo com à experiência da raça, da cultura, e da profissão contida no paradigma, está relacionado com as impressões de retina que são construções elaboradas. Levando-se em consideração os pontos observados acima, estes exercem influências nas suas descobertas. O autor não afirma que o cientista tenha uma visão "fixa", única, mas admite que este é possuidor de uma visão através das lentes de um paradigma.

Contudo, ao admitirmos as polemicas existentes sobre este tema, observamos que para vários indivíduos, e para o mesmo indivíduo em condições variadas, os minutos, as horas e os dias sistematicamente idênticos, não são de fato iguais uns aos outros, porque os que lhes são subjetivamente conferidos não coincidem com os sentidos, e é por isso que há por exemplo os rituais.

É sabido que todos os organismos vivos, bem como o homem, apresentam sua própria organização temporal, comandada por um relógio biológico. As variações deste relógio seguem alguns parâmetros, tais como, a temperatura, a secreção hormonal, o nível de certos elementos no sangue, no plasma, ou na urina, entre outros. Toda esta organização manifesta uma estrutura temporal circadiana, que regula as funções fisiológicas de acordo com um ritmo horário e este sofre influências do ciclo luz-escuridão. Logo, até mesmo a organização temporal das funções vitais e o seu caráter constitutivo podem gerar uma reflexão discursiva sobre o tempo.

E assim, identificamos uma polissemia discursiva que gira em torno do tempo quer no discurso científico e filosófico, quer na linguagem do cotidiano, sem esquecermos das muitas teologias que também discutem o seu sentido. Persistem as inúmeras controvérsias filosóficas em relação ao tempo, no entanto, o que se refere ao tempo do mundo visível, tais controvérsias diminuem, pois, muitos admitem a existência de uma direção que jamais se inverterá. Todos os seres e todas as coisas, caminham sempre para a desintegração. Já para o tempo invisível, concebem-se os objetos invariantes, um tempo circular ou um tempo progressivo. Aceita-se como visível só o temporal, que se inicia com o nascimento e termina com a morte. Assiste-se assim a deterioração dos corpos pelo tempo, corpos ativos embora encarquilhados pelo tempo.

Conforme a teoria Husserl (1994), fazer uma análise fenomenológica da consciência do tempo - e não do próprio tempo - significa negar efetivamente toda a observação, hipótese ou interrogação que antecedam a um tempo objetivo e tanto mais, a um tempo do mundo, das coisas e da natureza no sentido das ciências naturais, incluindo a psicologia, como ciência natural do psíquico. Ao proceder deste modo, ignora-se o tempo psicológico, impossível sem pessoas empíricas, sem sujeitos psicofísicos. Admite-se somente o tempo, tal como aparece à consciência.

> *"...mas o que nós aceitamos não é a existência de um tempo do mundo, a existência de uma duração causal e coisas semelhantes, mas antes o tempo que aparece, a duração que aparece como tal. Ora isto são dados absolutos de que não teria sentido duvidar. De seguida, sem dúvida, nós aceitamos também um tempo que é; porém, isso não é o tempo do mundo da experiência, mas antes tempo imanente do curso da consciência"* (Husserl, 1994:38-39).

O autor considera o tempo a partir das apreensões fenomenológicas, ao que existe de mais subjetivo na própria subjetividade pois, admite um tempo imanente, um tempo que não desaparece da consciência. Identifica-se a importância que Husserl dá em seus escritos, a Santo Agostinho e entende-se a análise fenomenológica, não como um veio da introspecção, pois, ela não pretende descrever os vividos do modo como se apresentam, mas contudo, apresentar os caracteres essenciais da consciência do tempo, evidenciar o que de fato se faz necessário, enunciar as leis *a priori* que a orientam.

> *"À esfera dos dados fenomenológicos pertence a consciência do espaço, isto é, a vivência na qual a «intuição do espaço», como percepção e fantasia, se consuma. Abrimos os olhos, penetramos assim no espaço objetivo - isto quer dizer, (como uma consideração reflexiva mostra): temos conteúdos sensíveis visuais que fundam uma aparição do espaço, uma aparição de coisas espaciais determinadas dispostas de tal e tal maneira"*(Husserl, 1994:39).

Husserl apresenta como tempo objetivo cada experiência vivida, *como cada ser real e momento de ser, pode ter a sua posição num uno, único tempo objetivo* (1994:38). Deste modo, ele apresenta a própria vivência da percepção e representação do tempo, onde todas as situações do vivido são atos e experiências dos corpos, respeitando todas as suas propriedades físicas, inclusivamente os seus estados biológicos e psíquicos; e estes ocupam os seus lugares temporais determinados e determináveis através de uma diminuta parte do tempo em que os nossos instrumentos permitem captar.

Contudo, é na dimensão do vivido que cada cultura adquire o seu ritmo próprio, respeitando os diferentes tipos de tempo: - biológico, individual, físico, metafísico ou até mesmo o metatempo. Este é que entendido na perspectiva dos antropólogos, filósofos, psicólogos entre outros, que compreendem o tempo no seu sentido abstrato e só sendo possível de ser manifesto a partir dos seus fenômenos temporais. Tal ritmo cultural estabelece uma dinâmica para a vida dos indivíduos em sociedade. Hall (1996) salienta a existência de uma variedade de rítmos entrecruzados que direcionam o comportamento dos indivíduos e estes interferem nas relações

interpessoais, e até mesmo nos limiares de uma cultura ou quiçá num contexto intercultural.

O Tempo na cultura: uma visão sócio-antropológica

Em conformidade com a escola sociológica francesa[18] o tempo social também é admitido como um conceito de representação social do tempo. Sendo o tempo uma categoria de pensamento, produzido por construções simbólicas, este obedece aos sentidos e aos ditames que o compõe em cada cultura. A relevância dada às questões afetas ao caráter social, apontam para a relatividade que as sociedades ocidentais possuem acerca do tempo, isto é percebido não tão somente pelas classificações diferentes das outras culturas, mas inclusive pelas diferentes formas de expressar a noção ocidental do tempo; como por exemplo a historicidade, tradição, revolução entre outros modos de manifestações.

O ritmo social é um caráter introjetado à vida em sociedade. Em tempos longevos fazia-se referência à oposição do par sagrado/profano e especulava-se sobre a relação entre os calendários e os rituais. Com base em muitas teorias, paulatinamente, isto foi relativizado, e podemos destacar a teoria dos ritos de passagem, onde Van Gennep[19] apresenta a noção de ritmo social como fundamental para as interpretações antropológicas ligadas às representações do tempo.

De fato a vida social é instituída por um tempo, que em simultâneo institui intervalos de tempo para esta vida. E assim este modo de demarcação do tempo é consoante com os valores orientadores da cultura que o adota, onde a concepção do tempo se alinha com as diversas marcas culturais, quer

---

[18] *École Pratique des Hautes Ètudes, Paris.*

[19] Arnold Van Gennep, publica *Les Rites de Passage.* Paris, Nourry, 1909; Inicialmente fundamentado em dois tipos de ritos: a) a passagem de um *status* social a outro durante a vida. b) a determinação da passagem do tempo (ano novo, lua nova), em certa medida, atualmente os ritos de passagem estão voltados para o nascimento, *status* de adulto, casamento, morte entre outros.

na noção de espaço, quer no modo de se organizar socialmente. E Granet[20] afirma que "*O espaço não se concebe independente do tempo*". Portanto o tempo e o espaço são compostos por um marco estrutural, onde as várias formas do tempo social criaram modos de concepções do tempo.

E nesta perspectiva percebemos que as sociedades instituem o tempo que pode ser considerado em duas dimensões diferentes: - a dimensão identitária e a dimensão imaginária. O tempo instituído como identitário é o tempo como tempo de demarcação, ou tempo das medidas, é o tempo causal. O tempo instituído como imaginário, é o tempo significativo, distinção que não implica em separação do que foi distinguido, é o tempo do sentido.

O tempo identitário ou tempo de demarcação, é o tempo dos calendários, com suas divisões numéricas, e que normalmente se baseia em fenômenos periódicos do estrato natural, dia, mês lunar, estações, ano que depois foram trabalhadas em função de uma elaboração lógico-científica, mas sempre com referências aos fenômenos espaciais. O tempo imaginário, instituído como o tempo significativo, tempo dotado de significados, vive com o tempo identitário uma relação de inerência recíproca ou de implicação circular, que normalmente existe entre duas dimensões de toda instituição social.

O tempo identitário só é "tempo" porque se refere ao tempo imaginário, que por sua vez possibilita a sua significação de "tempo". Já o tempo imaginário seria indefinível, irreferível, inapreensível e não poderia existir fora do tempo identitário. Ainda no tempo imaginário é que se estabelecem os limites do tempo, e os "períodos" do tempo. Castoriadis, acata a idéia de que os limites do tempo ilustram a necessidade lógica da instituição do tempo como imaginário. A idéia de sua origem ou de um fim dos tempos, assim como a idéia de ausência e de um suposto fim, não possuem sentido natural, lógico, científico ou mesmo filosófico.

---

[20] Granet, M. *La pensée chinoise*, 1934. Paris, Albin Michel.

> *"Assim existe "data" da criação do mundo ou simplesmente "momento" de uma criação do mundo, ou ciclos que se repetem, "fim" do mundo para esperar e exigindo preparação, ou "porvir indefinido"* (Castoriadis, 1991:247).

Periodizar o tempo, apresentá-lo em períodos do tempo só é, visível em parte do magma de significações imaginárias da sociedade, que considera as eras como cristã e muçulmana, "idades" do ouro, da prata, do bronze entre outras. Esta periodização pode representar um papel essencial na instituição imaginária destas sociedades, onde o tempo é avaliado constantemente. O tempo identitário ou de demarcação, direciona a existência humana com uma seqüência de ações cronológicas, determinando os tempos de esperas para cada etapa da vida do homem em sociedades.

A dimensão da temporalidade assumida pela ciência ratifica e contribui com a crença do tempo enquanto passagem. Ordenado numa direção determinada, dividido em fases ou períodos sucessivos e imutáveis: primeira infância, infância, adolescência, juventude, maturidade e velhice que também contribuem para as esperas sociais. Estas fases de vida do homem e seus estágios de desenvolvimento motor e intelectual, foram demarcados a partir de abstrações que passaram a ser aceitas como fatos e, na realidade, são produtos da evolução da própria sociedade.

O tempo do representar social, aqui entendido como o tempo representado tal e qual é, somente o aspecto do momento. É o tempo onde os indivíduos instauram o tempo identitário e o imaginário, pois este tempo existe a partir do fazer social, a fim de representar o tempo do fazer social.

A realidade individual evolui, mas é influenciada pelas referências biológicas, psicológicas e sociais, que também interferem na ordem e no ritmo dos acontecimentos coletivos. A orientação dos indivíduos em relação a construção dos campos temporais dá-se inclusive ao nível da subjetividade e, de acordo com esta, eles organizam-se no mundo interagindo com ele.

Contudo, não se pode negar a interferência da cultura no "*mundo vivido*" por homens, mulheres, jovens ou idosos que é de fato controlado pela cultura. Ela controla os comportamentos de modo persistente e intenso, algumas vezes exterior à própria vontade dos indivíduos, a cultura atua na consciência e situa-se indo para além do controle voluntário.

O idoso, foco da atenção deste estudo, ao se aposentar apresenta uma tendência a quebrar seus os contatos sociais. E ao retirar-se das atividades rotineiras da vida, é levado a reestruturar os seus campos temporais a fim de se adequar a mais esta etapa a ser vivida. Em alguns casos, esta situação dá-se por opção e, em outros por pressões econômicas. O rompimento dos laços com os colegas de trabalho, com os amigos ou com os parentes, tende a levar o indivíduo a isolar-se. A morte ou a separação de um cônjuge ou de um amigo mais próximo, pode cortar laços afetivos fortes para a existência do indivíduo, levando-o à solidão e à depressão. A saúde física e mental do indivíduo aposentado depende em certa medida, do tipo de experiências vivificadas no seu tempo anterior à aposentadoria, uma vez que após este rito de passagem, as desvantagens se acumulam.

Para além das disfunções biológicas que perturbam a vida do idoso, a falta de estímulos adequados e a pouca estruturação dos espaços por eles habitados, contribuem consideravelmente para o seu aspecto distraído e com o esquecimento que lhe é peculiar. A sua interação com o meio tende a passar por um processo de reestruturação temporal, de acordo com os novos indicadores e estímulos disponíveis.

A representação social da temporalidade, é entendida como uma categoria de pensamento, resultante de construções simbólicas. Funciona como referencial para a sistematização dos tempos individuais e para a determinação dos ritmos coletivos. Na perspectiva sociológica a idade não está associada pura e simplesmente a uma relação de espaço sob o tempo, mas às atividades sócio-econômicas que proporcionam diferentes modos de vida, características individuais, projetos de vida entre outros.

A evolução do homem dá-se numa constante progressão individual, que é regulada pela sociedade, portanto na dimensão sócio-antropológica os hábitos individuais e sociais não podem ser observados separadamente. Evidencia-se a modificação social, não só no âmbito interno como também no externo, em percepções, fatores onde os comportamentos psicológicos, inconscientemente sofrem transformações.

Tornou-se uma constante, o conceito de idades, através dos séculos. Tal prática possibilitou a criação de categorias universais, de análise, para a avaliação dos comportamentos em relação à faixa etária na qual o indivíduo se encontra e a velhice é o seu limite terminal. A idade é um dos fatores preponderantes na percepção do tempo, bem como um fator cultural. E na cultura onde o grupo deste estudo está inserido, o passado coletivo tende a esvair-se muito rapidamente, pois admite-se como história antiga, fatos ocorridos há pouco mais de vinte anos, e assim sendo o tempo também é percebido de forma acelerada. Por isso, a percepção do envelhecimento também chega de um modo mais rápido para os indivíduos deste grupo cultural. Mesmo assim, tal grupo ainda admite a existência de comemorações que possibilitam uma "re-presentação " do tempo. As festas religiosas por exemplo permitem aos seus seguidores sentirem-se contemporâneos de fatos ocorridos há alguns anos atrás, acontecimentos "trans-históricos". No entendimento de Eliade seria o eterno presente.

Os povos que vivem nas sociedades ditas modernas, são portadores de inúmeras dificuldades na admissão do tempo sagrado ou mítico. Estes povos herdaram os seus arcabouços culturais dos europeus ou mesmo dos norte-americanos. No entanto, para aqueles que o admitem a velocidade do tempo, possui um outro sentido, pois participar de uma cerimônia é estar ao mesmo tempo dentro da cerimônia e no tempo da cerimônia. Entrar para o interior do tempo mítico é deixar de envelhecer, porque este é mágico. O tempo ordinário neste espaço é abolido, e o tempo sagrado ou mítico sobrevive a partir do imaginário do grupo. Repete-se ciclicamente e não evolui como o tempo ordinário.

Se numa tentativa ousada de buscar as diferenças e semelhanças, que estão além das aparências existentes em culturas diversas, se acredita na possibilidade de atingir a teia de sentidos que determina o modo de pensar, as formas de comportamento específico de cada grupo cultural.

Garcia (em orientação do estudo) salienta que a vida não é só uma estrutura de sentido e por isso só sujeita ao tempo simbólico. É também um organismo vivo, biológico, portanto sujeito ao tempo causal; onde se percebe que o idoso não consegue escapar a este tempo. Ele tenta camuflar essa existência biológica dando-lhe um outro sentido. Talvez resida nesse tempo causal o dramatismo da velhice – o de muitas vezes não encontrar o seu sentido.

Tempo na vida: um inculcar constante de valores

O relógio e o calendário simbolizam a temporalidade na vida em muitas sociedades e consequentemente, na vida dos indivíduos, cronometrando e julgando o tempo em mal ou bem aproveitado, determinando as horas de trabalho e ócio da coletividade, instituindo-lhe um tempo ordinário, que determinam as esperas para cada grupo etário. Estes

símbolos assumiram um papel determinante nas experiências humanas das sociedades modernas.

Parece-nos que há uma necessidade delas se organizarem em função do tempo. No entanto, inferimos que o tempo já estava presente no começo da vida humana e desde sempre foi constituído por períodos e ritmos contínuos, composto por alternâncias que contribuíram significativamente para as transformações das espécies. Hall (1996) apresenta-nos uma carta do tempo que direciona a vida dos indivíduos, pois para o autor nenhuma forma de vida é capaz de evoluir num mundo atemporal e sem ritmos. Os processos internos dos indivíduos e seus ciclos biológicos, normalmente buscam uma harmonia com o mundo externo. Todavia os mecanismos físicos e temporais sempre estão a intervir na programação temporal do indivíduo. Torna-se necessário observar que o ritmo é uma das características principais da organização natural e com isso transforma-se uma fonte de conhecimento sobre a influência dos fenômenos naturais na vida do homem. O fator temporal é essencial à vida humana e interfere nos caminhos a serem escritos pela história. Ele não é tão somente aquilo que o relógio nos aponta, mas inclusivamente aquilo que cada cultura, que cada povo lhe atribui como significativo.

Com o passar do tempo o relógio tornou-se em peça obrigatória na vida das sociedades. Ao ditar disciplinas horárias veio a imprimir no corpo o tempo quantitativo, base de toda organização do ser social. E a atitude do homem face ao tempo, seja na esfera da vida privada familiar, seja na esfera da vida pública do trabalho, deixa de ser ritmada pelo tempo solar ou pelo tempo litúrgico cristão. A entrada e a saída no trabalho, bem como o ritmo a ser impetrado pelos trabalhadores são responsabilidades do relógio, que determina a vida dos seus dependentes e ou usuários em todos os hábitos rotineiros. O "tempo morto ou tempo do capital improdutivo", surge como

um fantasma na vida dos empresários, tempo de máquinas paradas, tempo de descanso dos operários.

A partir do século XIV e numa velocidade bastante acentuada, o tempo de trabalho e o tempo livre situam-se no centro das preocupações de operários e empresários. E com a revolução industrial surgem técnicas mais sofisticadas para a medição do tempo em função da produtividade do trabalho e mais uma vez os indivíduos estão sujeitos ao ritmo do relógio. Ao dar um salto na história, encontra-se em 1830 o Taylorismo, a cronometrar as tarefas, a estabelecer normas para o seu rendimento e o homem teve que se adaptar a estas modificações. Adaptar-se às exigências de uma organização temporal externa, submeter os seus ritmos espontâneos, personalizados e variáveis às velocidades pré-determinadas das máquinas. O homem das sociedades modernas oscila a sua vida entre o tempo quantitativo, pré-estabelecido pelo trabalho e o tempo qualitativo onde ele se entrega a si próprio, onde a sua volição pode dar vazão aos seus sonhos e desejos.

A organização dos indivíduos em função do tempo aponta-nos um traço primordial na história do tempo, o ritmo descontínuo que ela apresenta entre o quantitativo e o qualitativo na esfera de uma vida, pública ou privada, em um ano ou um dia, toma forma em qualquer lugar no espaço. Pode-se dizer que a história se inscreve em certa medida, no âmbito mais íntimo dos indivíduos, regulando os seus relógios biológicos aos ritmos artificiais dos ambientes altamente técnicos. O tempo individual, mesmo o biológico, é submetido ao tempo sócio-cultural e mecânico. O pensamento temporal que cada indivíduo adquire, é um produto da história; uma aquisição feita por ele durante o seu desenvolvimento desde a infância até a morte, sob o controle da reflexão e da escrita. O presente é ultrapassado, encaminha-se para o futuro que pressupõe ser conduzido por algum sentido em direção à morte, caminho inexorável percorrido por todos os seres vivos; onde o corpo é o testemunho do tempo enquanto passagem.

Observamos na sociedade de um modo geral, uma predisposição interior que teme a velhice, associando-a à morte. Tal comportamento é notório, não só nas mudanças objetivas, na posição social dos mais velhos, mas também nas experiências subjetivas que não toleram a perspectiva da velhice. O temor à velhice, supomos que tenha a sua origem na dimensão racional, realista, haja vista o que ocorre com os indivíduos que vivem nas sociedades industriais desenvolvidas pois, apesar disso, as suas raízes situam-se no "pânico irracional" (Lasch, 1983). O que mais evidencia este pânico, é o surgimento da velhice de forma precoce na vida dos indivíduos.

Tanto os homens como as mulheres, iniciam o temor a velhice antes mesmo de chegar à meia-idade (período intermédio que vai mais ou menos dos 45 aos 60 anos). A crise da meia-idade é o primeiro indício de que a velhice se está a aproximar. O denominado pânico irracional que decorre do fato de se estar a envelhecer, ligando-se imediatamente à morte, surge com uma dupla *facie.* Se por um lado assusta os indivíduos de meia-idade, por outro lado, os têm impulsionado a procurar atividades corporais, manutenções regulares diversas, que entram nos seus hábitos de vida remetendo-os a outros projetos.

Os indivíduos realizam determinadas atividades a fim de "passar o tempo", expressão corrente em tempos atuais. O tempo, como sendo uma constante na vida dos indivíduos remete-os sempre a reflexões acerca do futuro. Uma seqüência dos acontecimentos no cotidiano, o que é declaradamente imprevisível, mesmo diante dos programas, planejamentos, coisas que até mesmo apresentam determinada regularidade, o tempo não é rigorosamente controlável. Longe da possibilidade de controlar o tempo, ele devora, aniquila tudo e a todos. O fluxo do *Chronos,* leva a todos sem exceção à finitude, e isto é o que há de mais certo, embora posto para o tempo futuro. Um dado momento pertence a cada indivíduo em particular, não é possível ser partilhado com ninguém, pois não se morre no lugar do outro. De

algum modo o tempo é inexorável, dotado de um princípio de individualidade e diante dele, mais ninguém diferente de mim, pode ser eu mesmo.

O valor do tempo enquanto passagem, que nos foi inculcado socialmente através do tempo, aponta para um limite de tempo na vida; ao deixar sempre as suas marcas impressas nos corpos, ele o tempo, não pode passar indelével e o seu caminho vai em direção da finitude, à morte. Mas acreditamos que esta condicionante temporal é de fato o suporte para os projetos de vida. E de algum modo as reflexões acerca do tempo voltam-se sobre a própria morte, consciente ou não toma-se a princípio esta direção.

Numa perspectiva mais ampla, o tempo é o que sustenta todo o pensamento das origens, da história e dos caminhos a serem percorridos pelos homens. Impregna a vida humana e move a construção dos seus projetos. O futuro é sempre projetado pelos seres finitos, supostamente uma antecipação da morte e tal evocação tem um tom da angústia do morrer. Kierkegaard admite ser o "homem acorrentado à morte", vive-se sempre com a angústia do morrer. E como meio de fuga a este terrível peso do tempo na vida, criam-se mecanismos para esquecer, meios para perdurar um pouco mais a vida, a fim de transcender a esta angústia, estar associado a grupos até mesmo utilitários tem sido uma alternativa desta época em busca de melhor qualidade de vida.

O pertencimento inclui-se nos valores inculcados socialmente, oferece um caminho escapatório provisório muito procurado em tempos atuais. Pertencer a um grupo social, religioso, desportivo entre outros tantos que existem, sugere ao indivíduo um sentimento mesmo que efêmero, mas atribui-se-lhe uma condição de pertencimento a um imenso corpo imortal. Posto que o grupo sobrevive à morte de cada um dos elementos que o compõe, em certa medida, nenhum associado, membro integrante do grupo, morre totalmente quando ele morre. Criam-se elos temporários entre os membros, uma rede de relações significativas que não tem idade e transcende

ao tempo. As entidades associativas, recreativas, antigas ou recentes delegam aos seus membros uma imortalidade, "a eternidade em *part time*"[21]. Os ritos, as festividades comemorativas, as práticas desportivas inclusivamente fazem parte de um grande elenco de alternativas que contribuem para a manutenção deste sentido. São criados ciclos que se repetem no interior do tempo linear e muito pouco duradouro. A comemoração dos aniversários é a manifestação cíclica do tempo mais regular na vida das sociedades modernas; portadora de um caráter onipresente dos mecanismos internos da medida do tempo e sutil ao mesmo tempo, muitos indivíduos assumem comportamentos bem diversos uns dos outros, até mesmo inconscientes reagem a partir de uma lógica própria perante esta manifestação cíclica inevitável, a comemoração de mais um aniversário. Hall, reflexiona acerca da aproximação do aniversário de sessenta anos, que por norma os indivíduos vivem tal experiência.

> *"Os indivíduos que se aproximam dos sessenta anos experienciam inúmeros aniversários ocultos – aniversários de triunfo, ou de derrota e de decepção. Por vezes, não sabemos aquilo que nos torna alegres, ou pelo contrário, nos deprime, ou ainda faz passar o tempo mais ou menos depressa – se trata de alguma coisa passada que esquecemos"* (Hall 1996:164).

É notória a influência da idade na percepção do tempo, este é um fenômeno bem conhecido. Até mesmo na linguagem corrente pode ser

[21] Klein faz uso desta expressão e afirma que existe na vontade humana uma obstinação utópica, de reencontrar o paraíso perdido, de fazer renascer a fênix, de voltar atrás, e ele abre um parênteses para um trato etnológico na palavra nostalgia, que vem do grego *nostos,* que significa "regresso". E nesta perspectiva segue,"...basta sentir o nosso desejo imperioso de reencarnação, de tendência para a imortalidade, ...basta ver a nossa louca vontade de viajar no tempo, ou de descobrir o movimento eterno" (1995:109).

identificado: "quanto mais o indivíduo envelhece, mais rápido caminha o tempo". Contudo, é de pouca monta o reconhecimento da ciência sobre as interferências do tempo nas emoções. Ser pouco duradouro e "intemporal", são aspectos que interagem no e com o tempo, numa perfeita interação vinda de uma mistura de espécies bem diferenciadas umas das outras, resultam percepções diferentes sobre o tempo. De um modo geral, acredita-se que as emoções consideradas positivas pelos indivíduos têm o poder de acelerar o tempo, ao passo que as admitidas como negativas atuam no seu postergar.

Na utopia dos cientistas, aqui no sentido de projetos a serem exeqüíveis, eles sonham com uma liberdade de execução das suas idéias em relação ao tempo, sonham em produzir enunciados duradouros. Ao trazer à tela Aristóteles, Platão e incluirmos Espinosa, também observaremos uma grande confusão entre o inteligível e o eterno, pois há a afirmação que : - *"faz parte da natureza da razão perceber que as coisas possuem uma espécie de eternidade"*. As respostas da ciência para os problemas estudados, são apresentadas do "mesmo modo" das criações artísticas, como uma previsão dos acontecimentos. Acreditamos que na busca da produção do conhecimento, o cientista que inclusivamente é humano, vive a procura de superar a sua própria condição, busca leis desconhecidas, "enunciados definitivos". Neste fazer científico ele verifica o quanto é colusório o tempo e a eternidade, onde ao homem cabe o prejuízo desta colusão.

O homem que outrora assistia com resignação os efeitos do tempo sob o corpo, mais especificamente a chegada do envelhecimento, na época atual resiste a ele, o que acreditamos ser uma mudança de valores a inclusão das práticas físico-desportivas nos seus hábitos de vida. As predisposições internas que movem as vontades, sempre foram alvo de preocupações para os estudiosos do comportamento humano, mesmo nos antigos estudos de Heidegger esta preocupação já era pertinente.

A temporalidade heideggeriana aponta este tempo psicológico presente na vida cotidiana, mas foi Husserl quem dedicou basicamente os seus estudos sobre o tempo psicológico, não o vivido no cotidiano, mas o tempo constituído objetivamente no e a partir do tempo fenomenológico, objeto de interesse deste estudo, pois a análise fenomenológica-existencial possibilita-nos de algum modo, estabelecer o que significa de fato para o homem a experiência do tempo na vida cotidiana, em certa medida, identificar alguns valores que lhes foram inculcados através do tempo.

Neste estudo, apoiaremo-nos na linha de pensamento de Husserl (1994) acerca do "*tempo imanente*", aquele que não desaparece do curso da consciência, e com este tentaremos fazer uma leitura do fenômeno desportivo, onde as vivências em que o temporal (no sentido objetivo) estão presentes. O espaço e o tempo no desporto apontam analogias significativas, inúmeras vezes observadas.

A percepção da passagem do tempo, certamente relaciona-se com a situação vivenciada. Diferentes situações proporcionam diferentes percepções, em consonância com a experiência vivida, o indivíduo apreende a sua passagem de forma mais rápida ou mais lenta. Avaliar o transcorrer do tempo na vida cotidiana tornou-se um hábito nas sociedades, mas aqui o foco das atenções volta-se para o desporto, onde tudo depende do treino que a modalidade exige, e onde uma fração de segundo numa prova desportiva difere diametralmente de uma fração de segundo vivida numa fila de espera de um banco para se efetuar um pagamento.

A realização das ações são cronometradas ao pormenor, há uma verdadeira sincronia entre a respiração e o gesto motor requisitado na prova em causa. É sabido na psicologia do desporto, que os indivíduos são capazes de vivenciar mentalmente a prova desportiva que irá disputar, saber com exatidão o tempo de cada passagem por distância percorrida, e ao chegar de fato o dia da competição, o atleta é capaz de atingir o tempo real que foi

planejado mentalmente. O tempo no desporto apresenta-se como uma luta contra o cronômetro. Assume um papel multifacetado no cotidiano, ora como metas a serem ultrapassadas nas atividades físico-desportivas, ora como períodos de esperas sociais que não fogem aos julgamentos do bom ou mau desempenho das tarefas.

> *"O tempo que se demora a percorrer determinada prova é uma garantia, uma garantia simbólica, da nossa excelência enquanto pessoa. O rigor necessário para a credibilidade dessa garantia é conseguida por máquinas muito sofisticadas, manobradas por autênticos peritos de informática e outros constituindo-se como verdadeiros sistemas periciais, cujo resultado é aceite em qualquer parte do mundo* (Garcia, 1997:85).

O mesmo autor ainda nos diz que o cronômetro surgiu em 1731, e este fato aparentemente inofensivo "*veio, a pouco e pouco, revolucionar o conceito de desporto, de competição e de vitória*" (ibidem). Encarnado num corpo, e só assim se tem a possibilidade de desempenho das tarefas, o nosso mundo é um autêntico devir, da passagem da intenção ao ato, uma sólida representação histórica do tempo. É suporte para referência a vários tempos, a duração, o ciclo e a temporalidade que se misturam e compõem a própria história de vida dos indivíduos. Os indivíduos abrem-se ao mundo via o corpo em conformidade com o seu regime de funcionamento.

O CORPO

"A existência é algo incerto e inseguro".

Kierkgaard

Desde os tempos longevos que o entendimento sobre o homem recai sobre o dualismo antropológico corpo e alma. As tentativas de conceituar o corpo são muitas. Sob diferentes perspectivas ele sempre foi enfocado, mas, na maioria das vezes as referências situaram-se naquilo que aparece como uma extensão de algo a mais. E aqui passaremos a algumas reflexões filosóficas numa tentativa de entendimento deste duplo antropológico, que gira em torno do corpo.

A racionalidade clássica ocidental obtém, nos estudos de Platão sobre o corpo, uma forte contribuição, sobretudo na velha tradição órfica e pitagórica, a mesma oposição entre o corpo e a alma, onde então assume uma postura negativa diante do corpo. Por exemplo de Sócrates, no *Fédon,* que diante da morte se manteve sereno, pois iria libertar-se do corpo mortal, impuro, visível e terreno. Em Jana (1995) a junção do corpo com a alma, impossibilita o homem de ser o que é e deve ser, ou seja impede-o de alcançar a verdade. E no Fédon, citado pelo autor, verifica-se que aquele que se ocupa dos estudos filosóficos está mais próximo da verdade.

> *"...aplica-se a desprender o mais possível a sua alma do comércio do corpo", ou seja, não faz outra coisa que procurar a morte e o estado que lhe segue. Isto porque se queremos ter alguma vez um conhecimento puro de alguma coisa, é-nos necessário separarmo-nos (do corpo) e olhar unicamente com alma as coisas de si mesmas"*(Jana, 1995:37-38).

Nesta linha de pensamento dura com o corpo, instaura-se uma conduta de vida para a cultura ocidental com uma nova visão de homem, de mundo e de sociedade, enfim, uma nova cosmovisão. A adoração que os

gregos tinham pelo corpo, toda a sua linguagem, pensamento mítico e tradicional entram em embate com o pensamento reinante.

Aristóteles via o corpo como uma realidade e a sua superfície como o limite; o corpo é efetivamente uma extensão: é um espaço e, à medida que "*for algo*", é uma substância. Na Antiguidade, as discussões acerca do corpo apontavam de algum modo para a aparição do corpo sob alguma forma. Enquanto Aristóteles se inclinava para a hipótese de que há necessariamente uma forma para cada corporeidade, em outras correntes filosóficas como a platônica e a pitagórica entendiam o corpo como o casulo da alma, corpo e alma são prisioneiros um do outro.

E o cristianismo também sofreu influências do pensamento platônico. Algumas das suas idéias básicas não se coadunam com a mensagem bíblica, mas são acatadas pelos propósitos cristãos, onde se destaca o dualismo corpo-alma e se enfatiza uma possível espiritualidade do corpo, como a punição da alma. Ao corpo era dada toda uma conotação negativa. Pura e simplesmente, uma expressão do mal.

Os problemas do corpo foram tratados mais tarde no período moderno na mesma perspectiva das questões afetas à matéria, como objeto da ciência física onde a extensão entrou ao mesmo tempo, como problema físico e metafísico. E Descartes, tornou-se o responsável pela mudança do paradigma[22], a partir deste delineia-se um novo paradigma que perdura até à modernidade. Resumidamente, podemos dizer que ele decide pela dúvida do método e chega ao *cogito* para estabelecer as suas verdades evidentes.

O *cogito,* o sujeito é substância, sem a qual os pensamentos nada seriam e este levou Descartes ao isolamento temporário do eu pensante, ao idealismo cartesiano; o corpo comunica-se com a alma, a verdade reside na alma, pois o corpo é enganador. O sujeito passa deste modo a libertar-se do

---

[22] Paradigma aqui entendido na perspectiva de T. Kuhn, *"...considero paradigmas as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, forneceram problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência"* op.cit. (1996:13).

corpo, e está apto para atingir a evidência racional através da disciplina e do método. O corpo é entendido pelo mundo físico, como composição e funcionamento, submetido às suas leis física. O corpo era um espaço cheio, já que o vazio não existia; "*é coisa extensa*", caracterizada ao mesmo pelo movimento das suas partes. Com esta visão, o corpo entra para a categoria das máquinas, a ser observado e medido "*como uma máquina*". Esta compreensão mecanicista comporta uma separação na Criação, onde existe a realidade espiritual em que os homens possuíam a alma e a realidade em extensão, aquela em que os animais são dotados de movimentos autômatos, algo que se move por si mesmo.[23]

O entendimento do corpo passa a ser uma realidade autônoma, já que está separado do eu e da natureza e assume a condição em si mesmo. Jana (1995) tem uma posição que para nós é cabível, nesta discussão:

> *"Enquanto o corpo passa a remeter para si mesmo, isolado da natureza, também o homem se apresenta como um "eu" isolado, portanto em corte com a sociedade...Este individualismo que se impõe de forma crescente nas novas relações sociais e políticas, afirma-se também pela individualização do corpo nas artes plásticas: deixa de ser o corpo-símbolo para se tornar corpo individualizado"* (Jana, 1995:45).

Assim, deste modo, o corpo assume uma postura para si mesmo, independente da natureza. O homem por sua vez, também se situa como um

[23] Supomos que tal analogia sofreu influência do fascínio dos indivíduos pela mecânica dos relógios, que supunham naquela época funcionarem por si mesmos.

«eu» independente de tudo e de todos, o que Descartes designou como um «indivíduo-fora-do-mundo» (1976:45). No mesmo sentido, Le Breton (1990: 47), aponta para uma "*invenção do corpo*", o modelo de corpo já conhecido na modernidade, "*o homem a partir de então já não é um corpo, ele tem um corpo impossível de ser redutível a ele*". E em concomitância com este novo pensamento sobre o corpo, vem a sua autonomia que possibilita torná-lo no *corpo-objeto,* passível de especulações vulgares e científicas.

De seguida, Descartes (1976) admite que a alma está no corpo ligada através do cérebro, uma glândula que tem por função regular as reações entre o espírito e a matéria. Para ele, a alma confunde-se com os sentimentos e sensações que estão intimamente relacionados com as necessidades corporais. Este entendimento remete-nos à razão, que segundo o filósofo é na própria razão que reside a alma. Para as funções corporais restam as sensações negativas, como por exemplo, o ódio e a concupiscência, que são apetites desregrados da vontade, corrompidos pelo pecado do corpo, onde tais sensações negativas representam a «realidade extensa».

Em certa medida, podemos inferir que Descartes iniciou a filosofia da época moderna, após a importante descoberta do homem e da natureza. No Renascimento tornou-se necessário juntar todas as idéias contemporâneas, a fim de dar as respostas possíveis para a época, onde então Descartes construiu o primeiro "*sistema filosófico coerente*", seguido por Espinosa e Leibniz, Locke e Berkley, Hume e Kant. Ele preocupou-se com questões que perduraram mais ou menos cento e cinqüenta anos, sobre a solidez do conhecimento e a relação entre o corpo e a alma. Estas duas questões orientaram as discussões filosóficas durante todos este tempo.

Espinosa (1632-1677) apresenta uma geometria para o corpo, uma quantidade de três dimensões que assume uma figura, ou seja, um modo da extensão. Admite ainda que é impossível delimitar as possibilidades do corpo. Contrariamente Leibniz (1646–1716), entende o corpo físico como um

conjunto, ou soma de mónadas, substâncias simples, isto é elementos das coisas sem partes, sendo o corpo físico a manifestação do corpo inteligível. O dinamismo e a teoria do ímpeto assumem para ele grande importância, na medida em que estes residem no interior do corpo e podem levá-lo quer a uma renovação da doutrina do corpo inteligível, quer à suposição de que o próprio corpo é detentor de um poder de ação (uma faculdade dotada de força).

Locke (1632-1704), com base no empirismo, vê na experiência todo o fundamento para o conhecimento, todo o saber advindo do mundo chega-nos através das transmissões dos sentidos. Da perspectiva empirista de Locke, ressalta que o espírito humano inicialmente seria como uma «tábua rasa», onde todas as informações eram inscritas por ação da experiência, fonte única de todas as informações para o conhecimento e raciocínio humano. Em relação à «realidade extensa», ele tem a mesma postura de Descartes, pois entende que na origem, a alma é uma folha de papel em branco, e através das experiências vividas pelo corpo vai buscar todo o material para o raciocínio e conhecimento. Também apresenta na sua obra "*Ensaio Sobre o Entendimento Humano*", publicado em 1690, as questões sobre as idéias simples e idéias reflexivas. Faz deste modo uma distinção entre sensação e reflexão. Por outro lado Berckley (1685-1753), questiona as afirmações de Descartes, Espinosa e Locke sobre a realidade do mundo físico e a sua realidade exterior. O mundo material exterior é negado por este filósofo anglo-saxónico, assim como a consciência humana e as idéias universais abstratas (Barata Moura, 1982).

Hume (1711-1776) que se situa na radicalidade do empirismo, é contrário ao papel do entendimento e restringe-se à categoria da experiência. Preocupou-se em desenvolver o princípio da causalidade, demonstra a conexão causa-efeito. Quando ela existe, é construída via experiência, pela reunião dos fenômenos, não sendo possível a sua transferência para além dos

seus extremos. Hume foi considerado um dos maiores filósofos empíricos e inclusivamente exerceu influência na filosofia kantiana.

Kant apresenta um outro duplo: corpo fenomênico e dinâmico. As suas idéias foram desenvolvidas em torno deste duplo. No entanto, o seu primado corpo dinâmico-inteligível, visto como pura extensão fenomênica não foi explicitado. A partir de então, a concepção do corpo passou a depender do maior ou menor valor empregue ao aspecto «interno» do real (Mora,1991).

A postura de Kant sempre foi pautada por dualismos. Sendo por isso conhecido como filósofo das distinções e das rupturas. A sua linha antropológica é dotada de um pensamento em autêntica evolução, todavia parece-nos pertinente apontarmos um dualismo e um pessimismo antropológico a este filósofo alemão. Ele apresenta uma visão trágica, na medida em que concebe a natureza humana como uma natureza dividida. Esta visão dual e pessimista, de algum modo, encontra as suas raízes na perspectiva bíblica do homem, no luteranismo e no pietismo, que infuenciaram de sobremaneira as posturas kantianas.

Para ele, o homem é sujeito cognoscente, é acima de tudo um homem governado pela moral, e assim sendo, insere-se no reino inteligível dos espíritos. O homem é para Kant, um corpo encarnado, um homem empírico, fenomênico, subordinado ao determinismo universal, mas é por outro lado também o homem numênico, sujeito da liberdade. Encontra-se aqui uma incompatibilidade entre a natureza e a razão (Barata Moura, 1982).

E seguindo o mesmo autor, Kant define o homem como racional, admitindo o seu entendimento com a sua finitude; finitude esta ligada a sua capacidade de raciocinar e de ser homem. Assim sendo, ser homem é ser racional. E neste entendimento a razão adota a postura do poder, um poder que de fato não possui. Com esta perspectiva podemos afirmar em certa medida, que a problemática da alienação se faz presente, mesmo que

implicitamente, nas idéias de Kant. Tais idéias apresentam-se sob a forma de uma pedagogia do conhecimento de si, uma pedagogia que apresenta as delimitações dos poderes e dos limites da razão. A linha antropológica kantiana vem na mesma ótica, é uma antropologia crítica, que traz pontos da pedagogia socrática.

Neste sentido, a antropologia tem um caráter não só dualista e pessimista, como também crítica. Se por um lado o homem ao libertar-se dos mitos, se aproxima com lucidez do seu poder e dos seus limites; por outro ao definir-se basicamente como homem é regido pela moral. A antropologia assume-se como uma antropologia prática, já que o homem tende a afirmar-se como o legislador de todo o universo à sua volta. A antropologia apresentada por Kant, traz algo de novo e põe em questionamento as antecessoras: pois estas afirmam-se pela heteronomia, definida por ele como: - *"o que está sujeito a forças que escapam à sua vontade livre e racional"*, e pela materialidade. Já a kantiana fundamenta-se pela autonomia, por ele definida como: - "a liberdade da vontade racional que só obedece à lei por ela mesma legislada", e pelo formalismo (Barata Moura, 1982) .

Ele apresenta de forma sintética a sua antropologia como forma de abranger todos os elementos que compõem a natureza humana, a personalidade e a animalidade, a razão e a natureza, a liberdade e a necessidade, a lei moral e a lei natural, fenomênico e numênico. Onde o homem fenomênico é um ser dotado de sensibilidade, mas com um certo grau de animalidade, tendo ainda como características o egoísmo e a liberdade anárquica, uma liberdade sem lei. O egoísmo para ele possui três formas: a lógica, a estética e a moral.

A lógica é traduzida pela verdade do indivíduo "a minha verdade é a verdade"; a estética pelo "o meu gosto é o critério da beleza"; e a moral " eu sou o fim da criação, os outros existem para mim". O homem fenomênico é a sua parte terrena, deriva de acordo com as sua inclinações naturais e vive em

conformidade com o prazer. Kant, segue a linha de pensamento de Lutero quando admite que a maldade é inata ao homem, não ao homem individual, mas ao homem enquanto espécie.

É a moral que torna o homem um ser numênico, o que possibilita ser superior diante do homem sensível, fenomênico. A antropologia kantiana também se organiza hierarquicamente, ordenada numa escala de valores. Como vimos anteriormente ela valoriza o homem numênico em detrimento do fenomênico. Todo homem é digno ao ser pessoa: "*é a exigência da lei moral e da liberdade que o torna superior a todos os seres da natureza*".

O homem é o senhor todo poderoso da natureza, o espírito paira por cima do mundo. O homem é entendido como o fim último da criação sob a Terra, já não tendo um fim em si mesmo.

Para a antropologia kantiana, a pessoa numênica tem como destino combater o homem fenomênico, o homem natural, a fim de criar a cultura, onde a moral é fator preponderante. A função do numênico é a realização do bem no mundo em busca da perfeição moral. Reis (1986:155-170), diz-nos que a antropologia é, aqui, percebida como uma antropologia da perfectibilidade, na medida em que admite a possibilidade de perfeição, de uma "*progressão ao infinito para a conformidade com a lei*" (ibidem).

E a partir de então, o entendimento acerca do corpo passou a depender da maior ou menor importância dadas as características «internas» do real, os seus aspectos «internos». Em contrapartida os entendimentos voltados para a redução da realidade ao «exterior», concebiam o corpo como uma extensão mecânica pura e simplesmente, possuidor por si só de uma força ou potência em ação. Para as tendências que possuíam um entendimento voltado para a realidade «interior» e que supunham ser esta a primeira realidade, o corpo é visto como «resistência» contrária ao esforço e a volição do seu íntimo (Mora, 1991). Para Husserl, a subjetividade (lugar do outro, lugar da alma), de outrém é uma experiência indireta.

> *"A percepção direta dos seus sentidos, emoções, pensamentos, é-me vedada, apenas através da mediação do corpo me é dado inferir que em presença de «outro» eu, um «alter ego». Essas mediações compõe-se essencialmente de «indicações corporais»"* (in Gil, 1997:147).

É deste modo que Husserl apresenta a percepção do outro e os mecanismos confusos sobre a intersubjetividade. As controvérsias em relação à natureza do corpo suscitaram hipóteses relativas à natureza da matéria e do espaço, portanto a natureza é em última instância, metafísica do real. Este fato sucedeu em muitas tendências recentes da filosofia que se preocuparam com o corpo, nomeadamente aquelas que foram influenciadas pela fenomenologia de Husserl.

Tomemos como exemplo Sartre, que se desdobrou numa pormenorizada fenomenologia do corpo, por ele visto como: «o que o meu corpo é para mim», aquilo que é oposto à «objetividade» e «alterabilidade». A primeira vista isto é válido para qualquer corpo como tal. O corpo é apresentado por este, sob três dimensões ontológicas, a saber: a) nesta primeira o «corpo para mim», nos parece o anunciar de um modo de ser, «eu existo o meu corpo». b) já na segunda dimensão o corpo está voltado para o outro, ou então, «o outro é para o meu corpo»; o que é uma corporeidade oposta à do meu corpo para mim, o que entendemos ser «o meu corpo é utilizado e conhecido por outro». Contudo «eu sou para o outro, o outro revela-se-me enquanto objeto». Logo percebo que existo para mim, assim como conhecido pelo outro, objetivado pela facticidade, caráter do que é simplesmente um fato, sem necessidade e sem razão. Entretanto na terceira

dimensão c) «eu existo para mim como conhecido por outro sob a forma de corpo», o autor apresenta a dimensão ontológica do corpo na perspectiva da existência, que ao mesmo tempo, admite as sua alterações (Mora, 1991).

Merleau-Ponty caminha pela fenomenologia da percepção e admite ter dificuldades em nomear palavras, que possam expressar o milagre do corpo humano, a sua inexplicável animação, o ser e estar no mundo em permanente diálogo consigo e com o outro, a perceber e ser percebido, a sentir e ser sentido numa troca constante. O fato que dá início a todo este "milagre" é o corpo e este necessariamente têm uma constituição anátomo-fisiológica e uma animação.

> *"A animação do corpo não é a junção de uma contra a outra das suas partes – nem aliás a incarnação no autómato de um espírito vindo de outro lado, o que suporia ainda que o corpo em si mesmo fosse desprovido de interior e de «si»"* (Merleau-Ponty, 1997:22).

Neste autor encontramos reflexões acerca do corpo que passam por um corpo humano que vê e é visto. Entre o vidente e o visível ocorrem situações de experiências corporais, tais como: o toque, o olhar, o aperto de mãos..., o sentir e o ser sentido, o estabelecer de uma rede de relações com o mundo da vida. Eu encontro-me no outro e com o outro, onde todo o ser só o é, mediante as indicações corpóreas. *"Toda técnica é «técnica do corpo». Ela figura e amplia a estrutura metafísica da nossa carne"* (1997:30).

Em relação ao duplo antropológico corpo e alma, Merleau-Ponty apresenta o seguinte: *"...o corpo é para a alma o seu espaço natal e a matriz de todo o outro espaço existente"* (1997:45). Conceber o pensamento como corpóreo, é o que não pode ser concebido, mas não vejo outro modo de o

conceber diante da união da alma e do corpo. A bem da verdade, seria uma atitude absurda submeter ao entendimento puro, a mistura do entendimento e do corpo. *"Estes pretensos pensamentos são os emblemas do «uso da vida», as armas falantes da união, legítimas com a condição de não serem tomadas como pensamentos"* (1997:46). Ele afirma serem os indicadores de uma organização onde o homem existe.

> *"... de uma ordem de existência, do homem existente, do mundo existente que não nos cabe pensar ...já que a vista faz permanecer a alma contente na prisão do corpo, graças aos olhos que lhe apresenta a infinita variedade da Criação: quem os perde abandona a alma numa obscura prisão, onde cessa toda a esperança... o olho realiza o prodígio de abrir à alma o que não é alma"*(Merleau-Ponty, 1997:65).

A princípio este pensamento identifica um corpo cartesiano, mas julgamos necessário compreender que aquilo que não tem lugar, se situa em algum corpo, quer seja iniciado por ele, quer seja por todos os outros ou pela natureza. Enfim, todos estes exemplos ocidentais de pensar o corpo, tem dado continuidade ao modelo mecanicista de Descartes.

Com a Revolução Científica dos séculos XVI e XVII, as idéias sobre o corpo também sofreram influências. Com o surgimento da Ciência Moderna, a reflexão filosófica no que tange a teoria do conhecimento (tudo o que ela abrange) a epistemologia propriamente dita adquiriu uma maior importância, nomeadamente nas questões relacionadas com a origem do conhecimento. Portanto, a ciência tanto deu início à reflexão filosófica,

quanto a filosofia se interroga acerca das possibilidades da ciência, pois toda ciência é uma reunião de juízos. "*Copérnico celebrizou a retirada da teologia do horizonte da ciência, mas ao resolver o enigma do Universo, distanciou-se do enigma do Homem, remetendo-o para a dimensão de matéria quantificável*" (in Casal 1996:16).

De todas as revoluções, a copérnica, que em Kant sofreu uma inversão na relação sujeito-objeto, foi uma revolução metodológica em busca da autonomia da razão, onde se afirmou o primado da atividade do sujeito no conhecimento, uma submissão necessária do objeto ao sujeito, o que constituiu de fato uma revolução epistemológica. Foi a expressão de um paradigma construtivista em detrimento do objetivista, pois é o sujeito que constrói o objeto, onde o sujeito deixa de ser um simples observador do real exterior. E inferimos que mesmo diante destas e outras re-evoluções, o duplo antropológico corpo e alma permaneça, apesar das inúmeras interpretações e dificuldades de compreendê-lo ainda serem muitas. Neste ponto do estudo, percebemos que pouco sabemos da constituição do homem, do emaranhado que compõe a «unidade psicofísica», apontada por Husserl isto em certa medida faz com que entendamos que o corpo e a alma sejam inseparáveis e haja vista a expressão empregue pelo autor. Gil (1997) indica um modo mais simples para o entendimento da expressão husserliana «unidade psicofísica» - "*parece mais fácil, mais pertinente pensar primeiro e separadamente os dois termos da unidade, e esta só depois, como resultante de um operação de unificação*" (1997:175).

E ao seguirmos esta linha de pensamento, incidiremos nas inúmeras razões históricas e epistemológicas que contribuíram para a divisão corpo (exterior das partes) e alma (interior do espírito). Ele cita, como exemplo, a Anatomia de Vesálio, que instituiu um modelo de corpo, e a proposta de Descartes da distinção radical das duas substâncias; em que o corpo e o espaço que o circunscreve restou o lado das «coisas», isento de interior ou

qualquer outra parte espiritual, mas todavia a tradição, nomeadamente a filosófica conserva este «lugar» do «interior». Os empreendimentos de Husserl e do seu seguidor Merleau-Ponty não obtiveram êxito nesta tarefa. Para o fundador da fenomenologia, apesar da «localização das sensações» indicaram de algum modo para esse sentido, o corpo advém em duas óticas: a interior, que se ancora no «vivido» intenso, por ele denominado de *psyché;* e o exterior, entendido como o corpo próprio, o meu ou do outro no espaço. Este é apresentado como objetivo, no modelo cartesiano e que de um jeito ou de outro, as sensações se situam no interior do corpo, onde é projetado do interior psíquico sobre o exterior espacial. "*Os problemas fenomenológicos que levantam essas projeções não destroem a dicotomia espaço exterior objetivo / espírito interior subjetivo*" (1997:176). Já em Merleau-Ponty, observa-se nas suas idéias uma grande influência da teoria hursseliana do corpo, contudo nas suas obras[24] ele apresenta o corpo com uma concepção de interioridade; todavia é na sua última obra "O olho e o Espírito", que encontramos uma outra leitura, "... *uma crítica da ciência moderna, da sua confiança fácil, mas cega, nas suas construções, e uma crítica do pensamento reflexivo, da sua impotência para dar conta da experiência do mundo que o faz surgir...* "(Claude Lefort in Ponty, 1997:08)[25]. Entendemos que esta foi uma tentativa de superar o seu mestre adquirindo uma outra postura diante das fronteiras da fenomenologia de Husserl, dando expressão a uma nova perspectiva ontológica. "*O trabalho do pintor convence o autor em tela da impossível partilha entre a visão e o visível, a aparência e o ser*" (ibidem). Convém salientarmos, que as suas convicções têm por base a pintura como nexo de meditação.

---

[24] Trata-se aqui da Fenomenologia da Percepção e do Visível e o Invisível, onde o corpo é apresentado contendo um interior. O autor não desenvolveu uma teoria do corpo no sentido de um «visível exemplar», um espaço de profundidade, mas deixou passar esta idéia nos jogos do corpo-carne, sente-sentido, tocante-tocado.

[25] Claude Lefort escreve o prefácil do Olho e o espírito, op. cit.

Entretanto é do mundo do vivido, da percepção da ação ao nível do sentido do vivido, que aqui tratamos, as inscrições de sentido em órgãos reais. Compreender as suas teias de sentidos e significados, não nos parece ser uma tarefa fácil assim como as dificuldades de entendimento do corpo em movimento e as suas escolhas plurais, pois procura-se compreender o que move os corpos encarquilhados pelos efeitos do tempo, a manterem-se em atividades físicas e desportivas competitivas. Trataremos de alguns aspectos da fisiologia do envelhecimento que debilitam os corpos, mas que por si só não explicam a velhice, cujo sentido singular acreditamos residir nos valores atribuídos às suas próprias existências.

A fisiologia do envelhecimento: marcas impressas no corpo pelo tempo

No princípio deste século, *o status* do corpo atrelava-se ao meio social. O trabalhador braçal primava por um corpo robusto e fiel e pelas suas necessidades de esforço. Era admirado pela sua força física, robustez e resistência. Já os burgueses optavam por outra estética, onde a aparência física era tremendamente importante, mas sem se expor em público. No início dos anos 20, o mostrar as pernas em público era motivo de escândalo, nos trajes de noite era permitido às mulheres, o uso de vestidos decotados e as pessoas distintas usavam luvas e chapéus, deixando somente o rosto aparecer. A tradição cristã impunha a antítese evangélica da carne e do espírito, do corpo e da alma, o corpo como a prisão da alma fora reforçado. Dar atenção em demasia ao corpo era um pecado carnal, o corpo devia ser respeitado mas não cultuado com veemência. Ainda existia o tabu de que a água amolecia o corpo, ao passo que a gordura era sinônimo de saúde (Ariès,1991). Lavar o corpo não fazia parte das normas higiênicas e de saúde, o que contribuía para

as doenças em grande escala, ou seja a disseminação de pestes e mortes em tenra idade.

A norma vigente impõe um imperativo categórico ao corpo, corroído pelo tempo, este reage às suas ameaças em busca de uma integridade. O que no início do século era normal figurar nos obituários, a morte por doenças infecto-contagiosas, pneumonia, difteria e a tuberculose, ao contrário do tempo atual onde passou a ser pouco usual morrer antes da velhice. Haskell (1988), atribui tal fato a redução nas duas últimas décadas das cardiopatias e dos acidentes vasculares cerebrais, que são os maiores causadores de morbi-mortalidade no mundo. Dentro da normalidade das esperas sociais, a morte não deve chegar antes da velhice, viver é o imperativo categórico dos tempos atuais, cuidar do corpo está no centro dos hábitos de vida pública ou privada. A manutenção e a defesa do corpo, contra as intempéries da idade, passou a ser uma prática corrente; o temor das doenças da sociedade atual perturbam os indivíduos, e para seu alívio, o uso de medicamentos para todos os males, em larga escala também entra em cena.

A ciência tem feito progressos na descoberta e controle das doenças, contudo, as suas linhas limítrofes não tem permitido um comportamento resignado à espera da velhice, novas atitudes tem surgido no seio da tradição. A procura por dietas e produtos bioquímicos, bem como as atividades físicas e os desportos tem entrado abertamente no cotidiano dos indivíduos em busca da melhoria da qualidade de vida (Santiago e Lovisolo, 1997)[26]. O envelhecimento corporal é tratado com um pouco mais de dignidade, com menos vergonha da sua exposição, entretanto as marcas sempre serão impressas com o passar do tempo. E alguns destes efeitos deletérios serão

[26] Santiago e Lovisolo (1997), realizaram trabalho de cunho etnográfico acerca dos processos de construção de um novo estilo de vida para um grupo de "atletas idosos" onde tal assertiva foi verificada.

apontados a seguir e foram eleitos em função da prontidão para as atividades físicas e desportivas, onde reside o nosso objeto de estudo.

Franceschini (1997:87) aponta para o envelhecimento dois grandes tipos de causa: intrínsecas e extrínsecas. Estando as causas intrínsecas relacionadas com a hereditariedade, com as mudanças ocorridas nas células e funções dos órgãos. Já as extrínsecas estão relacionadas com fatos exteriores, a que o organismo está sujeito tais como: a exposição ao sol, a ingestão de bebidas alcoólicas, os radicais livres, as mudanças de comportamento advindas dos acontecimentos da vida em sociedade.

O fluir do tempo deriva em função da idade e dos significados dos acontecimentos produzidos. Assim o tempo da vida é produzido por um sentido e acreditamos que o seu inverso também seja verdadeiro. Todavia, em concomitância o envelhecimento fisiológico dá-se ao nível estrutural e funcional do corpo humano ao longo da vida. É entendido como degenerescência orgânica e provoca mudanças corpóreas durante este processo.

As condições corporais que enquadram um indivíduo na terceira idade são múltiplas, no entanto enfatizaremos as modificações morfológicas e psicofisiológicas presentes nesta etapa da vida. Tais condições salientadas traduzem, na medida do possível, as dificuldades de distinção, entre as causas e os efeitos, que levam o indivíduo, ao envelhecimento.

Bauchbach (1990:20), divide as etapas do envelhecimento em: - *idade do meio ou crítica*: mais ou menos dos 45 aos 60 anos, primeiros sinais de envelhecimento, ocasionando uma tendência ou predisposição ao aparecimento de doenças; - *senescência gradual*: mais ou menos dos 60 aos 70 anos, surgem alterações fisiológicas e funcionais, típicas da idade avançada; *velhice*: iniciada por volta dos 70 anos, velho ou ancião propriamente dito; *longevo*: com mais de 90 anos, grande velho.

A idade biológica não se correlaciona necessariamente, com a idade cronológica, de acordo com as condições de funcionamento dos órgãos. Muitos deles tem a possibilidade de envelhecer primeiro que outros, e até mesmo o seu desempenho comprometido antes do seu amadurecimento, o que nos leva a pensar que o envelhecimento surja a partir do nascimento.

Os distúrbios metabólicos

Entende-se por metabolismo, a soma de todas as reações químicas que ocorrem na célula viva com o objetivo de produzir energia e inclusive gerar os seus constituintes. As reações químicas ocorrem devido à ação das proteínas especiais, as enzimas. Este é um processo complexo e de fundamental importância para a vida. A partir dele ocorrem o anabolismo, processo de formação de novas moléculas e o catabolismo que é o processo de quebra de moléculas e de eliminação de substâncias desnecessárias.

É necessário uma grande quantidade de energia para a realização do trabalho cardíaco, da contração muscular, da condução nervosa, entre outras funções que caracterizam um processo continuado que, em suma, mantém a vida celular.

O envelhecimento fisiológico é proveniente dos mocroefeitos somados a partir dos 25 anos. A capacidade de elastina diminui de forma acelerada durante a vida e as fibras elásticas também desaparecem no adulto; as que se encontram nas papilas dérmicas são as primeiras a desaparecer, em torno dos 35 anos, acompanhadas pelas da derme e das artérias, surgindo o colagênio não extensível. A alteração da lisiloxidase provocada pela poluição do meio ambiente e pelo próprio tabaco consumido pelos indivíduos ocasiona um mau funcionamento de síntese da elastina. Os fibroblastos são reduzidos em quantidade e em função; as paredes dos vasos sangüíneos perdem elasticidade e não transportam a quantidade suficiente de nutrientes ou de

oxigênio. A quantidade de ácido carbônico aumenta e a circulação diminui. Assim os radicais livres encontram um campo disponível para a sua proliferação, pois diante deste quadro, eles já não são eliminados de forma conveniente e as perdas corporais aumentam na sua presença (Franceschini, 1997). Os radicais livres são moléculas que surgem durante o processo vital da respiração celular, procedentes diretamente do oxigênio ou do processo de oxidação. Eles são uma ameaça para as células, pois ao atingirem um número elevado podem interferir nas estruturas das proteínas e/ou das gorduras, propiciando o aparecimento de doenças como a arteriosclerose, a catarata e o efisema pulmonar, estas são doenças que contribuem para acentuar o processo de envelhecimento. Atualmente já é bem conhecida também, a interferência do aumento dos radicais livres sob o sistema imunológico, responsável pelas defesas e o surgimento de vários tipos de câncer.

O organismo tem meios de combater os radicais livres, com substância antioxidantes produzidas pelas próprias células, mas em determinados momentos não são eficientes. A ingestão das vitaminas do tipo A e C auxiliam no combate aos radicais livres. Os hormônios que são substâncias estimulantes encontram-se bem reduzidos, as células já não reagem tão bem aos estímulos hormonais, pois os receptores na superfície dos fibroblastos e outras células diminuem. A segregação enzimática que ocorre via fibroblastos também diminui, não assegurando que as fibras colágenas e elásticas sejam reestruturadas.

Com o envelhecimento ocorrem várias alterações metabólicas que podem ser afetadas pelo exercício. O metabolismo basal e a captação máxima de oxigênio diminuem gradativamente com a idade. A massa corporal magra também diminui, enquanto que a gordura corporal aumenta. Os níveis de colesterol total e de colesterol lipoprotéico de baixa densidade aumentam com a idade. Porém, as concentrações das lipoproteínas de alta densidade não se modificam.

O condicionamento físico pode levar ao aumento da capacidade de captação máxima de oxigênio, possivelmente diminuir a gordura corporal e aumentar a massa magra. O exercício pode ser benéfico para o metabolismo dos carboidratos e possivelmente, também, para o metabolismo dos lipídeos em indivíduos jovens. Porém, os efeitos nos idosos sedentários são menos definidos.

Hormônios e envelhecimento

Vários hormônios estão intrinsecamente relacionados com o envelhecimento, devido á sua diminuição. Entre eles destacam-se os hormônios produzidos pela adrenais (DHEA), pela hipófise (crescimento), pela pineal (melatonina) e pelas glândulas sexuais (estrogênio e testoterona). A redução da produção hormonal relaciona-se com a redução na produção protéica da massa muscular, com a osteoporose e inclusive com o aumento de gorduras.

A reposição de hormônios é uma terapia corrente na terceira idade, o uso de hormônios das adrenais (DHEA), da pineal (Melatonina) e da hipófise (Crescimento) tem sido usada em larga escala em pessoas idosas. O DHEA ocasiona uma melhoria na prontidão física e tende a diminuir as dores articulares, que são comuns nesta idade e inclusivamente diminui a perda da massa muscular. Todavia, esta é uma substância que pode causar lesões hepáticas e com possíveis desencadeamento para o câncer. A Melatonina é o hormônio regulador do relógio biológico, do ciclo dia e noite, onde há a possibilidade de melhoria de desempenho do organismo. Contudo, não existem estudos conclusivos sobre o seu uso. A ingestão do hormônio de crescimento advindo da engenharia genética, ocasiona o aumento do cálcio no organismo evitando a osteoporose, aumento da massa muscular e redução

no acúmulo de gorduras, proporcionando um possível bem estar. Também é uma substância que tem como efeito colateral o câncer e os estudos sobre tal matéria ainda não são satisfatórios para o seu uso em larga escala.

Os especialistas recomendam que uma vida saudável, com atividade física regular, dieta bem equilibrada, e pouco estresse são as melhores armas para se defender da produção excessiva dos radicais livres. Entretanto, as modificações das células e dos tecidos sofridas através do tempo, ocorrem com maior ou menor intensidade de acordo com cada indivíduo, mas não há aquele que escape do envelhecimento, quer seja dos tecidos ou dos órgãos.

Sistema Cardiovascular

Neste sistema ocorre uma diminuição na elasticidade dos vasos sangüíneos e das válvulas do coração: o fluxo sangüíneo é restringido devido a um engrossamento das paredes dos vasos e dos depósitos de gordura que os recobrem, havendo uma diminuição da capacidade de bombeamento pelo coração, do sangue que recebe.

No processo de envelhecimento, o coração tende a aumentar de tamanho e diminuir sua capacidade contrátil e propulsora. Estas modificações são pertinentes para aqueles que possuem uma vida normal, mas indicam uma diminuição da função cardíaca como um todo. A função cardíaca quase sempre é avaliada através de testes de esforço cardíaco ou da ergonometria. Na terceira idade, o esforço físico intenso ou emoções fortes são fatores causadores dos problemas cardíacos, como o infarto do miocárdio. As atividades físicas regulares propiciam uma função cardíaca melhor e com menores possibilidades de desenvolver doenças cardíacas.

As doenças cardíacas em alguns casos estão relacionadas a outras doenças, causando interferência no músculo cardíaco: a arteriosclerose, a

diabetes, a hipertensão arterial e a angina de peito são exemplos de tais implicações. As doenças cardiovasculares no adulto, também podem ser associadas a alguns fatores de risco tais como: tabagismo, colesterol elevado, obesidade, vida sedentária, estresse, assim como o diabetes e a pressão alta. O fator hereditário também influencia no surgimento das doenças cardíacas; na terceira idade o colesterol não tem tanta importância como motivo de risco para doenças cardíacas como ocorre no adulto jovem.[27]

As modificações no sistema cardiovascular ocorrem tanto na função miocárdica, quanto no sistema vascular periférico. A freqüência cardíaca em repouso, nos idosos, mostra pouca alteração, mas observa-se um declínio na freqüência cardíaca máxima alcançável com o esforço. Na ausência de miocardiopatia esquêmica ocorrem alterações cardíacas funcionais e estruturais com o envelhecimento. Dos 25 aos 85 anos de idade, o volume de ejeção cai cerca de 30% e o miocárdio se hipertrofia. Os indivíduos que enfrentam cargas de trabalho ligeiras alcançam volumes de ejeção semelhantes aos de indivíduos mais jovens, sendo o aumento nas cargas de trabalho resultante em aumentos menores no volume da mesma. Entretanto, enquanto os indivíduos mais jovens aumentam a fração de ejeção com o esforço, as pessoas mais velhas mostram um aumento apenas modesto, com muitos deles a apresentar reduções na fração de ejeção e anormalidades regionais no movimento da parede ventricular (Fitzgerald, 1985).

Sistema Respiratório

Com o envelhecimento, a elasticidade dos pulmões diminui, o que pode afetar a capacidade pulmonar no que toca à absorção de oxigênio. Há uma propensão à fadiga e dificuldade respiratória devido ao esforço. O efeito

[27] Dados obtidos na SONI – Sociedade Neurológica Integrada, Brasil, São Paulo, 1997.

global consiste em aumentar o trabalho necessário para vencer a resistência elástica em cerca de 20%. O volume residual aumenta de 30 a 50%, na medida em que a capacidade vital diminui de 40 a 50%, por volta dos 70 anos (Smith: 91-101 in Fitzgerald, 1985). Essas alterações funcionais levam o indivíduo a ter um maior aumento da freqüência respiratória, em maior volume de ar corrente durante o esforço, o que leva a aumentar o trabalho da respiração.

Nos indivíduos normais, em qualquer idade, a função respiratória não limita a capacidade de realizar exercícios, as alterações ventilatórias que ocorrem com o envelhecimento, não impedem uma melhoria significativa da capacidade aeróbica após o treinamento. À semelhança do que ocorre em indivíduos jovens, nos idosos sem doença respiratória, o sistema de transporte de oxigênio, depende mais da capacidade periférica e cardiovascular do que da capacidade respiratória.

Sistema músculo-esquelético

A musculatura é responsável por aproximadamente 40% do peso corporal. Existem muitos tipos de músculos no organismo com variadas funções, mas basicamente existem dois tipos de fibras musculares: as estriadas e as lisas. Inclui-se nas perdas deletérias do organismo, uma perda natural com o passar do tempo de fibras musculares, ocasionada pela diminuição da massa e da força muscular.

O envelhecimento causa reduções na massa muscular, tanto no volume como no número de fibras musculares. Em termos funcionais, a força muscular diminui em aproximadamente 20%, aos 65 anos. As alterações ultra-estruturais incluem a desorganização dos miofilamentos e mudanças na

estrutura e distribuição das mitocôndrias, que resultam em menor capacidade oxidativa por grama de músculo.

A dor muscular, as cãibras e o espasmo são manifestações regulares nos indivíduos, na terceira idade; a dor muscular vem sempre acompanhada pelo espasmo muscular, onde se salienta a dor nas costas ou lombalgia, a má postura favorece as dores musculares.

A perda óssea progressiva constitui um evento comum nesta faixa etária. As mulheres com mais de 35 anos perdem massa óssea em um ritmo de aproximadamente 1% ao ano. Os homens começam a perder massa óssea por volta dos 55 anos, chegando a perder de 10 a 15%, aos 70 anos. A perda de massa óssea pode ser acelerada devido às condições que o organismo senil oferece, tais como baixa ingestão de cálcio dietético, diabetes mellitus, deterioração renal ou imobilidade. Observam-se também alterações qualitativas dos ossos. A perda resultante da força óssea predispõe a ocorrência de fraturas, que constituem uma causa importante de morbidez e até mortalidade no idoso (Fitzgerald, 1985).

Percebe-se uma redução na flexibilidade com o envelhecimento, entretanto, os estudos ainda não confirmam se este fato é devido ao envelhecimento biológico, ou se resulta das doenças degenerativas e da inatividade que ocorre com maior freqüência no idoso.

Os rins e as Vias urinárias

Os rins seguem a mesma regra dos outros órgãos, com a idade passam por um processo de perda celular, diminuição da sua capacidade de filtragem e reabsorção. Devido a tais perdas, que são pertinentes a esta idade, os indivíduos estão sujeitos a intoxicações por alimentos ou medicamentos. Os rins tem a função de excretar o excesso de água, os elementos finais do

metabolismo, tais como a uréia e o ácido úrico, e inclusive os sais na forma de urina. O trabalho dos rins é de suma importância para a manter o equilíbrio de água no organismo e também interfere na acidez do sangue. O equilíbrio da pressão arterial, também depende de um bom funcionamento dos rins, do mesmo modo o metabolismo do cálcio, do fósforo e do magnésio; os rins constituem-se na principal via de eliminação de medicamentos.

A doença renal ou das vias urinárias pode ser detectada também pela diminuição na quantidade de urina, oligúria ou pelo seu aumento, poliúria. O rosto inchado e a hipertensão arterial podem ser sintomas da doença renal ou nefropatia. O distúrbio metabólico da doença renal tem como característica o aumento da uréia e da creatina no sangue. Contudo, o descontrole da micção causa-lhes um maior desconforto tanto na dimensão fisiológico como na dimensão social; doença comum da bexiga, que pode ocorrer no acidente vascular cerebral, em certos tumores cerebrais e nas lesões da medula espinhal. As doenças nervosas ou neurites também podem provocar um distúrbio no controle da micção, como por exemplo a polineurite diabética.; tal descontrole pode manifestar-se tanto como incontinência como retenção urinária. A incontinência urinária é comum na pessoa idosa e está relacionada a múltiplos fatores como por exemplo a flacidez da musculatura do períneo em mulheres multíparas, a infecção urinária e com a emoção.

A Pele

A pele de um indivíduo pode revelar a sua idade, a pele jovem é tensa, lisa e brilhante. Com o passar do tempo ela distende-se, relaxa-se torna-se seca, áspera e sem brilho. A pele pode ser considerada como o maior órgão do corpo humano, formada por um conjunto de células agrupadas, é um tecido em constante reconstituição, no entanto é o primeiro a denunciar

socialmente o seu inexorável envelhecimento. A pele tem como funções básicas a proteção e regulação da temperatura corporal, atua como uma barreira protetora que impermeabiliza, impede a perda de líquidos, a penetração de substâncias e de micro organismos. Também protege o organismo dos efeito das radiações ultravioletas do sol e inclusive é a base de reações imunológicas relacionadas com a defesa do organismo. Ao chegar à terceira idade, todas as funções da pele decaem, tornando-se mais frágil, mais exposta às agressões do meio ambiente, especialmente aos raios solares que por sua vez aceleram o processo de envelhecimento da pele. O envelhecimento da pele não foge ao processo global de redução de atividade dos tecidos e dos órgãos, com todas as suas conseqüências recaindo sobre a sua aparência, a sua textura, a sua consistência, assim como as suas funções.

A capacidade de retenção de líquidos também sofre uma redução com a chegada da velhice. Há ainda a perda de alguns depósitos de gordura sob a pele. A desidratação (perda de água da pele) inicia-se em torno dos 25 anos e paulatinamente há a perda de fibras do colágeno, proteínas que asseguram a sua elasticidade. Com o peso dos anos a sua elasticidade fica comprometida e a pele tende a se tornar mais delgada e enrugada. Há também a diminuição no número dos vasos sangüíneos e inclusivamente da sua função imunológica, o que possibilita as infeções.

As doenças da pele podem acorrer em independentemente da idade, mas na terceira idade observa-se com freqüência o surgir de angiomas, ou manchas avermelhadas e o crescimento de cistos sebáceos subcutâneos. As manifestações cutâneas são muitas e variam desde as simples alergias até aos distúrbios, tais como as erupções, eczemas, manchas, bolhas, vesículas, pústulas, urticária, coceiras, nódulos ou tumores e até mesmo as manifestações cancerosas. Existem outras doenças que se manifestam através da pele, a diabetes é um exemplo, bem como as doenças emocionais que também podem causar inúmeras manifestações cutâneas. Contudo, destacam-

se as infeções, a escara de decúbito, os tumores da pele e a dermatite ou eczema (Robert 1983).

Com o avançar da idade, a infecção cutânea surge com freqüência; a erisipela é bem comum e é causada por um bactéria denominada estreptococo. Causa febre, lesões avermelhadas na pele e rosto, evoluindo com alguns pontos de pus; esta manifestação ocorre devido a lesão da pele que pode ser provada por algum ferimento ou mesmo por uma intervenção cirúrgica. A escabiose ou sarna é uma infecção contagiosa e tende a tornar-se crônica, ela esta diretamente relacionada com a higiene pessoal do indivíduo e inclusive a dermatites; compromete toda a superfície corporal, causando manchas avermelhadas e coceiras. As lesões cutâneas podem infectar-se com bactérias.

As escaras de decúbito aparecem em situações de imobilidade corporal, paralisias entre outras doenças e localizam-se preferencialmente na região sacral e infectam-se propiciando o surgimento de abcessos. A escara é a úlcera de pressão ou de decúbito que se forma devido à imobilidade corporal. O que ocorre é de fato uma lesão da pele, necrose, por conta da compressão das partes moles do corpo situadas entre o osso e uma superfície externa dura. O sintoma inicial desta enfermidade é a vermelhidão da pele, que evolui com a lesão da pele e do músculo, podendo chegar até ao osso. Estas manifestações ocorrem em indivíduos que por alguma enfermidade permanecem algum tempo na mesma posição, até mesmo imobilizados. Os locais com maiores incidências de escaras são os tornozelos, os calcanhares, as nádegas (região sacral) e cotovelos.

Os tumores de pele surgem com uma certa regularidade com a terceira idade. Podem ser benignos ou malignos. Em geral, apresentam-se como lesões de consistência firme, de bordas irregulares, crescem rapidamente e sangram com facilidade. As hiperplasias sebáceas ou cistos e os lipomas são os tumores benignos da pele de maior incidência. Já os

tumores malignos que surgem com maior freqüência são os carciomas. Tais tumores estão ligados a exposição a radiação ultravioleta e situam-se em áreas sujeitas a exposição solar, cabeça, face, braços e mãos. O tumor basocelular ou câncer de pele é o mais comum nesta faixa etária.

A dermatite ou eczema é um tipo de reação da pele que pode estar relacionada com fatores internos ou externos. Os internos normalmente estão relacionados a doenças como a diabetes ou doenças circulatórias, já os externos ou ambientais podem ser substâncias químicas, luz solar, bactérias ou fungos, e até mesmo por uso de medicamentos. A alergia é o fator que mais causa a dermatite ou eczema, e esta relaciona-se com as vestimentas, substâncias químicas e as doenças alérgicas, denominada de dermatite de contato. A pele é o principal foco das manifestações alérgicas, as alergias podem manifestar-se sob a forma de vermelhidão ou sob a forma de dermatite. A alergia mais comum nesta idade é a medicamentosa, devido ao uso constante de antibióticos, drogas anti-diabéticas, anti-hipertensivas entre outras de freqüente uso. Um corpo idoso também é propenso às doenças circulatórias, neurológicas e algumas situações que os obrigam a permanecer em imobilidade. São as principais incidências de dermatites que levam inclusive às escaras de decúbito. A diabetes pode causar-lhes erupção nos pés ocasionado por disfunções circulatórias locais e a falta de sensibilidade. Tais lesões evoluem e chegam a úlceras. As varizes ou insuficiência venosa de pernas também propiciam a dermatite bem como as neurites, pois estas facilitam as lesões traumáticas por causa da insensibilidade local.

Os folículos pilosos reduzem-se e por conseguinte há a queda no número de cabelos e pelos, somados à diminuição na produção de pigmentos que dão a coloração aos cabelos, assim sendo uma característica do idoso possuidor de uma cabeleira esbranquiçada. Já as unhas tornam-se fracas e quebradiças (Franceschini 1997).

Todos estes efeitos do tempo sob o corpo ocorrem num ritmo que varia entre os indivíduos. Não se produzem de forma continuada, mas em processos evolutivos seguidos de períodos de estabilidade. O envelhecimento a nível orgânico é caracterizado por mudanças gradativas e irreversíveis ao longo do tempo, onde o catabolismo é maior que o anabolismo. A maior expressão do envelhecimento dá-se ao nível do sistema nervoso central, onde ocorre a diminuição da substância cinzenta nas regiões cerebral e medular, com o aumento progressivo de pigmentos à base de ferro. Todavia, o que mais incomoda os indivíduo nesta fase da vida são as marcas socialmente visíveis da velhice. E isto será tratado ao pormenor nas conclusões.

A sociedade supervaloriza a aparência com o objetivo básico de manutenção ou em busca do belo e do jovem, e neste contexto a pele é de suma importância. "A pele é um órgão. Longe de ser um simples invólucro, ela participa intensamente na nossa atividade social, intelectual, psicológica e afetiva" (Franceschini, 1997:22). A aparência da pele, a coloração dos cabelos e a estrutura muscular são os principais incômodos a serem modificados. A crença no rejuvenescimento conduz os indivíduos aos mais diferentes métodos e técnicas de rejuvenescimento. A indústria de cosméticos por sua vez, lança no mercado consumidor inúmeros produtos com promessas de embelezamento da pele. Na realidade, todo e qualquer produto, diminui superficialmente a desidratação, o que pode causar uma sensação útil e agradável ao usuário, mas estes não chegam ao nível das mitocôndrias o que seria necessário para "interromper" o envelhecimento. São inúmeros os cremes propagados com o objetivo de aumentar o tônus da pele, torná-la firme e proporcionar o desaparecimento das rugas, mas estes também atuam só como hidratantes. E a cosmética vai mais além, existem cremes à base de gorduras (lipossomos) ou outros à base de extrato de timus que afirmam ter a capacidade de penetração na pele e por conta disto causarem a sua regeneração. Cientificamente ainda nada foi comprovado. As academias de

ginástica auxiliam na manutenção do físico em função dos padrões clássicos de beleza, o que pode ser observado nas suas decorações interiores; painéis que expõem corpos estruturados, esbeltos, trabalhados nos padrões das exigências vigentes.[28]

Resistir ao processo inexorável mantendo-se em atividades públicas, motiva-os mesmo em pleno estado de degenerescência, como apresentamos em todas as implicações anátomo-fisiológicas aqui tratadas, entre muitas outras que aqui não nos interessam. O que de fato nos preocupa neste estudo são os valores orientadores que regulam a manutenção destas atividades, pois as representações sociais atribuem à velhice uma perda de identidade ou até mesmo um sentimento incrédulo aos que a ela chegam; obter novas experiências é algo de impensado até então, no dito de Sartre é irrealizável. Todavia, o grupo por nós estudado vê no corpo a possibilidade de estruturar ou manter um eu, novo ou renovado.

O valor do corpo como expressão de uma auto-identidade: símbolos e interações presentes nas atividades físicas e desportivas

Ao falarmos de um "eu" estamos falando de um corpo onde reside este "eu", parte integrante de um sistema de ações que são suscitadas, ora pelas necessidades (respirar, comer...), ora pelas vontades (nadar, correr...) que é a própria tomada de consciência corporal que possibilita o ser e estar no mundo. Nos ensinamentos de Heidegger (1997 a), encontramos o "está aí", entendido não com um caráter objetivo, mas como uma expressão que caracteriza a experiência do corpo, de um corpo presente.

[28] As observações são frutos tanto de leituras como de vivência cotidiana no universo das academias, em cidades brasileiras e atualmente em Portugal.

Neste ponto do estudo, da produção de conhecimento e da vida, já não podemos ignorar que a partir da clarificação das idéias se verifica que "*somos o nosso corpo e por isso sabemos que o homem é mortal. O absoluto do nosso corpo é o absoluto do nosso «eu»* "(Vergílio Ferreira, 1994:255). E por conta disso este "eu" tem um papel preponderante na vida cotidiana, pois organiza-a enquanto identidade (conceito de referenciação), junto aos seus caracteres próprios e/ou do grupo de pertencimento, onde é possível passar à singularidade (conceito existencial) nos diversos modos de existir dentro de um mesmo quadro de referências (Guattari, 1986). O que também nos é claro e evidente, que apesar das relações de trocas econômicas e simbólicas travadas no vasto campo social, das diversas representações de modos de produção, se vive e morre numa relação tremendamente singular. Com base nessas referências passaremos para um breve entendimento do que venha a ser auto-identidade.

Tomaremos o seu conceito relacionado às questões existenciais, o que não é pura e simplesmente um resultado das ações dos indivíduos, mas pelo contrário é fruto de uma sistemática constante, uma rotina com base em atividades reflexivas do indivíduo.

> *"A auto-identidade não é um traço distintivo, ou sequer uma coleção de traços, possuídos pelo indivíduo. É o self tal como reflexivamente compreendido pela pessoa em termos da sua biografia. Aqui a identidade ainda pressupõe continuidade através do tempo e do espaço: mas a auto-identidade é uma continuidade tal como interpretada reflexivamente pelo agente"* (Giddens, 1994:47).

E o autor prossegue a sua reflexão incluindo o componente cognitivo de Pessoa. "*Ser uma "pessoa" não é apenas ser um actor reflexivo, mas ter um conceito de pessoa*"(:47).Onde sabemos que tal conceito sofre variações em conformidade com a cultura em causa, embora ele venha a salientar a possibilidade de elementos comuns a todas as culturas. O que para nós é óbvio a encarnação do self num corpo, pois é onde a existência se materializa e manifesta em termos de práticas e relacionamentos com as outras pessoas e com o mundo dos objetos.

A teoria fenomenológica da personalidade de Carl Rogers visa a compreensão do "eu" na sua unicidade. Os estudiosos da fenomenologia entendem o ser humano como um todo integrado, uma pessoa e que isso não pode ser de outro modo, nem se quer pela junção das partes que o compõe. O "eu" é apresentado como um modelo interno que se constitui a partir das interações com o mundo em busca da auto-realização, isto é o que motiva o comportamento humano. Os impulsos fisiológicos são relegados para o segundo plano, de menor importância para a personalidade. A teoria do "eu" de Carl Rogers, tem por base as suas experiências clínicas.

Assim como Descartes no século XVII e Rousseau no século XVIII, Rogers (1902-1987) acreditava na possibilidade de crescimento natural das pessoas, em que estas seriam criaturas positivas, com elevado nível de racionalidade e consequentemente estariam sempre em harmonia com os outros e consigo próprias. Enfim para ele a bondade era essencial na natureza humana. É importante salientarmos que a importância do estudo da unicidade e da singularidade da personalidade da pessoa, reside na fenomenologia de Rogers, onde o papel do "eu" é apresentado como um todo integrado.

No entendimento arendtidiano a pessoa é o indivíduo que se abre ao mundo através de comportamentos, atitudes e palavras singularizados, mas é

sempre mais do que os atos e palavras apresentados. Portanto, não se pode afirmar com certeza que o eu interior não possui um «ser-aí».

O corpo ocupa de fato um lugar social, pois todas as pessoas ao nascer, nascem situados em algum lugar no espaço, quer seja político-geográfico, quer seja sócio-cultural, todos de alguma maneira, são identificados e exprimem um espaço de pertença, onde serão acessórios de algum lugar na sociedade. As técnicas corporais, todo o seu movimento está ligado a um sistema cultural e simbólico que atua inconscientemente nos corpos.

> *"O símbolo estuda-se a partir do simbolismo que se define simplesmente pela arte de simbolizar, quer dizer, o uso do símbolo e a sua experiência que segundo tudo indica, só se encontra desenvolvida no gênero humano..."* (Lima, 1983:37).

O símbolo é entendido como forma de representar, que faz aparecer o sentido, dentro de uma essência singular para o indivíduo, mas que possui uma pluralidade de sentidos introjetados. A dimensão do simbólico é inesgotável, mas podemos destacar um componente fundamental que interage com esta: o componente imaginário, existente em todo símbolo e simbolismo, em qualquer nível de atuação. As relações entre o simbólico e o imaginário, merecem uma reflexão, no seguinte aspecto: o imaginário "utiliza-se" do simbólico, não pura e simplesmente como forma de expressão, mas para "existir", ganhar corpo, sair da abstração.

Douglas (1978), salienta que cada sociedade elege determinados símbolos dentro de um grupo comum e universal de símbolos, onde as representações do corpo são pertinentes. Não podemos deixar de apontar para

as relações existentes entre sentido e poderio, sistemas simbólicos e estruturas de dominação; o poder simbólico é invisível, até mesmo indizível, mas deixa as suas marcas, nos corpos, de diferentes formas. Torna-se necessário saber identificá-lo, pois ele apresenta-se camuflado, passando despercebido. Contudo o seu exercício só é possível com a cumplicidade dos que ignoram a sua existência. O fator simbólico participa do processo de construção da realidade, sendo apresentada de tal forma que a sua decodificação implica uma unidirecionalidade no sentido do mundo, sentido este que é construído segundo a lógica do imediato. Os valores que condicionam os comportamentos, as censuras que exercem sentimentos de culpabilidade são estruturas que atuam diretamente no corpo, governando o seu crescimento com normas de peso e estatura. A sua conservação com práticas higiênicas e culinárias; sua apresentação com cuidados estéticos e de vestimentas; e sua expressão afetiva com os signos emocionais. O corpo assume um valor social e cultural que interfere diretamente na aparência, nos sentimentos e na sua visão de mundo como um todo. Esta estruturação social e cultural do corpo, por uma parte afeta toda a espontaneidade mais imediata do indivíduo, quiçá a mais natural, por outra parte, isso não é fruto só da educação propriamente dita, mas inclui-se todo um processo mimético e adaptativo do indivíduo aos hábitos em voga.

As atitudes são incorporadas e os comportamentos afetos ao cotidiano de um modo geral, são manifestos em conformidade, como já mencionamos, com o sistema cultural e simbólico que acaba por estruturar socialmente o corpo, onde o contrário também é verdadeiro. Aqui encontramos uma via de mão dupla. Tais atitudes pouco a pouco adquirem os seus valores simbólicos que estão incluídos numa significação coletiva. Os aspectos motores e corporais expressam em alguma medida, o grupo social de enquadramento do indivíduo.

Numa outra perspectiva Foucault (1979) fez uma análise do corpo entroncado com as relações de poder, os mecanismos de disciplina que o poder exerce sobre o corpo na modernidade. Ele explica que o poder toma o corpo sem deixar marcas impressas, mas todavia impetra uma disciplina interna e de auto-controle produzindo "corpos dóceis". Esta leitura feita por Foucault marcou uma época, mas acreditamos que nesta possível teoria social ficou de fora a relação entre o corpo e a sociedade em que ele está inserido. Anterior a Foucault outro ponto de vista foi desenvolvido por Merleau-Ponty, (em tópico anteriormente apresentado) e na atualidade por Goffman.

> *"A disciplina corporal é intrínseca ao agente social competente; é transcultural mais do que especificamente ligada à modernidade; e é uma característica contínua do fluxo de conduta na «durée» da vida diária...o controlo rotineiro do corpo é parte integrante da própria natureza tanto da agência como do ser-se objecto da confiança dos outros..."* (in Giddens, 1994:51).

O controle regular do corpo na atualidade passa a ter um outro significado. Os valores reguladores da sociedade contemporânea ancoram-se também num poder simbólico e este contribui para a manutenção da saúde e da estética corporal. Tais valores admitimos que tornam os corpos dóceis sim, em relação aos ditames fortalecedores da sua própria auto-identidade, onde o corpo vê e é visto numa troca simbiótica, quer seja em ginásios desportivos, academias para treinos específicos, ou em outros palcos de atividades corporais e exibições constantes. A aprendizagem do controle corporal, passa por um cuidar do corpo com competência e exige uma vigilância sistemática,

continuada em todos os tratos com o corpo; ter o controle do corpo passa a ser o tema central da vida, pois nele se encontra o enquadramento de todas as possibilidades. Contudo, sabemos que autores como Wittgenstein, Goffman, Garfinkel entre outros, com base em dados empíricos admitem que as esperas acerca do controle rotineiro do corpo, são incontáveis diante de tantas experiências advindas das interações sociais. E assim sendo, o corpo faz parte do projeto reflexivo que compõe a auto-identidade e os diferentes modos de ser e estar no movimento da vida.

Mauss (1979:352), em seu célebre artigo sobre as técnicas do corpo, diz que "*...o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem*". Para ele o corpo é o meio técnico com o qual o homem se comunica e é capaz de se adaptar constantemente tanto aos objetos como a situações condicionadas e condicionantes da sociedade a que pertence, o lugar que nela ocupa por meio de ligações simbólicas. O autor apresenta mais uma forma de entendimento do corpo e revela precisamente "*...as maneiras em que os homens em cada sociedade, de um modo tradicional sabem servir-se do seu corpo*"[29] (:345). Ele entende técnica corporal como "*ação tradicional e eficaz*" (ibidem) e propõe dois tipos de classificação para o estudo das técnicas corporais, a saber: o primeiro tipo ele classificou como sincrônica ou horizontal, que obedece a quatro critérios: a) o critério da diferença sexual que segue os modelos masculino e feminino, definido por uma tradição social, e aqui acrescentamos cultural e biológica; b) o critério da diferença de idade onde as técnicas corporais dos adultos são encontradas também nas crianças como modelo de atitude valorizado por aquela sociedade; c) o critério do rendimento em que as técnicas se diferenciam pela maior ou menor comprovação de aproveitamento ou eficácia; d) o critério de transmitir as formas das técnicas corporais, aí reside de fato os gestos motores

[29] Tradução nossa da edição espanhola Op. cit.

utilizados nas práticas das atividades físicas e treinamentos desportivas. O segundo tipo ele classificou mais sistematicamente, pois orientou-se pelos diferentes estágios da vida do indivíduo, a saber: a) as técnicas corporais relacionadas ao nascimento, as diferentes maneiras de dar à luz, os cuidados com o recém nascido; b) as técnicas corporais relativas à infância agrupam todas as técnicas de alimentação, transporte dos bebes, o seu desleitar e o desenvolvimento básico para aprender a caminhar; c) as técnicas corporais da adolescência estão relacionadas à iniciação, na sociedade atual os comportamentos adquiridos, mantidos e inculcados pela educação formal e não formal, irão acompanhar as transformações do seu corpo. Nas sociedades mais arcaicas a iniciação do adolescente no mundo do adulto assume formas rituais bem complexas que consagram a sua metamorfose corporal e o seu passo ao mundo dos adultos; d) as técnicas corporais da idade adulta, classificam-se atendendo aos momentos essenciais da sua jornada diária: desde o sono à vigília, diferentes são os modos de atuar dos indivíduos, nos cuidados higiênicos, as várias formas de comer e beber, bailar, saltar, trepar, nadar, empurrar transportar entre outras. E finalmente as técnicas de tratamento das doenças, as terapêuticas, a medicina, os curandeiros e toda uma gama de crendices em busca das curas (1979:338-356).

E aqui ousamos observar que, o autor em tela, não levou em consideração a estruturação ou reestruturação corporal que o indivíduo idoso passa, para continuar inserido em algum grupo social. De fato este grupo etário cria mecanismos utilitários e instrumentais, para dar continuidade a mais esta etapa da vida.

A classificação de Mauss contribui para uma definição das técnicas do corpo e aponta para um postulado em que todas as atitudes e atos corporais são simultaneamente utilitários e instrumentais para a vida do homem. Como foi visto as expressões corporais podem traduzir as semelhanças e as diferenças existentes em cada cultura, mas também

incluímos no elenco acima, as técnicas específicas, próprias de cada modalidade desportiva.

A comunidade científica, os especialistas em técnicas corporais, os estudiosos da biomecânica, da ergonomia entre muitas outras comunidades, interferem diretamente nas relações do/e com o corpo do atleta e a sua identidade pessoal. Cada corpo é trabalhado para a sua especificidade desportiva, pois dele será exigido a racionalização do movimento, com o intuito de obter um melhor resultado, a melhor performance, fazendo do corpo que domina algumas destas técnicas um grande laboratório. E com este uso os especialistas até conseguem instituir modelos, escolas para determinadas modalidades desportivas, espalhando um valor cultural, socializando um movimento com base em interesses práticos ou até mesmo estéticos. Os gestos são socializados nos eventos desportivos e/ou nos intercâmbios entre as equipes do mesmo nível, transmitindo a essência da formação profissional, a troca dos saberes entre os especialistas das diversas áreas afins.

Os mitos estudados pelas filosofias, tem o contributo da medicina, como por exemplo, o corpo máquina desenvolvido por Descartes, o corpo como sistema dinâmico de Leibniz podem perfeitamente ser integrados na mitologia do corpo percebido como instrumento de ação, onde a sua forma espiritual (alma) é a própria dimensão da consciência do indivíduo e a sua forma material (corpo) é movida pela necessidade do trabalho. "*Os mitos projetam em valor aquilo que valorizamos. E aquilo que valorizamos projeta a nossa valorização do homem*" (Vergílio Ferreira, 1994:253). Nas atividades físicas e desportivas esta mitologia de ação tem encontrado um grande espaço, haja vista o que ocorre nas sociedades industriais contemporâneas, onde o corpo desportivo tem ocupado a última forma das mitologias corporais.

O corpo nas atividades físicas e desportivas admite de modo lato uma representação social saudável, de liberdade, de bem estar e de poder. Os mitos religiosos, médicos, filosóficos e incluímos também os ideológicos (onde muitas vezes os desportistas "emprestam" as suas imagens), interferem de modo mais ou menos consciente nas representações de corpo apresentadas pela sociedade (palco e platéia do espetáculo, atletas e espectadores). Em conformidade com a cultura em causa estas representações modificam-se, ganham formas que enriquecem ou empobrecem de acordo com o seu gosto e critério "*...todos os seres humanos, em todas as culturas, preservam uma divisão entre as suas auto-identidades e os desempenhos que levam a cabo em contextos sociais específicos*". E Giddens (1994:51) admite esta idéia e a ampliamos para o contexto desportivo como palco de realizações do Eu, que em certa medida, permitem uma narrativa biográfica ao praticante das atividades físicas e desportivas, possibilitando-lhe uma segurança ontológica. O corpo manifesta-se sempre, mas nem sempre se percebe aquilo que ele tenta comunicar; as atividades do dia-a-dia, os cuidados constantes com o corpo, associados aos símbolos reguladores contribuem para uma aparência normal, para uma dignidade e integridade corporal.

Acatamos a idéia de Douglas quando afirma que cada sociedade elege alguns símbolos dentro de uma pluralidade, mas em concomitância a isto percebemos que cada cultura tem os seus próprios perigos e problemas específicos e assim sendo, cada uma concede um tipo de poder a esta ou aquela parte do corpo, de acordo com a situação em que o corpo se encontre. Contudo, é no corpo como um todo que reside a sua fundamental importância, pois ele não só rememora em todas as sua partes os significados das coisas e dos seres que percebe e sobre os quais trabalha, como também é no corpo que está a origem de todos os outros símbolos, sendo o ponto de encontro constante entre os elos, e o símbolo de todos os símbolos existentes e possíveis. E com esta linha de entendimento, é-nos possível observar o

corpo através da polissemia dos discursos simbólicos elaborados por cada cultura, nos diferentes momentos da história da humanidade.

A fim de apreendermos alguns destes sentidos expressos sobre o corpo, admitimos como exemplo as diferenças e semelhanças apresentadas por Brohm (1982), para a época clássica e moderna acerca do corpo no desporto:

- na cultura grega, o corpo era natural, orgânico e sobretudo de inspiração religiosa, enquanto que para a concepção moderna o corpo é antes de tudo uma máquina de rendimento que busca sempre a superação dos recordes. A ginástica para os gregos era inseparável de uma concepção de corpo condicionada por uma *metafísica de lo finito (*grifo do autor). O desporto para os modernos relaciona-se com uma filosofia mais ou menos coerente com a teoria do progresso, a fé absoluta na razão, ou seja, o iluminismo.

- Para a cultura grega, o corpo formava parte de um todo, onde havia uma harmonia entre o físico, o moral e o espiritual. A prática da atividade física e desportiva realizada pelos antigos gregos era junto com as cerimônias religiosas e culturais, ajustando-se também a ideologia, tendo uma preocupação central com o desenvolvimento integral do indivíduo. Observa-se um contraste com as práticas desportivas modernas, onde se sobrepõe as preocupações com as realizações físicas, o melhoramento da sua própria marca, sem preocupações com outros tipos de formações.

- As competições dos antigos desportos gregos eram parte integrante das cerimônias religiosas, como apresentam Berger e Moussat, nos escritos de Brohm; ...a ambição dos antigos sempre foi a busca do triunfo sobre os seus competidores diretos, daquele momento, e seria impossível ser diferente pois o peso dos seus discos por exemplo, variava tanto quanto a pedra, o bronze e o ferro de que eram feitos. A superação do concorrente era no ato da própria corrida, pois não havia nenhum instrumento de medida para fazê-lo a

posteriori. - A medida quantitativa sistemática era algo que não se pensava no desporto grego, o que é uma grande diferença para os desportos modernos, onde cada vez mais se sofisticam as medidas de avaliação, os meios de aferir, as técnicas corporais e o físico-desportivo dos competidores; a precisão de tais medidas é uma das categorias centrais do desporto de competição moderno. "*No desporto antigo, - o adversário a vencer não era um símbolo abstrato, cronometrado e medido – o recorde - , senão um concorrente de carne e osso: o rival direto*" (1982:81-85)[30].

E o autor afirma que este tipo de entendimento do corpo nas atividades físico desportivas, pode ser reflexo dos respectivos estilos de vida de cada época comparada, modelos de sociedade diferentes; uma sociedade possuidora de um mercado simples e outra de mercado capitalista complexo. Para uma o trabalho tem um significado concreto, enquanto para a outra abstrato; o valor do uso é central para a primeira e para a outra o valor é de troca. E as reflexões de Brohm, apontam para a diferença entre os modelos em causa. O desporto antigo obtinha apoio nas relações de produção social escravagistas. Todavia o desporto moderno tem por base as relações de produção capitalista. As escolhas dos símbolos orientadores dentro de uma pluralidade, direcionam as características do antigo e do moderno, onde verificamos mais uma vez as práticas corporais, no centro dos valores orientadores, organizando e estruturando a vida social. Estes conceitos ideológicos estão em conformidade com a visão de homem, mundo e sociedade do autor em tela.

Mas todavia, o foco de interesse neste ponto do estudo, é o caminho axiológico que o corpo do atleta percorre, mais especificamente o idoso, que de acordo com o nosso grupo de estudo, tem pautado a sua vida nestas atividades por nós enfocadas. O atleta passa a ser e ter um "*corpo próprio*", a

[30] Tradução nossa da edição espanhola Op. cit.

fim de atender às necessidades da sua modalidade desportiva e a partir de uma estruturação simbólica a sua identidade é expressa, materializa-se e assume o seu valor, naquele determinado espaço social. Se em Descartes, o papel do corpo era abrigar a alma, na atualidade o corpo exerce o papel de abrigar as realizações e expressões do Eu, novo ou renovado na perspectiva do idoso.

O corpo do idoso nas atividades físicas e desportivas: existência, resistência e manutenção

As atividades físicas e desportivas parecem-nos ser um motor da luta contra a morte. Em certa medida, estas representam a materialização de alguns sonhos ou desejos até então postergados ou nunca dantes pensados. Os indivíduos em causa, de um modo geral, estão conscientes do processo degenerativo em que se encontram, mas não estão apáticos a ele. "*O envelhecimento do meu corpo é o espelho que mo ensina, ou é a imagem nos outros ou a objetivação que promovo quando o observo exteriormente*" (Vergílio Ferreira, 1994:258). A intemporalidade faz-se presente. Mesmo diante de tal consciência, eles assumem comportamentos até então considerados só para os mais jovens. As limitações corporais inevitavelmente apresentadas são acompanhadas por uma adequação necessária para a realização das suas vontades em relação às práticas escolhidas por eles.

A fenomenologia da vontade encontrou algum assentamento na fenomenologia husserliana, que tratou não só da fenomenologia da percepção mas também, mesmo que de forma alusiva, tratou dos fenômenos afetivos/ axiológicos/volitivos.

> *"Se é certo que toda a consciência é consciência de, a tarefa de uma fenomenologia da vontade consistirá em verificar, numa esfera particular – a esfera prática – o alcance universal da tese central da fenomenologia"* (Ricoeur, 1988:141).

Ricoeur refere-se a Descartes e aponta para o que ele chama vontade ao poder de dizer sim ou não, uma ação entroncada a todo o juízo; e por conta desta intuição, a fenomenologia da vontade liga-se diretamente com a fenomenologia da percepção por intermédio da teoria da crença, aquela que define todas as possibilidades do ser, do ser real, ser possível. Esta teoria é uma tomada de posição que implica na noção de ato, aquilo que é possível ser concretizado, "*...efetuado, recuperado, mantido, suspendido; o ato é o «eu posso» do «eu penso»" (:143).* As teses volitivas mostram-se de algum modo fundamentadas na ação, onde o corpo é a própria expressão do vivido, do querido para viver, o sentir do corpo na ação.

O corpo e a existência, o corpo e a vida estão sempre presentes de uma forma concreta, como dados das experiências que constantemente os impulsionam em busca de um equilíbrio, pois as situações de desequilíbrios são constantes, movem a todos em busca de outras situações de equilíbrio. Tomemos como exemplo, os idosos praticantes das atividades físicas e desportivas; como todos os outros indivíduos, tem por base as estruturas temporais direcionando o percurso das suas vidas, a ordem rítmica dos seus hábitos que paulatinamente se modificam. Desequilibram-se pelos efeitos deletérios do tempo, mas ganham um outro equilíbrio em seguida até ao encontro das situações-limite (nascer/morrer, onde a morte é uma sombra presente para os idosos), expressão largamente empregada por Jasper relacionada com a existência. A procura da integridade do corpo, da alma e

do todo em uma só coisa, tem sido perseguida pelos grupos estudados aqui e em outro estudo por nós efetuado[31], o que nos leva a crer que tal atitude tem como propósito construir ou manter abertos projetos de vida para o futuro (entendido como o que se pode viver no agora, no hoje), admitem desse modo novas possibilidades, já que não são capazes de unir o começo com o fim.

A resistência e a força do corpo quase não são expressas se não passarem por distúrbios, falando Gadamer (1997), do primado da doença sobre a saúde. É notório que o início do processo de cura começa pelo surgimento da doença.

> *"Contrapõe-se-lhe, decerto, o primado ontológico de ser-são – a naturalidade de estar vivo -, estado em que nos sentimos inclinados a falar de bem-estar, na medida em que o experimentamos. Mas que é o bem estar senão um ocupar-se de si mesmo, de modo a estar aberto e pronto a tudo?* " (Gadamer 1997:73).

O corpo e a doença são estados constantes na perspectiva senil, o que de algum modo é um indicador de brevidade da sua vida. O ser integral significa ser saudável *ser-são*. Para os masters esta expressão assume uma outro sentido: *ser-são* é ser atuante em grupo, de atividades físicas e desportivas. A doença algumas vezes é "camuflada" por eles pela sanidade das práticas assumidas nos seus hábitos cotidianos. Tais atividades atuam com verdadeiras panacéias. Há nos idosos em causa, uma abertura ou até

[31] Lacerda e Santiago (1993), desenvolveram estudo acerca das representações das práticas corporais suaves relacionadas ao cotidiano dos seus praticantes, onde a busca da unidade aparece como expectativa dos entrevistados, no entanto um dualismo manifesta-se ao referirem-se ao corpo e a mente em separados, mesmo que numa tentativa de associar ambos, como se o dito retratasse a força da dicotomia, traindo a proposta de união inicialmente apresentada. Ver anexo I.

mesmo uma entrega às práticas escolhidas, pois estas garantem-lhes uma presença, o preenchimento de um lugar na sociedade, onde o corpo entra como possibilidade de realização e expressão desta experiência produtiva, não rentável economicamente, mas que viabiliza o seu estar-no-mundo sem estar isolado.

A manutenção do corpo do idoso é um processo/produto daquilo que as suas circunstâncias lhe permitem, a experiência do próprio corpo é aqui sustentada e constituída pelo modo de existir de cada indivíduo, como o "estar sendo" acontece no transcorrer da sua vida. A expressão heideggeriana ser-no-mundo (já utilizada neste estudo), indica ser corpóreo, de existir na presença de um corpo. O fundamento da existência tem por base a resistência do mundo e do meu corpo. "*O que me resiste, existe; o que existe, resiste-me*" (Entralgo, 1989:125). Acreditamos que pela força da crença e da vontade dos masters, eles encontram formas de resistência corporal naquilo que fazem. Ter consciência das suas limitações implica ter resistência/ manutenção corporal o que de qualquer modo "*o meu mundo é para mim real ... porque me resiste, porque resiste ao meu corpo*" (Entralgo,1989:125). Esta consciência de si é fruto das percepções corporais (consciência via percepção), que adquirem forma junto ao corpo como um todo, intervindo nos diferentes modos de vida ou práticas sociais.

> "*Qualquer discurso sobre o corpo parece ter que enfrentar uma resistência. Ela provém certamente da própria natureza da linguagem: como para a morte ou para o tempo, a linguagem esquiva-se à intenção de definir: cada definição permanece um ponto de vista parcial, determinado por um domínio*

epistemológico ou cultural particular" (Gil, 1997:13).

Todas as reflexões feitas até então sobre O TEMPO E O CORPO, caem diretamente sobre A MORTE. As experiências limites circunscrevem-se entre o tempo do nascimento e a morte. Ao percorrer o tempo, adquire-se um corpo pueril, juvenil, adulto e senil. Há a aproximação do momento onde não haverá nem o agora, nem futuro, só o passado para os que rememorarem.

A MORTE

"Sou como a praia a que invade

Um mar que torna a descer.

Ah, nisto tudo a verdade

É só eu ter que morrer".

Fernando Pessoa

A morte é um processo biológico e natural. É condição indispensável à sobrevivência da espécie e fundamental para a aventura humana sobre a terra. Através da morte, a vida alimenta-se e renova-se. Nesta linha de pensamento entendemos que a morte não é a negação da vida mas sim uma condição imposta pela natureza para tornar possível a sua própria manutenção. O conceito da morte tão somente biológico não é bem aceite pelo homem. Ele tende a analisar a morte filosoficamente criando aspectos que transcendem aqueles puramente biológicos.

A morte é vista como uma experiência-limite, para além da qual só os discursos religiosos, filosóficos, teológicos entre outros se fazem alcançar. Aqui caminharemos por um pensamento filosófico, com as suas respectivas indagações, motivos e passos racionais, mas sobretudo, salientando a necessidade de um tempo de espera até que a filosofia possa pensar o homem frente à morte sem o olhar preso no "além" religioso, para a sua condenação ou sua salvação.

As reflexões filosóficas sobre a morte sempre estiveram vivas nas discussões dos pensadores. Nos sistemas dualistas ou idealistas de Platão (428-347 a.C.) a Kant (1724-1804), de Descartes (1596-1650) a Hegel (1770-1831), ela estava presente não sob a forma de um problema existencial, mas de modo abstrato onde o interesse era a busca da imortalidade do homem, com a chegada da morte o espírito seria liberto. Na leitura destes filósofos, verificamos que a partir da metade do século XIX, instaura-se uma espécie de "crise da morte". Kant e Hegel apresentam as suas elucidações sobre o tema. Especificamente é Kierkegaard (1813-1855), que faz emergir nesta época a idéia de pecado e embutido nesta, a noção de morte. Ele apresenta como orientação básica das suas reflexões a existência humana e deste modo Kierkegaard compactua com Kant no tocante à sensibilidade do ser humano. Por outro lado com Hegel há uma divergência frontal, tanto na sua filosofia da unidade quanto ao seu sistema hegeliano, pois estes atribuem poucas

responsabilidades ao homem para com a sua existência, é o que afirma o seu opositor. O embate de Kierkegaard e Hegel é por eles entendido como uma luta contra toda a filosofia, haja vista que a filosofia reinante no período era a hegeliana, até mesmo no seio da igreja luterana onde Kierkegaard era seguidor (Wahl, 1962). Toda a sua obra filosófica é voltada para a religião e neste âmbito ele afirma "*...é assim que compreendo a mim mesmo no ato de crer...* (1986: 135). "*...a fé é justamente a contradição entre a paixão infinita da interioridade e a incerteza objetiva*" [32]. A preocupação dele era com a verdade, uma verdade para o indivíduo e pela qual este possa viver ou até quiçá morrer. O humano realiza-se no indivíduo e não em abstrações de conceitos universais; a existência e a singularidade não podem ser vistas em separado, a questão individual sobrepõe-se sob as demais. A possibilidade do homem-singular é entender o sentido da sua existência: "cada indivíduo é único". O sistema não pode apreender o que há de mais íntimo no homem-singular, as dores, as alegrias, os prazeres, as angústias, os amores, os sonhos, os desejos, enfim a sua própria morte.

Diante da morte não se admite soluções ilusórias ou os sofismas de Epicuro. A morte entendida como uma "morte social", é o um morrer a cada dia, pois os empregados estão sujeitos aos patrões opressivos, tornando-os "homens alienados", voltados tão somente para as necessidades animais, como comer, procriar entre outras. Submetem-se a estas condições ou não lhes é possível serem pessoas livres. É a própria opressão entre a vida e a morte. O patrão não é senhor só do dinheiro, mas inclusive da vida do trabalhador. Estudiosos do humanismo, tais como Bloch e Garaudy caminharam um pouco mais pela vertente educativa [33], a busca de um maior entendimento da morte social e as suas relações de poder.

---

[32] Em 1846 Kierkegaard encontrava-se em um período de alta religiosidade e publica a obra Post-Sciptum às Migalhas Filosóficas não Científicas, pondo em evidência toda a sua visão religiosa de mundo, homem e sociedade.

[33] O tema é tratado amplamente por Zucal (1982), em La Teoria della Morte in Karl Rahner, Bolonha, EBD.

Diversos existencialistas contemporâneos não situam a morte pura e simplesmente de modo teórico, eles admitem a existência do homem mortal, que convive com a angústia do morrer. A angústia é tratada por alguns deles, a saber: Kierkegaard que a desloca para a salvação, Sartre que busca o veio da liberdade e Heidegger que a atrela à morte. Os existencialistas centraram-se no coração do ser humano, foram atentos à relação de espaço sob o tempo, a este movimento que inexoravelmente o encaminha para a sua morte.

O filósofo existencialista que mais se preocupou com a morte foi sem dúvida Heidegger, para quem a vida plena é aquela que está diretamente condenada à morte, viver com a angústia do saber morrer, aceitar a morte com dignidade. A existência do homem é um *"ser-para-a-morte"* de modo corajoso. No morrer encontra-se o próprio sentido do viver. A morte aparece como um contraponto à problemática ontológica; a análise da natureza humana conduz à essência do ser, que é a sua própria existência. O ser humano é visto como um "projeto" ou "existência", que mesmo ao viver no presente, está sempre a apostar num futuro vindouro, sempre atrelado ao tempo e ao espaço que o circunscreve. A angústia da morte é viva, é presente, é sempre uma possibilidade de ser do homem, que se faz presente no viver.

Heidegger apresenta tanto a medicina como a tecnologia num trabalho em busca de um prolongar o quanto mais possível a vida, e talvez até na tentativa de evitar a morte. É-nos possível pensar a morte de modo positivo, "sem negação", pois o homem é o único ser dotado de consciência - é um ser mortal.

Ruiz de la Pena (1975:89), apresenta resumidamente uma interpretação heideggeriana da morte, a saber: a) a morte não é tão somente negatividade, mas a chave hermenêutica para a compreensão do *Dasein*; b) a morte é momento estrutural ou constitutivo radical do Ser, não mero evento final, e por isso deve ser vivida na sua iminência; c) a morte abrange o homem todo que é "um ser para a morte", daí advém a angústia da existência;

d) "o poder da morte" ou o "poder a sua morte", o morrer para o humano tem uma especificidade singular, consciente, que o diferencia dos outros seres; e) deste modo o homem tem que assumir a morte com liberdade, sob pena de fracassar na obrigação com a sua existência, a morte torna patente a finitude do homem.

Sartre, o apologista do absurdo, tem alguns pontos convergentes com Heidegger, mas no que diz respeito a esta temática interpretam-na de modo bem diferente. Sartre vê a morte pelo veio ontológico, é através do homem que o nada surge no mundo; para ele o homem é livre, dotado de total liberdade e é desta que aparece o nada. E até mesmo diante da morte esta liberdade não desaparece, ela continua presente.

Heidegger entende que a morte só tem sentido junto à realidade humana. Todavia, Sartre não admite este pensamento, considerando absurdo sermos condenados à morte. Diante da morte toda e qualquer espera se torna absurda, mesmo a sua espera que, em certa medida, sempre ocorre em momentos inesperados. A morte no pensamento sartriano significa uma total expropriação, pois destrói a existência que é projeto e que por causa da morte, normalmente não se pode concluir. Deste modo ela é uma estranha à minha subjetividade, por isso não faz parte de mim.

Ao assumir a atitude epicurista de que, a morte ao chegar, "eu já não sou" eu e portanto, não havendo morte, há a possibilidade de realização dos meus projetos; ele admite que a morte é alheia ao ser e assim sendo, a subjetividade pode afirmar-se e a liberdade continua ilimitada. Efetivamente a morte para Sartre entra na categoria do absurdo, bem como a vida por estar condicionada à morte. O nascer e o fenecer são absurdamente sem razão.

Karl Jaspers (1883-1969), outro filósofo existencialista assume uma postura diferente de Heidegger e de Sartre, ele aceita uma certa abertura para a transcendência. O tema norteador dos estudos de Jaspers é a existência, como autêntico "*ser-mesmo*" do ser humano, como ser passivo e passível de

adaptações contínuas, de ser com possibilidades de superar-se continuamente interagindo com os outros, via a comunicação e a historicidade. O meu eu só pode ser percebido em relação ou comunicação com o outro, que também, necessita de mim para ser. Ele ainda admite que o eu tome consciência histórica da sua realidade existencial; a historicidade mistura o meu passado com o meu futuro, permitindo-me ter consciência do tempo enquanto passagem, e ao mesmo tempo que posso unir o tempo com a eternidade. Eternidade é entendida por ele, não como tempo indefinido, mas como possibilidade de memória, presença e espera. A historicidade permite-nos viver o que ocorre hoje, o presente, ligado ao passado e ao que ainda há-de vir, o futuro, viver o instante presente como presente eterno. Pela historicidade é possível unir a necessidade com a liberdade.

A liberdade é vista por Jaspers, atrelada à necessidade, não sendo possível deste modo uma liberdade absoluta. A liberdade existencial sofre o assédio das leis naturais e morais, que por vezes se sente sufocada pelas duas. Mas somente diante deste embate é que a liberdade pode existir. A sua existência tem limites, condicionados a compromissos e situações, pois o homem é um *"ser em situação"*, e esta estabelece o limite. As situações-limite, basicamente dão sentido à existência, vivenciar as situações-limite e existir é a mesma coisa, afirma Jaspers (in Ruiz, 1975).

A historicidade apresenta-nos o início das situações-limite: o nascimento é circunscrito em determinada época, com um sexo definido. Atualmente se estamos novos ou velhos, assim sucessivamente convivemos com outras características que nos são atribuídas. Vivemos muitas situações-limite, tais como: a morte, o sofrimento, a luta e a culpa, aqui nos interessa a primeira. A morte é entendida como situação-limite quando o homem a incorpora. A existência, incorporando-a ao seu eu e não somente à objetividade. E passa a interessar-se não só pela sua morte, mas inclusive pela morte do outro, que o faz sentir-se só com a possibilidade de interromper

a comunicação, pelo menos na aparência. De fato o bem-amado continua presente para o outro existencialmente. E deste modo, através da morte do outro, a existência dá consentimento à transcendência.

E Jaspers, ainda reforça que a morte sempre nos coloca na situação-limite; e só aqueles que se deixam abraçar por ela, atingem a tranqüilidade e a profundidade da própria vida. Só quem olha a morte de frente toma consciência verdadeira da sua existência, ela é a profundidade do ser enquanto dotado de plenitude de uma existência. A existência para a morte surge como uma "barreira" imposta para o alcance de uma possível perfeição. Supostamente a morte impõe uma interrupção da vida e consequentemente de todos os seus projetos. Contudo a existência põe-se diante da morte, como limite necessário à sua perfeição. A angústia do morrer indica que todo o projeto de vida é insuficiente, enquanto que a vida plena busca nela a sua morada, pois afinal Jaspers afirma que *"a morte é mais do que a vida"* (in Ruiz, 1975:103).

Jaspers aponta à transcendência como uma possibilidade de caminho onde a morte será convertida em existência. E assim sendo, ele diverge de Sartre, pois a morte tem para ele um sentido tremendamente positivo. Ao ser assumida faz o ser mergulhar em toda a sua plenitude, com a possibilidade de alcançar até a transcendência. Em Heidegger a morte também foi enfatizada como possibilidade de maior valoração do ser, mas sem o alcance da transcendência. Jaspers dá valor à morte do outro, do ente querido, o que abre a possibilidade para se abandonar as aparências, com o intuito de encontrar o essencial.

Diante desta leitura, entendemos o corpo como o mediador entre o eu e a realidade, onde se concentram todas as formas de comunicação com o outro e com o mundo exterior. O eu numa situação de normalidade, deve estar aberto ao outro e a todas as formas de conhecimento. Percebemos a morte como um fenômeno biológico, como o nascimento, a infância, a puberdade, a

maturidade e o envelhecimento. Baseado neste processo lógico existe uma barreira entre a vida e a morte. Nestas considerações, salientamos o processo de envelhecimento, que pode ser entendido como uma "morte continuada", ou uma condenação à morte. Existem ainda aqueles que entendem a morte como *"a priori"*, vista de modo antecipado. Toda a angústia, o medo, a luta entre o desespero e a esperança, as considerações sobre a sobrevivência, a imortalidade do espírito, a ressurreição e a vida eterna são todas muito efêmeras se não são sustentadas na fé das crenças religiosas. Por um outro lado, a razão e até mesmo o coração recusam-se a aceitar o vazio, o nada após a morte. E para tal destacamos em Santo Agostinho, o seguinte:

> *"... a aspiração à durabilidade, que foge à morte, está ligada justamente ao que desaparece com a morte. O homem mortal, que é posto no mundo, mundo presentemente enquanto terra, e que o deve deixar, faz do mundo, a ele se prendendo, um objeto condenado a desaparecer na morte"* (in Arendt, 1997:24).

De todas as maneiras a análise filosófica da morte, basicamente dentro de uma perspectiva existencial, mostrou-nos mais do que ver a morte como a ausência de vida, mas deu-nos pistas de que é no presente que se constitui o futuro absoluto da vida terrena. A abertura para a transcendência deixa uma perspectiva de continuidade dos projetos de vida. O belo, a verdade, o amor, não morrem para o homem. Parafraseando Arendt, que diz *"o desejo é a estrutura fundamental do ente"* (:22), acreditamos que ele deseja sempre é viver. Diante da fragilidade da vida, tentaremos aproximarmo-nos de alguns aspectos sócio-antropológicos da morte.

Antropologia da morte: a busca de um entendimento possível

Do ponto de vista antropológico, a morte é vista em várias dimensões; a vida é percebida como duração, orientada pelas representações de cada cultura, e os rituais a que dão espaço, são de extrema importância em todas as sociedades. Os rituais aqui são basicamente entendidos como ritos de passagem. Todavia, as representações e as crenças religiosas são difíceis de serem identificadas em separado dos rituais, pois em certa medida apresentam-se imbricados. Na religião encontra-se em certa medida, um uso e abuso da morte a fim de dar conta das origens da própria religião.

De todas as fontes que emanam a religião, assegurava em 1925 o antropólogo Malinowski, existe uma suprema e definitiva crise da vida e da morte de infinita importância para o homem. Ao referendar esta perspectiva, que também fazia eco junto aos padres fundadores da antropologia moderna, tomemos como exemplo E. B. Tylor, que considerava a morte como um enigma que impulsionava todo o ser humano dotado de uma crença, uma conduta religiosa animista, sistema que considera a alma como causa primária de todos os fenômenos vitais. A contemplação do *anima* capacitava ao indivíduo emancipar-se da morte. E segue Malinowski in Bowker (1996):

> *"A morte é a porta de entrada no outro mundo, mas não só no sentido literal de término. Segundo a maioria das antigas teorias da religião, grande parte, por não dizer a totalidade da inspiração religiosa, se deriva da morte, e neste sentido os planejamentos ortodoxos são corretos em seu conjunto... A morte e sua negação - a imortalidade – sempre tem constituído, e constituem hoje, a temática*

mais comovedora dos pressentimentos do homem"(1996:10-11).

Há algum tempo as origens da religião têm sido questionadas, mas nada de concreto existe que possa afirmar como se deu o início destas crenças religiosas. O que não deixa dúvidas é a versão segundo a qual a religião atrai os seus seguidores com base na exploração dos seus medos da morte. O autor considera portanto a teologia como fundadora das privações, que surge de várias formas, tais como imagens frenéticas, balbuciadas, configuradas no desespero humano diante da morte.

É notório o empenho dos trabalhos antropológicos, não em pura e simplesmente, balizar e descrever as semelhanças, mas nas diferenças existentes nos modos como os indivíduos e as comunidades se comportam diante da morte. Dizer algo sobre a morte é sempre um desafio ao real, que vai em busca do objetivar o *"Nada"* e que ao mesmo tempo dá sentido ao existir e o nega. E diz-nos Thomas (1975), que é melhor ver a morte e os mortos mais como uma ficção do que como um conceito, pois na representação coletiva a morte não é tão somente uma idéia abstrata mas um conjunto de imagens.

Este conjunto de imagens, guardado sob formas secularizadas, advindas da necessidade de reter na memória as imagens transformadas do morto que salientam os seus aspectos mais positivos, possibilitam compreender os profundos estímulos que guardam as idéias religiosas do "além", do mesmo modo que a imortalidade da alma e o reencontro noutro mundo. Gadamer (1997), aponta que na essência o homem procura a superação da morte, o que para os espíritos crentes é uma certeza inabalável.

A partir daqui abriremos um espaço para uma revisão com base em Edgar Morin, por entendermos que este autor na sua busca de um

entendimento da relação *antropobiótica,* nos possibilitou novos olhares para esta matéria.

A morte é ainda um fenômeno social, reside na mesma categoria que o nascimento, o casamento, a criminalidade entre outros. Ela ainda assume dimensões médicas, jurídicas e sofre ainda muitas mutações no seio das sociedades. Garcia (1999)[34] diz-nos que a morte é uma das fronteiras do homem, e situa a outra no nascimento. Tudo o que acontece entre estes dois momentos é cultura ou por ela condicionada. A morte marca o fim do processo cultural, ficando o homem sujeito apenas às condicionantes biológicos e físicos. Socialmente vive-se "como se" de fato a morte não tivesse de bater na nossa porta, ou até mesmo sabendo que se morre, mas sem acreditar nisto. Esta linha de raciocínio tem prejudicado os estudos sobre a morte, e quem nos dá tal afirmativa é Morin ao dizer:

> *"...se quisermos sair do repisar da morte, do ardente suspiro que espera a doce revelação religiosa, do manual de serena sabedoria, do ensaio "patético", da meditação metafísica em que se exaltam os benefícios transcendentes da morte ou se lamentam os seus malefícios não menos transcendentes, se quisermos sair do mito, da falsa evidência e do falso mistério, teremos que copernicizar a morte"* (1988:19).

Entendemos o pensamento do autor como um apelo aos estudiosos da temática, pois urge a necessidade de sair das descrições pura e simplesmente psicológicas para uma perspectiva de "ciência total", onde ele vislumbra a

[34] Apontamentos feitos em orientação de tese.

possibilidade de conhecimento em "*simultâneo a morte pelo homem e o homem pela morte*" (:20). Morin segue afirmando que as ciências humanas sempre trataram com pouco cuidado a morte. Ao saber que o homem é o único ser com consciência da morte, produz rituais fúnebres, acredita na sobrevivência, ou no renascimento dos mortos. Para ele a morte situa-se "na charneira bioantropológica", é por excelência o traço mais humano e cultural do "*anthropos*", pois na morte reside a maior possibilidade de expressão que o homem tem de mais fundamental.

A morte é vista de maneira diferente segundo diferentes grupos sociais e de acordo com os aspectos religiosos, éticos e culturais. Por norma, a sociedade ocidental rejeita a morte procurando constantemente vencê-la e para isso se baseia no seu desenvolvimento científico. A tentativa de vencer ou no mínimo postergar a morte leva a inúmeras situações que muitas vezes se confunde com a ficção.

Morin[35], ao admitir as concepções bioantropológicas, aceita a existência de um paradoxo misterioso de natureza biológica relacionado à ordem física e à morte. E para tal utiliza um pensamento de Heráclito: "*viver de vida, morrer de morte*" (1988:09). As questões de ordem biológica residem entre o vital e o mortal, entre a sua condição de regeneração e de destruição, o que é comum na vida do homem. O autor ainda apresenta uma "*sociologia da morte*", pois é deste modo que a sociedade se organiza: "*apesar da morte e contra a morte*" como também "*pela morte, e com a morte e na morte*" (:10). O patrimônio cultural encontra a possibilidade de proliferação, quando antes da morte de uma geração ele é transmitido à outra que a sucederá.

Morin ainda trata de algumas questões ligadas à antropologia da morte e aponta a existência de um horror a ela, ao seu perigo, ao assassinato e

[35] O autor admite na introdução à 3ª edição (1976), que se houvesse possibilidade de reescrever o livro *Le Paradigme Perdu*, modificaria-o orientado pelas concepções bioantropológicas.

à imortalidade. Aos limites daquilo que não se conhece, as fronteiras "*da terra-de-ninguém*", onde para o homem primitivo, a própria sepultura era um sinal de crença na sobrevivência e na imortalidade. Para os primitivos a morte é o seguimento, é uma espécie de continuação da vida do homem considerada como um sono profundo, uma viagem para o encontro dos seus antepassados, um nascer de outra forma.

Ao entrar por uma dimensão histórica, Morin trata "*da morte em comum e da morte solitária*". O receio da morte e "*o traumatismo da morte*" é pouco considerado pelos povos arcaicos do que nos povos ditos evoluídos. Na antigüidade a morte era um fato celebrado por toda a comunidade, contudo na atualidade ela é relegada ao plano individual e morre-se sozinho, ele compara-a atualmente ao suicídio.

O autor ainda dá enfoque ao "*paradoxo da morte* e dos *fundamentos antropológicos do paradoxo*", a morte e a sua relação com os *utensílios,* linguagem, mito, magia, técnica . Aponta na direção dos "*conceitos primeiros da morte,* da *morte-renascimento e da morte maternal*", onde traz Jung para referendar sobre a morte-renascimento, e diz que esta não afeta tão somente aos neuróticos como também nas atividades inconscientes dos espíritos normais.

> *"... a minha experiência psicológica levou-me a fazer uma série de observações sobre pessoas cuja atividade psicológica inconsciente eu pude acompanhar até a aproximação da morte. De modo geral, esta era anunciada por símbolos, os quais, mesmos na vida normal, indicam transformações de estados psicológicos: símbolos de*

renascimento, tais como mudança de casa, viagens, etc" (Jung in Morin, 1988:107).

A morte-renascimento é aceite pela psicanálise na mentalidade infantil, como espontâneas. Para ela a morte vive na imaginação infantil, que entende no extenuar do feto a possibilidade do renascimento. Jung é defensor da idéia de renascimento vinculado a um conceito de imortalidade, e junto a este "*um ardente desejo de reentrar no seio da mãe, a fim de renascer, isto é de se tornar imortal"* (1988:121). Se é necessário para morrer ter que nascer, como é óbvio, a sentença contrária também é verdadeira. Deste modo, a morte assume um sentido maternal pois, *a mãe-terra* recebe o seu filho outra vez, depois de morto. E seguindo esta linha de pensamento encontramos muitas outras analogias, tais como, o regresso à *mãe-pátria* dos emigrantes ou aos soldados mortos noutro países por conta da guerra. Ou mesmo o sono que compõe a maior parte da vida dos recém-nascidos é entendido como uma das maiores metáforas acerca da morte. É o surgir da primeira aparência empírica da morte, e parafraseando Homero seria "*o irmão da morte.* "A noite é sempre apresentada como pano de fundo da morte "*...a noite é a placenta, o banho de renascimento do dia que vai nascer; as noites estão grávidas, diz o provérbio árabe. A noite é a morte do dia e a mãe do dia"* (:118).

Aproximam-se assim os três sonos noturnos - o dos vivos, o dos mortos e o dos fetos. Muitas questões simbólicas se eqüivalem: mãe, ventre, terra, caverna (local de culto e renascimento dos mortos), casa, tumba, noite, sono, nascimento e morte entre outros citados pelo autor em tela.

Ao obedecermos à sensibilidade permanecemos com as nossas relações antropológicas fundamentais " – *analogia entre o homem e o mundo, subjetividade do cosmo e objetividade, exterioridade de si próprio para si próprio* –" (:157). Para Morin a estética está constantemente aberta às

emoções ingênuas e puras, para uma consciência que continua arcaica e infantil, assim como não pode deixar de seguir a orientação do duplo antropológica morte-nascimento.

Este duplo antropológico também desempenha o seu papel na literatura; um dos temas mais importantes é o do *morto mal morto,* onde nos enredos das tragédias encadeiam-se as desgraças dos mortos com as dos vivos. As peças teatrais muitas vezes retratam o que vai no *fundo arcaico das nossas almas,* e isso pode ser observado nas tragédias gregas. Quase sempre as associações do duplo antropológico – sombra, reflexo, espelho – estão diretamente relacionadas com a morte. Morin cita Feuerbach, para dar ênfase à ingenuidade do conteúdo primitivo da morte:

> *"A morte é o espelho onde se mira o nosso espírito: a morte é o reflexo, o eco do nosso ser. Contemplei a límpida fonte e encontrei a fria e serena visão da morte. Nada nos causa mais medo do que vislumbrar por acaso, ao luar, o nosso rosto no espelho"* (1988:161-162).

A solidão também pode ser apresentada como o outro espelho, que põe o indivíduo frente a frente consigo mesmo, diante do duplo, e portanto perante a morte. A idéia de alma para o autor, vincula-se na concepção de morte onde surgem as questões da salvação. O embate entre a morte e a vida encontra no cristianismo e na morte de Cristo a sua expressão mais pulsante. A morte cósmica é apresentada especificamente junto ao bramismo [36] e ao budismo.

---

[36] O Bramismo é definido basicamente como uma corrente filosófica que considera que o Universo é regido por uma lei moral, no Indostão o Brama é a divindade suprema que espalha o amor em tudo que é vivente.

O encaminhamento dá-se ao nível religioso, morte-renascimento. "*Todo nascimento é uma dor mortal e todo o nascimento é morte; nascer é sofrer é morrer*". Com este pensamento a morte-renascimento da "metempsicose" é, o lado ruim da morte, a morte que não põe medida para a morte, pois esta renasce constantemente, e assim sendo faz surgir a separação, a quebra, a infelicidade do viver para a morte. O sofrimento e o mal são oriundos do "*querer viver*" (Morin ,1988:220).

> *"Eis, ó monges, a verdade sagrada sobre a dor: o nascimento é dor, a velhice é dor, a doença é dor, a separação do que amamos é dor e não obter o que amamos é dor... A origem da dor é a sede de existência que conduz do nascimento ao renascimento...*" (Sakya-Muni 560-483 a.C. in Morin, 1988:219).

A significação do desejo de alcançar o estado de Nirvana budista, relaciona-se de algum modo com o desejo de uma integração cósmica. Traduz-se na revolta contra a tão citada morte. O destino de Buda não fugiu ao dos demais seres mortais, foi determinado também por um triplo idêntico aos outros, a doença, a velhice e a morte. E diante da impossibilidade de ultrapassar tal triplo, abriu mão de todo o seu reino, a sua riqueza, da sua mulher e filho, o que veio ratificar a idéia anterior: "nascer é sofrer, é morrer". Ele partiu em busca do Nirvana, através do nada absoluto o ser absoluto.

A possibilidade de encontro da morte nirvaniana, só seria possível segundo Morin, o homem se apropriasse do cosmo, na medida em que também estivesse concluído o processo antropológico de conquista do mundo

pelo homem. Isto foi a conclusão que a mitologia budista e bramista verificou: *"aquele que tem o direito e a possibilidade de se fundir no Ser supremo é aquele que após milhares de anos de vida sucessivas se tornou Deus, senhor de si e do universo mágico absoluto"* (:224). A verdade (vivida) dá-se para aquele que a alcança através da crença, quer seja o eremita, o sábio do *ashram* ou o do mosteiro, pelo enclausurado voluntário, ou pelo peregrino solitário. Basicamente do ponto de vista humano e filosófico esta indiferença aparente pode ser alcançada.

Morin apresenta "*as cristalizações históricas da morte*", onde coloca a sua ótica muito particular sobre a origem da religião, a partir do culto aos mortos e acerca da angústia relativa à consciência da morte. Traz Aristóteles para comentar a velhice, uma velhice contemplativa, cheia de sabedoria. *"...os velhos que vivem pela memória mais do que pela esperança"* (in Morin 1988:223). Ainda são citados Skakespeare, Goethe e V. Hugo, com as suas respectivas obras sobre a velhice, destacando-se a possibilidade do velho alcançar o nirvana mesmo que tardiamente. Os segredos da maturidade são aceites como um repouso cósmico, de uma destruição *positiva* no Ser. Neste sentido temos de Aristóteles a Max Scheler, a *"fenomenologia da maturidade"* apontando para as mesmas evidências.

> *"O homem é o único animal capaz de transformar em progresso o adiantamento da velhice. A velhice de um Voltaire, por exemplo, não é velhice, ou se é, constitui recusa da velhice e dos segredos da maturidade ... a juventude e o vigor do espírito humano contradizem, no próprio seio da velhice, o envelhecimento fisiológico e os segredos da maturidade"* (Morin, 1988: 226).

A sabedoria antiga grega vai ao âmago da questão da morte , ao afirmar com Sócrates, que o racionalismo pode só por si refrear, sem retroceder, as angústias relativas a morte. O estoicismo é considerado como uma iniciação para à morte, como a sua própria *propedêutica.* Dentro da sabedoria estóica há uma preparação permanente para a morte, que de algum modo se assemelha ao ascetismo bramista e ioguista. O desprezo pela morte está diretamente relacionado com o desprezo pela vida. Cria-se deste modo um caminho de indiferença para com tudo que surge à sua volta. "*A morte é menos do que nada*". Na perspectiva estóica o corpo e o espírito estão separados, para que a miséria do corpo, a putrefação não possa afetar o espírito.

As filosofias clássicas que antecederam Kant entendiam que o homem ao conduzir bem a sua inteligência, ou "*a evidência emocional da intuição*", poderia encontrar a verdade, toda a estrutura do real possível, seria o encontro de uma harmonia, de um "*terreno homogêneo comum ao humano e ao natural*". Todavia, ao final do século XVIII, Kant apresenta a sua Crítica da Razão Pura e desfaz com toda essa harmonia e homogeneidade. Aponta para as questões do pensamento humano, "*que não refletem as estruturas do real*". *A*firma que as representações do homem acerca do mundo, "*refletem nas estruturas do Eu*". O Eu personifica-se a partir das categorias do entendimento, e é o criador de toda essa compreensão. O pensamento do filósofo causou uma verdadeira "*revolução copérnica*" diz Morin, pois desde então o mundo gravita em concomitância com as estruturas da individualidade humana, como o percebermos, o representarmos e o concebermos. É uma produção humana. Kant acrescenta ainda a primazia da moral sobre o homem, do uso prático da razão; não somente como sujeito epistêmico, mas acima de tudo como sujeito moral.

A imortalidade questionada ao nível da razão pura, passa a ser postulado da razão prática. Kant traz tal idéia e imagina "*o direito e até a*

necessidade de admitir uma vida futura" (1988:242). A imortalidade aparece aqui não com uma confirmação, mas reivindicada, postulada e admitida em certa medida, por conta de uma solicitação antropológica. Teoricamente a imortalidade da alma, que sofreu com o vilipêndio pela crítica da razão pura, retorna aos poucos com a razão prática. Para Kant o mundo exterior do modo como é sentido e representado, é produzido pelo humano, já na ótica hegeliana é um *"produto para o homem"*. Há em Hegel um reconhecimento da realidade da morte.

A razão hegeliana não invalida a morte, mas enquanto o pensamento epicurista pulveriza a morte, ela para os filósofos é mais emoliente, um pouco mais branda, ainda na sua harmonia natural, do que nas religiões da salvação. Hegel reconhece a realidade da morte, e a sua filosofia inicia um *"afrontamento patético"*. Ele compreendeu com exatidão a lei das espécies animais, onde o universal e genérico sempre vence o individual e particular. *"Toda a finitude necessita de se negar. Toda particularidade necessita de se universalizar. Tal é o movimento da dialética, isto é, do real"* (Morin,1988:245).

Morin ao citar Hegel apresenta: *"...é somente arriscando a vida que conserva a sua liberdade"* [37] . E continua a afirmar que o risco é uma forma de reivindicar, que possibilita a este a sua erradiação, o seu valor, de algum modo o seu enraizamento. O risco de morte é contínuo e com o passar do tempo, a história faz com que este assuma um sentido cultural e antropológico absoluto: *"o risco da morte é a própria aventura humana"*. A ausência de risco, tornaria a vida muito fácil, inútil e sem prazer. A vida do homem por norma é vivida em sociedade, o que já lhe propicia um pouco de ação, luta para a ocupação de um lugar social, êxito não somente no plano individual como inclusive no plano coletivo.

---

[37] Hegel, *Phenoménologie de l' Espirit*, 1807.

A morte sempre entrará na vida, a aprofundar-se no mistério que é concomitantemente o mistério da *Matéria e da Vida*. Toda e qualquer tentativa de dissociar o homem da morte será nula até então. Morin deixa uma expectativa em relação a reforma da morte, admite "... *que esta reforma é o prolongamento da vida humana para que o indivíduo possa cumprir o seu novo ciclo de desenvolvimento*" (1988:325). Morin ainda aposta em novas aventuras humanas sob a terra, mesmo diante da incerteza ocasionada pela morte. De fato ele rende-se à morte, mas na pele do "bionauta", "da nave espacial Terra", a propor novas incertezas entre o indefinido e o infinito.

Na tentativa de "contrapor" as idéias dos filósofos acerca da morte, tratados aqui até então, revisou-se em Miguel de Unamuno (1864-1936), alguns pontos que ora o distam ora o aproximam dos demais pensadores. O pensamento filosófico de Unamuno manifesta um sentimento e um pesar de matiz existencialista, o que pode ser observado na sua produção artística e intelectual. Toda a sua obra gira em torno de dois eixos: - os problemas sociais e políticos do seu país de origem a Espanha, e do sentido da vida humana - temáticas tratadas nos seus ensaios, novelas, dramas e poesias. Para ele o cerne primordial da filosofia é "o homem de carne e osso com as suas angústias", portanto a existência como única realidade possível. O trabalho filosófico dele é orientado por um vitalismo precursor do existencialismo moderno.

As primeiras influências filosóficas que recebeu foram de Pascal e Kant, autores que segundo ele denunciam a incapacidade da razão para compreender a realidade mais profunda do homem. Também é apanhado por Santo Agostinho e os grandes místicos, sobretudo pelo preexistencialista Kierkegaard. A influência deste sobre Unamuno é evidente, assim como o autor de "O Conceito da Angústia", ele também afirma a prioridade da existência sobre a essência. A essência é idéia, e por isso, pensamento, o que não corresponde à existência, cuja característica central é a individualidade.

A realidade está enraizada no individual, na existência humana, e nesta individualidade residem as contradições inesolúveis de onde advém o drama existencial. "*Toda a realidade que rodeia o homem - que é o mesmo homem - é próprio do drama existencial*". O seu pensamento é realçado através da consideração de um drama existencial para o universo da realidade humana, para um universo material em que se estuda o caráter existencial.

A filosofia de Unamuno (1988), procura dar respostas à necessidade do homem criar a sua concepção própria, única e total do mundo e da vida, e consequentemente a isto, surge um sentimento que produz uma *atitude íntima* e até mesmo uma ação.

> *"A nossa filosofia, isto é o nosso modo de compreender ou de não compreender o mundo e a vida, brota do nosso sentimento a respeito da própria vida. E esta, como tudo que é afetivo, tem raízes subconscientes, ou talvez, inconscientes"* (Unamuno, 1988:08).

Ele destaca basicamente que não são as idéias que produzem homens de personalidades pessimistas ou otimistas, mas contudo o pessimismo ou o otimismo, que tem as suas raízes filosóficas ou quiçá patológicas, que produzem as idéias dos homens. E exemplifica com Kant ao ressaltar que o mais importante num filósofo é o homem que ele é. Separa o homem Immanuel Kant, que nasceu e viveu em Konigsberg (1724-1804), do filósofo Kant. Atrela a sua filosofia a um homem que possui coração e cabeça, onde com o coração reconstruiu aquilo que a cabeça havia destruído, a partir de um salto significativo da *Crítica da Razão Pura* para a *Crítica da Razão Prática.*

Dentro das preocupações de Kant, bem como todos os outros mortais, reside o "*problema do nosso destino individual e pessoal, o da*

imortalidade da alma". O salto imortal de uma para outra crítica, deve-se ao fato do homem Kant também não querer morrer totalmente, assim como todos os outros mortais não o querem. A Crítica da Razão Prática traz como imperativo categórico um postulado moral que orienta por sua vez, uma ordem teleológica (aquela que admite a existência de uma finalidade que se sobrepõe à causalidade eficiente)* ou antes mesmo escatológica (dos fins último dos homens e do que há-de acontecer com a humanidade)[38], da imortalidade da alma onde esta é sustentada por Deus. *"A essência atual do homem está ligada a aspiração de um perdurar para sempre, não morrer jamais"*. Tudo mais referente a esse tema por Kant é *escamoteio* do profissional da filosofia, acrescenta o autor.

Ao interrogar algum indivíduo sobre o seu "eu", ele perceberá como uma indagação sobre o seu próprio corpo. E ao falar do eu, estará a falar de um eu concreto e personificado. Há no homem um princípio de unidade e um princípio de continuidade, inicialmente um princípio de unidade no espaço, que depende do corpo, e em seguida nas suas ações e vontades.

> *"Em cada momento da nossa vida temos um propósito, para o qual concorre a sinergia das nossas ações. Ainda que no momento seguinte mudemos de propósito. E, em certo sentido, um homem é tanto mais homem quanto mais unitária for a sua atividade. Há quem na sua vida só prossiga um fim, seja ele qual for"* (Unamuno, 1988:13).

Basicamente a memória é apresentada como sustentação da personalidade individual, bem como para a tradição está a personalidade

[38] Consulta feita ao Dicionário da Lingua Portuguesa, 7ª edição – Porto Editora, (1997).

coletiva de um povo. O homem vive deste modo da recordação e pela recordação, e o perpetuar da vida espiritual para o autor é, em certa medida, um esforço da recordação para a pertinácia, manter a esperança e se fazer esperança, "*o esforço do nosso passado para se fazer futuro*". E tal evidência foi verificada por nós noutros estudos com a terceira idade "... *fato de que aquilo que hoje sou provém, por série contínua de estados de consciência daquilo que eu era, em meu corpo, há vinte anos*" (1988:13). O indivíduo apresenta uma unidade dentro de uma continuidade de vida, e ao deixar de ser o que é, é absurdamente deixar de ser. Os indivíduos são suscetíveis às mudanças. Contudo dentro da sua continuidade, as transformações são possíveis em presença desta continuidade. As ações dos homens em condições normais, são orientadas pela consciência e ao afirmar-se como homem está em simultâneo a afirmar a sua consciência. O mundo é para a consciência, dentro de um sentimento teleológico[39], a existência sobrepondo a causalidade, onde consciência e finalidade são a mesma coisa.

Unamuno percebe que o homem Kant trava um "*trágica batalha para salvar-se, ele tem uma imortal aspiração de imortalidade que o fez dar esse salto imortal*" (1988:17). O que este autor admite que seja uma luta pela consciência, onde a preocupação não pode ser apenas racional, mas também afetiva. Se um filósofo não é um homem, será tudo o que quiser, menos um filósofo. Pode ser "*um arremedo de homem*".

> *"O cultivo de qualquer ciência, da química, da física, da geometria, da filologia, pode ser, e ainda assim mesmo muito restritamente e dentro de apertadíssimos limites, obra de especialização diferenciada;*

[39] A teleologia aqui é empregada como uma doutrina que opõe-se ao mecanicismo, na medida em que há no mundo uma finalidade que sobrepõe-se à causalidade que se apresenta como eficiente.

> *mas a filosofia, do mesmo modo que a poesia, ou é obra de integração, de síntese, ou então, não passa de filosofaria, erudição pseudofilosófica"* (Unamuno, 1988:18).

Todo o conhecimento é dotado de uma finalidade e com a filosofia não poderia ser diferente. A sua finalidade extrínseca preocupa-se com todo o destino do homem, com as suas atitudes diante da vida e do universo. "*E o mais trágico problema da filosofia é o de conciliar as necessidades intelectuais com as necessidades afetivas e volitivas*"(1988:18). Ele insiste na idéia de que não basta pensar, há que sentir o destino; pois assim caminham os homens de carne e osso, que nascem," *sofrem e que mesmo que não queiram morrer, morrem; homens que são fins em si mesmos, e não meios, homens que hão-de ser o que são e não outros"* (:19). E afirma para concluir este tópico que estes homens estão pura e simplesmente em busca daquilo que chamamos de felicidade.

Unamuno admite que as suas reflexões possuem um traço de morbidez ou e até mesmo patológico, e passa a discutir as questões ligadas à enfermidade e à saúde. A história da medicina indica-nos que a construção da saúde é uma idéia abstrata, uma categoria abstrata, "*qualquer coisa que, a rigor, não se verifica, poderíamos dizer que um homem perfeitamente são, deixaria de ser homem para ser um animal irracional"* (:25). A irracionalidade seria-lhe atribuída pela falta de uma enfermidade que lhe motivasse em busca da razão, pois de algum modo os homens procuram por natureza conhecer.

Como vimos a morte é uma temática que sempre preocupou os pensadores quer seja em acordos ou em aposições. Ela é apontada como filosofia nascente por Platão no Fédon que a define como *"aprendizagem da morte ou exercício da morte"*. Sabemos que a morte é uma temática forte

para muitos sistemas filosóficos, como por exemplo a doutrina órfico-platônica na Antiga Grécia que reconhecia uma superioridade da alma em detrimento do corpo. A alma era a morada da própria subsistência. A seguir encontramos a doutrina aristotélico-tomista, que ao sofrer influência do cristianismo, advoga pela imortalidade da alma. A união entre o corpo e alma não é pura e simplesmente um acidente natural, mas essencial. A alma ao estar na categoria do espírito é a garantia da subsistência do humano, não admitindo deste modo a morte como o fim de tudo.

De algum modo a morte nas dimensões platônica e cristã, é pouco dramatizada, pois não é aceite como um final da vida. Todavia, na doutrina monista que elege a matéria por excelência, ou até mesmo naquelas correntes filosóficas possuidoras de uma postura fisicista[40] do ser humano, os comportamentos assumem outras posturas. Nestas doutrinas, a morte é tremendamente incompatível com a vida e a sua chegada é traduzida como o fim absoluto.

Em Hegel também percebemos na sua apreensão da realidade inclusivamente a vida e morte, como o eterno devir ou uma seqüência de vários estados onde a morte surge outra vez menos dramática do que no entendimento materialista. Verificamos que estas entre outras correntes do pensamento tratadas neste trabalho, dão um enfoque à morte muito mais para o âmbito metafísico do que para o antropológico, na medida em que ao buscar a sua compreensão e a sua representação não a enfrentam de modo existencial.

Em outras correntes filosóficas, como por exemplo a fenomenológica e mais especificamente a existencialista, travam uma luta na tentativa de não só entender a morte, mas também vivê-la, e qual o sentido que move não só a vida como a morte. Na fenomenologia a morte não é uma idéia abstrata,

---

[40] Sistema que procura uma relação ou até mesmo uma explicação entre as leis físicas e todos os fenômenos que contidos na vida humana.

têm um significado mais concreto e vivido sem benevolência. O existencialismo dá um cunho personalista à morte, onde o próprio viver é morrer. E Heidegger salienta que o indivíduo deve cuidar da morte, incorporando a vida, seria o mesmo que vivê-la antecipadamente. A consciência que é um privilégio do ser humano, possibilita-o a dar mais sentido à vida, um sentido que passa pela ética, tanto à vida como à morte. A percepção de que a vida é finita e que o dia "X" será o derradeiro, impulsiona a construção dos projetos de vida, dá a vida um sentido mais ou menos direcionado, sempre com tendência a valorizar cada etapa vencida ou simplesmente cumprida.

Enfim, a proposta de Heidegger de incorporação da morte e da vida, onde o homem é "*um ser para a morte*", leva-nos a acreditar que exista uma possível interiorização da morte quando pensada em relação aos outros, sempre distante do nós. Contudo esta não acarreta necessariamente uma angústia, mas uma atitude de serenidade situada num meio mais ativo de estar no mundo. Segundo a doutrina berkeliana "*ser é ser percebido*". Estamos a apontar para as atividades físicas e desportivas na vida e morte dos idosos, essas práticas como um postergar da vida; entraremos no âmbito desta discussão no capítulo de análise e interpretação dos dados, obtidos através da recolha etnográfica. Tentaremos a seguir, tratar de algumas representações da morte na sociedade moderna.

A morte na sociedade moderna ocidental: alguns tópicos e reflexões históricas

Tratamos da morte nas dimensões filosóficas e antropológicas, agora passaremos resumidamente pela dimensão histórico-ocidental, a fim de completarmos o quadro esboçado. Em certa medida, as representações acerca da morte têm sofrido modificações com o passar dos tempos. Chega-nos

através de muitos anos pela memória dos homens, quer na perspectiva religiosa, quer nas suas representações coletivas. A imagem da morte na sociedade moderna é carregada de muitas representações, pois trata-se de um processo que abrange quase todos os estratos sociais da população, e para mais com o acesso em massa aos meios de comunicações as descobertas científicas são contempladas por todos, o que torna possível um fundamento comum do conhecimento da realidade. Existe uma ordem lógica na transmissão das informações dos fatos que compõem a vida, como também a morte na sociedade moderna ocidental.

Embora a ciência moderna não aponte a origem da vida no universo como algo magnífico, ou como obra do acaso, isto ainda é uma temática que aponta algum fascínio. Atualmente já podemos considerar quase como conhecimento de todas as pessoas, as causas que levaram ao surgimento da vida na terra e a todas as outras evoluções por que a espécie humana já passou. Convém ressaltar as interferências que a Revolução Industrial e as suas técnicas causaram na vida e morte dos indivíduos em sociedades.

Para iniciar uma breve passagem da história da morte na sociedade moderna ocidental, começaremos pelo desaparecimento do cortejo fúnebre. Há algum tempo que não se vai muito longe da paisagem urbana, o cortejo fúnebre era reverenciado por onde passava; o tirar do chapéu para a sua majestade, a morte, era obrigação de todos as pessoas. A atitude dos diversos povos diante da morte era mais ou menos clara, havia uma cerimônia pública, os seus ritos eram aceitos e cumpridos com simplicidade, sempre a obedecer a um cerimonial, mas excluía-se de algum modo o seu caráter dramático, sem excessos de emoções.

> *"Importava que os parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. Levam-se as crianças: não há representação do quarto de*

> *um moribundo até ao século XVIII que não inclua crianças. Quando, hoje em dia, se pensa nas preocupações de afastar as crianças das coisas da morte!"*(Ariès, 1988: 24).

E assim se tratou dos mortos por séculos ou milênios, mas contudo o comportamento antigamente aceite de que a morte ao mesmo tempo era amenizada no seio familiar e tratada com indiferença, dista em muito do comportamento das sociedades modernas, onde a sua representação é carregada de um excessivo medo, onde muitos indivíduos nem sequer lhes pronunciam o nome.

Mesmo que antigamente a morte tenha tido um convívio familiar, dentro das casas, a convivência dos vivos com os mortos não foi totalmente amistosa, pois os antigos assustavam-se com a proximidade dos mortos e preferiam manter uma distância considerável. Este quadro foi mudando paulatinamente com o cristianismo, onde o culto aos mártires lhe deu um grande impulso. Aos poucos a distância entre os mortos e os vivos foi diminuindo. Afastaram-se do campo rumo à cidade, alojando-se nas igrejas, onde muitas até possuíam cemitérios. Entretanto no início do século XVIII, mais conhecido como o século das luzes e do racionalismo, teve início outras mudanças de comportamentos, que vieram a dar seqüência às atitudes já iniciadas na Alta Idade Média, por volta do século XII, período onde havia uma representação bem viva de que a vida era uma morte adiada, tolhendo deste modo os prazeres possíveis da vida. Passou-se neste período a pensar mais na própria morte do que na morte como um todo, de um modo mais amplo e geral.

Há uma tendência para inverter esta representação a partir do século XVIII, onde retorna à cena, a morte do outro chorada e dramatizada a fim de afastar, na medida do possível, o pensamento da própria morte. Há o retorno

do culto dos túmulos e cemitérios, a morte é representada como quebra e ruptura brusca com a vida, algo impensável que reside no interdito.

Ariès salienta um período de morte interdita que vai desde a Alta Idade Média até em meados do século XIX, onde os comportamentos, diante da morte, paulatinamente, sofreram modificações. Mas após a última Grande Guerra passou-se para um período, intitulado pelo autor de *"a revolução brutal das idéias e dos sentimentos tradicionais"*, o que foi claramente observado pelos estudiosos das ciências sociais.

> *"...é, na realidade, um fenômeno absolutamente inaudito. A morte, outrora tão presente, de tal modo era familiar, vai desvanecer-se e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de um interdito"*[41]

E isto pode ser verificado pois, até mesmo o lugar onde se morre foi modificado, deixa de ser a casa para ser o hospital, os médicos e os enfermeiros, enfim toda a equipe hospitalar surge em substituição da família para gerir a morte do doente. O túmulo perde a sua importância, bem como as visitas aos cemitérios perdem um pouco mais o seu sentido.

Há uma mudança de atitude evidente diante da morte, na sociedade moderna. A maneira de morrer foi considerada por muitos desumana, dotada de uma crueldade solitária dentro dos hospitais. Assim nesta sociedade, o morto perdeu o seu estatuto que era aceite a milênios, onde o interdito sobre a morte se cala, embaraça as atitudes dos médicos e familiares, que têm o poder de decidir sobre o destino do doente. A morte volta a ser objeto de discussão

[41] P. Ariès, " La Mort Inversée", Archives Européennes de Sociologie, vol. VIII, p. 169-195; in História da Morte no Ocidente, (1975:55).

e abre-se deste modo um espaço para a indústria funerária e todo um novo cortejo entra em voga.

A morte, na sociedade moderna não deixou de ser tema mas, deixou algumas dúvidas e distanciou-se do seio da família. No campo das representações sociais, aliou-se ao erotismo para expressar um corte com os hábitos vigentes. Na religião, ganhou um significado maior do que na Idade Média. Na família a morte foi admitida como:

> *"...acreditava numa sobrevida e numa sobrevida mais realista, verdadeira transposição da vida para a eternidade, a morte foi a separação não admitida, a morte do outro, do amado"* (Ariès, 1989:66).

Assim a morte veio a adquirir outras representações, mesmo mais longínqua e acentuadamente dramática, com maior tensão ao seu redor. Este cenário comovente da morte na época atual também se modificou, tornou-se em certa medida sem designação. Tudo surge a partir de então, como se os indivíduos àqueles que lhes são mais queridos, enfim, já não fossem mortais. Praticamente, se admite a possibilidade de morrer, e tomam-se os devidos cuidados em vida para amparar os mais próximos e prevenir para quando chegar a própria morte, eles fiquem bem economicamente.

E nem por isso há um postergar da vida. O que de fato ocorre é uma relação constante entre a representação que se tem da morte e a que têm de si próprio. Deste modo é necessário admitir que há um recuo das vontades, das crenças dos indivíduos que vivem na sociedade moderna, diferentemente do que ocorreu na Idade Média, e por outro lado a inadequação de uma cultura tecnicista em admitir uma confiança no destino, como ocorreu com os indivíduos, homens simples em épocas anteriores.

Há nos últimos dez anos um interesse orientado para os estudos das condições da morte na sociedade contemporânea, publicações nas áreas de sociologia e psicologia e mais especificamente para as mortes hospitalares. Estes estudos não relacionam os funerais, os cemitérios, o luto ou o suicídio.[42]

Na atualidade a morte é vista como a cessação da vida, devido às alterações irreversíveis que ocorrem no metabolismo celular. A tanatologia estuda os aspectos biológicos, psicológicos, sociais, legais e éticos relacionados com a morte. A biologia da morte sinteticamente é a destruição celular devido à ausência de entrada de energia. No processo de falta de energia estão a falta de oxigênio e a parada da circulação sangüínea, que levam à ruptura da estrutura celular e em conseqüência dos tecidos e dos órgãos. O organismo não tem como estocar oxigênio e a sua falta leva rapidamente ao processo de morte celular. As células nervosas não agüentam mais do que oito minutos sem oxigênio ao contrário das células da pele que podem sobreviver por várias horas.

Por muito tempo a definição de morte estava ligada à parada de funcionamento do coração e à conseqüente parada de respiração. Os desenvolvimentos tecnológicos deste século fizeram surgir drogas e máquinas capazes de restaurarem a vida em poucos minutos após a parada do coração e em algumas situações mantê-la indefinidamente. A partir de então as autoridades médicas passaram a considerar a morte cerebral como a definição biológica da morte. A falta de oxigênio ou anoxia pode levar a um estado tal de lesão das células cerebrais que a pessoa não pode mais acordar mesmo sob o efeito de estimulação eficiente, apesar de manter o seu coração e pulmões em funcionamento, é o estado de coma irreversível.

---

[42] *The Dying Patient*, Nova York, Fundação Russel Sage, 1990, apresenta uma coletânea de 340 títulos sobre o tema, dirigida por G. Brim.

A suspensão dos procedimentos médicos que mantém o coração e os pulmões em funcionamento por longos períodos diante do diagnóstico de morte cerebral é problemática, levantando importantes questões éticas. O desenvolvimento dos procedimentos de operações de transplantes de órgãos a partir de cadáveres contribui muito para uma profunda análise médico-legal do problema da morte. Difíceis questões legais passaram a ocorrer diante de pessoas em estado de coma irreversível. O direito de morte, por exemplo que preconiza a interrupção da vida de paciente em morte cerebral, ou mesmo nos casos de moléstia terminal, para se evitar o prolongamento de sofrimento desnecessário, é uma questão crucial. São situações que envolvem a questão da eutanásia, ou mais precisamente a indução da morte suave em casos especiais, que ainda não estão bem definidas. Hoje a morte tem o seu lugar nos hospitais ou clínicas e é tremendamente medicalizada. Torna-se necessário que um médico legista ateste a morte para em seguida se darem os procedimentos legais no registro civil. No ato em que a morte acontece suscita um problema: no passado bem próximo a morte era identificada pela falta de bafo projetado num pequeno espelho situado junto à boca do doente; em seguida o que detectava a morte era a parada cardíaca; o que hoje é papel do eletrocardiograma sem deixar sombras de dúvidas.

O drama que a morte suscitava no passado, dá espaço à comédia sinistra da morte contemporânea: o doente deve representar o papel de que não vai morrer, e toda a sua família e amigos participam desta farsa. O doente é privado de um sofrimento antecipado, e a sociedade do seu luto, só se chora em privado. Roger Caillois, citado por Ariès, aponta esta atitude como um ardil hedonista.

> *"Não há que temer o trespasse, não por via de uma obrigação moral de vencer o medo que provoca, mas porque é inevitável e, de*

> *fato, não existe qualquer motivo para o recear; simplesmente não há que pensar no assunto de modo nenhum e muito menos falar dele"* (1989:164).

Entre as duas grandes guerras há uma normalidade da morte nos Tempos Modernos diferente da época contemporânea, o que vem a ser um escândalo após a Segunda Guerra Mundial. Entram em cena os antibióticos, as cirurgias cardíacas, entre outros recursos do pós guerra. Assentam-se outras representações sobre a morte, a coragem física e a integridade aparecem numa outra hierarquia.

Para a sociedade contemporânea a morte digna é aquela que chega com a velhice, mas junto a isto ainda há um esforço incomensurável para a adiar nos tempos atuais. As gerações atuais em nada se parecem com as suas antecessoras, a luta contra o envelhecimento, contra o desgaste do corpo pelos anos que se passam é uma constante. A higiene, as dietas, a cosmética e as atividades físicas são alguns dos recursos mais utilizados nesta luta pela manutenção de uma aparência mais jovem. Ter uma aparência jovem é o que dita a norma social vigente, onde então os indivíduos negam o envelhecimento de forma natural, a fim de não serem excluídos dos seus grupos de pertencimento, "*...e a personalidade confunde-se de tal modo com o corpo que a continuidade de si próprio tende a confundir-se com a permanência da juventude"* (Ariès, 1991:106). A resistência diante da velhice e da doença também tem sido características da época atual, onde morrer antes da velhice é fugir da normalidade, salvo quando se é vítima de acidentes por veículos auto motores, onde aí os índices de mortes de indivíduos em idade pouco avançada são elevados. Portanto, a questão orientadora da vida privada tem sido o cuidado com o próprio corpo,

salvaguardá-lo dos possíveis contratempos, pois o imperativo categórico atual é a integridade física e moral do corpo.

E para recapitular, vimos que no início do século, os indivíduos morriam em casa ao lado dos seus familiares. A partir da metade deste século, o local de morte passou a ser o hospital freqüentemente longe dos familiares. Atualmente há uma clara tendência de voltar os procedimentos do início do século com cuidados especiais que diminuiriam a dor e propiciariam melhores cuidados psicológicos aos indivíduos. Elizabeth Kubler-Ross (1997)[43] observou que após o choque de saber sobre a condição que o levará à morte o indivíduo passa por cinco fases psicológicas: negação, raiva, barganha, preocupação e aceitação. Na fase de negação, a pessoa recusa-se a reconhecer a realidade e age ignorando a doença. A seguir o homem tende a ficar raivoso ressentido com os indivíduos que se encontram em estado saudável e a culpar os médicos e familiares de suas incapacidades em lhes prestar algum tipo de ajuda. Na fase da barganha ou da pechincha o indivíduo passa a "comprar o tempo" através de preces e a pedir por mais algum tempo de vida... Esta fase é seguida pela compreensão da realidade quando em geral há tendência a depressão e à tristeza, a lamentar a perda da vida. Na fase final apesar de sempre persistir algum sentimento de medo e raiva o indivíduo torna-se preparado para a morte com paz e dignidade.

Ter a consciência de seu fim leva-o de algum modo a refletir sobre a morte, onde percebe que a sua imortalidade se dá através do repasse do seu patrimônio genético aos seus descendentes, ou através de sua obra cultural onde pode integrar-se ao patrimônio da Humanidade e assim eternizar-se. É-nos impossível refletir sobre a morte sem refletir sobre a vida, pois a sua organização social leva-nos de imediato à organização social da vida. Hoje no Ocidente, a representação social do termo envelhecimento já não é traduzido

[43] Médica psiquiatra que atualmente desenvolve estudos na Suíça sobre os aspectos psicológicos dos indivíduos em estado terminal.

pura e simplesmente pela sabedoria e tranqüilidade, características peculiares atribuídas aos corpos encarquilhados, mas todavia pelos sentidos que os próprios indivíduos conferem às suas existências, o que não difere muito da realidade em causa neste estudo.

Tratar da temática da morte num estudo orientado para verificar as atividades físicas e as práticas desportivas na vida dos seus praticantes, a princípio pareceu incoerente, mas contudo a recolha dos dados no terreno levou-nos a aventar sobre tal possibilidade, a aproximarmo-nos pouco a pouco de mais este tópico onde se fez necessário incluí-lo no quadro conceitual, pois este foi identificado nos discursos circulantes, ouvidos e recolhidos por nós no ato da competição, onde presenciamos a morte de um nadador logo após a participação naquela que seria a sua última prova de vida.

> "*No fundo, o fenómeno desportivo é continuamente dominado pela oposição MORTE/VIDA, procurando encontrar-se para que a morte seja vencida e para que se chegue finalmente a vida*" (Costa, 1993:523).

Diante desta assertiva do autor e das observações diretas nas competições parece-nos pertinente tratarmos das questões ligadas a vida e morte presentes no ato competitivo.

A COMPETIÇÃO

"Acreditamos que nos conflitos e competições alguns ganham e outros perdem;

contudo, pode existir um ganho de conjunto provocado pela vontade de vencer...".

Hugo Lovisolo

As definições apresentadas na literatura acerca da competição são bastante difusas e modificam-se em cada autor, apresentando cada um deles uma nova faceta, novos contornos que nos levam a perceber uma variedade de sentidos. A multiplicidade de sentidos encontrada, não reside só no entendimento dos autores, como também dos atores sociais que fazem do ato competitivo o grande motor para as suas existências. Neste estudo tentaremos verificar tal multiplicidade relativa a esta temática. O desporto competitivo tem sido tomado de assalto para dar resposta às questões existenciais do homem. Acreditamos que os seus sentidos estejam ancorados à força simbólica que os mantém e orienta os seus hábitos de vida pautados em programas de atividades físicas e competitivas. Nas ciências sociais encontramos uma ampla definição para a competição:

> "*...luta pela posse ou utilização de bens limitados ou escassos. Esses bens podem ser objetos físicos ou materiais, assuntos de estima social, dignidade ou recompensa imaterial. A essência da competição é um choque tal de interesses que o atendimento de um indivíduo ou entidade impede o atendimento de outro ou entidade. A base da competição está no caráter finito da terra e no limitados recursos emocionais e estéticos da sociedade*" (Fairchild, 1974:171).

O autor ainda apresenta outros tipos de modalidades competitivas, tais como a causativa, a cooperativa, a cultural, a ecológica, a efetiva e a institucional onde independente do caráter competitivo, a competição funciona como equilibradora da comunidade humana, quando esta é ameaçada por

interferências de fatores externos ou internos. Esta dimensão de competição propõe uma atuação desta em momentos de crise, promovendo um período de rápida mudança onde a competição se acentua, dando origem a um período de equilíbrio.

Em autores mais recentes encontramos um outro enfoque, onde a competição não pressupõe, nem consciência, nem consensus social entre os indivíduos. O importante é a presença de elementos conscientes ou não, mas que sem dúvida há interação uns com os outros. Para Huizinga (1986), o jogo e a competição são inerentes ao animal tanto nos comportamentos individuais como nos coletivos.

Na perspectiva de Elias (1990), os jogos desportivos situam-se como fatores intervenientes no processo de moderação e humanização, contribuindo, inclusive, para uma modificação dos comportamentos no decorrer do processo civilizador. O autor ainda ressalta a importância destas práticas desportivas para os que assistem aos espetáculos desportivos, e a sua contribuição para o refinamento e moderação da agressão.

Seguindo a perspectiva de Elias, encontramos Costa (1991), que encara a prática desportiva como meio de canalizar a violência do homem, dentro de um sistema estruturado de violência simbólica, mas na disposição de ordem que compõe esta estrutura.

> *"Todo desporto pode ser visto e praticado como um sistema de violência simbólica. Sobretudo o desporto de alta competição pode fornecer a sociedade um mecanismo de ritualização da violência capaz de sublimar a agressividade humana de eliminar a violência real, projetando-a no campo simbólico"* (Costa, 1991:65).

A prática competitiva, na sua estrutura e no seu funcionamento, concordamos com Costa, é um sistema de violência simbólica que se expressa pelo ritual da competição. É o local onde o imaginário encontra um campo fértil para a sua proliferação, uma fonte fecunda de sentidos e de modelos do real. É também a busca da excelência humana. E assim acreditamos que os idosos em causa estão bem próximos da cultura e bem distantes da natureza.

A competição pode ser dominantemente entendida como uma relação social contrária à unidade, à cooperação e à sociabilidade.[44] Entendida como propriedade estruturante de um mundo individualista, no qual cada um tentaria realizar os seus interesses sem levar em consideração os efeitos sobre os outros, a competição é um alvo fecundo para os críticos do capitalismo, orientados por uma moral comunitária e coletivista[45]. Não se trata aqui de formular o argumento oposto ou de gerar um discurso uniforme e positivo a favor da moralidade da competição. Trata-se, numa perspectiva de inspiração "simmeliana", de entender o lugar da competição no seio das atividades destinadas a resistir à velhice, a partir do ponto de vista de atores envolvidos com a mesma, de forma amadora, no campo da natação, do atletismo, da prova de maratona e das atividades físicas aqui em causa.

A competição, por outro lado goza de especial prestígio no campo da ideologia econômica. De modo geral, entende-se que os sistemas econômicos competitivos ou de mercado aumentam a eficiência econômica resultando em maior produtividade e menor preço. Sob esse ponto de vista geral, a competição é um meio para produzir benefícios. Ou seja, a competição não teria uma finalidade própria ou específica, seria sobretudo um recurso

[44] Para conferir uma descrição da crítica à competição desportiva e alguns de seus contra-argumentos, ver ao trabalho de Lovisolo (1995). Sobre o valor oposto, o de cooperação e suas limitações, ver o mesmo autor (1996).

[45] Acompanhamos as distinções realizadas por Oakeshott, (1995).

organizativo de caráter geral que aumentaria a eficiência de qualquer tipo de produção e distribuição: econômica, política, científica e artística, entre outras, levando a ganhos e perdas em termos de dinheiro, poder e prestígio. A produção e distribuição desses bens realizar-se-ia mediante a competição.

Os desportos constituíram uma espécie de modelo abstrato da competição cujo benefício mais geral, antes da profissionalização dos desportistas, foi, e ainda é, a glória, o prestígio. Para alguns moralistas do desporto, o que importa em definitivo é o ato de competir, a "competição pura", não sendo importante o resultado. Assim, o prazer da competição ocuparia um lugar de destaque, independentemente dos resultados alcançados. Este não é o caso dos nadadores e corredores veteranos, pois a participação nas competições não está associada a nenhum tipo de retorno monetário ou material. Seus retornos, então, existindo, seriam provavelmente simbólicos.

Deve ser destacado que a competição desportiva, tradicionalmente, e sobretudo na construção ou invenção sobre o desporto na Grécia, foi entendida como campo de atuação de jovens e adultos jovens, ainda que os únicos benefícios fossem a glória ou o prestígio. As competições dos idosos, na categoria dos masters em diversos desportos, é uma atividade relativamente recente, ocupando um lugar secundário de menor ressonância e reconhecimento social. A competição desportiva para os idosos torna-se sob o pano de fundo da tradição da competição desportiva, uma ação paradoxal, pois a procura da glória no desporto é vista como ação natural dos jovens.

A COMPETIÇÃO NA TERCEIRA IDADE : uma vontade de poder ser super-homem.

A reunião de alguns títulos das obras de Nietzsche usada para nomear um tópico do capítulo "A competição", tem como propósito exaltar a interferência dos escritos deste autor no nosso entendimento acerca do universo que circunscreve as atividades físicas e competitivas para os idosos.

É sabido que neste estudo se busca a compreensão dos valores que mantém os idosos vinculados às práticas de atividades físicas e desportivas competitivas. Por isso não poderíamos deixar de incluir nesta discussão, Nietzsche, que essencialmente foi um estudioso dos valores. Ele indaga sobre a origem das avaliações sobre a criação de uma tábua de valores que é para ele a mola propulsora da vida humana pois, o homem é quem define e valora tudo à sua volta. O homem é um ser que transcende a animalidade e que vive com base nos valores que ele mesmo cria.

Alguns dos estudos de Nietzsche interessam-nos na medida em que estes apresentam uma crítica a qualquer verdade apresentada como definitiva. Esta tem como tendência cristalizar e inicialmente negar todas as possibilidades contínuas do devir, devir homem, devir mulher, devir idoso que se encontram sempre em mutação. O devir é a expressão do próprio sentido da existência nietzscheana, de um contínuo vir-a-ser das coisas, não é pura e simplesmente a passagem de um estado para o outro estado, um tornar-se, mas um contínuo tornar-se, pois ele não aceita o estado estático e sim a eternidade de um contínuo vir-a-ser das coisas. Portanto, também acreditamos nestas possibilidades do devir, nas suas diferenciações, nas verdades que se modificam com as necessidades existenciais. Tentaremos fazer uma leitura dos dados empíricos (no capítulo reservado à análise e interpretação) à luz também de algumas das suas teorias, que passaremos a tratar de modo suscinto neste tópico do capítulo.

O autor apresenta uma nova noção de verdade, ele crê na verdade como uma opção pessoal, como uma escolha do homem para a sua existência. No período denominado de reconstrução (1884), ele apresenta a sua revelação, que manifesta-se em quatro temas fundamentais e procedentes para este estudo: vontade de poder, transmutação de valores, super-homem e eterno retorno. Ainda acreditamos que a partir das idéias desse autor podemos fazer algumas reflexões acerca dos idosos e as suas respectivas práticas de atividades físicas e desportivas, pois buscamos compreender o entusiasmo das suas vontades, mesmo que incarnadas em corpos velhos.

Vontade de Poder

"Vontade de poder" é uma expressão de cariz simbólico, onde Nietzsche afirma, que para uma visão de mundo, que no todo "há" uma luta entre os impulsos: o impulso da vida, de potência, e o impulso de morte, de passividade, de degradação e aniquilamento. O que encerra numa dialética trágica, numa luta do ser contra o não ser. A vontade de poder leva ao homem a afirmar-se como soberano e tem como características o domínio, o risco, a luta, a conquista sobre as coisas e os outros seres, é o senhor todo poderoso. O Universo seria compreendido a partir da vontade de poder e nesta perspectiva Nietzsche volta a valorizar a metafísica que antes criticara com tanta veemência em filósofos anteriores. A vontade de poder também se manifesta no mundo inorgânico e no mundo orgânico mas, esta é identificada mais facilmente no mundo dos seres vivos, como afirma o autor. O prazer e o desprazer sempre estão presentes, juntos a vontade de poder, não com fins mas como consequências desta; o prazer está contido no sentimento de vitória e toda a vitória pressupõe o vencer uma resistência, uma resistência que foi superada.

> *"O desprazer, obstáculo da vontade de potência, é, portanto, um fato normal, o ingrediente normal de todo fenômeno orgânico; o homem não o evita, ao contrário, tem contínua necessidade dele: qualquer vitória, qualquer sentimento de prazer, qualquer acontecimento pressupõe uma resistência vencida"* (1975a:247).

Ele indica que a busca do ser vivo não é pelo instinto de conservação pois, o ser vivo, mais que conservar, tende a expandir a sua força, onde a conservação entra como consequência indireta da vontade de poder. E afirma que o homem não vive em busca da felicidade e sim do poder "*...o homem comparado a um pré-homem representa uma enorme soma de potência – e não um "plus de felicidade"! Como se pode pretender que ele tenha aspirado à felicidade?"* (1975a:249). O autor compara o homem a um pré-homem e diz que este não possui mais felicidade, possui mais poder, onde à afirmação desta vontade de poder, se dá de diferentes modos, se manifesta em situações variadas esta vontade de poder dos homens. Em todos os fatos da vida humana ela está presente.

Nietzsche apresenta-se como anti-Darwin, e indaga acerca dos valores propostos pela escola darwinista "a luta pela vida"; confia-se na luta pela existência, na sobrevivência dos mais aptos, dos mais dotados; em consequência surge um "*aumento contínuo da perfeição dos seres*". O que se tem comprovado é que na luta pela vida, o acaso tanto favorece os fracos como os fortes e que em algumas vezes a astúcia supera o vigor com vantagem, que a *"fecundidade"* da espécie se apresenta numa relação singular, com as oportunidades da destruição.

> *"Vejo toda a filosofia, vejo toda a ciência de joelhos diante da realidade de uma luta pela vida que é o contrário dessa que ensina a escola de Darwin, quero dizer que percebo em toda a parte, na primeira fila, sobrando os que comprometem a vida, o valor da vida"*(1975a:257).

O homem enquanto espécie, não apresenta nenhum modo de realização sobre os animais; a natureza é dura, até mesmo cruel em relação aos seres com mais vantagens sobre os outros mais fracos "protege os mais humildes". Ele salienta a necessidade de não separar o homem dos outros animais e mesmo da própria natureza, pois no conjunto da vida orgânica a consciência ocupa um lugar bem pequeno, é tão somente um dos meios de desenvolvimento do poder da vida; a consciência do homem está sempre a serviço da vida. "*...a sociedade jamais considerou de outro modo a virtude senão como meio para atingir a força, a potência, a ordem*" (1975a:258). A vida em sociedade e não somente a individual, apresenta inclusive a vontade de poder, as sociedades não são altruístas umas com as outras, ninguém no plano individual ou social, se dedica ao outro de modo filantropo, e sim para demostrar a superioridade e domínio, obter vantagens ou domínio sobre os outros povos. "*...o altruísmo do sentimento, sincero e sem hipocrisia, corresponde ao instinto que nos impulsiona a criar ao menos um segundo valor, a serviço dos outros egoísmos*" (1975a:266). Ele inclui a astúcia e a hipocrisia como meios indiretos de realização da vontade de poder. A idéia de vida é também encontrada nas contradições aparentes "bem e mal", como forma de expressão dos instintos em graus de poder variados, em hierarquias

momentâneas, onde determinados instintos são mantidos sob controle ou então aproveitados.

Na arte encontramos a formação do belo e do feio. Para o belo ele salienta *"...neste sentido o belo encontra-se entre as categorias gerais dos valores biológicos, do útil, do benfazejo, que aumenta a vida: mas somente pelo fato que um grande número de excitações, conexões que nos oferecem o sentimento do belo"* (1975a:272). Os julgamentos atribuídos ao belo e ao feio são tremendamente míopes, têm sempre a razão jogando contra si, há um alto grau de persuasão que regula os nossos instintos e bem rapidamente decidem pelo seu sim e seu não, tomando a frente da razão. Afirma o autor que por isso o julgamento estético é míope. Para o feio ele salienta *"...o feio é a contradição da arte, o que se exclui da arte, a sua negação: - cada vez que nasce a idéia de degenerescência, de empobrecimento da vida, de decomposição, de dissolução, o homem estético reage por um não"* (1975a: 273). O feio traduz-se em depressão, é pobre e oprime; a fealdade é a qualidade daquilo que é feio, aumenta as condições de mal-estar se relacionarmos com a sua saúde, existem variadas formas de imaginação que surgem a partir da negatividade produzida pelo feio.

A atribuição do caráter de escolha para o belo e o feio é notoriamente *"condicionado aos valores inferiores de conservação"* que existem nos humanos. Os homens partem daí para a determinação do belo e do feio, o que ele entende ser desprovido de sentido.

> *"Não existe o belo nem o verdadeiro. Ainda nas minúcias se trata de condições de conservação de uma certa espécie de homens: assim o homem de rebanho experimentará o sentimento de valor do belo em face outros objetos diferentes dos que experimentarão o*

homem e exceção e o super-homem" (1975a: 272).

No texto, Nietzsche, ressalta a miopia existente nos julgamentos instintivos que formam o belo e o feio na arte e na vida; pois estes não medem as consequências futuras, somente entram em consideração as consequências mais imediatas, que apontam para o valor do belo, do bom que inclusivamente passam a ser aquilo que é verdadeiro. "*...o embelezamento é a consequência da força aumentada. Podemos considerar o embelezamento como a expressão de uma vontade vitoriosa, de que uma coordenação mais intensa, de uma harmonização de todos os desejos...*" (1975a:275). A arquitetura é um exemplo do belo onde há a realização de alguns desejos e também se configura num exemplo de vitória sobre a matéria. O belo tem o poder de aumentar a vida. Há neste uma relação direta com a biologia, com a existência de um modo mais alargado. A leitura de Nietzsche, leva-nos a perceber o seu contributo para o existencialismo como ponto de partida para outras novas escolas. A sua influência com o passar dos tempos é nítida, pois na medida em que os anos passam, mais as suas idéias se tornam engrandecidas. Ele nas suas contradições pessimista/otimista, céptico/crente, entre outras tomou conhecimento de quase todas as atitudes antípodas do homem. Podemos dizer que Nietzsche, se afirmou pelas contradições assumidas ao longo da sua vida, que era o seu grande palco de reflexão.

> " *"Belo e feio", "verdadeiro e falso", "bom e mau" – estas separações e estes antagonismos revelam condições de existência e de degradação, não somente no homem em geral, mas em qualquer complexo sólido e*

durável que queira separar-se de seus adversários" (1975a:176).

Na vontade de poder encontramos um grande esforço em busca da vitória sobre o nada, esta vitória não reside pura e simplesmente na vontade de dominar, numa metafísica da violência e sim no triunfar de onde já não se espera mais nada, vencer o destino inevitável, vencer as fatalidades do tempo sobre os corpos, vencer a destruição. A vontade de poder pode ser entendida como uma vontade de perdurar, de crescer e dar mais intensidade à vida, vontade de ser e de consciência, vontade de ser senhor da sua própria existência e "ultrapassar". Em relação ao tempo, reside uma vingança da vontade contra as questões da temporalidade, que faz do passado algo inerte, com possibilidades de resolução só à luz da vontade de poder.

Na vontade de poder está todo um resumo do princípio da vida. Todavia a luta que ali se faz presente não se desemboca para a vida; mas sim numa potencialidade que a abarca concentrada em si mesma. Toda a energia evocada deve partir do corpo, simples morada da vida, que não é somente a manutenção do indivíduo mas inclusive a sua reprodução, que ele tem como motor da sua vontade. Apreendemos nos seus escritos uma necessidade de transmitir o "segredo da vida", "*...e este segredo foi a vida que mo disse: Olha, disse ela, eu sou aquilo que se tem sempre de superar a si mesmo*"(1998a:132); a existência é evidenciada a partir da compreensão de coisas essenciais como a natureza dos valores, a vida tendo que ser superada, a capacidade de auto-superação e além disto há uma identificação de um grande valor da vida associado à vontade de poder. A própria existência depende da vontade de poder.

> *"Onde encontrei vida, encontrei vontade de poder; e até na vontade de quem serve encontrei a vontade de ser amo. Se o mais fraco serve o mais forte, é por ser persuadido a isso pela sua vontade, que quer ser senhorado do que seja ainda mais ainda mais fraco que ele: é o único prazer de que não pode prescindir"* (1998a:132).

Ele aponta para um jogo de contrários existente em mandar e obedecer, que está incutido no comportamento humano. Há uma sucessão de entusiasmos e de negações, que se coadunam bem com seu modo de ver o mundo, porquanto a coragem e a sinceridade que residem nestas atitudes, mesmo quando em contradição, estão assentes na vontade de poder. A vontade de poder é assim, para ele, um símbolo de vida que reúne o mais forte de todos os instintos, que orienta a evolução orgânica. Concentra todas as demais funções fundamentais do organismo à vontade de poder, símbolo de um impulso de vida para mais. As sua concepções ainda encontram ressonância em concepções mais modernas e apontam para a necessidade de uma transmutação de valores.

Transmutação dos valores

Para Nietzsche o verdadeiro filósofo é aquele que está em contradição com a sua época e sempre a criar novos valores. Ele nas suas críticas destruiu todos os preconceitos e tradições. Primou pelo desprezo aos instintos primários da vida; apontou para uma existência enganosa de uma alma e de um espírito, para assim fazer parecer ter um corpo. No tocante à sexualidade

ensinaram-nos a ver as coisas como impuras. Na necessidade humana de crescimento, no amor de si próprio, encontramos o princípio do mal...; na degenerescência contrária aos instintos da vida, no desinteresse, na impessoalidade e até mesmo no amor do próximo vê-se o valor superior, o valor por excelência, afirma ele (1975b).

A noção de Deus foi uma invenção como antinomia da vida; nela e na sua unidade que nos aterroriza, está o resumo de tudo o que é nocivo, venenoso, caluniador, toda a hostilidade à vida. "*Deus é uma resposta rude, uma indelicadeza contra nós pensadores; antes, dizendo-se a verdade, não é senão um tosco empecilho contra nós mesmos: não deveis cogitar dele!*" (1975b:44). Para o autor a moral utilitária e a moral cristã de renúncia entram em crise em cada página da sua obra, com as idéias armadas e com a ação definida, assistimo-lo caminhar decidido contra os preconceitos incutidos na alma dos indivíduos, sempre à procura de criar novos valores. Deparamo-nos sempre com uma cândida alegria, acentuada por uma exaltação que mais parece infantil, que não pode ser admissível no filósofo escultor do sonho, da carta de fé do "homem novo" (1975b).

Toda a sua atitude não conduz à renúncia total da moral e sim a favor de uma nova moral. A sua parábola do camelo, do leão e da criança, faz-nos compreender bem esta passagem. "*Três metamorfoses do espírito vos vou indicar: como o espírito se transforma em camelo, e o camelo em leão, e o leão em criança*" (1998a:28). O camelo é o espírito que traduz o respeito. O leão é a pura negação do respeito pelos valores da tradição. A criança é o símbolo do espírito humano, o reencontro com a inocência e assim têm a possibilidade de criar novos valores.

> "*Criar novos valores – isso até mesmo o leão ainda não consegue; mas criar para si a liberdade necessária a uma nova criação –*

> *isso consegue a força do leão... apropriar-se do direito a novos valores – isso é para um espírito laborioso e respeitoso a mais terrível das apropriações"* (1998a:29-30).

À criação de novos valores ele chamou de transmutação, o que vem a traduzir grande parte do seu projeto. A transmutação não se dá somente no conjunto de valores advindos de uma conjuntura de pequena e média duração, mas sim daquilo que a cultura ocidental inculcou como verdadeiramente estrutural. A criação de novos valores, traz a criação de nova virtude, que aposta na positividade do mundo e que consequentemente diz sim à vida. Todo o valor tem relação direta com o mundo da vida; ergue-se uma nova redenção: a realidade é entendida a partir da salvação da maldição que lhe era atribuída pelo Ideal que pesava sobre ela. Ele chama a atenção para os ideais da terra, o sentido da terra é que devemos ser fiéis e não a ser sobrenatural. "*...mudança dos valores... isso é mudança dos criadores. Quem tenha de ser criador, sempre destrói. Os criadores foram primeiramente, os povos e, só mais tarde, os indivíduos"* (1998a:68). O princípio orientador da nova virtude reside no amor integral da vida, onde todo o valor é proveniente. Até mesmo as ações morais são orientadas pelo instinto da vida.

O egoísmo entra no centro das questões aliado à nova moral. "*Não vos suportais vós próprios não vos amais suficientemente a vós próprios; então, quereis seduzir o próximo com o amor e dourar-vos com o seu engano*" (1998a:69-70). A valoração do egoísmo tem como propósito erguer a alma poderosa, junto a um corpo bem disposto, pujante e belo, onde ele indica ser um bom assento para a virtude. Salienta a importância de uma moral sem regras gerais, imperativos categóricos comuns a todos os

indivíduos. Todo o homem é único e deve ser aquilo que é. Torna-se necessário saber viver diferentemente uns dos outros, viver por conta própria.

> *"Ó Zaratustra, eu sei tudo, e até que, entre a multidão, estavas mais desamparado, sendo único, do que jamais estiveste junto de mim! Uma coisa é o desamparo, a outra é a solidão. Isso... aprendeste tu, agora! E também que, entre os homens, serás sempre um ser agreste e estranho: agreste e estranho, mesmo que eles te amem..." (1998a:213).*

A proposta de transmutação de valores é feita para aqueles que se julgam fortes, homens fortes capazes de viver uma moral da vida intensa, onde põe em causa os valores orientadores da civilização ocidental e indica o niilismo como saída *"...o homem forte é uma grande quantidade de força transmitida por herança – neste caso o homem é uma soma: e do homem fraco é uma quantidade ainda pequena; ou um fenômeno final: nada mais"* (1975a:124). O niilismo radical desemboca numa profunda desvalorização da existência, é o ruir total de todos os valores, a inanidade passa a ser a certeza absoluta do homem, reina a falta de sentido para toda a realidade. *"...precisamos transpor o niilismo para compreendermos o verdadeiro valor dos "valores" do passado. ...Não importa qual seja esse movimento, dia virá em que teremos necessidade de valores novos"* (1975a:83). A instauração do niilismo é a própria retirada ao mundo dos seus valores, que lhe tinha sido atribuído pelo próprio homem, portanto também lhe cabe o papel de destruir para em seguida instituir outros novos valores.

Os valores orientadores que regem uma sociedade, um povo de um modo geral, são ideais elaborados pelo homem, tomemos como exemplo, a honra, a justiça, a verdade, o amor materno entre outros que convivemos automaticamente no nosso cotidiano. Esses sistemas de valores a que povos inteiros voluntariamente obedecem reúnem um conceito de poder que Nietzsche dá suma importância. De fato eles não existem em lado nenhum, foram inventados como meio de regular a vida do homem e foram surgindo de acordo com as suas necessidades, assumindo uma dimensão metafísica e religiosa "*...a virtude, o desinteresse, o sofrer junto", ou até a negação da vida. Tudo isso são valores esgotados*" (1975a:126). Ele atribui ao esgotamento de valores a decadência e estes aos movimentos retrógrados.

> "*...Cristianismo, revolução, abolição da escravatura, direitos iguais, filantropia, amor à paz, justiça, verdade: todas essas grandes palavras só tem valor para, na luta, servir de bandeira; não como realidades, mas como chavões para designar outra coisa (até pode designar o contrário!)*" (1975a:125).

Os mandamentos de Deus foram aceites como verdades absolutas, de onde provém a sua decadência. Os juízos morais estabelecidos a partir de verdades absolutas, são a condenação da vida e no seu interior nada existe. A sua moral caminha para o niilismo. O autor afirma que não basta a troca pura e simplesmente das antigas autoridades do além por autoridades do aquém. Torna-se necessário o encontro de outros princípios que substituam os valores, pois o niilismo não é tão somente um modo de pensar mas sobretudo uma prática de vida. A total ausência de valores, ele indica ser consequência da religião e da moral cristãs. "*...Um Deus morto por nossos pecados; uma*

salvação pela fé , uma ressurreição após a morte – esta é a moeda falsa do verdadeiro cristianismo" (1975a:147). Nietzsche crê que a verdade se volta contra a mesma moral cristã ao descobrir as mentiras que envolvem o mundo do cristianismo.

O homem perdeu a crença em si mesmo, no seu próprio valor, percebeu que já não é um *todo* extremamente valioso que age por ele mesmo: *"o que eqüivale a dizer que concebeu este todo a fim de poder dar crédito ao seu próprio valor"* (1975a:89). O autor ainda apresenta duas formas de niilismo: ativo representado pela potência do espírito, e um niilismo passivo que seria o declínio deste. É de fato um entendimento paradoxal para o niilismo.

O niilismo conduz à decadência, à destituição total de todos os valores, mas ao mesmo tempo abre portas para o surgimento de outros valores; a transmutação de valores acorre após a passagem do niilismo, da derrota de todos os seus fundamentos e cria uma nova ordem: a morte de Deus.

Super-Homem

"...Outrora, a ofensa a Deus era o maior ultraje, mas Deus morreu, e, com ele, morreram também esses sacrilégios"(1998a:13). Ao anunciar a morte de Deus ele também anuncia a morte do homem orientado pelas tradições. É a própria morte do conceito tradicional de homem da cultura ocidental. Este homem é fruto da sua decadência, um homem que vive em crise, apesar de já ter destituído todos os seus valores judaico-cristãos.

Nietzsche apresenta este homem como o " *último homem. ...Vou, pois, falar-lhes do mais desprezível que há: ora isso é o último homem* (:17) *...Ah! Aproxima-se o tempo do homem mais desprezível, que já nem é capaz de desprezar a si próprio"* (1998a:18). O último homem é aquele dotado de razão, metafísico, cristão, um homem dividido entre o corpo e a alma, entre o

sensível e o espiritual, que despreza a si próprio, que não atende aos sentidos da terra. Junto à chegada do niilismo e o surgimento da transmutação de valores há uma passagem por um estado de vazio na existência, que o velho homem é obrigado a experimentar; donde surge o Super-Homem a fim de ultrapassar também o niilismo. Com a morte de Deus, a queda do humanismo tradicional, da felicidade, virtude, razão, cultura, piedade, igualdade, urgiu a necessidade de criação de uma outra imagem de homem que, fosse compatível com as suas idéias liberais na plenitude da palavra.

> *"Quero ensinar aos homens o sentido da sua vida, o qual é o sobre-humano, o relâmpago saído da escura nuvem que é o homem. Mas ainda estou longe deles e o meu espírito não fala aos seus sentidos"* (1998a:21-22).

O Super-Homem é apresentado como aquele que venceu a Deus e o nada, é a nova forma de orientação para a transcendência humana, e nele se encontra o próprio sentido da existência do homem. *"Olhai, eu sou um anunciador do relâmpago e uma pesada gota caída da nuvem: esse relâmpago, porém, chama-se super-homem"* (1998a:17). O autor nega toda a possibilidade de construção lógica da história, toda e qualquer transcendência supra-sensível, acredita tão somente na imanência histórica no eventual advir do Super-Homem. O perfil definido para o "último homem", não se enquadra na inerência histórica do eventual advir do Super-Homem; a seleção que Nietzsche faz, voltada para o Super-Homem é tremendamente oposta à domesticação idealista designada para o "último homem". Ele denuncia a doutrina sacerdotal de manipular a domesticação do homem, imputando-lhe a culpa, a repressão dos instintos e a angústia do pecado. "*...toda interpretação*

moral e religiosa é apenas uma forma da submissão ao mal. – Crer que está oculto no mal um sentido bom, é renunciar a combater o mal" (1975a:317). Acrescenta que toda a área de domínio da moral e da religião deve ser entendido através das causas imaginárias.

Esta seleção de Nietzsche não dependia necessariamente dos processos biológicos comandados pela natureza, nem tão pouco da dialética da história e sim de uma educação dionisíaca, orientada por um método de educação organizado junto à vontade de poder. Deste modo ele estabelece a diferença entre seleção e domesticação, como forma de superar o humano. "*Eu ensino-vos o sobre-humano. O homem é algo que deve ser superado. Vós que haveis feito para o superar?* (:12) "*...o sobre-humano é o sentido da terra.*" (:13). A grandeza do homem é que ele é um meio, "*uma ponte, e não um fim*", aquilo que é possível gostar no homem é que ele é "*uma travessia e um afundamento*" (1998a:15). O homem é assim uma transição de/para, e não um termo. Ainda acrescenta que a sua admiração no homem recai apenas no fato de ele ser uma transição e um ocaso. "*É o Super-Homem que me importa, é ele a minha primeira e única preocupação – e não o homem: nem o próximo, nem mais pobre, nem o mais sofredor, nem o melhor...*" (1998a:335).

Zaratustra não se apresenta como o sobre-humano, mas aquele que vem ensinar acerca do sobre-humano; uma ensino que parte essencialmente da morte de Deus. "*Todos os deuses morreram; agora, queremos que viva o super-homem*" (1998a:90). A superação do homem é uma necessidade que urge no centro da filosofia nietzscheniana; o sobre-humano que caracteriza a superação do homem, em nenhum momento aponta para um mundo transcendente, é o que contém uma das suas declarações. Portanto, o corpo ocupa um lugar de fundamental importância, no advento do sobre-humano, mas é clara a postura antidualista, pois repudia todos os conceitos de alma determinados além do conjunto de fenômenos, compreendido como corpo.

> *"...o homem consciente, o que sabe, diz: Eu sou por inteiro corpo e nada mais; alma é apenas uma palavra que designa algo existente no corpo... o corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor"* (1998a:38).

O corpo aparece de fato como primazia na discussão do autor, que ainda aponta a razão com instrumental do corpo, a que o homem denomina de "espírito". Condena aqueles que desprezam o corpo. *"...o que eles devem não é mudar de método nem de doutrina, mas, simplesmente dizer adeus ao seu próprio corpo"* (1998a:38). Apresenta ainda o "Si Próprio" como soberano do mesmo modo que o Eu, aquele que vive em estado de alerta,"...*sempre à escuta e à procura: compara, submete, conquista, destrói...*" (:39); portanto o "Si Próprio" governa com soberania o Eu. "*O Si Próprio criou para si estima e desprezo, criou para si prazer e dor. O corpo criador criou para si o espírito como uma mão da sua vontade*" (1998a:39). Dá um alerta aos desprezadores do corpo ao afirmar, que este caminho não lhes conduz, não lhes serve de ponte para alcançarem o sobre-humano. Podemos apreender no texto, que o caminho que conduz ao sobre-humano é reservado somente àqueles que se preocupam e até mesmo se interrogam, sobre os seus corpos, aqueles possuidores de corpos criadores. Os conceitos de corpo, si próprio e vontade de poder formam uma cadeia de entendimento que orienta os ensinamentos de Zaratustra.

O homem não tem a capacidade de criar um Deus, mas pode criar o Super-Homem, que no auge da sua grande força para alcançar a glória, nos deixa ver, mesmo que de passagem, uma impiedosa sátira à sociedade moderna. Nas expressões concludentes de Zaratustra estão presentes, uma

visão tardia do ocidente em pleno declínio, em crise de fato. Ele aponta para o ruir de todos os pilares dos edifícios cujos alicerces já não se sustentam em convenções caducas (1998a).

A política organizada para a vinda do Super-Homem, tem sustentação concreta na vida social e cultural ao abranger todo o planeta. E assim instituir-se no âmbito das coletividades humanas, históricas, com o propósito de alcançar o governo mundial que aceitaria a educação dionisíaca voltada para aquele objetivo.

O Super-Homem não deve concordar com as virtudes dos fracos, libertar-se da má-consciência, amar a si próprio, ter a ousadia de ser ele mesmo. Ser bastante rígido para criar e impor os seus valores, ser capaz de transgredir grandes sofrimentos, com a finalidade de alcançar o amor do longínquo, daquilo que ainda é futuro, mas ele já se sente responsável. Ele deve ter como tônica da vida a auto-superação, vencer a si mesmo e fazer disto a sua arte de viver. "*Eis toda a vossa vontade, ó vós que sois os mais sábios! É como uma vontade de poder, embora faleis de Bem e de Mal e de juízo de valor*" (1998a:130). É desenvolvida uma teoria das virtudes que para nós ele, acrescenta à tese da vontade de poder, que anuncia e organiza ao advento do sobre-humano (1975d:136-159). Uma interpretação de cariz antropológico, da vontade de poder, nos leva a atribuir algum sentido à doutrina da virtude desenvolvida num dos capítulos[46] do livro Para Além do Bem e do Mal.

O Super-Homem não deve ser de modo algum confrontado com o seu criador. O filósofo tinha o mal como uma obsessão que o perseguia, mas assim mesmo, não deixou de anunciar ao mundo, o admirável credo de potência, onde versicula o evangelho do homem do porvir. Na sua composição ditirâmbica, com exaltação exacerbada, onde tudo é conduzido pela existência da vontade de poder, ele anuncia a chegada deste homem

[46] O capítulo tem como título: As Nossas Virtudes (136-159), onde toda a doutrina da virtude é desenvolvida.

libertador, que encarna a própria positividade da vida, o pleno amor do destino, dotado de uma alegria que não descarta a possibilidade de dor . Este Super-Homem diz sim à vida neste mundo que é totalmente finito; ele reúne a força e a sabedoria, assente na vontade de poder e acredita no Eterno Retorno. O devir para ele é a realidade possível, de fato a passagem da potência à ação onde a eternidade há de ser alcançada pela maior elevação de consciência de força no homem: eis o que gera o Super-Homem.

Eterno Retorno

"...a existência tal qual é, sem finalidade nem motivos, mas repetindo-se sem cessar, de uma maneira inevitável, sem um desfecho em o nada: o "Eterno Retorno" *(1975a:92). Esta doutrina de repetição circular dos acontecimentos, obedecendo à concepção cíclica do tempo e da história, vem desde o tempo de Heráclito, juntamente com os pitagóricos com Empédocles e até mesmo com Platão.*

Nietzsche admite que para o homem suportar a idéia do Eterno Retorno, se faz necessário que se liberte da moral; que consiga novos recursos para o combate a realidade da dor, o gracejo trazido por toda e qualquer incerteza, seja como tentativa seja como fatalismo extremado, supressão de toda idéia de necessidade, até a própria supressão do conhecimento em si. "*Se o mundo tivesse um fim já deveria ter alcançado. Se existisse para ele um estado final não-tencionado, também já deveria ter sido alcançado. Se fosse capaz de perseverar e de cristalizar, capaz de "ser" "*. Ele ainda defende a idéia de que se no decorrer do seu devir, mesmo que por um instante, somente essa faculdade de "ser", já teria há muito tempo acabado todo o devir, e assim todo pensamento, todo o primeiro espírito". "*O próprio fato de que o "espírito" é um devir, demonstra que o mundo não tem uma finalidade,*

nenhum estado final, que é incapaz de "ser" ". Aponta para o antigo hábito do homem de imaginar um final em tudo o que ocorre e em todos os fatos que ocorrem no mundo, há uma inserção direta de um Deus que orienta e que cria "*...é tão potente que o pensador tem dificuldade em deixar de conceber que a falta de finalidade no mundo é também uma intenção*" (1975a:286).

Desenvolve uma linha de raciocínio onde o mundo não é necessariamente um Deus, mas que deve ser possuidor de uma "*divina virtude criadora*", da infinita faculdade de transformar. Ele estudou as concepções pré-socráticas do Eterno Retorno como também enveredou pelas concepções orientais, bramânicas e budistas; " *...mas o nó de causas, no qual estou enleado, regressa... e tornará a criar-me! Eu próprio faço parte das causas do Eterno Retorno*". Para ele o mundo passa e volta a passar indefinidamente pelas mesmas fases, onde cada homem voltará a viver a mesma existência.

> *"Regressarei, com este Sol, com esta Terra, com esta águia, com esta serpente – não a uma vida nova, nem a uma vida melhor, nem a vida semelhante: regressarei eternamente a esta mesma e idêntica vida, no que ela tem de mais grandioso e também de mais ínfimo, para voltar a ensinar o Eterno Retorno de todas as coisas"*(1998a:259-260).

Nietzsche assegura que há uma diferença muito grande, se calculada em milhares anos, entre uma fase e outra do Eterno Retorno. A teoria da constância da energia exige o Eterno Retorno; o fato evidente de nunca se alcançar o equilíbrio, torna notório que isto não é possível. "*A forma do*

espaço deve ser a causa do movimento eterno, ...a "força", o repouso, o permanecer igual a si mesmo, contradizem-se entre si. A medida da força (como quantidade) é fixa, sua essência é fluida" (1975a:287). E assim nesta linha de pensamento, o autor indica que fatalmente, na forma infinita em que o tempo se apresenta, surge a possibilidade de cada combinação tornar a realizar-se mais uma vez, e até mesmo uma infinidade de vezes.

Proença (1987) faz uma leitura do Eterno Retorno em Nietzsche (notas de 1881), e aponta os estados que este mundo pode atingir.

> *"...ele já os atingiu, e não só uma vez, mas inúmeras vezes. Assim este momento: ele foi já uma vez, muitas vezes, e voltará da mesma forma, visto que todas as forças estão repartidas exactamente como agora, e o mesmo se dá com o momento que deu origem a este e com o momento que dele sairá por sua vez, Homem!"*(1987:61).

A reprodução de cada fato, de cada acontecimento ocorre no interior do devir, onde o número de combinações também é ilimitado. "*O devir não tem condição final e não tende ao "ser"...não é uma condição aparente; talvez o mundo do ser seja apenas aparência...permanece, em cada momento, igual a si mesmo em sua totalidade; a soma de seu valor é invariável"* (1975a 287-288). O devir seria a passagem da potência ao ato, uma possível teoria da qual tudo devém e nada morre; onde acreditamos que o conceito de eternidade se aproxima da afirmação do Eterno Retorno, como uma forma de dizer sim à vida e então passa a fazer parte do eterno. Ter vontade de participar da eternidade não é uma idéia nova do homem. Já na tradição pitagórico-platônica e cristã que, na figura do reino de Deus com a sua eterna glória, a

repetição via grandes intervalos de inexistência do homem, a eternidade aparece no destino supra-terreno, eterno da imortalidade da alma humana. Deste modo a perspectiva de Nietzsche é oposta àqueles que aceitam a idéia de um destino supra-terreno como também àqueles que aceitam um destino pura e simplesmente terreno do homem.

Nietzsche apresenta uma vida que deve ser vivida, até ao fenômeno mais vulgar do cotidiano. Não afirma sem negar. Contradiz-se sempre, para, a partir das suas negações, do conflito das contradições, fazer novas descobertas, novos matizes que o olhar do homem não mais distinguiam. O pensar volve-se contra aquele que pensa... mas há uma eternidade, é necessário localizá-la. Há, nesse que se esvai rapidamente, nesse instante, no vivido, o constante vir-a-ser que é eterno. O "*amor fati*" é, em certa medida, a eternidade vivida, afirmada, aprovada no instante. A idéia do Eterno-Retorno apresenta uma prova seletiva que não aceita aqueles que não são capazes de suportar o pensamento, de recomeçar eternamente uma existência sem êxito. O Super-Homem é a própria incarnação do Eterno-Retorno. Os fracos serão totalmente esmagados pela idéia do Eterno-Retorno; aqueles que mal viveram em vida na crença no pecado e na tristeza (1975a).

Zaratustra é Dionísio que na sua narrativa ditirambica retorna à terra, depois de um longo tempo; "*o amor fati*", supomos ser a afirmação dionisíaca do mundo, aceite e amado tal como ele é. O entendimento do Eterno-Retorno pode ser de negação ou de afirmação, atitude de rejeição e de maldição ou até mesmo de adesão por expontânea vontade. Com base no poder seletivo, (pois só os fortes a suportarão) a idéia maior da vontade de potência será regida pelo sim à vida como forma de Eterno-Retorno (1998a). A teoria do tempo é essencial para o Eterno-Retorno, e este é contrário à crença idealista, na qual o mundo tem como orientação fundamental a providência divina, cujo propósito é instaurar o Reino da Moral. O Eterno-Retorno opõe-se a afirmação da "inocência do devir".

> *"O mundo existe; não é algo que se torna, algo que passa. Ou, mais exatamente: torna-se, passa, jamais porém começou a devir, jamais cessou de passar, - conserva-se sob duas formas...Vive de si mesmo: suas dejeções são seu próprios alimentos"* (1975a:288).

A existência tão somente como ela é, não tem nenhum sentido nem finalidade, mas há-de retornar inevitavelmente, sem necessariamente ser conduzida ao nada. Ele rejeita o finalismo em prol de uma idéia "imoralista" do devir. Todavia são apresentados os caracteres que para Nietzsche são essenciais para o sucesso da idéia de Eterno-Retorno. "*Os mais moderados, os que não têm necessidade de dogmas extremos, os que não somente admitem, mas amam também uma boa parte de acaso, de "contra-senso""* . De fato esses caracteres são aqueles admitidos para o Super-Homem, para os que acreditam ser mais fortes. "*Os que podem pensar no homem, reduzindo consideravelmente seu valor, sem que se sintam, por isso, diminuídos ou enfraquecidos: os mais ricos em relação à saúde...*", os possuidores desses caracteres podem sonhar, sem temor, com o Eterno-Retorno "*...aqueles que estão à altura da maior desgraça e que, por isso mesmo, não temem a desgraça, homens que estão "convictos de seu poder" e que, com uma altivez consciente, representam a força à qual o homem atingiu*" (1975a:95). Apresentamos alguns dos caracteres que Nietzsche deseja, acredita ser necessário para que o Super-Homem possa alcançar o Eterno-Retorno. Para os desesperados o Eterno-Retorno é uma maldição, o que já não ocorre para os que estão prontos, à altura do seu sofrimento.

A idéia de Eterno-Retorno é fundamental na sua filosofia, é a mola propulsora do seu pensamento, e nela está contida a sua filosofia, cheia de intuição, de fantasia, arrebatamento, transfiguração, vôos incontidos, olhares de eternidade, sombras da meia-noite da alma, luares que cobrem as cavernas do inconsciente da espécie, tardes serenas, crepúsculos mornos e rosados. Nietzsche apresentava assim uma dialética trágica e deste modo combateu a sistematização. "*Filosofia não é sistematização. Toda filosofia sistemática é um limite, é uma prisão*" (1975a:23). Apreendemos que sistematizar é querer regular, padronizar dentro de um esquema de vida em pleno movimento. A importância reside em compreender a vida, relacioná-la aos símbolos orientadores, interpretá-la através das percepções dos indivíduos, vivê-la e representá-la de uma forma positiva. Deste modo consideramos que as atividades físicas e competitivas praticadas pelos idosos do estudo em causa, atuam como forma de um novo devir, de uma luta constante em busca não de um Eterno-Retorno na perspectiva retornista de Nietzsche, mas de uma atuação constante de resistência frente ao envelhecimento, um ser capaz de transgredir grandes sofrimentos.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL

"Conhecer é, pois, um ato mágico do ser que faz aparecer para si aquilo que lhe é exterior e/ou interior. O sentido do que aparece não está no sujeito que conhece nem na coisa conhecida, mas nos efeitos de sentidos que vão se constituindo no processo de conhecimento".

Nilda Teves

A vida social, os seus comportamentos e seus mecanismos de funcionamento, nunca deixaram de ser foco de estudos daqueles que se questionavam acerca dos imaginários sociais, representações e símbolos que intervinham nas práticas coletivas. Os processos de construção e comunicação das representações sociais só podem ser observados nas interações entre os grupos e entre os indivíduos.

Com o surgimento de novas técnicas, os imaginários sociais passaram a ser trabalhados de forma mais requintada, tendo uma evolução cada vez mais voltada para facilitar os meios de manipular a imaginação social, o que pode ser comparado na atualidade com a evolução da propaganda e do *marketing,* suas técnicas e instituições, a formação de técnicos especializados, a função da mídia na formação dos imaginários sociais. E com esse advento, há uma ruptura significativa na história dos discursos de algum modo sistematizados sobre o imaginário (Ansart, 1978). A partir deste ponto daremos um mergulho raso na evolução histórico filosófica dos discurso/ imaginário/representação social.

Platão e Aristóteles dão significados, cada um de acordo com a sua ótica, às experiências vividas na polis ateniense, às discussões travadas, ao poder que o domínio da linguagem tem de modificar o sentido das ações e, consequentemente, as práticas coletivas. Com a chegada da era democrática, os ritos perdem o seu espaço junto à assembléia, onde os mitos se reproduzem, tornando-se um espaço de deliberação e debates de rivais, que visam controlar tanto o poder efetivo como os símbolos. Platão, ao se dar conta dos novos enunciados da vida coletiva, exalta as funções dos imaginários sociais que veiculam através do mito. Apesar de toda ilusão que lhe é atribuída, o mito assegura a coesão social quando legitima a estratificação das classes sociais.

Aristóteles dá ênfase às técnicas de argumentação e persuasão e à retórica propriamente dita, destacando o poder de interferência que o discurso exerce sobre as "almas", assim como na imaginação e nos juízos de valor. Ele já salientava as questões de conhecimento do mundo e o papel da linguagem para com esse, apontando para a grande dificuldade de se carregar os objetos conosco, e por isso torna-se necessário representá-los. As "coisas" que fazem parte da própria experiência são representadas sob a forma de pensamento, de alguma espécie de linguagem, de comunicação na presença de símbolos. Para os gregos "coisa", tem a sua origem no verbo experimentar, praticar, logo, coisa experimentada, coisa vivenciada. E assim, Aristóteles une os signos, as palavras, não às coisas propriamente ditas, pura e simplesmente a sua denotação, mas a função que reside na experiência do indivíduo. Até mesmo as "coisas" naturais são conhecidas pela cultura deste ou daquele povo, culturalmente identificadas. Identificar as coisas no cotidiano de um povo é admitir que os olhos fazem parte da instituição do seu mundo vivido. "*O local de onde parte o olhar é um espaço antropológico. Aquele que olha o faz a partir de uma determinada perspectiva e de um imaginário social*" (Teves, 1992:13). Deste modo para a tradição aristotélica as coisas surgem na consciência como imagem, como representações.

Maquiavel, baseando-se na tradição antiga, usa a experiência obtida na propaganda real contra o poder da igreja, elaborando a sua teoria. A célebre frase " Governar é fazer crer", enfatizando as inter-relações existentes entre o poder e o imaginário, simultaneamente, resume uma atitude técnico-instrumental diante das crenças e o seu simbolismo, especialmente diante da religião. Ainda nos estudos de Maquiavel encontra-se toda uma teoria das aparências, de que o poder está relacionado com uma infinidade de instrumentos de dominação simbólica (Maquiavel, 1977).

> *"O Príncipe, rodeando-se dos sinais do seu próprio prestígio e manipulando habilmente toda a espécie de ilusões, pode desviar em seu proveito as crenças religiosas e impor aos seus súditos o dispositivo simbólico de que retira o prestígio próprio"* (Baczko, 1985:300).

Com a dessacralização das antigas legitimidades no século XVIII, houve a necessidade de se criar e imaginar outros objetivos legítimos, a fim de serem introjetados nas mentalidades. A igreja é atacada pelo uso que faz das palavras, signos, cerimônias, porque com isso conseguiu apenas implantar os "preconceitos e ou fanatismos" nos seus espíritos. O poder monárquico absoluto também é criticado, assim como o seu universo simbólico. "*O princípio que leva o homem a agir é o coração, são as suas paixões e os seus desejos. A imaginação é a faculdade específica em cujo lume as paixões se acendem, sendo a ela que se dirige a linguagem dos símbolos*" (Baczko, 1985:301). O papel do imaginário na vida coletiva passou a ser indagado pelo pensamento político e social das Luzes, pois a razão tornou-se exacerbada. Rousseau dá início a uma reflexão sistemática da "linguagem dos signos" e qual a sua interferência diante da imaginação, o que é uma evidência, na medida em que a imaginação do homem transcende a sua própria existência física.

Michelet exalta a produção contínua na longevidade histórica do imaginário pelo povo. Ele procura definir o imaginário como local onde as aspirações populares emergentes podem expressar os seus anseios, mas também pode ser um local onde lutas e conflitos podem ser travados entre o povo dominado e as forças que o oprimem (Baczko, 1985:303).

Apesar das oposições metodológicas existentes entre Karl Marx e Emile Durkheim, as suas contribuições também foram fundamentais para a formulação de indagações acerca da imaginação social. Na obra de Marx, em meados do século XIX, encontramos uma contribuição das mais significativas para o estudo dos imaginários sociais *"...a elaboração de um esquema global de interpretações dos imaginários saciais a partir da análise das ideologias; o estudo dos casos concretos que, embora aplicando aquele esquema, o torna mais maleável"* (:303). Marx (1971) destaca o surgimento dos imaginários voltados para as ideologias, assim como as funções que exercem nos confrontos sociais. Para ele dominar a realidade significa dominar as questões econômicas, sociais e históricas, onde o seu contributo é inegável. Contudo, o conhecimento não é aquele que imediatamente nos aparece, mas o que interessa é o que está oculto. A realidade oculta é para Marx também uma realidade com base dialética. Ele viu uma possibilidade de funcionamento para a sociedade como movimento, como complexidade, onde forças antagônicas entram em conflito. E apresenta uma forma de raciocínio com base na experiência cotidiana imediata, onde só se apreende aquilo que é aparentemente ilusório das coisas. Então as verdades científicas surgiriam, sempre como verdades paradoxais e se confundisse a essência e a aparência, a ciência seria absolutamente supérflua.

É desencadeada um verdadeira revolução epistemológica em quase todas as áreas do conhecimento. A partir de Marx passam de uma fase pré-científica para uma fase científica, entendida como a passagem do sensível ao inteligível. Parece-nos lícito também apontarmos uma revolução copérnica em Marx com o centro voltado para a economia e sociedade, nas infra-estruturas (forças produtivas) mais do que nas superestruturas (ideologias), mais na força coletiva do que no individual, mais no estrutural do que nos fatos, mais no economico-social do que no político, mais na lógica dos

acontecimentos do que nas vontades. O saber não é pura e simplesmente adquirido mas é na práxis que a verdade está contida.

Durkheim ressalta a correlação existente entre as estruturas sociais e os sistemas de representações coletivas, ao verificar a maneira como elas oferecem uma situação que afirma o consenso ou até mesmo a coesão social. No autor em tela (1912, 1978), encontramos uma relação entre o fato social e a sociedade. Ele acredita haver uma superioridade do fato social sobre o fato individual. Apresenta uma "consciência coletiva" que se baseia numa teia de crenças comuns, expressando o sentimento real do coletivo e que só através do símbolo o homem é capaz de se comunicar e expressar os "seus estados mentais". No pensamento sociológico de Durkheim a sociedade tem uma realidade *"sui generis"* onde as representações coletivas estão expressas nos fatos sociais.

> *"As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para fazê-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e sentimentos; longas séries de gerações acumularam aqui sua experiência e saber"* (1978:216).

O símbolo interfere diretamente no fato social. Normalmente nas representações coletivas não estão expressas somente a representação *"única de uma coisa única, mas sim uma representação escolhida mais ou menos arbitrariamente a fim de significar outras e de exercer um comando sobre as práticas"* (Mauss, 1969:210). De algum modo o símbolo estaria, inicialmente inserido na categoria do signo, onde a maioria dos signos são apenas

subterfúgios de economia, levando a um significado possível de ser verificado. Seria um sinal que antecederia a presença do objeto que representa. Até certo ponto, os signos deste tipo são utilizados como um meio de economizar as operações mentais, onde teoricamente são escolhidos arbitrariamente.

Entretanto, noutros momentos os signos perdem a sua arbitrariedade teórica, sendo levados abstrações, especialmente qualidades espirituais ou morais, impossíveis de serem concretizadas. Durand (1988) distingue teoricamente dois tipos de signos: arbitrários e alegóricos.

> *"...os signos arbitrários, puramente indicativos, que remetem a uma realidade significada, senão presente pelo menos sempre representável e os signos alegóricos que remetem a uma realidade significada dificilmente apresentável"* (1988:13).

Em Cassirer (1972), encontramos uma distinção entre os símbolos e os sinais, onde este teve o mérito de reordenar nos seus estudos relativos ao simbolismo, a noção de "pregnância símbólica", percebendo com isso a força e até mesmo a estabilidade e freqüência da organização psicológica. O modo segundo o qual uma vivência é uma percepção imediata e concreta de um significado.

> *"... sinais e símbolos pertencem a duas esferas diferentes da expressão das idéias: o sinal é uma parte do mundo fisico do ser, o simbolismo é uma parte do mundo humano do*

> *sentido. Os sinais são "operadores" e os símbolos são "designadores"* (1972:60).

O autor tece uma crítica aos grandes pensadores que definiram o homem como animal racional, o que para o autor seria uma definição pouco empirista. *"...razão é um termo pouco adequado para abranger as formas da vida cultural do homem em toda a sua origem, riqueza e variedade. Mas todas estas formas são simbólicas"* (1972:51). O processo simbólico é um dado essencial e até mesmo universal da constituição do ser humano, fortemente presente em todas as culturas. Acredita-se que o homem de "Cro-Magnon", ao iniciar o culto dos mortos, pintando os túmulos com tinta ocre, produzida a partir da mistura de raízes, juntamente com sangue de animais, cujo propósito era simbolizar a crença na vida após a morte, deu início aos primeiros esboços de simbolização. O que aponta para uma organização, em certa medida, da ordem emocional que segue os seus esquemas próprios, assim como o pensamento conceitual. Ainda em Cassirer, encontramos que *"o verdadeiro substrato do mito"* (1972:134) não reside no pensamento, mas essencialmente no sentimento, onde o que os difere é o peso dos seus atributos, todavia, em ambos encontramos uma lógica reguladora, que os torna racionalizáveis.

No decorrer da evolução histórico filosófica das ciências dos símbolos uma interdisciplinaridade foi se constituindo, relacionando estudiosos como E.Cassirer, R. Alleau, E. Morin, P. Ricoeur entre outros, onde então foi criado o *Centre de Recherches sur I' Imaginaire* sob a direção de Gilbert Durand. Em 20 de dezembro de 1966, o Conselho da Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Grenoble - França decidiu por unanimidade, a criação de um centro interdisciplinar de Pesquisa sobre o imaginário, com o seu funcionamento no ano seguinte (Alleau, 1976).

Este breve levantamento leva-nos a inferir que os estudos sobre as atividades físico desportivas (dentro da dimensão do simbólico), – os mitos, as crenças e os valores que tecem a imaginação social acerca destas atividades e o corpo – ainda são em certa medida, recentes havendo muito caminho a ser percorrido para que cheguemos a uma compreensão mais clara sobre o papel do indivíduo, como produtor de sistemas simbólicos-sociais e as suas múltiplas relações.

Foi para um melhor entendimento que situamos historicamente a imaginação social, e discorremos, de maneira sucinta, acerca da representação. Iniciamos com os gregos que já admitiam que o homem era pilotado pela razão, e que a imaginação era parte da ação mental do indivíduo, até chegarmos aos estudos atuais, que a partir daqui trataremos.

Na atualidade Durand, tem desenvolvido estudos sobre esta temática, e indica que ao estudar o imaginário se baseia na compreensão e delimitação de uma função psíquica, que procura organizar e sintetizar os vários dados dispersos na multiplicidade de setores das ciências humanas. Assim, o estudo do imaginário corresponde de algum modo a uma interpretação dos símbolos e mitos, pois canaliza e organiza os dados no que se refere às estruturas antropológicas em regime de imagens e em estruturas do imaginário.

> *"...o símbolo surge como restabelecedor do equilíbrio vital comprometido pela noção de morte ...depois o símbolo é pedagogicamente utilizado para restabelecer o equilíbrio psicossocial ...a simbólica estabelece um equilíbrio antropológico que constitui o humanismo ou o ecumenismo da alma humana"* (Durand, 1988:100).

Entendemos que para o autor, o símbolo funciona como instaurador do bom senso e do equilíbrio diante da morte (situação limite tratada ainda com grande receio pela sociedade), da vida e dos possíveis desajustes psicossociais. Ele ainda apresenta o homem como "homo simbolicus", o símbolo atua possibilitando uma entropia positiva do universo.

Falar em representação é falar no modo imaginário e simbólico que estão contidos nesta. A representação "forma-se" na e pela psiquê; estamos diante de uma afirmação redundante, pois a psiquê é isto mesmo, uma emergência de representações associadas a um afeto e contidas num processo intencional. Não é possível compreender o complexo universo da representação, se procuramos a sua origem fora da própria representação.

> *"A psiquê é receptividade de impressões, capacidade de ser-afetada-por;...mas ela é também emergência da representação, enquanto modo de ser irredutível e único, organização de alguma coisa em e por sua figura em imagem"* (Castoriadis, 1991:325).

Inferimos que é impossível analisar a representação, quer a nível consciente ou inconsciente, pois esta não possui linhas limítrofes. Qualquer tentativa de separá-las ou unificá-las, terá um resultado infrutífero. Castoriadis, refere-se a Kantor, em busca de um pouco mais de elucidação.

> *"O que a representação nos dá é a "multiplicidade inconsistente", utilizando-nos de uma expressão de Kantor: um tipo de ser*

> *que não somente é ao mesmo tempo um e vários, mas para o qual estas determinações não são decisivas nem indiferentes"* (Castoriadis, 1991:319).

Jodelet (1989) atribui grande importância às ciências sociais, quando nos seus estudos busca verificar as estreitas relações existentes entre as produções mentais e as estruturas materiais e funcionais da vida cotidiana dos grupos. A tradição clássica diz-nos que toda teoria é um modo de olhar para os fenômenos sociais, uma orientação para a leitura do fato real e concreto. Todo o fenômeno social possui um grau de complexidade advindo da mediação empírica da consciência, e só deve ser analisado levando-se em conta o contexto social em que emerge, circula e se transforma, transformando inclusive os comportamentos. A autora em causa reconhece que as representações sociais são "*uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, tendo um objetivo prático e concorrendo para a construção de uma realidade comum ao conjunto social*" (1989:36). E deste modo, trata-se de construções mentais elaboradas pelos indivíduos a partir do mundo real, com o propósito de interpretar e reelaborar esse mesmo real.

Quanto à representação mental Jodelet acredita que esta difere das sociais, quando se toma a primeira no sentido clássico, imagem mental que o indivíduo faz da realidade concreta, já que na segunda a sua produção se enraíza no social, por meio das trocas interpessoais, e circulam através do dito, da linguagem, que se vai dando a sua construção. É sabido que as representações sociais se manifestam pelo discurso e as ações dos indivíduos e que sofrem influência das relações sociais, da realidade material e social e até mesmo ideal no sentido imaginário, contudo ele também interfere nestas realidades.

Moscovici ressalta a importância das interações sociais dos indivíduos com o meio ambiente, na construção das representações sociais pois, trata-se da sua produção e não da sua reprodução.

> *"...seu status é o de uma produção de comportamentos e de relações com o meio ambiente, de uma ação que modifica aqueles e essas, e não de uma reprodução desses comportamentos ou dessas relações, de uma reação a um dado estímulo exterior"* (1976:50).

O autor apresenta a expressão "modifica aqueles e essas", empregada aos comportamentos e às suas relações de troca com o meio ambiente. Acreditamos que essa expressão indica uma parte relevante das representações sociais pois, aqui adquire um caráter instrumental. Na medida em que diante de uma realidade que foge ao indivíduo na sua totalidade, ele constrói representações mais ou menos correlatas com essa realidade, com o propósito de poder compreendê-la e assim interpretá-la. Entendemos que o que ocorre nesta passagem da realidade concreta para a realidade psíquica, que possibilita tornar presente o ausente, proporciona um certo desequilíbrio no indivíduo. O aparecimento de conhecimentos novos que, se comparados com aqueles já residentes na estrutura cognitiva, a primeira impressão é que estão desprovidos de sentido. No entanto, para a manutenção do equilíbrio o indivíduo organiza junto do conhecimento anterior a sua nova aquisição. E assim diante desta operação mental saem ambos modificados. Também encontramos respaldo para a afirmação que a representação social é produzida e não reproduzida.

Percebemos a representação social como sendo a totalidade da produção da vida mental do indivíduo, onde sonhos, desejos, fantasias são apreendidos mediante pistas que tecem o enredo desta imaginação, criando-se a capacidade de romper com o real concreto que o aprisiona, numa tentativa de negar o estabelecido. A produção imaginária é real, pois concretiza-se através das crenças, mitos, ideologias, religião, entre outros. Portanto, a imaginação é um processo, onde o imaginário é o seu produto. Podemos localizar, em certa medida, a imaginação social na dimensão macro, encarnada na sociedade, engendrando a consciência coletiva. No entanto, localizamos também em certa medida, a representação social na dimensão micro, pulverizando as relações de grupo. "*A vida coletiva, como a vida mental do indivíduo, é feita de representações; é pois presumível que representações individuais e representações sociais seja, de certa forma comparáveis*" (Durkheim, 1970:16).

Moscovici (1984) foi buscar em Durkheim os seus primeiros ensaios para conceituar as representações sociais. Tratava-se do conceito de representações coletivas (1912, 1972), onde Durkheim apresentava a religião, os mitos, a ciência, as categorias do espaço e tempo entre outras em termos circunscritos à sociedade, os fenômenos psíquicos e sociais. Moscovici aponta a diferença entre os fenômenos estudados por Durkheim e aqueles que julga necessário serem estudados pela psicologia social na atualidade.

> *"As representações em que estou interessado não são as de sociedades primitivas, nem as reminiscências, no subsolo de nossa cultura, de épocas remotas. São aquelas da nossa sociedade presente, do nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para*

> *permitir a sedimentação que as torna tradições imutáveis"* (Moscovici, 1984:18-19).

Moscovici (1984) no seu clássico livro "A Representação Social da Psicanálise" ressalta a importância do dito, dos discursos que circulam nos diferentes grupos sociais, para a compreensão dos comportamentos sociais. E neste entendimento converge com Jodelet (1989). A teoria da representação social, busca compreender os fenômenos e os seus estudos incidiram mais sobre os aspectos urbanos, onde o homem expressa determinada capacidade de ser e estar no mundo da vida, através dos conceitos, explicações e afirmações, advindas das interações sociais ou do cotidiano específico de cada indivíduo, sempre em relações de troca com os outros e com o espaço que o circunscreve.

O campo de estudos das representações sociais defendido por Moscovici, obedece a três critérios fundamentais, a saber: - a) o papel desempenhado pelo indivíduo como produtor de sistemas simbólicos e sociais; b) o estudo é centrado nos sistemas simbólicos complexos; c) as trocas intra e intergrupos e o funcionamento e modificações do meio social (Souza Filho, 1989). Na dimensão simbólica são admitidos todos os meios de produção de conhecimento seja na perspectiva individual ou coletiva. Existem relações pertinentes entre significados e atitudes, elaborando-se desta forma campos de representação. As propostas de estudos são centradas na produção simbólica onde a partir de observações sistemáticas se apreende o mundo real do homem "in situ", ou seja situado em um lugar, pois o homem re-apresenta o mundo do modo que ele pensa que é e deve ser.

A lógica da representação do indivíduo, não se baseia em verdadeiro/falso ou certo/errado, ela está pautada nos seus sentidos "*...tanto o falante como o ouvinte falam de algum lugar da sociedade, e isso faz parte da*

significação mesma do que é dito" (Orlandi, 1988:18). O espaço físico que o indivíduo habita tece um campo imaginário que o circunscreve, modificando a sua forma de ver, sentir e pensar sobre este campo. Outras coisas passam a adquirir um sentido que antes não tinham, não faziam parte da sua realidade social. Há diferentes realidades sociais, onde cada qual possui a sua inteligibilidade específica, que perpassa de algum modo as normas e os valores coletivos, princípios morais que direcionam a vida do indivíduo dentro da coletividade, dentro do seu campo imaginário, nas trocas e parcerias do cotidiano.

> *"A representação faz circular e reúne experiências, vocabulários, conceitos e condutas que provêm de origens muito diversas. Reduz a variabilidade dos sistemas intelectuais e práticos, os aspectos desconexos do real... Representar algo conduz a repensá-lo, a reexperimentá-lo, a refazê-lo à nossa maneira, em nosso contexto, «como se aí estivéssemos» como sujeitos ativos e interativos"* (Votre, 1996:31-32).

E assim sendo, a representação social é a reprodução daquilo que um indivíduo ou um grupo valoriza, elaborada e transformada a partir do seu campo imaginário, adquire um sentido e torna-se parte da própria realidade social do indivíduo ou do grupo em causa. Portanto as representações sociais/individuais, são elaboradas na e pela psiquê, são elaborações mentais que não fazem parte da categoria dos simulacros e sim do mundo da vida cotidiana.

A realidade social: as condutas orientadoras da vida cotidiana

Os caminhos que levam à realidade, bem como o entendimento do termo são difusos e motivos de discussão desde os filósofos pré-socráticos até aos pensadores contemporâneos. Para alguns filósofos a realidade só existe se relacionada com a experiência, onde então pode ser alcançada com justeza a idéia do que seja a realidade. Para Kant o real é dado no limite daquilo que se adquire a partir da experiência, há portanto uma relação direta entre sensação, percepção e realidade. O problema da realidade não encontrou ainda uma dilucidação e continua ligado aos problemas da filosofia pois, a realidade é um dos modos primários do ser e através dela é possível compreender a estrutura da vida humana, quer no plano individual quer em grupos sociais distintos.

O entendimento filosófico da realidade não é o nosso propósito todavia, para entendermos a realidade da vida cotidiana, torna-se necessário dar atenção ao seu caráter intrínseco, antes mesmo de buscarmos um entendimento na perspectiva sócio-antropológica, que é o nosso propósito. Compreender os valores que ancoram os comportamentos, os sentidos que são impressos na realidade da vida cotidiana, que se tornam material dos estudos empíricos desta especificidade científica.

Nesta linha de compreensão o sujeito do conhecimento é também um ser da natureza, onde a realidade da vida cotidiana se organiza a partir de um corpo determinado por uma estrutura biológica, das funções vitais que o mantém, que têm voz e que vive em torno do aqui e agora da vida mais imediata.

> *"A apreensão do mundo pelo homem, é, pois, apreensão intencional, constituída de desejos, de interesses, de sonhos e nunca de*

> *constatação desinteressada ...O sujeito do conhecimento é, portanto, sujeito social, histórico, determinado/determinante da realidade mesma"* (Teves, 1992:10-11).

A realidade do seu cotidiano não se esgota tão somente nas funções mais imediatas pois, o homem também é dotado de uma sensibilidade que é trabalhada para sentir, pensar, agir, ouvir, imaginar, desejar, seduzir, entre outros, como humano. É neste corpo humano que reside a possibilidade de conhecimento do mundo. Além do mais salientamos que a realidade da vida cotidiana apresenta ao homem inúmeras possibilidades de convívios e trocas intersubjetivas com outros homens, apresenta um mundo que é inclusivamente intersubjetivo.

"Tudo o que o mundo encerra ou pode encerrar está nesta dependência necessária frente ao sujeito, e apenas existe para o sujeito. O mundo é pois representação" (Schopenhauer, s/d:08). Este autor desenvolve um conceito de vontade e aponta: - *"sem vontade não há representação nem mundo"* - que acreditamos ser procedente na discussão da realidade da vida cotidiana, já que a realidade não é uma coisa dada, naturalmente adquirida e sim advinda de um indivíduo possuidor de sensações e percepções, um indivíduo produtor e consumidor de conhecimento *"...nós não conhecemos nunca o sujeito; é ele que conhece em toda a parte em que há conhecimento"*(ibidem:10). Portanto, o mundo é visto para ele como representação mas sobretudo orientado pelo princípio da razão. A vontade é objetivada a partir do momento em que se torna objeto, trazido de modo abstraído da representação para a vida cotidiana, como parte constituinte do mundo dos indivíduos pensantes.

O mundo apresentado como representação por Schopenhauer é composto por duas metades dependentes *"...essenciais, necessárias e*

inseparáveis;" a primeira ele denomina de objeto, composto pelo espaço e pelo tempo, e consequentemente a pluralidade que deste surge. A segunda é o sujeito "*que escapa à dupla lei do tempo e do espaço*", nunca é divisível por isso *uno,* próprio em cada indivíduo que o percebe. Sugere ainda que, bastaria apenas um sujeito, e um objeto para o mundo ser entendido como representação, do mesmo modo "*como os milhões de sujeitos que existem; mas, se este único sujeito que percebe desaparecer, ao mesmo tempo, o mundo concebido como representação desaparecerá também.*" Portanto as duas metades são inseparáveis, uma não existe sem a existência da outra, mesmo no campo das idéias, sob a forma de pensamento, uma existe na mesma condição de existência da outra, o que implica o desaparecimento de uma relacionado ao da outra.

> *"Elas limitam-se reciprocamente: o sujeito acaba onde começa o objecto. Esta limitação mútua aparece no facto de que todas as formas gerais essenciais a qualquer objecto: tempo, espaço e causalidade, podem tirar-se e deduzir-se inteiramente do próprio sujeito, abstracção feita do objecto..."* (Schopenhauer, s/d:11).

E ele encontra na linguagem kantiana respaldo para as suas proposições, ao afirmar que elas, as representações encontram-se *a priori* na consciência dos indivíduos, e nós acrescentamos que estas fazem parte da realidade da vida cotidiana dos indivíduos.

Berger e Luckmann (1998), indicam a realidade da vida diária como algo ordenado e que ordena a vida dos indivíduos, onde os fenômenos lhes são apresentados de modo a parecerem independentes da sua própria

observação. A realidade da vida cotidiana é objetivada e já apresentada ao indivíduo de forma constituída. Os objetos já se encontravam determinados antes mesmo da sua chegada neste ou naquele lugar. Tomemos com exemplo concreto a linguagem, o seu uso corrente na vida cotidiana objetiva continuamente as necessidades dos indivíduos e possibilita a organização, uma determinada hierarquia de sentidos para a sua vida. "*Vivo num lugar que é geograficamente determinado; uso instrumentos, desde abridores de latas até os automóveis de esporte , que têm sua designação no vocabulário técnico da minha sociedade; vivo dentro de uma teia de relações humanas...*" (Berger e Luckamann, 1998:38-39). Compreendemos que a linguagem é um modo marcante e determina as normas vigentes da vida em sociedade, dotando de significados e de sentidos tanto os lugares como os objetos que povoam e compõem a realidade da vida cotidiana.

A realidade vivida no cotidiano dos indivíduos é para ele *a* realidade. Ele não necessita de maior esforço para identificá-la como tal, ela é simplesmente aquilo que ele vive e sabe que é real. Por norma os questionamentos surgem quando também surgem as mudanças bruscas nas suas rotinas diárias. Contudo é notória a possibilidade de reintegração de sentidos, outros valores então passarão a constituir a sua rotina diária sem problemas. A transição entre o mundo do trabalho e a entrada na aposentadoria, marca nitidamente esta mudança nos valores orientadores das condutas da vida cotidiana.

As representações das atividades físicas e desportivas para o idoso: uma tentativa de mapear os seus sentidos

Um estudo que se propõe investigar a realidade social, no nosso caso os idosos e as a suas respectivas práticas, tem que considerar o amontoado (mesmo que ordenado) de representações, a sua estrutura de sentidos, os seus

significados circulantes nas mais variadas formas de linguagem. Podemos dizer que esse conjunto é o imaginário social *"...como o quadro cultural que matricia a produção imaginativa do grupo. De certa forma o imaginário regula os comportamentos recíprocos dos indivíduos ...é como se universalizássemos os comportamentos e as atitudes"* (Teves, 1992:17-18). Mediante o exposto, entende-se que no campo imaginário se procura verificar que sentido tem a vida para o indivíduo, na medida em que é um ser simbólico. É pelos símbolos que ele encontra as suas referências.

As indagações em torno das representações sociais (conceitos, afirmações, imagens e sentimentos) do imaginário, das mentalidades entre outros termos que atualmente indicam horizontes de preocupações semelhantes, que vem de longa data e em diversas áreas do conhecimento. Na associação entre imaginário social, mentalidades e práticas, representações e ações, tem se constituído uma linha de compreensão das condutas dos homens, seus comportamentos, sua vida em sociedades, seus mecanismos de funcionamento e produção dos imaginários e representações sociais, assim como toda a simbólica que intervém nas práticas coletivas. Se faz necessário o entendimento do enraizamento do pensamento individual no social e como se dá as suas condições de produções.

Numa dimensão lata os estudos voltados para a antropologia simbólica, as questões afetas ao simbolismo, evidenciam os símbolos rituais como organizadores da dinâmica social numa multiplicidade de casos. Blanchard, K. e Cheska, A. (1986), sugerem que o modelo simbólico tende a basear-se em muitas atividades coletivas, que podem ser interpretadas como mensagens simbólicas da estrutura social.

Geertz (1989), apresenta o modelo simbólico de interpretação das culturas com base no funcionamento das brigas de galo em Bali, a partir desta descreve um marco teórico.

> *"Recorrendo a praticamente todos os temas – selvageria animal, narcisismo machista, participação no jogo, rivalidade de status, excitação de massa, sacrifício sangrento – cuja ligação principal é o envolvimento deles com o ódio e o receio desse ódio"*(1989:317).

Em torno do espetáculo da briga de galos, gira um discurso simbólico que reflete a vida social dos habitantes daquela ilha. O envolvimento dos seus habitantes no espetáculo é de tal ordem que cria uma estrutura simbólica, pois "*assistir a brigas de galos e delas participar é, para o balinês, uma espécie de educação sentimental*" (ibidem). O autor assegura que o que lá se aprende, aproxima-se, em certa medida, do *ethos* de sua cultura.

Os estudos sobre as atividades físicas e desportivas dentro da dimensão do simbólico – os mitos, as crenças e os valores que tecem a imaginação social sobre as atividades físicas e o corpo – são de algum modo recentes, havendo ainda muito caminho a ser percorrido para que cheguemos a uma compreensão mais clara sobre o papel do indivíduo como produtor de sistemas simbólicos-sociais e suas múltiplas relações sociais.

Nestas relações sociais é que o indivíduo configura as suas necessidades utilitárias, os seus desejos, as suas fantasias, suas intuições, e apesar de serem sujeitos cognoscentes também são homens que desejam, produzem fantasias, sonham e simbolizam não só o real existente como inclusivamente o real possível. De acordo com a sua inserção social, e de acordo com o seu plexo de referências o indivíduo estrutura a sua visão de mundo, percebe de diferentes modos a realidade que o circunscreve.

> *"As representações sociais são fenômenos complexos cujos conteúdos devem ser cuidadosamente destrinchados e referidos aos diferentes aspectos do objeto representado de modo a poder depreender os múltiplos processos que concorrem para a sua consolidação como sistemas de pensamentos que sustentam as práticas sociais"* (Jodelet, 1984:34).

Os estudos empíricos que já realizamos em torno de dez anos de investigações nesta temática, permitem-nos mapear alguns aspectos relevantes sobre os grupos emergentes ora estudados. O que sempre esteve em causa nestas investigações foi a compreensão das representações sociais nas mudanças e transformações dos grupos sociais, no tocante à estruturação de um pensamento social, sua eficácia junto às mudanças de comportamentos.

Apresentaremos em anexo os estudos em ordem cronológica e de modo sucinto, onde constam os objetivos e as categorias levantadas. Estes estudos foram avaliados e apresentados sob as diferentes formas existentes no universo acadêmico ou seja em Congressos Científicos, banca de mestrado, publicação em revistas científicas. No quadro abaixo encontram-se as categorias levantadas nestes estudos, a fim de subsidiarem as análises deste que está em causa.

Quadro 1 - Estudos desenvolvidos sobre o tema das representações sociais

ESTUDO/ANO	*CATEGORIAS LEVANTADAS*
A/1991	Jovem, forte, longevo
B/1993	Auto-superação, prestígio social, reconhecimento familiar, identidade/singularidade, modelo de vida, longevidade, ascensão social via competição, pulsão de vida/morte
C/1993	Saúde física e mental, equilíbrio, auto-percepção, auto-controle, prazer, postura corporal
D/1993	Auto-superação, modelo de vida, prestígio social, longevidade, sociabilidade
E/1994	Curativa/preventiva, ocupacional, sociabilidade, longevidade
F/1995	Juventude/longevidade, esporte fonte de juventude, reordenação de valores
G/1997	Velhice saudável, preparação para a competição, heróis desportivos
H/1998	Sociabilidade, saúde, ocupação do tempo livre, re-ligação com o passado jovem, retorno da atenção familiar
I/1998	Poder, vigor, boa disposição para o dia a dia, força de atuação, força física, auto-estima elevada, conhecimento familiar, sociabilidade
J/1999	Questões de autonomia, resistências às doenças e aos efeitos do tempo, adoção de um outro corpo

Com base na *redução concomitante* proposta por Hébert et. alii (1994) elaboramos o quadro 2, a partir do quadro 1, onde as categorias foram agrupadas por semelhanças.

> *"A redução concomitante é um processo de análise que a investigação qualitativa também possibilita; permite, a partir do conjunto de dados já obtidos, elaborar estratégias quanto ao modo de recolher mais informações"* (1994:113-114).

A redução das informações foi feita a partir da leitura, da identificação e finalmente do recorte das unidades de sentido, ou seja das categorias que mais se evidenciaram ao longo dos estudos. E a partir desta estratégia serão constituídos os dados para a análise deste estudo. Este estudo inscreve-se no paradigma interpretativo, com base fenomenológica dando ênfase às categorias de opinião, onde são retratadas as representações nas falas dos indivíduos.

Quadro 2 - Categorias mais frequentes por ordem de evidência

CATEGORIAS	Nº de vezes
Saúde	10
Longevidade	5
Sociabilidade	4
Juventude	3
Prestígio social	3
Reconhecimento familiar	3
Modelo de vida	2
Auto-superação	2
Ocupação do tempo livre	2

O quadro nº 2 apresenta de modo reduzido (aproximação por semelhanças) as categorias mais evidentes nos estudos por nós desenvolvidos, com base na teoria das representações sociais aplicadas às atividades físicas e desportivas. Contudo, a nossa intenção é verificar a existência destas no trabalho ora desenvolvido, e assim nos propomos verificar se as categorias presentes neste quadro também se apresentam no discurso circulante do grupo aqui estudado. No capítulo reservado à metodologia encontram-se todos os procedimentos metodológicos com mais detalhes.

Assim organizadas as representações sociais, constituem um modo de apreensão do real contingente. E na abordagem deste estudo a teoria da representação social, como parte integrante do quadro conceitual, possibilita a leitura dos fatos empíricos, à luz da análise compreensiva de base fenomenológica. Nós como profissionais da intervenção não podemos ignorar a existência da construção de significados sociais, que são dotados de sentidos para a força do vivido destes idosos.

III - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO: um diálogo entre as teorias e os dados empíricos.

A realidade fenomenal empírica tratada neste estudo a partir de recortes do real, foi apreendida em quatro grupos distintos: (1) praticantes de natação, (2) praticantes de atletismo (inclusive a prova da maratona, todos com participações em competições), (3) frequentadores da UnATI/UERJ todos praticantes de atividades físicas regulares, (4) frequentadores da Academia Hidrocenter no Rio de Janeiro

O quadro conceitual encerrado em torno de cinco grandes temas: o tempo, o corpo, a morte, a competição e a representação social possibilitar-nos-á estabelecer um diálogo com os fatos empíricos. Serão procedidos devidos, recortes no quadro conceitual, a fim de efetuarmos a leitura dos fatos empíricos à luz deste. Tomamos como base o fundamento de uma metodologia fenomenológica[47] do conhecimento, partiremos em busca da compreensão dos valores orientadores da existência do idoso, o seu modo de ser e portanto, queremos identificar para interpretar o sentido da prática das atividade físicas e desportivas, no cotidiano desse praticante a partir da sua auto-narrativa de identidade e do diário de campo, que serão os instrumentos por nós utilizados para a análise e interpretação dos dados.

A auto-narrativa de identidade dá oportunidade ao indivíduo de falar sobre as atividades corporais, os seus hábitos de vida como um todo. A experiência do "eu posso" é aflorada pela linguagem, e enfocada nas entrevistas semi-estruturadas. A questão que norteou estas entrevistas foi a seguinte: - O que é que o levou a participar nesta atividade? No decorrer da fala do indivíduo nós criávamos outras indagações, (preservando a espontaneidade do indivíduo) dando ênfase ao interesse do estudo. Após uma

[47] O sentido de ser é a preocupação central da fenomenologia, onde o real é interpretado como "fenômeno", a partir do pensamento de Husserl e os seus seguidores.

escuta exaustiva, as falas serão recortadas e a partir de então passaremos a levantar e agrupar as categorias de entendimento. No diário de campo, foram anotadas as impressões obtidas após cada entrevista, com a possibilidade de encontrar uma possível verossimilhança entre os sentidos dos discursos e as representações que tivemos do palco observado. Estes serão os recursos que subsidiarão a análise e interpretação dos dados.

Criaremos em seguida um quadro para cada grupo, buscaremos as semelhanças e as diferenças entre os pares já estabelecidos, (1 e 2 – 3 e 4) e a seguir as semelhanças e as diferenças nos dois grupos e para finalmente verificar, se as categorias encontradas, em todos os grupos aqui estudados, existem no quadro 2 (ver lista de quadros).

Passaremos então a efetuar os recortes nos discursos, bem como no quadro conceitual, a fim de levantarmos para análise e interpretação, as categorias representativas dos sentidos da competição e das atividades físicas.















GRUPO: 1

Grupo 1: A competição como:

- possibilidade de integrar corpo e alma

...o movimento master para mim é um congraçamento de alma de corpo e de espírito, uma oportunidade de você praticar um esporte que dá um sentido à vida das pessoas... a natação por ser um esporte completo mas, eu não diria que é uma tábua de salvação mas um ponto de equilíbrio e por assim dizer de felicidade e de realização de ordem pessoal (60 anos).

...a competição é a força do espírito, da mente sobre o corpo...eu testo a teoria holística: - integrar corpo, mente e espírito na mesma direção...a competição é um desafio...meu corpo é de 85 anos mas a minha mente tem força e energia, tanto que estou nas provas e ganho medalhas de ouro (85 anos).

...o desejo de competição, de conquistar sempre melhores lugares e essa melhora leva ao aperfeiçoamento não só do comportamento físico como o comportamento mental que é o mais importante...nadar por nadar eu prefiro praticar outros esportes, eu jogo tênis por jogar (74 anos).

Entre os discursos circulantes no âmbito da natação competitiva, pudemos situar a competição como possibilidade de integrar o corpo e a alma *...o movimento master é para mim é um congraçamento de alma de corpo e de espírito, uma oportunidade de você praticar um esporte que dá um sentido à vida das pessoas...* O dito sobre a competição reforça a dicotomia mesmo quando nela se busca a integração, se reforça ao mesmo tempo a divisão. A busca de um sentido para a vida também se faz presente no ato competitivo,

apesar deste entendimento ter assento no dualismo antropológico corpo e alma...*a competição é a força do espírito, da mente sobre o corpo... eu testo a teoria holística, integrar corpo, mente e espírito na mesma direção...* Tal comportamento é entendido por Festinger e Katz, através da teoria da dissonância cognitiva pois, há uma busca de elementos que certificam, afirmam as suas resoluções, as suas opções de vida, aqui situadas na prática competitiva. *...meu corpo é de 85 anos mas a minha mente tem força e energia, tanto que estou nas provas e ganho medalhas.* Neste dito verificamos a presença do idealismo cartesiano, o corpo comunica-se com a alma, sobretudo a verdade reside na alma, pois o corpo é enganador. A relação entre corpo e alma tem sido foco de discussão filosófica durante muito tempo. Em Descartes o corpo assume uma postura para si mesmo, independente da natureza, onde o homem se situa como um "eu" independente de tudo e de todos, designado pelo autor como um "indivíduo fora do mundo" (1976:45). *...o desejo de competição, de conquistar sempre melhores lugares e essa melhora leva ao aperfeiçoamento não só do comportamento físico como o comportamento mental que é o mais importante...* Um comportamento físico, só imaginável através do desempenho de um corpo humano que vê e é visto, nas atividades desportivas, onde é possível estabelecer uma rede de relações significativas com o mundo da vida, *...um ponto de equilíbrio e por assim dizer de felicidade e de realização de ordem pessoal.* A importância atribuída aos comportamentos físico e mental, são os indicadores de uma organização onde o homem existe, mesmo na presença desta dicotomia. Merleau-Ponty (1997:46) afirma serem estes os pretensos pensamentos, os emblemas do "uso da vida", as armas falantes da união. O corpo é para a alma a matriz da sua existência, o que possibilita as realizações pessoais. Bento (1998:162) apresenta o desporto como possibilidade de ensinar que "a virtude é a harmonia da alma e do corpo, do pensar e do agir, do ser e do ter". O comportamento dos idosos ratificam as idéias do autor na medida em que

buscam uma harmonia pela sua prática competitiva. "O desporto é assim uma confirmação de que temos todos um destino de superação e aprimoramento a cumprir. ...Ser desportista é ser e ter alma, força e vontade para renovar a vida de objectivos e sonhos ainda e sempre por realizar" (ibidem). A perspectiva do autor encontra eco na fala dos nadadores, que são desportistas possuidores de alma e força de vontade, e fazem uso da prática competitiva para superar as dificuldades impostas pelo tempo na vida.

- inclusão social

...os jovens acolhem bem o idoso... aqui não se é visto como inútil, nem uma pessoa que já acabou, a gente tem uma missão nas várias idades que atravessamos: - teve na infância, teve na adolescência, teve na idade adulta e não acabou continua vivendo...a competição é um estímulo muito bom, é um motivo para a vida (70 anos).

...eu respeito a verdade, o valor da justiça e o direito do próximo, mas isto tudo não é muito respeitado no Brasil não...eu sou excluído porque sou idoso mas aqui é o contrário eu sou incluído e distinguido e lá fora sou excluído...só não sou excluído da minha profissão porque me dedico muito aos meus doentes e ainda atuo nos meus dois consultórios e tenho um hospital psiquiátrico. Sou proprietário...eu estou aqui para ser incluído e respeitado pela sociedade (85 anos).

...faço muitas coisas ...eu não deixo a vida passar em branco, eu "curto" a vida, agora mesmo vou ter que entender de computador, saber mexer na internet e tudo mais, acompanhar as evoluções da vida. E aqui a natação competitiva, para estar aqui neste grupo, me obriga a alcançar objetivos. Eu não nado só pelo esporte, apenas por nadar, eu nado por

necessidade de ganhar, quero competir comigo melhorar os meus tempos, e depois vencer os meus adversários e então entrar no grupo dos melhores nadadores (67 anos).

A atribuição do sentido da competição como inclusão social, acreditamos ser procedente do valor do tempo enquanto passagem, aquele que nos foi inculcado socialmente, e que aponta para um limite de tempo na vida. Ao deixar sempre as suas marcas impressas nos corpos, o tempo, não pode passar indelével *os jovens acolhem bem o idoso... aqui não se é visto como inútil, nem uma pessoa que já acabou agente tem uma missão nas várias idades em que atravessa...* assim como o pertencimento que também se inclui nesta mesma escala de valores inculcados socialmente, *...teve na infância, teve na adolescência, teve na idade adulta e não acabou, continua vivendo...* a realidade vivida no cotidiano dos indivíduos é para ele de fato *a* realidade, é o que asseguram Berger e Luckmann (1998), que os indivíduos não necessitam de maiores esforços para identificá-la como tal. Normalmente os questionamentos surgem após mudanças bruscas nas rotinas diárias. *...eu sou excluído porque sou idoso mas aqui é o contrário eu sou incluído e distinguido e lá fora sou excluído...* O afastamento do mundo do trabalho é uma das mudanças bruscas nas rotinas diárias dos indivíduos que entram na aposentadoria, mas que ainda são possuidores de muita vitalidade. *E aqui a natação competitiva, para estar aqui neste grupo, me obriga a alcançar objetivos, eu não nado só pelo esporte, apenas por nadar, eu nado por necessidade de ganhar...* Contudo, aqui verificamos a possibilidade de reintegração de outras necessidades, novos valores. Outros sentidos passaram a integrar a rotina diária, modificando a realidade da vida cotidiana. *...eu estou aqui para ser incluído e respeitado.* A satisfação em pertencer a uma entidade associativa delega aos seus membros um poder de inclusão e a prática competitiva torna-se um *estímulo bom para a vida* e um meio de

inclusão e respeito social. ... *faço muitas coisas... eu não deixo a vida passar em branco, eu curto a vida, agora mesmo vou ter que entender de computador, saber mexer na internet e tudo mais, acompanhar as evoluções da vida...* Para Kant o real é dado no limite daquilo que se adquire a partir da experiência, há portanto uma relação direta entre sensação, percepção e realidade. ...*quero competir comigo melhorar os meus tempos e depois vencer os meus adversários e então entrar no grupo dos melhores.* Não basta tão somente pertencer ao grupo, é necessário vencer os seus limites, alargar as suas experiências e com isso surge a possibilidade de uma nova inclusão, na galeria dos melhores nadadores.

- resgate de possibilidades

...eu sempre desejei nadar, desde criança e a minha família não deixava, só a minha mãe permitia...aquilo quase tornou uma frustração na minha vida. Como na vida, hoje eu sei que tem um tempo prá tudo, um tempo para plantar, um tempo para florescer, um tempo para colher, então hoje eu estou colhendo aquilo que plantei na minha mente há mais de 50 anos atrás...a natação é uma resposta de vida (65 anos).

...sacrifiquei minha mocidade pelo trabalho, pois aos 22 anos me formei em Medicina. E agora estou tentando fazer aquilo que não fiz quando novo, faço na 3ª ou 4ª idades. Não concordo muito com essa classificação que inventaram (85 anos).

...eu já nadava, desde de mocinha 15 anos já competia, depois parei para trabalhar, me dediquei a carreira de professora primária e só quando me aposentei fiquei livre para fazer o que mais gostava. A natação inclusive é o que eu mais gosto...eu gosto de competir, vê o esforço, tá progredindo...eu

quero sempre melhorar os meus tempos. Eu treino natação é a minha principal atividade (63 anos).

Discutiremos a questão do tempo, mais especificamente a representação da competição como resgate de possibilidades da juventude, a partir dos recortes feitos e do pensamento dos autores. Husserl (1994) trata de um tempo objetivo, aquele apresentado por cada experiência vivida, onde os atores acima afirmam a própria vivência, percepção e representação do tempo, onde todas as situações do vivido são atos e experiências corporais. *Como na vida hoje eu sei que tem um tempo prá tudo...* Tal dimensão do vivido está relacionada com os rítmos entrecruzados que direcionam os comportamentos dos indivíduos que são introjetados por cada sociedade. *Um tempo para plantar, um tempo para florescer, um tempo para colher,* são aprendizados feitos a partir da natureza, que são levados para a vida cotidiana. *...então hoje eu estou colhendo aquilo que plantei na minha mente há mais de 50 anos atrás...* Há um reconhecimento do tempo enquanto espera para as realizações dos desejos; são percepções de um tempo social, admitido a partir de construções simbólicas. Um tempo, mesmo que imaginário, mas instituído como um tempo significativo, tempo dotado de sentidos, onde se estabelecem os limites de tempo, e um dos atores acima não aceita a denominação dada a esta etapa por ele vivida. *...E agora estou tentando fazer aquilo que não fiz quando novo, faço na 3ª ou 4ª idades, o que não concordo muito com essa classificação que inventaram.* Para ele o tempo, ainda é o tempo de um fazer social, vivido no ato competitivo, *...a natação é uma resposta de vida,* como foi dito pela sua colega. Klein (1995) faz uso da expressão a "eternidade em *part time"* e afirma que existe na vontade humana, uma obstinação utópica, de reencontrar o paraíso perdido, de fazer renascer da fênix, de voltar atrás, de uma nostalgia, de um regresso. *...sacrifiquei a minha mocidade pelo trabalho pois, aos 22 anos me formei em medicina.* A interferência da cultura no

mundo vivido é inegável, ela controla os comportamentos de forma persistente e intensa, até mesmo de modo involuntário, a cultura atua na consciência quer dos jovens quer dos idosos, interfere no tempo dedicado ao trabalho que algumas vezes não é uma ocupação profissional que proporciona prazer. ... *me aposentei e fiquei livre para fazer o que mais gostava, a natação inclusive é o que eu mais gosto.* Ao se aposentarem são levados a reestruturar os seus campos temporais, em busca de uma adequação. Além disso esta etapa deve ser vivida com um certo prazer. ...*eu gosto de competir, vê o esforço, tá progredindo...* eu quero sempre melhorar os meus tempos, eu trino natação é a minha principal atividade. A prática do desporto passa a fazer parte do enquadramento existencial destes indivíduos, e ainda possibilita uma segurança ontológica.

- longevidade

...eu comecei a nadar com 40 anos. Competir é uma maravilha! Prolonga a vida, dá felicidade aos familiares, dando ao mesmo tempo um testemunho de resistência ao tempo, de prazer pela vida. Dá um sentido novo à vida...é isso que eu vejo na natação (60 anos).

...o americano diz que: - Coma uma maçã por dia que você guarda o médico distante... eu digo que faça a sua prática da natação competitiva que você guarda o hospital e o médico bem distante...(risos). Eu acredito na longevidade, não tenho dúvida. Eu quero ficar na classe dos 90-95 competindo ainda (74 anos).

... minha vida sempre foi muito esportiva... o mar e a montanha são a minha paixão e agora eu nado em competição e adoro. Pretendo nadar até

2004, quando vou completar 90 anos, isso é um sonho que será realizado (84 anos).

Existe uma procura, ou talvez uma idéia própria da juventude e você não muda a sua maneira de pensar, você não se entrega ao sentimento negativo de dizer eu não consigo fazer isso...a competição é um desafio que você tem sempre e ele está ali sempre bem próximo de você, são metas e você não aceita o envelhecimento, você vai, vai... eu só tenho 61 anos mas, quero chegar aos 80 competindo! É claro que os resultados serão aquém dos que eu faço agora mas, a idéia, a motivação, o querer fazer continua igual, o corpo é que não agüenta muito (61 anos).

O tema central dos estudos de Jaspers é a existência, como autêntico "ser-mesmo" do ser humano, como ser passivo e passível de adaptações contínuas, de ser com possibilidades de se superar continuamente interagindo com os outros, através da comunicação e historicidade. O entendimento do autor sobre a existência, possibilita-nos interpretar de sobremaneira, os sentidos atribuídos a competição como meio de longevidade. O eu só pode ser percebido em relação ou comunicação com o outro, que também necessita de mim para ser. O eu toma consciência histórica da sua realidade existencial; *...eu comecei a nadar com 40 anos e competir é uma maravilha...* a historicidade mistura o passado com o futuro,*...minha vida sempre foi muito esportiva... o mar e a montanha são a minha paixão e agora eu nado em competição e adoro. Pretendo nadar até 2004, quando vou completar 90 anos, isso é um sonho que será realizado.* A consciência do tempo é admitida enquanto passagem e ao mesmo tempo surge a possibilidade de união do tempo com a eternidade, *...prolonga a vida, dá felicidade aos familiares, dando ao mesmo tempo um testemunho de resistência ao tempo, de prazer pela vida...* Em Jaspers, a eternidade é apresentada não como um tempo

indefinido, mas como possibilidade de memória, presença e espera. *...eu digo que faça a sua prática da natação competitiva...eu acredito na longevidade, não tenho dúvida eu quero ficar na classe dos 90-95 competindo ainda.* A historicidade permite-lhes viver o que ocorre hoje, o presente ligado ao passado e ao que há de vir, o futuro, viver o instante presente como presente eterno. *Existe uma procura, ou talvez uma idéia própria da juventude e você não muda a maneira de pensar, você não se entrega ao sentimento negativo...* O corpo atua como mediador entre o eu e a realidade, onde se situam todas as formas de comunicação com o outro e com o mundo exterior. O eu numa situação de normalidade, deve estar aberto ao outro e a todas as formas de conhecimento. O encarquilhar deste corpo, todo o processo de envelhecimento corporal que ocorre, pode ser entendido como uma "morte continuada", ou uma condenação à morte. *...a competição é um desafio que você tem sempre e ele está ali sempre, bem próximo de você, são metas e você não aceita o envelhecimento, você vai, vai..* A literatura revisada apresentou-nos a angústia, o medo, a luta entre o desespero e a esperança, as condições sobre a sobrevivência, a imortalidade do espírito, a ressurreição e a vida eterna como formas efêmeras se não sustentadas na fé das crenças religiosas. E Kant, no final do século XVIII, apresenta as questões do pensamento humano, "que não refletem as estruturas do real", afirma que as representações do homem sobre o mundo, "refletem nas estruturas do eu". O eu personifica-se a partir das categorias do entendimento, e é criador de toda essa compreensão. *...eu só tenho 61 anos, mas quero chegar aos 80 competindo!* Verificamos a competição compreendida como forma de crença na longevidade, pois a razão e até mesmo o coração recusam-se a aceitar o vazio, o nada que é indicado pela morte. A competição sugere uma abertura para a transcendência, onde é supostamente encontrada uma perspectiva de continuidade dos projetos de vida, *...prolonga a vida, ...eu acredito na longevidade, ...isso é um sonho que será realizado.* Arendt (1997:22), diz que

"o desejo é a estrutura fundamental do ente", nos idosos deste estudo o desejo funciona como o motor do viver, mesmo ao reconhecer a fragilidade da vida. *É claro que os resultados serão aquém dos que eu faço agora mas, a idéia, a motivação, o querer fazer continua igual. O corpo é que não agüenta muito.* Bento (1998:67), contribui para a interpretação destas falas quando indica o desporto como "um sítio onde o corpo se levanta e ergue sobre a sua ruína, onde tem voz e fala com os seus órgãos, músculos, ossos articulações e tendões..." A prática desportiva para este grupo apresenta uma oportunidade de afirmação. Mesmo em estado degenerescente existe a crença na possibilidade de se erguer sobre a sua ruína e até vislumbram a longevidade.

- saúde

...depois de aposentada encontrei na natação master, uma forma de cuidar da saúde...os master compreenderam o espírito da natação e dedicam-se a isso, cuidando da saúde, pela alimentação, exercício apropriado. É essa a nossa intenção na ABMN, e ficamos felizes quando encontramos eco (75anos).

...todo dia nadando, não bebo, não fumo, não como errado, descansando na hora certa. Sou regrado, ...a competição serve para manter a forma física, tenho uma norma de ação...agora quem não pratica nada, não se mexe vai morrer seco e duro sem mover as articulações (74 anos).

...eu aprendi a nadar com 70 anos, quando criança eu não tive tempo...eu acho importante nadar por causa da saúde, eu mexo com todos os músculos aprende a respirar, a gente depois de velha esquece de respirar...aqui eu fiquei mais satisfeita, mais alegre porque a gente pensa que tem mais saúde, e aí fica mais satisfeita (85 anos).

A importância da competição reside em não perder da velhice. Não importa se é 1° lugar, se é ultimo lugar, o que importa é não perder da velhice...competir para não perder da velhice, não ficar esclerosado, não ficar doente... a natação me deu muita força, muita saúde e energia (74 anos).

Todos os organismos vivos, bem como o homem, a apresentam sua própria organização temporal, comandada por um relógio biológico. As variações deste relógio seguem alguns parâmetros, tais como, a temperatura, a secreção hormonal, o nível de certos elementos no sangue, no plasma, ou na urina, entre outros.Toda esta organização manifesta uma estrutura temporal circadiana, que regula as funções fisiológicas junto a um ritmo horário e este sofre influências do ciclo luz-escuridão. Logo, até mesmo a organização temporal das funções vitais, o seu caráter constitutivo pode gerar uma reflexão sobre o tempo na vida. A competição representada como saúde aponta para os efeitos deste tempo sob o corpo. Sabemos que estes ocorrem num ritmo que varia entre os indivíduos, não se produzem de forma continuada, mas em processos evolutivos seguidos de períodos de estabilidade, o que afeta acentuadamente a saúde. ...*depois de aposentada encontrei na natação master uma forma de cuidar da saúde... os masters compreenderam o espírito da natação e dedicam-se a isso, cuidando da saúde, pela alimentação, exercício apropriado...* Um corpo idoso também é propenso às doenças circulatórias, neurológicas. O envelhecimento a nível orgânico é caracterizado por mudanças gradativas e irreversíveis ao longo do tempo, onde o catabolismo é maior que o anabolismo...*todo dia nadando, não bebo, não fumo, não como errado, descanso na hora certa. Sou regrado, ...a competição serve para manter a forma física, tenho uma norma de ação...* O idoso encontra na competição, na sua norma de ação, supostamente um meio de impedir a ordem regressiva, catabólica dos fenômenos do metabolismo.

Goffman (in Giddens, 1994:51) indica que "...O controlo rotineiro do corpo é parte integrante da própria natureza tanto da agência como do ser-se objecto da confiança dos outros". Neste estágio atual da vida do idoso, o controle do corpo passa a ter um outro significado pois, os valores reguladores da sociedade contemporânea ancoram-se num poder simbólico e este contribui para a manutenção da saúde e da estética corporal...*quem não pratica nada, não se mexe, vai morrer seco e duro sem mover as articulações. ...eu acho importante nadar por causa da saúde, eu mexo com todos os músculos...* A maior expressão do envelhecimento dá-se ao nível do sistema nervoso central, onde ocorrem a diminuição da massa cinzenta nas regiões cerebral e medular, com o aumento progressivo de pigmentos à base de ferro *...aqui eu fiquei mais satisfeita, mais alegre...* A competição é representada como saúde, *...eu mexo com todos os músculos...* como meio de resistir ao processo inexorável do envelhecimento... *importância da competição reside em não perder da velhice...* mantendo o idoso numa atividade pública, motiva-o mesmo em estado de degenerescência. *...porque a gente pensa que tem mais saúde... agora quem não pratica nada, não se mexe vai morrer seco e duro sem mover as articulações.* A aprendizagem do controle corporal, passa por um cuidar do corpo com competência e exige uma vigilância sistemática, continuada em todos os tratos com o corpo. Ter o controle do corpo passa a ser o tema central da vida. *...competir para não perder da velhice, não ficar esclerosado, não ficar doente..* E assim sendo a interpretação das falas permite-nos inferir que o corpo faz parte dos projetos que compõem as auto-identidades e os diferentes modos de ser e estar no movimento da vida. *...a natação me deu muita força, muita saúde e energia.* Observamos que todos os nadadores que participam deste estudo apresentam uma aparência mais jovem, aparentam ter muito menos idade e estão sempre a questionar-se a si próprios, aos seus projetos de vida, e o mundo à sua volta, e não poupam críticas àqueles que não possuem nos seus hábitos cotidianos uma prática de atividades físicas.

- exemplo de vida

...os meninos ficam me admirando e o marido também, pois a gente com essa idade ainda competindo é formidável! Ter toda essa energia e força de vontade. A natação me ajuda a ser mais ativa. Antes eu tinha muitas dores de coluna, agora eu vivo muito bem. A idade não é empecilho, a idade não é defeito, a idade não é motivo de vergonha, a idade é maravilhosa desde que agente a encare a vida com esse desejo de viver, de sempre dar uma lição de força de coragem e exemplo às pessoas mais novas (67anos).

...prá mim o ambiente é fantástico, de alta realização. Depois que me aposentei não sabia o que ia fazer. Ninguém quer médico velho e em clínica o cliente é quem manda...a natação foi uma tábua de salvação para mim, eu sou um belo exemplo do que se pode fazer e do que se tem feito um master no Brasil (77anos).

...eu aos 70 anos comecei a quebrar todos os recordes brasileiros e sulamericanos... e agora quando passei para uma nova faixa também quebrei todos os recordes do nado de costa, 200 e 400 medley, tenho 5 recordes sulamericanos e 2 mundiais de revezamentos e isso é extraordinário, estimula aos outros também o nosso exemplo. É extraordinário competir (75 anos).

A norma vigente impõe um novo imperativo categórico ao corpo, corroído pelo tempo, este reage às suas ameaças em busca de uma integridade. *A natação me ajuda a ser mais ativa. Antes eu tinha muitas dores de coluna, agora eu vivo bem.* A resistência e a força do corpo quase não são expressas se não passarem por distúrbios. Gadamer (1993), fala sobre o primado da doença sobre a saúde. O corpo e a doença são um estado

constante na perspectiva senil, o que de algum modo é um indicador de brevidade de vida. O ser integral significa ser saudável ser-são. E através da competição fica evidente, a sua capacidade de auto-superação o que os possibilita de forma concreta ser um exemplo de vida e ser até mesmo admirado pelos familiares *...os meninos ficam me admirando e o marido também, pois a gente com essa idade ainda competindo é formidável, ter toda essa energia e força de vontade.* A manutenção do corpo do idoso é um processo/produto daquilo que as suas circunstâncias lhes permitem. A experiência do próprio corpo é aqui sustentada e constituída pelo modo de existir de cada indivíduo, como o estar sendo acontece no transcorrer da vida. *A idade não é empecilho,...não é motivo de vergonha, a idade é maravilhosa desde que a gente encare a vida com esse desejo de viver, de sempre dar uma lição de força de coragem e exemplo às pessoas mais novas.* A expressão heideggeriana "ser-no-mundo", indica ser corpóreo, de existir na presença de um corpo. Portanto o fundamento da existência tem por base a resistência do mundo e do meu corpo. Em Entralgo (1998:125), encontramos "o que me resiste, existe; o que existe, resiste-me...o meu mundo é para mim real...porque me resiste, porque resiste ao meu corpo". Os master orientam as sua existências não só pela resistência como também pelo exemplo de vida dadas as suas práticas...*a natação foi uma tábua de salvação para mim, eu sou um belo exemplo do que se pode fazer e do que se tem feito um master no Brasil.* A teoria fenomenológica da personalidade de Carl Rogers, visa a compreensão do "eu" na sua unicidade. O "eu" é apresentado como um modelo interno que se constitui a partir das interações com o mundo em busca da auto-relização, isto é o que motiva o comportamento humano. A natação competitiva neste caso é representada como um meio de reestruturar o "eu", tábua de salvação", o que mais adiante é representado como um belo exemplo de vida para os demais idosos. As técnicas corporais, todo o seu movimentar-se estão ligadas a um sistema cultural e simbólico que atua inconscientemente

nos corpos. *...eu aos 70 anos comecei a quebrar todos os recordes brasileiros e sulamericanos...* O símbolo é entendido como uma forma de representar, que faz aparecer o sentido, dentro de uma essência singular para o indivíduo, mas que possui uma pluralidade de sentidos introjetados. Nesta gama de sentidos encontramos a natação competitiva como exemplo extraordinário de vida. *...tenho 5 recordes sulamericanos e 2 mundiais de revezamento e isso é extraordinário, estimula aos outros o nosso exemplo, é extraordinário competir.* As relações entre o simbólico e o imaginário fazem-se presentes neste discurso, na medida em que o imaginário "se utiliza" do simbólico, não pura e simplesmente como forma de expressão, mas para existir. Ganha corpo na forma de recordes quebrados. Os valores condicionam e orientam os comportamento para serem exemplos de vida.

- vida e morte

...no ano passado aconteceu um acidente com um coronel do exército, com79 anos, esse era competidor de 2 Olimpíadas, Londres e Helsink, como militar, na prova de pentatlo militar. Ele abusava. Nas vésperas da competição correu 11km, depois foi disputar os 400m. Como ele não gostava de perder, fez muita força, ganhou a prova e perdeu vida, morreu em seguida..., isso é raríssimo, a vontade de ganhar pagou com a vida (77anos).

A morte faz parte da vida e está dentro da normalidade estatística médica, histórica e do destino nosso. Isto é uma predestinação, nada dura para sempre..., a doença cardiovascular atualmente mata muito... ele já teve um enfarto, podia ter acontecido no quarto em casa, no hotel, mas aconteceu aqui... Ele cometeu uma imprudência fez um esforço em cima do outro esforço e isto só precipitou pois a patologia já estava lá (85 anos).

...eu fiquei tonta mas cheguei, e pensei, nem que eu chegue morta mas tenho que chegar! É revezamento. Batemos o recorde mundial, 320+ medley feminino, e quando eu consegui acabar a minha parte, olhei para o céu e disse: - seja feita a sua vontade senhor, e aí batemos o recorde mundial que era das australianas, milagre demora um pouco mais. Este chegou muito rápido, ...a maior emoção deste mundo é saber que se tem 80, 84 anos, isso ajuda a viver ter o recorde mundial, ser a melhor do mundo nesta idade. Eu não poderei continuar vivendo sem praticar esporte (84 anos).

...eu tenho regras, principalmente as médicas – nós presenciamos um fato que ocorreu no Vasco da Gama de morte, de uma pessoa que chegou para ganhar daquele que nunca ganhou. Ganhar daquele que ele sempre havia perdido, não valeu a pena ser um herói no cemitério...de lá prá cá nós nos preocupamos com a medicação especializada e principalmente com a alimentação e não abusar daquilo que se pode fazer (81 anos).

Os idosos em causa entendem a morte como um processo biológico e natural. *...A morte faz parte da vida, e está dentro da normalidade estatística médica, histórica e do destino nosso.* Heidegger foi um dos existencialistas que mais se preocupou com a morte. Para ele a vida plena é aquela que está diretamente condenada à morte, viver com a angústia do saber morrer, aceitar a morte com dignidade...*nem que eu chegue morta mas tenho que chegar! É revezamento.* Neste estudo verificamos que a existência do idoso passa pela sua prática competitiva, onde na leitura de Heidegger, o homem é um "ser-para-a-morte", de modo corajoso, no morrer encontra-se o próprio sentido do viver. *...isso ajuda a viver, saber que se tem um recorde mundial, ser a melhor do mundo nesta idade.* O ser humano é visto como um projeto ou existência, que mesmo ao viver no presente, está sempre a apostar num futuro vindouro, sempre associado ao tempo e ao espaço que o circunscreve. A

angústia da morte é viva, é presente, é sempre uma possibilidade de ser do homem, que se faz presente no viver. *...eu não poderei continuar vivendo sem praticar esporte.* Vida e morte fazem-se presentes no ato competitivo sob a forma de situação-limite. Jaspers indica que a existência tem limites condicionados a compromissos e situações, pois o ser é um "ser em situação", e esta estabelece o limite. As situações-limite, basicamente dão sentido à existência, vivenciar as situações-limite e existir é a mesma coisa, afirma o autor, e esta afirmação ficou evidenciada neste recorte, *...eu fiquei tonta mas cheguei...e quando consegui acabar a minha parte olhei para o céu e disse: - seja feita a sua vontade senhor e nós batemos o recorde das australianas.* A morte é vista de maneira diferente segundo diferentes grupos sociais e obedece aos aspectos religiosos, éticos e culturais. Por norma a sociedade ocidental rejeita a morte procurando constantemente vencê-la, e tomemos como exemplo o grupo em causa, mesmo que diante de uma situação-limite muitas vezes os indivíduos confundam os aspectos sagrados com os profanos. Após a ocorrência de alguns óbitos durante as competições a morte passou a integrar o discurso circulante entre os nadadores masters...*nós presenciamos um fato que ocorreu no Vasco da Gama de morte...* A morte é entendida como situação limite quando o homem incorpora a existência, incorporando-a no seu eu e não tão somente a objetividade. E passa a interessar-se não só pela sua morte, mas inclusive pela do outro. *...Ele abusava, nas vésperas da competição correu 11km, depois foi disputar os 400m, como ele não gostava de perder, fez muita força, ganhou a prova e perdeu a vida, morreu em seguida...* E deste modo, através da morte do outro, a existência dá consentimento à transcendência. *...não valeu a pena ser um herói no cemitério.* A existência está para a morte como uma "barreira" imposta para o alcance de uma possível perfeição. *...chegou para ganhar daquele que nunca ganhou, ganhar daquele que ele sempre havia perdido...* Supostamente a morte impõe uma interrupção à vida e consequentemente a todos os seus

projetos. Contudo a existência põe-se diante da morte, como limite necessário à perfeição. A morte sempre entrará na vida, a aprofundar-se no mistério da "Matéria e da Vida". Toda e qualquer tentativa de dissociar o homem da morte será nula até então. Morin deixa uma expectativa em relação à reforma da morte, admite "...que esta reforma é o prolongamento da vida humana para que o indivíduo possa cumprir o seu novo ciclo de desenvolvimento" (1988:325). Os sentidos que a competição assume para estes idosos, torna credível a aposta de Morin em novas aventuras humanas sob a terra, mesmo diante da incerteza ocasionada pela morte *...nada dura para sempre..., a doença cardiovascular atualmente mata muito ...ele já teve um infarto, podia ter acontecido no quarto em casa, no hotel, mas aconteceu aqui...* Na fenomenologia, a morte não é uma idéia abstrata, tem-se um significado mais concreto e vivido sem benevolência. O existencialismo dá um cunho personalista à morte, onde o próprio viver é morrer. E Heidegger salienta que o indivíduo deve cuidar da morte, incorporando-a na vida, o que eqüivale a vivê-la antecipadamente. A consciência que é um privilégio do ser humano possibilita-o a dar mais sentido à vida, um sentido que passa pela ética, tanto à vida como à morte. A competição representada como vida e morte faz parte do seu enquadramento existencial, possibilitando um sentido coerente de estar no mundo.

- sociabilidade

...as pessoa aqui fazem muito carinho pelos mais velhos...eu gosto de nadar e brincar mas, na hora da competição eu fico nervosa mas vale a pena pois, todo mundo agrada, abraça...a gente depois de velha tem mais vontade de ser acarinhada e aqui a gente recebe muitos abraços depois das provas. Eu gosto também das medalhas e agora vou receber 3, eu me esforço para

nadar e poder viajar, vale a pena...não pode parar se não enferruja (85 anos).

...eu nado mais em função de manter a minha saúde. Mas a convivência com os meus colegas do clube foi uma tábua de salvação! Eu perdi o meu filho 1 ano antes de começar a nadar outra vez...é muita emoção entre nós quando o clube ganha, eu sempre pratiquei muito esporte, dança clássica, sapateado...eu agora quero nadar muito, a amizade dos colegas é tão grande que você sente a energia que vem deles para a gente, eu gosto muito deste ambiente (84 anos).

...a competição sempre fez parte da minha vida mas, a natação competitiva comecei há 3 anos, ...o ciclo de amizade aumentou muito, o espírito de cooperação entre os nadadores, eu acho um espetáculo esse tipo de relacionamento estou me dando muito bem. ...O grupo e a parte social de interação é muito importante para nós, é um espetáculo à parte (72 anos).

A realidade da vida cotidiana não se esgota nas funções mais imediatas, pois o homem também é dotado de uma sensibilidade que é trabalhada para sentir, pensar, agir, ouvir, imaginar desejar entre outros, como humano, *...as pessoas aqui fazem muito carinho pelos mais velhos...a gente depois de velha tem mais vontade de ser acarinhada...* e é neste corpo humano que reside esta possibilidade de conhecimento do mundo, e neste caso o mundo do desporto proporciona-lhe alguma das suas vontades. Para Schopenhauer (s/d), o mundo é visto como representação, mas, sobretudo orientado pelo princípio da razão. A vontade é objetivada a partir do momento em que se torna objeto, abstraído da representação para a vida cotidiana, como parte constituinte do mundo dos indivíduos pensantes. Além do mais neste cotidiano também está presente a sociabilidade, com inúmeras

possibilidades de convívio e trocas...*eu nado mais em função de manter a minha saúde mas, a convivência com os meus colegas do clube foi uma tábua de salvação.* A sociabilidade encontrada junto do grupo de nadadores passa a ser uma tábua de salvação para suportar as dificuldades que surgem na vida cotidiana ...*Eu perdi o meu filho antes de começar a nadar outra vez.* Em Simmel (1986), vimos que a sociabilidade é toda ação recíproca entre os homens, e a competição e o jogo atuam como uma forma mais pura de sociabilidade...*eu agora quero nadar muito, a amizade dos colegas é tão grande que você sente a energia que vem deles para a gente, eu gosto muito deste ambiente...* No pensamento arendtendiano, a pessoa é o indivíduo que se abre ao mundo através de comportamentos expressos no ambiente, atos e palavras singularizados, mas é sempre mais do que esses atos e palavras...*o ciclo de amizade aumentou muito, o espírito de cooperação entre os nadadores, eu acho um espetáculo esse tipo de relacionamento, estou me dando muito bem. ...O grupo e a parte social de interação é muito importante para nós, é um espetáculo à parte.* A prática desportiva passa a ser um tipo de relação social propícia à sociabilidade, nesta o indivíduo configura as suas necessidades utilitárias, seus os desejos, as suas fantasias, as suas intuições e apesar de serem sujeitos cognoscentes também são homens que desejam, produzem fantasias, sonham e simbolizam não só o real existente como inclusive o real possível. De acordo com a sua inserção social, e com o seu plexo de referências, o indivíduo estrutura a sua visão de mundo , percebe de diferentes modos a realidade que o circunscreve.

- vontade de poder

...eu pratico natação para competir, satisfazer o meu íntimo sempre vencer, sempre lutando para tirar um melhor tempo. É um modo de me esforçar fisicamente, não ficar parado esperando o tempo passar. Eu luto

principalmente contra os meus adversários. ...Nós aqui no Brasil conhecemos todos os nadadores da nossa idade, da nossa faixa etária. É sempre uma briga, e...hoje aqui vai ter uma briga com o companheiro de Salvador. Ele ficou e eu passei de classe, mas mesmo assim a briga continua... Eu sou movido à competição, a busca do melhor tempo, da superação (74 anos).

...eu não me considero velha, quando eu tinha 20 anos eu achava velha 25, 30 e quando cheguei lá empurrei para os 40, e quando cheguei lá empurrei para os 50, 60 e agora que eu tenho 70 anos e ainda me considero jovem, mas levo um susto quando vejo o meu retrato – mas que velhinha é essa aí? – e agora jogo para os 80 e depois será para os 90 e assim vai até quando eu embarcar para outra vida. E vai-se empurrando, aqui faço tudo com maior prazer, eu amo o esporte, a luta é muito boa (71 anos).

...a natação comecei ano retrasado, em 96 porque eles precisavam lá em Campos de um senhor de idade, de um nadador velho para completar o grupo de revezamento de 320 anos. ...Eu já era conhecido nas corridas de maratona, ...eu não sabia nadar, se me jogassem no fundo eu morria, eu só sabia correr e muito bem... fui aprender a nadar e com 1 mês eu participei do meu 1° campeonato e fui campeão, com 1 mês de natação, ser campeão já faz parte da minha vida, é comum isso de ganhar medalhas de ouro, isso é normal para mim (85 anos).

...habitualmente eu entro na piscina e treino como pessoas mais jovens do lado, às vezes nem com tanta habilidade, nem com tanto desenvolvimento, mas eu costumo fazer questão de chegar junto, de chegar na frente, então é uma maneira de dizer que eu não estou velho, eu não estou desgastado, eu não sou da 3° idade, eu não sou um acabado (61 anos).

A competição para os idosos, na categoria dos masters em diversos desportos, é uma atividade relativamente recente, ocupando um lugar secundário, de menor ressonância e reconhecimento social. A competição desportiva para os idosos torna-se, sob o pano de fundo da tradição da competição desportiva, uma ação paradoxal, pois a procura da glória no desporto é vista como ação natural dos jovens. E nos discursos circulantes entre os idosos em tela encontramos a representação da competição como vontade de poder *...eu pratico natação para competir, satisfazer o meu íntimo, sempre vencer, sempre lutando para tirar um melhor tempo. É um modo de me esforçar fisicamente, não ficar parado esperando o tempo passar.* A vontade de poder é uma expressão de cariz simbólico, onde Nietzsche afirma, que para uma visão de mundo, que no todo "há" uma luta entre os impulsos: o impulso de vida, de potência, e o impulso de morte, de passividade de degradação e aniquilamento. O que encerra uma dialética trágica, numa luta do ser contra o não ser. *...hoje aqui vai ter uma briga com o companheiro de Salvador, ele ficou e eu passei de classe, mas mesmo assim a briga continua... Eu sou movido à competição, a busca do melhor tempo, da superação.* A vontade de poder leva o homem a afirmar-se como soberano e tem como características o domínio, o risco, a luta, a conquista sobre as coisas e os outros seres, é o senhor todo poderoso. *...eu não me considero velha, quando eu tinha 20 anos eu achava velha 25, 30 e quando cheguei lá empurrei para os 40, e quando cheguei lá empurrei para os 50, 60 e agora eu tenho 70 anos e ainda me considero jovem...* A vontade de poder manifesta-se nesta fala como superação dos obstáculos impostos pelo tempo na vida, o tempo enquanto passagem, e superação de etapas vividas *...mas levo um susto quando vejo o meu retrato... vai-se empurrando, aqui faço tudo com maior prazer, eu amo o esporte, a luta é muito boa.* O prazer e o desprazer sempre estão presentes, juntos da vontade de poder, não como fins mas como consequência desta. O prazer está contido no sentimento de vitória e toda esta

pressupõe o vencer de uma resistência, uma resistência que foi superada. ...*eu já era conhecido nas corridas de maratona, ...eu não sabia nadar, se me jogassem no fundo eu morria, eu só sabia correr e muito bem...* Para Nietzsche, a busca do ser vivo não é pelo instinto de conservação pois, o ser vivo mais que conservar tende a expandir a sua força, onde a conservação, entra como consequência indireta da vontade de poder. ...*fui aprender a nadar e com 1 mês eu participei do meu 1° campeonato e fui campeão, com 1 mês de natação, ser campeão já faz parte da minha vida, é comum isso de ganhar medalhas de ouro, isso é normal para mim...* esta fala apresenta todo um resumo de princípio de vida do nadador. Todavia a luta que ali se faz presente não se desemboca para a vida, mas sim numa potencialidade que a abarca concentrada em si mesma. Na representação da competição como vontade de poder encontramos bem claro o entendimento de Nietzsche pois, nela reside um grande esforço em busca da vitória sobre o nada, ...*é sempre uma briga...* esta vitória não reside pura e simplesmente na vontade de dominar, numa metafísica da violência mas sim no triunfar de onde já não se espera mais nada, ...*e agora jogo para os 80 e depois será para os 90 e assim vai até quando eu embarcar para outra vida...* vencer o destino inevitável, vencer as fatalidades do tempo sobre os corpos, vencer a destruição. ...*habitualmente eu entro na piscina e treino com pessoas mais jovens...eu costumo fazer questão de chegar junto, de chegar na frente...* A vontade de poder pode ser entendida com uma vontade de perdurar, de crescer e dar mais intensidade à vida,...*então é uma maneira de dizer que eu não estou velho, eu não estou desgastado...* Vontade de ser e de consciência, vontade de ser senhor da sua própria existência e "ultrapassar", ter como base da sua existência, o ser um campeão, e ainda acumular vitórias na vida. , *eu não sou da 3° idade, eu não sou um acabado.* Em relação ao tempo, reside uma vingança da vontade contra as questões da temporalidade, que faz do passado algo inerte, com possibilidades de resolução só à luz da vontade de poder. Nietzsche apresenta

nos seus escritos o "segredo da vida" "...este segredo foi a vida que mo disse: Olha, disse ela, eu sou aquilo que se tem sempre de superar a si mesmo (1998a:132). A existência é evidenciada a partir da compreensão de coisas essenciais como a natureza dos valores, a vida tendo que ser superada, a capacidade de auto-superação e além disto há uma identificação de um grande valor da vida associado à vontade de poder. A própria existência depende da vontade de poder.

Quadro 3 - Categorias levantadas no grupo: 1

CATEGORIAS LEVANTADAS
Possibilidade de integrar corpo alma
Inclusão social
Resgate de possibilidades
Longevidade
Saúde
Exemplo de vida
Vida e morte
Sociabilidade
Vontade de poder



GRUPO: 2

Grupo 2: A competição como:

- saúde

...enquanto eu puder andar estarei fazendo esporte, eu nunca fiquei doente na minha vida, não tomo remédio, só tomo alguns chás de vez enquanto, não sinto nada, nem resfriado me pega, levo de 10 a 15 anos sem pegar um resfriado. É isso aqui que me dá saúde, me dá prazer, é o esporte que me mantém vivo e imune a todas as coisas, cada um vive dentro daquilo que gosta, eu gosto disto, da competição e tudo que ela me oferece (75 anos).

...o médico me mandou exercitar por causa da diabetes e eu comecei como criança a aprender a andar, a caminhar com uma boa postura e aí então aprendi a correr, mesmo tendo que seguir o mesmo ciclo das crianças. ... E agora faço atividades de corridas sempre, e não tem idade para começar a praticar...isso passou a estar nos meus hábitos de vida e não tive mais problemas com a doença, virou minha religião de fé, sempre estou contente com a minha vida, foi uma renovação a competição (64 anos).

...eu não me esforço muito não apesar da idade, são 14 anos que eu estou correndo e eu estou sempre melhorando, sempre melhorando à cada maratona... se isso me prejudicasse eu não melhorava a cada vez que corro é sempre mais força, mais garra, mais alegria. Eu acho que depende muito do físico da pessoa, da constituição, então eu acho que não me põe em risco de saúde, eu por exemplo corro 1 maratona domingo e na 2ª feira corro meia maratona, já aconteceu isso, aqui eu estou neste Campeonato e depois vou correr a maratona de Brasília (85 anos).

A ciência tem feito progressos nas descobertas e controle das doenças. Contudo, as suas linhas limítrofes não têm permitido um comportamento resignado à espera da velhice. Novas atitudes têm surgido no seio da tradição. *...enquanto eu puder andar estarei fazendo esporte, eu nunca fiquei doente na minha vida...* A representação da competição como saúde, aponta para esta mudança de comportamento, *...o médico me mandou exercitar por causa da diabetes... e agora faço atividades de corridas sempre...* O fluir do tempo deriva em consoante com a idade e os significados dos acontecimentos produzidos, *...e não tem idade para começar a praticar...* e com isso o tempo da vida é produzido por um sentido e acreditamos que o seu inverso também seja verdadeiro. O envelhecimento fisiológico é proveniente dos microefeitos somados a partir dos 25 anos. A capacidade de elastina acelera durante a vida e as fibras elásticas também desaparecem no adulto. A prática do desporto tem o poder de até "reverter" este quadro natural e comum a todos os humanos...*e eu comecei como criança a aprender a andar, a caminhar com uma boa postura e aí então aprendi a correr, mesmo tendo que seguir o ciclo das crianças...* Sabemos que os fibroblástos são reduzidos em quantidade e em função; as paredes dos vasos sangüíneos perdem a elasticidade e não transportam a quantidade suficiente de nutrientes ou de oxigênio. A quantidade de ácido carbônico aumenta e a circulação diminui. *...eu não me esforço muito não apesar da idade, são 14 anos que eu estou correndo e estou sempre melhorando, sempre melhorando à cada maratona...* Resistir aos efeitos deletérios do tempo, através das vitórias conquistadas no desporto, passa a ser um discurso circulante entre os veteranos do atletismo, há uma autonomia nos discursos quando se relaciona saúde e prática competitiva. *...Eu acho que depende muito do físico da pessoa, da constituição, então eu acho que não me põe em risco de saúde, eu por exemplo corro 1 maratona domingo e na 2ª feira corro meia maratona...* Tal autonomia só pode ser percebida no plano simbólico pois no plano fisiológico o envelhecimento é

responsável por várias alterações metabólicas, o que dentro de uma normalidade é comum a todos os indivíduos de mesma idade. "...o simbolismo é uma parte do mundo humano do sentido" (Cassirer 1972:60). O processo simbólico é um dado essencial e até mesmo universal da constituição do ser humano, fortemente presente em todas as culturas. A competição é representada como saúde e manifesta-se pelo discurso e os comportamentos dos indivíduos. E assim ela apresenta a possibilidade de criação de novos valores, que traz no seu bojo a criação de outras virtudes, em Nietzsche (1998a), isto é uma aposta na positividade do mundo e que consequentemente diz sim à vida. ...*isso passou a estar nos meus hábitos de vida e não tive mais problemas com a doença, virou minha religião de fé, sempre estou contente com a minha vida, foi uma renovação a competição.* Há uma renovação do eu, associada à prática competitiva e à adoção de novos hábitos de vida. A expressão heideggeriana ser-no-mundo, indica ser corpóreo, de existir na presença de um corpo; o fundamento da existência tem por base a resistência do mundo e do meu corpo. Isso fica evidente nos discursos destes idosos e suas respectivas representações da competição como saúde.

- sociabilidade

...a competição é também uma forma de recreação, do veterano poder passear. Eu fui a 3 Campeonatos Mundiais, Japão 93, Estados Unidos da América 95, e agora fui a África do Sul. É um incentivo para a veterano praticar o esporte, para viajar, encontrar os amigos antigos, da época de jovem e participava dos Campeonatos Sul Americanos, Mundiais. É uma forma de você ter de fazer alguma coisa, não ficar no anonimato aí parado (75anos).

...com a prática do esporte você pode conhecer o mundo todo. Eu não conhecia tantos países se eu não fosse atleta veterano. Você tem que assistir um Campeonato Mundial, parece uma competição de atletas jovens, uma Olimpíada com belas mulheres, mulheres com aparência jovem e correndo com resultados maravilhosos, é um grande encontro de ex-campeões mundiais da época passada. E agora competindo como veterano e outros que começaram a correr muito depois da juventude, todos se confraternizam (68 anos).

...e aí eu fui correr 800m, 1.500m, e aí eu passei a competir porque eu queria viajar com os veteranos, aquela amizade toda que você começa a encontrar com aqueles que foram atletas há 30 anos, 30 e tantos anos atrás, a gente encontra com pessoas do Rio, de São Paulo e outros estrangeiros que conhecíamos naquela época (63 anos).

Berger e Luckman (1998), indicam a realidade da vida diária como algo ordenado e que põe em ordem a vida dos indivíduos, onde os fenômenos lhes são apresentados de modo a parecerem independentes da sua própria observação. O problema da realidade não encontrou dilucidação e continua ligado aos problemas da filosofia pois, a realidade é um dos modos primários do ser e através dela é possível compreender a estrutura da vida humana, quer no plano individual quer em grupos sociais distintos. A competição representada como sociabilidade é um dos valores impressos na realidade da vida cotidiana deste grupo de idosos...*a competição é também uma forma de recreação, do veterano poder passear...é um incentivo para o veterano praticar o esporte, para viajar, encontrar os amigos antigos, da época de jovem...* Simmel (1986), aponta a sociabilidade como forma de associação, onde o objetivo reside em criar uma interação entre os pares, o que por norma a natureza humana busca viver em sociedade, desenvolver e ter uma

existência social. ...*é uma forma de você ter de fazer alguma coisa, não ficar no anonimato aí parado. Com a prática do esporte você pode conhecer o mundo todo, eu não conheceria tantos países se eu não fosse atleta veterano...* Competição é uma opção de vida que propicia a sociabilidade, e com a vantagem de não ficar no anonimato, ser e ter divulgação dos seus feitos desportivos é um ponto de grande relevância para estes idosos. ...*um Campeonato Mundial parece uma competição de atletas jovens, uma Olimpíada com belas mulheres, com aparência jovem e correndo com resultados maravilhosos...* Ter uma aparência jovem e ter, comportamentos esperados socialmente e até então reservados só para os jovens, passou a ser uma prática corrente nos idosos deste estudo pois, bem como os nadadores, os corredores também exibem corpos com aparência bem mais jovem, pouco correspondente com a sua faixa etária. ...*e aí eu passei a competir porque eu queria viajar com os veteranos, aquela amizade toda que você começa a encontrar, com aqueles que foram atletas há 30 anos, 30 e tantos anos atrás...* Há uma interação comum entre indivíduos portadores de interesses parecidos. A competição é representada como sociabilidade ao ser o motivo gerador do encontro destes indivíduos. Assim ela atua como um retorno para os ex-campeões de épocas passadas, ou para aqueles que iniciaram nos últimos tempos também como uma grande confraternização.

- longevidade

...*motiva os outros a virem praticar pois, quanto mais velho menos adversário tem. O atleta vive muito. Eu acredito que essa longevidade é uma consequência da prática do esporte, o esporte alonga os anos de vida, ele dá saúde, evita a doença então prolonga bem mais os anos de vida a prática do esporte* (75 anos).

...nós viajamos, porque se ficássemos em casa depois de aposentados, meu marido e eu não faríamos nada, não teríamos nada disso, não teríamos nem um grupo. Aqui temos um grupo de pessoas da nossa idade, outros de bem mais jovens e até outros de mais idade que nós e estamos todos bem alegres, satisfeitos. Todo mundo saudável e feliz. Espero podermos viver muito e vamos viver muitos anos assim saudáveis para podermos participar das competições (63 anos).

...quando é jovem e está na 1ª idade, todo brasileiro faz atividade física na escola, depois quando entra na fase adulta tem os estudos, mais o trabalho. A maioria optou pelo casamento e então passa a abandonar um pouco mais o esporte... começa a envelhecer muito rápido e quando vê que isso está acontecendo, a pessoa procura cuidar mais do corpo, procura um jeito de melhorar de vida... então ela sabe que o esporte ajuda a melhorar o ritmo de vida e procura o esporte para começar tudo novamente, e com certeza sabe que vai ter mais anos para viver (72 anos).

A temporalidade heideggeriana aponta para um tempo psicológico presente na vida cotidiana, mas foi Husserl quem dedicou basicamente os seus estudos sobre o tempo psicológico, não o vivido no cotidiano, mas o tempo constituído objetivamente no e a partir do tempo fenomenológico. *...motiva aos outros a virem a praticar pois, quanto mais velho menos adversário tem.* Para ser um atleta veterano, quanto mais idade menor o número de concorrentes e isso passa a ser uma motivação para os mais idosos ingressarem nesta prática. A análise fenomenológica-existencial possibilita-nos de algum modo, estabelecer o que significa de fato para o homem a experiência do tempo na vida cotidiana. Em certa mediada identificar alguns valores que lhes foram inculcados através do tempo. Com o passar do tempo, verifica-se que na sociedade ocidental o velho tem perdido o seu valor, o

estatuto de patriarca é passado aos outros e ele passa a ser uma peça pouco importante na hierarquia familiar. Outros valores têm entrado abertamente em cena e a prática desportiva se encontra neste novo universo descortinado, sendo aqui atribuído o sentido de longevidade. *O atleta vive muito, eu acredito que essa longevidade é uma conseqüência da prática do esporte, o esporte alonga os anos de vida, ele dá saúde, evita a doença então prolonga bem mais os anos de vida a prática do esporte.* O homem que outrora assistia com resignação aos efeitos do tempo sob o corpo, mais especificamente à chegada do envelhecimento, na época atual resiste a ele. *...nós viajamos, porque se ficássemos em casa depois de aposentados, meu marido e eu não faríamos nada, não teríamos nada disso, não teríamos nem um grupo...* O que acreditamos ser uma mudança de valores, a inclusão das práticas físico desportivas nos seus hábitos de vida. *...aqui temos um grupo de pessoas da nossa idade... estamos todos bem alegres, satisfeitos, todo mundo saudável e feliz. Espero podermos viver muito e vamos viver muitos anos assim saudáveis para podermos participar das competições.* As predisposições internas que movem as vontades, sempre foram alvo de preocupações para os estudiosos do comportamento humano. Na linha de pensamento de Husserl encontramos o "tempo imanente", aquele que não desaparece do curso da consciência, e é com este tempo que temos tentado fazer a leitura do fenômeno desportivo onde as vivências em que o temporal no sentido objetivo estão presentes. *...quando é jovem e está na primeira idade, todo brasileiro faz atividade física na escola, depois quando entra na fase adulta tem os estudos, mais o trabalho, a maioria optou pelo casamento então passa a abandonar um pouco mais o esporte...* A percepção da passagem do tempo, certamente se relaciona com a situação vivenciada. Diferentes situações proporcionam diferentes percepções, em consonância com a experiência vivida, o indivíduo apreende a sua passagem de forma mais rápida ou mais lenta. *...começa a envelhecer muito rápido e quando vê que isso está*

acontecendo, a pessoa procura um jeito de melhorar de vida... Avaliar o transcorrer do tempo na vida cotidiana tornou-se um hábito nas sociedades, mas aqui esta avaliação volta-se para a prática desportiva onde esta é representada como longevidade *...então ele sabe que o esporte ajuda a melhorar o ritmo de vida e procura o esporte para começar tudo novamente, e com certeza sabe que vai ter mais anos para viver.* Ao fazer a leitura deste dito a partir de Husserl, observaremos que o tempo objetivo é aquele em que cada experiência vivida., "como cada ser real e momento de ser, pode ter a sua posição num único tempo objetivo"(1994:38). O sentido objetivo está presente e ele apresenta a própria vivência da percepção e representação do tempo, onde todas as situações do vivido são atos e experiências dos corpos, (a prática desportiva é vista como longevidade) respeitando todas as suas propriedades físicas, inclusivamente os seus estados biológicos e psíquicos. Estes ocupam os seus lugares temporais determinados e determináveis através de uma diminuta parte do tempo em que os nossos instrumentos podem captar.

- reconhecimento familiar

Pratiquei atividade física desde 8 anos de idade, sempre tive uma vida regrada, nunca perdi noite, nunca fumei. ...Continuo a competir até hoje, faço a prova do disco, dardo e martelo e sou campeão sulamericano. Eu sou muito bem visto na minha família, eles me admiram porque eu nunca fiquei fora de forma, sou sempre muito forte (68 anos).

...a minha família, os meus filhos me gozam muito mas, isso é uma forma de incentivo e aos poucos sem eu pedir, sem determinar nada, os meus filhos já estão reconhecendo os benefícios da corrida. E começaram a correr, são bem jovens ainda mas já sabem o bem que isso faz (65 anos).

...o que me levou a voltar às competições foi juntar essa parte agradável, à saúde. Sou mais saudável não só em termos de não pegar doenças, como também de cabeça. Você fica mais calmo, mais relaxado. A energia toda você despende no treinamento e na competição... inclusive quando eu falei em casa que ia me aposentar os filhos tremeram: -" mãe você vai pirar das idéias, nós não vamos te agüentar em casa o dia inteiro", e isto foi dito por eles mesmos que hoje em dia eu sou uma pessoa mais tranqüila graças à competição (63 anos).

Os idosos ao se aposentarem, apresentam uma tendência para quebrar com os seus contatos sociais. E ao retirarem-se das atividades rotineiras da vida do trabalho, são levados a reestruturarem os seus campos temporais a fim de se adequarem a mais uma etapa a ser vivida. Em alguns casos, esta situação dá-se por opção e, em outras por pressões econômicas. O rompimento dos laços com os colegas de trabalho, com os amigos ou com os parentes, tende a levá-los ao isolamento. A morte ou a separação de um cônjuge ou de um amigo mais próximo, tende a cortar os laços afetivos fortes para a existência dos indivíduos, levando-os à solidão e à depressão. As observações em campo e os discursos apreendidos levaram-nos a perceber a importância da prática competitiva na continuidade da vida cotidiana destes grupos. Jodelet (1989), atribui grande importância às ciências sociais, quando nos seus estudos busca verificar as estreitas relações existentes entre as produções mentais e as estruturas materiais e funcionais da vida cotidiana dos grupos. A tradição clássica diz-nos que toda teoria é um modo de olhar para os fenômenos sociais, uma orientação para a leitura do fato real concreto. A vida cotidiana destes idosos parece ser orientada pelo fenômeno desportivo *...e continuo a competir até hoje, faço as provas de disco, de dardo e martelo e sou campeão sulamericano...* Todo o fenômeno social possui um grau de

complexidade advindo da mediação empírica da consciência, e só deve ser analisado tendo-se em conta o contexto social em que emerge, circula e se transforma, transformando inclusive os comportamentos. *...eu sou muito bem visto na minha família, eles me admiram porque eu nuca fique fora de forma, sou sempre muito forte.* Quanto à representação mental Jodelet acredita que esta difere das sociais, quando toma a primeira no sentido clássico, imagem mental que o indivíduo faz da realidade concreta, já que na segunda a produção se enraíza no social, por meio de trocas interpessoais, *...isso é uma forma de incentivo e aos poucos sem eu pedir, sem determinar nada, os meus filhos já estão reconhecendo os benefícios da corrida, e começaram a correr...* e circulam através do dito, da linguagem, que vai se dando à sua construção. *...inclusive quando eu falei em casa que ia me aposentar os meus filhos tremeram: -"mãe você vai pirar das idéias, nós não vamos te agüentar em casa o dia inteiro", e isto foi dito por eles mesmo que hoje eu sou uma pessoa mais tranqüila, graças a competição.* O reconhecimento familiar atingido pela a competição torna-se significativo na medida em que os mantém no centro das atenções familiares. Observa-se ainda uma mudança na relação familiar associada ao reconhecimento do valor da prática competitiva, nos hábitos de vida destes idosos. Sabemos que as representações sociais se manifestam pelo discurso e pelas ações dos indivíduos e que sofrem influência das relações sociais, da realidade material, social e até mesmo ideal no sentido imaginário, contudo ele também interfere nestas realidades.

- interação simbólica

...a maratona é uma prova super social, é uma grande festa que une o povo. Você entra numa maratona e vê antes da prova quem está correndo. E podemos observar juntos na mesma prova o presidente da empresa, grandes empresários e operários, pessoas mais simples do povo. E todos estão ali no

mesmo grupo, com o mesmo objetivo que é terminar a prova, vencer a distância...O tratamento é igual para todos, se chover todo mundo toma chuva, eu acho o máximo (64 anos).

...no início eu corria só em pista, 800m e 1.500m, mas depois fui aumentando as distâncias e agora eu compito na rua e já faço até meia maratona, e é muito bom você faz muitas amizades com pessoas de classe social completamente diferente, de educação diferente de você, de idades diferentes, de jeito diferente. É muito agradável (63 anos).

...A nossa associação é uma casa, aqui o veterano encontra o apoio que precisa, principalmente aquele que já está aposentado, porque fica pensando que está no final de vida... e aí ele vem buscar o apoio na AVAT, aqui somos todos iguais, necessitamos das mesmas coisas e o esporte é muito importante e nos revigora muito...o médico jamais verá um veterano da nossa associação com depressão, porque o esporte é a melhor terapia do mundo (60anos).

Na dimensão sócio-antropológica a interação dá-se ao nível de indivíduos socializados e nos moldes em que se apresenta define-se mais especificamente como interação simbólica pois, toda interação social é basicamente orientada pela comunicação, e de algum modo ocasiona uma mudança de comportamento. Os indivíduos influenciam-se numa relação de troca através da comunicação, onde é desencadeado um processo inclusivo de interação social. A competição representada como interação simbólica é um discurso circulante na medida em que nivela à partida todos os participantes da associação de veteranos ou dos possíveis eventos competitivos. *...a maratona é uma prova super social, é uma grande festa que une o povo. ...e pode observar juntos na mesma prova o presidente da empresa, grandes*

empresários e operários, pessoas simples do povo. Moscovici (1984) ressalta a importância do dito, dos discursos que circulam nos diferentes grupos sociais, para a compreensão dos comportamentos sociais. *E todos estão ali no mesmo grupo, com o mesmo objetivo que é terminar a prova, vencer a distância... o tratamento é igual para todos, se chover todo mundo toma chuva, eu acho o máximo.* Neste contexto, a teoria da representação social, busca compreender o fenômeno desportivo, onde o homem expressa determinada capacidade de ser e estar no mundo da vida. *...e agora eu compito na rua e já faço até meia maratona e é muito bom você faz muitas amizades com pessoas de classe social completamente diferente, de educação diferente de você, de idades diferentes, de jeito diferente, e é muito agradável.* Mesmo ao admitir inúmeras diferenças entre os participantes do ato competitivo, o indivíduo ainda acredita que ele pode oportunizar um nivelamento através de conceitos, explicações e afirmações advindas das interações sociais, sempre em relações de troca com os outros e com o espaço que o circunscreve. *...A nossa associação é uma casa, aqui o veterano encontra o apoio que precisa, principalmente aquele que já está aposentado, porque fica pensando que está no final de vida...* Berger e Luckmann (1998) indicam que a realidade da vida cotidiana é dividida de algum modo com o outro, e que na situação face a face o outro é real. Aqui o real destes indivíduos é o ser e estar aposentado hoje. A interação simbólica ocorrida nesta troca torna a representação da associação como uma casa de auxílio para todas as suas necessidades. *...e aí ele vem buscar apoio na AVAT, aqui somos todos iguais, necessitamos das mesmas coisas e o esporte é muito importante e nos revigora muito...* A lógica da representação do indivíduo, não se baseia em verdadeiro/falso ou certo/errado, ela está pautada nos seus sentidos "...tanto o falante como o ouvinte falam de algum lugar da sociedade, e isso faz parte da significação mesma do que é dito" (Orlandi, 1988:18). O espaço físico que o indivíduo habita tece um campo imaginário que o circunda,

modificando a sua forma de ver, sentir e pensar sobre este campo, e a competição fornece a estes idosos um vasto campo de representações e interações simbólicas. *...o médico jamais verá um veterano da nossa associação com depressão, porque o esporte é a melhor terapia do mundo.* As condutas passam a adquirir um outro sentido que antes não tinham, faziam ou não parte da sua realidade social. Há diferentes realidades sociais, onde cada qual possui a sua inteligibilidade específica, que faz circular de algum modo as normas e os valores admitidos por todos, princípios morais que direcionam a vida do indivíduo dentro da coletividade, dentro do seu campo imaginário sustentado pela sua prática desportiva, nas trocas e interações do cotidiano.

- prestígio

...Lá em Búfalo eu participei de 6 provas, ganhei 6 medalhas de ouro. Lá havia uma tela bem grande e passava o nome dos corredores, o meu nome passou em letras garrafais bem lá no alto, como o melhor do mundo no geral do campeonato...então o pessoal ficou revoltado, porque esse velho é o melhor do mundo? – Aí o diretor do campeonato me chamou e eu fui lá com as 6 medalhas de ouro...então os americanos me levantaram e apontaram para as minhas 6 medalhas de ouro, e então por isso eu era o melhor do mundo, havia ganho 6 provas em 1° lugar (85 anos).

...hoje em dia eu sou um "animal" raro, um homem com 68 anos, num país onde as pessoas normalmente não fazem esporte e eu com 68 anos ainda estou fazendo esporte e participo de competições a nível nacional, e internacional. ...Então quando eu chego num lugar pareço uma ave rara pois, a imprensa escrita, falada e televisada vem me entrevistar, querem saber o que eu faço para ainda competir com 3 safenas dentro do peito. Na minha

idade já é difícil. Eu costumo dizer para o pessoal aqui da AVAT: - nós somos excepcionais, nós somos a nata, somos algo à parte num país onde só os jovens fazem esporte (68 anos).

...se eu vivo quase 24 horas por dia tenso, por que não aumentar um pouquinho desta tensão e fazer aquilo que eu gosto, que é competir...só que depois eu vou ter o prazer e a satisfação de subir ao pódium, receber medalhas , receber um cumprimento de uma pessoa que eu nuca vi na minha vida: - Parabéns! gostei de ver, você fez uma excelente corrida. Isso é o prêmio maior, ter prestígio entre as pessoas, eu dou um tremendo valor às minhas medalhas, eu dou um tremendo valor a alguém que me dá parabéns porque eu fiz uma boa corrida (68anos).

A representação social da temporalidade, é entendida como uma categoria de pensamento, resultante de construções simbólicas. Funciona como referencial para a sistematização dos tempos individuais e para a determinação dos ritmos coletivos. Na perspectiva sociológica, a idade não está associada pura e simplesmente a uma relação de espaço sob o tempo, mas às atividades sócio-econômicas que proporcionam diferentes modos de vida, características individuais, projetos de vida entre outros. Acreditamos que a importância social atribuída aos feitos desportivos, sugere a representação da competição como prestígio, na medida em que estes apresentam um novo projeto de vida, novos indicadores e estímulos disponíveis. *Lá havia uma tela bem grande e passava o nome dos corredores, o meu nome passou em letras garrafais bem lá no alto, como o melhor do mundo no geral do campeonato...* Cícero (1998:44), indica que "a velhice, quando coroada pelas honras públicas, exerce certamente uma influência mais importante do que o prazer da juventude". *...então o pessoal ficou revoltado, porque esse velho é o melhor do mundo? - Aí o diretor do campeonato me chamou eu fui lá com as*

6 medalhas de ouro... Ainda em Cícero (ibidem.) encontramos que " O prestígio constitui a coroa de glória da velhice", e ao interpretarmos a fala destes idosos ainda verificamos uma auto narrativa de identidade bem positiva que acreditamos ser nutrida pelo prestígio alcançado pela prática competitiva. *...hoje em dia eu sou um animal raro, um homem com 68 anos, num país onde as pessoas normalmente não fazem esporte...* Buscamos em Merleau-Ponty (1997), subsídios para esta análise e ele ao caminhar pela fenomenologia da percepção admite ter dificuldades em nomear palavras que possam expressar o milagre do corpo humano, a sua inexplicável animação. *...então quando eu chego num lugar pareço uma ave rara pois, a imprensa escrita, falada e televisada vem me entrevistar, querem saber o que eu faço para ainda competir com 3 safenas dentro do peito.* O ser e estar no mundo em permanente diálogo consigo e com o outro, a perceber e ser percebido, a sentir e ser sentido numa troca constante. O fato que dá início a todo este "milagre" é o corpo e este necessariamente tem uma constituição anátomo-fisiológica, mesmo que degenerescente e possui uma animação. O expressar positivo dessas auto narrativas, torna-se uma constante e possivelmente estão ancorados numa dimensão ontológica do corpo, na perspectiva da existência que ao mesmo tempo admite as suas alterações. *...se eu vivo quase 24 horas por dia, porque não aumentar um pouquinho desta tensão e fazer aquilo que eu gosto que é competir...* Ao interpretarmos este recorte seguindo o entendimento do autor em tela, apreendemos algumas reflexões acerca do corpo que passam por um corpo humano que vê e é visto, e entre o vidente e o visível, ocorrem situações de experiências corporais, possibilitadas pelo ato competitivo, *...só que depois eu vou ter o prazer e a satisfação de subir ao pódium, receber medalhas, receber um cumprimento de uma pessoa que eu nunca vi na minha vida...* o que lhe permite o sentir e o ser sentido, estabelecendo uma rede de relações com o mundo da vida. ... – *Parabéns! Gostei de ver, você fez uma excelente corrida. Isso é o prêmio maior, ter*

prestígio entre as pessoas, eu dou um tremendo valor às minhas medalhas, eu dou um tremendo valor a alguém que me dá parabéns porque eu fiz uma boa corrida. Eu encontro-me no outro e com o outro, onde todo o ser só o é, mediante as indicações corporais; e aqui o prestígio adquirido em cima do bom êxito competitivo lhes possibilita uma auto-narrativa de seres excepcionais, algo que os difere dos outros indivíduos.

- vontade de poder

...quando deu a largada eu fiquei atrás e não dava para passar. Ao final eu cheguei em 101° lugar, numa competição de 650 corredores. Foi a minha 1ª prova, foi aí que começou a minha vida de corredor...o que foi mais interessante é que tinha mais de 15.000 corredores e eu botei 12.000 para trás. ....foi quando apareceu os 100km, nunca tinha existido na América do Sul, foi uma prova a que deram o nome de desafio do século os 100km. ...eu tenho muita força de vontade, eu tenho muita garra de vencer (85 anos).

... o meu pai foi o melhor do mundo no martelo, eu fui o único filho que o segui e aqui eu sou invencível, não perco para ninguém. ...Sempre busquei ser o melhor, tenho 1.800 e poucas medalhas de 1° lugar, sempre procurei ser campeão, ser um campeão em tudo na vida (68 anos).

...Quando eu voltei comecei a correr na faixa etária de 55 a 59 anos, então tinha adversários nesta faixa, foi aí que começou o desafio de ser a melhor... eu tinha uma colega que sempre me vencia... era entrar na pista e todas as vezes ela vencia e batia o recorde mas, na verdade era eu quem a forçava a isso... levei 1 ano e meio assim, até que comecei a correr em provas de rua e fazer mais distâncias e comecei a ganhar dela. Nunca mais perdi para ninguém. ...Mas, eu treino muito a sério para manter a forma

física, a gente planta para colher, eu treino todos os dias , só descanso no sábado... agora eu sou recordista da minha faixa etária dos 800m, 1500m, 3000m, 5.000m, 10.000m, carioca, brasileira e sulamericana aí só fico disputando só comigo mesmo, o desafio agora é melhorar cada vez mais as minhas marcas (63 anos).

...eu tive um enfarto e na UTI ainda eu perguntei ao 1° médico que me visitou quando eu poderia voltar a correr...operei e comecei a treinar e quis voltar a competir e essa foi a grande luta pois, nem minhas filhas, nem meus amigos me davam apoio para eu voltar às pistas. Então eu superei tudo isso e procurei um médico que ouvisse a minha estória. ...O esporte ajuda a superar os empecilhos da vida e você os encontra quase de minuto a minuto, eu gosto do esporte, eu gosto de lutar, não só na minha vida esportiva como profissional eu quero conquistar essas vitórias ...a competição me dá prazer, se tirar a competição, o esporte da minha vida é praticamente me tirar a vida (68 anos).

O sistema discursivo elaborado pelos idosos em causa aponta para uma representação da competição como vontade de poder, na medida em que nesta se encontra reunidos os valores orientadores da sua vida. Contudo, a luta que ali se faz presente não se encaminha tão somente para a vida mas, sim para uma potencialidade que a envolve e reúne em si mesma. *...quando deu a largada eu fiquei atrás e não dava para passar e ao final eu cheguei em 101° lugar, numa competição de 650 corredores, foi a minha 1ª prova, foi aí que começou a minha vida de corredor.* Evidencia-se neste recorte a vontade de superação do outro, mesmo sendo aqueles bem mais jovens, o que importa é o resultado geral da prova. *...o que foi mais interessante é que tinha mais de 15.000 corredores e eu botei 12.000 para atrás.* Cabe salientar que este dito pertence a um indivíduo de 85 anos de idade, onde toda a energia é evocada

por um corpo em decrepitude, simples morada da vida, que não é somente a manutenção do indivíduo mas inclusive a sua produção no âmbito atlético, que ele tem como motor da sua vontade. *...foi quando apareceu os 100km, nunca tinha existido na América do Sul, foi uma prova que deram o nome de desafio do século os 100km. ...eu tenho muita força de vontade, eu tenho muita garra de vencer.* Há um entusiasmo das suas vontades que move os corpos, e os permite participar de um desafio nunca dantes pensado, ser admissível para um corpo senil. A vontade de poder é assim, entendida como um símbolo de vida que reúne o mais forte de todos os instintos, que orienta a evolução orgânica. *...o meu pai foi o melhor do martelo. Eu fui o único filho que o seguiu e aqui eu sou invencível, não perco para ninguém...* Concentra todas as demais funções fundamentais do organismo à vontade de poder, símbolo de um impulso de vida para mais. *...sempre busquei ser o melhor, tenho 1.800 e poucas medalhas de 1º lugar.* Nietzsche diz-nos que "...qualquer vitória, qualquer sentimento de prazer, qualquer acontecimento pressupõe uma resistência vencida" (1975a:247), isto é bem evidente nos discursos elaborados por estes idosos, sempre a procura de melhores colocações. *...sempre procurei ser um campeão, ser um campeão em tudo na vida.* No sentimento de vitória está contido todo um prazer de resistência e superação, de onde já não se espera mais nada. Há um entendimento da prática competitiva assente numa vontade de perdurar, de superar não só os seus limites, os seus recordes pessoais, como vencer e ser melhor que o outro, como um desafio a ser perseguido. *...quando eu voltei comecei a correr na faixa de 55 a 59 anos, então tinha adversários nesta faixa, foi aí que começou o desafio de ser a melhor...* Para o Super-Homem de Nietzsche, a tônica da vida está centrada na auto-superação, vencer a si mesmo e fazer disto a sua arte de viver. "Eis toda a vossa vontade, ó vós, sois os mais sábios! É como uma vontade de poder, embora faleis de Bem e de Mal e de Juízo de Valor" (1998a:130). *...eu tinha uma colega que sempre me vencia...era entrar na*

pista e todas as vezes ela vencia e batia o recorde mas, na verdade era eu que a forçava a isso ...levei 1 ano e meio assim, até que comecei a correr em provas de rua e fazer mais distâncias comecei a ganhar dela e nunca mais perdi para ninguém. A tônica da vida destes idosos parece de fato ser a auto-superação onde a arte de viver reside em manter-se na galeria dos recordista. Ser medalhado é ter uma resposta positiva da vida...*mas, eu treino muito a sério para manter a forma física, a gente planta para colher, eu treino todos os dias, só descanso no sábado.* Assim estes idosos estão próximos da cultura, quando admitem novos valores e criam outros hábitos de vida e distantes da natureza, quando expõem seus corpos exauridos pelo tempo aos programas rigorosos de treinamento desportivo. ...*agora eu sou recordista da minha faixa etária dos 800m, 1.500m, 3.000m, 5.000m, 10.000m, carioca, brasileira e sulamericana, aí só fico disputando só comigo mesmo, o desafio é melhorar cada vez mais as minhas marcas.* A vida em sociedade e não somente a individual, apresenta inclusive a vontade de poder. As sociedades não são altruístas umas com as outras ninguém no plano individual ou social, se dedica ao outro de modo filantropo, e sim para demonstrar a superioridade e domínio (Nietzsche, 1975a). Contudo, nos discursos circulantes são pertinentes as representações da competição como sociabilidade, interação simbólica entre outros apresentados mas evidencia-se com clareza a vontade de poder embutida no ato competitivo ...*eu tive um enfarto e na UTI ainda eu perguntei ao 1° médico que me visitou quando eu poderia voltar a correr.* Superar as limitações corporais, impostas por enfermidades também encontra sustentação na vontade de poder ...*operei e comecei a treinar e quis voltar a competir e essa foi a grande luta pois, nem minhas filhas, nem meus amigos me davam apoio para eu voltar as pistas.* Ao seguir a indicação de Nietzcshe, encontramos que todo o homem é único e deve ser aquilo que é. Torna-se necessário saber viver diferentemente uns dos outros, viver por conta própria. *Então eu superei tudo isso e procurei um médico que ouvisse a minha estória.*

" ...Uma coisa é o desamparo, a outra é a solidão. Isso...aprendeste tu, agora! E também que, entre os homens, serás sempre um ser agreste e estranho: agreste e estranho, mesmo que eles te amem..." (1998a:213). Nestes recortes interpretamos que os idosos são de fato seres agrestes, onde nem mesmo a própria família, nem os amigos conseguem compreender os motivos que tornam tais práticas duradouras nas suas vidas. E se comparados com a normalidade dos outros indivíduos de mesma idade, possuidores de uma mesma estrutura física, são também estranhos para os parâmetros da sua faixa etária. ...*O esporte ajuda a superar os empecilhos da vida e você os encontra quase de minuto em minuto, eu gosto do esporte, eu gosto de lutar, não só na minha esportiva como profissional eu quero conquistar essas vitórias.* Na representação da competição como vontade de poder apreendemos a partir da auto-narrativa, dos julgamentos fortes, homens e mulheres capazes de viver uma moral da vida intensa. ...*a competição me dá prazer, se tirar a competição, o esporte da minha vida é praticamente me tirar a vida.* Numa tentativa de entendermos a auto-superação constante por que passam estes idosos, mais uma vez tomamos de assalto, numa interpretação de cariz antropológico, o Super-Homem pois, este não deve concordar com as virtudes dos fracos, libertar-se da má-consciência, amar-se a si próprio e ter a ousadia de ser ele mesmo. Ser bastante rígido para criar e impor os seus valores, ser capaz de transgredir grandes sofrimentos, com a finalidade de alcançar o amor do longínquo, daquilo que ainda é futuro, mas ele já se sente responsável. Este Super-Homem diz sim à vida neste mundo que é totalmente finito; ele reúne a força e a sabedoria assente na vontade de poder e acredita no Eterno Retorno. O devir para ele é a realidade possível, de fato a passagem da potência à ação onde a eternidade há de ser alcançada pela maior elevação de consciência de força no homem: eis o que gera o Super-Homem. Tal interpretação levou-nos a crer que só com muita vontade de poder estes idosos são capazes de superar a dor, para chegarem ao triunfo mantenedor das suas existências.

Quadro 4 - Categorias levantadas no grupo: 2

CATEGORIAS LEVANTADAS
Saúde
Sociabilidade
Longevidade
Reconhecimento familiar
Interação simbólica
Prestígio
Vontade de poder



GRUPO: 3

Grupo 3: As atividades físicas como:

- Ocupação do tempo

A atividade na minha vida é para preencher o espaço vazio que vem com essa idade. Você leva uma vida para criar os filhos, no meu caso eu só cuidava de casa e de filhos, sempre cuidei dos filhos, e quando chega a hora todos casam e você fica sozinha. E agora eu estou só, sem objetivos... você fica enjoada, fica sem ter o que fazer (71 anos).

Eu estou fazendo alguma coisa de útil para mim e para a minha família. Eu estou ocupando a minha mente com coisas positivas. Fazer ginástica é uma coisa positiva, eu penso assim. Não tenho tempo de ter coisas negativas na minha cabeça, como as doenças por exemplo...(73 anos).

...todos os dias eu venho à Universidade, tem dias que passo todo dia fazendo atividades, e só vou para casa à noite, é uma ocupação só, aqui na UnATI. Eu sempre procurei fazer alguma coisa para preencher o tempo, e fazer as atividades daqui é o melhor que há. A pessoa parada começa logo a botar "caraminhola" na cabeça, começa a pensar nas coisas ruins, nos prejuízos que já tem na vida por causa da idade, nas suas dificuldades de vida... e estando em atividade com seu tempo preenchido a pessoa esquece de tudo e só chega em casa à noite para dormir (64 anos).

A vida social é constituída por um tempo, que em simultâneo institui intervalos de tempo para esta vida. E assim este modo de demarcação do tempo é consoante com os valores orientadores da cultura que o adota, onde a concepção do tempo se alinha com as marcas culturais, quer na noção de

espaço, quer no modo de se organizar socialmente. *A atividade na minha vida é para preencher o espaço vazio que vem com essa idade. Você leva uma vida para criar os filhos. No meu caso eu só cuidava da casa e dos filhos...* Portanto o tempo e o espaço são compostos por um marco estrutural, onde as várias formas do tempo social criaram modos de concepções desse mesmo. As atividades físicas são representadas como ocupação do tempo que ficou "vazio". *...e quando chega a hora todos casam e você fica sozinha. E agora eu estou só, sem objetivos... você fica enjoada, fica sem ter o que fazer.* E nesta perspectiva percebemos o tempo que pode ser considerado em duas dimensões diferentes: - a dimensão identitária e a dimensão imaginária. O tempo instituído como identitário ou tempo de demarcação, é o tempo dos calendários, com as suas divisões numéricas, e que se baseia nos fenômenos periódicos do estrato natural, dia mês lunar, estações do ano que foram trabalhados em função de uma elaboração lógico-científica, mas sempre com referências aos fenômenos espaciais. *...todos os dias eu venho à Universidade, tem dias, que passo todo o dia fazendo atividades, e só vou para casa à noite. É uma ocupação só aqui na UnATI.* Já o tempo imaginário instituído como tempo significativo, tempo dotado de significados, vive com o tempo identitário uma relação de inerência recíproca ou de implicação circular, que normalmente existe entre duas dimensões de toda instituição social. *...Eu estou fazendo alguma coisa de útil para mim e para a minha família. Eu estou ocupando a minha mente com coisas positivas, fazer ginástica é uma coisa positiva, eu penso assim.* O tempo identitário só é "tempo" porque se refere ao tempo imaginário, que por sua vez possibilita a sua significação de "tempo". Já o tempo imaginário seria indefinível, irreferível, inapreensível e não poderia existir fora do tempo identitário. *Não tenho tempo de ter coisas negativas na minha cabeça, como doenças por exemplo...* Torna-se um ponto fulcral para estes idosos, a ocupação do tempo que passou a ser ocioso nas suas vidas. *Eu sempre procurei fazer alguma*

coisa para preencher o tempo, e fazer as atividades daqui é o melhor que há. Castoriadis (1991), acata a idéia de que os limites do tempo ilustram a necessidade lógica da instituição do tempo imaginário. *A pessoa parada começa logo a botar "caraminhola" na cabeça, começa a pensar nas coisas ruins, nos prejuízos que já tem na vida por causa da idade, nas dificuldades de vida...*O tempo identitário ou de demarcação, direciona a existência humana com uma seqüência de ações cronológicas, determinando os tempos de esperas para cada etapa da vida do homem em sociedade. A dimensão da temporalidade assumida pela ciência ratifica e contribui com a crença do tempo enquanto passagem. *...e estando em atividade com o seu tempo preenchido a pessoa esquece de tudo e só chega em casa à noite para dormir.* Ordenando numa direção determinada, dividindo em fases ou períodos sucessivos e imutáveis: primeira infância, infância, adolescência, juventude, maturidade e velhice que também contribuem para as esperas sociais. Estas fases de vida do homem e seus estágios de desenvolvimento motor e intelectual, foram demarcados a partir de abstrações que passaram a ser aceitas como fatos e, na realidade, são produtos da evolução da própria sociedade. O tempo do representar social, aqui entendido como o tempo representado tal e qual como é, somente o aspecto do momento. Acreditamos ser o tempo onde estes idosos instauram o tempo identitário e o imaginário, pois este tempo existe a partir do fazer social, a fim de representar o tempo desse mesmo fazer. Assim as atividades físicas são representadas como ocupação de um tempo desse fazer social.

- mudanças de hábitos

A minha cabeça mudou muito depois de vir para cá. Foi uma melhoria muito grande, aqui eu só aprendo coisas úteis e válidas para a minha vida...até a respirar eu aprendi aqui. Sigo à risca tudo o que me

ensinam, respiro melhor, tenho uma postura melhor, ...agora tenho até atitudes diferentes na minha vida... tenho sobre o que conversar com os meus filhos e com as outras pessoas. Eu era muito chata! (71 anos).

Os meus hábitos de vida mudaram porque a gente já acorda pensando que tem que sair, até mesmo ao se arrumar a gente tem mais cuidado nos preparativos, as unhas, a cuidar dos cabelos e as roupas, até nisso tudo mudou. Eu tenho mais estímulo para olhar para mim, além das atividades que são boas para a saúde, o relacionamento com as outras pessoas, a gente tem esse prazer, a gente volta a ter mais cuidado com o nosso corpo, com o nosso físico. Eu acho muito bom. Aos poucos a gente vai perdendo esses cuidados porque não tem quem nos olhe (77 anos).

Eu antes de vir para cá eu jogava cartas de baralho, muitas horas sentada mas, agora descobri que movimentar o corpo, caminhar é muito melhor, é a melhor coisa da vida. As atividades me deram forças para continuar a viver e bem melhor, eu posso dizer que renasci aqui. (74 anos).

A realidade individual evolui, mas é influenciada pelas referências biológicas, psicológicas e sociais, que também interferem na ordem e no ritmo dos acontecimentos coletivos. A orientação dos indivíduos em relação à construção dos campos temporais dá-se inclusive ao nível da subjetividade e, de acordo com esta eles organizam-se no mundo interagindo com ele. *A minha cabeça mudou muito depois de vir para cá, foi uma melhoria muito grande, aqui eu só aprendo coisas úteis e válidas para a minha vida...* A representação das atividades físicas assume um caráter que interfere até em mudanças de hábitos para estes idosos... *até a respirar eu aprendi aqui. Sigo à risca tudo o que me ensinam, respiro melhor, tenho uma postura melhor, ...agora tenho até atitudes diferentes na minha vida... tenho sobre o que*

conversar com os meus filhos e com as outras pessoas. Eu era muito chata! Contudo não se pode negar a interferência da cultura no "mundo vivido" por homens, mulheres, jovens ou neste caso os idosos que são de fato controlados pela cultura. *Os meus hábitos de vida mudaram porque a gente já acorda pensando que tem que sair, até mesmo ao se arrumar agente tem mais cuidado nos preparativos, as unhas, a cuidar dos cabelos e as roupas, até nisso tudo mudou.* Ela controla os comportamentos de modo persistente e intenso, algumas vezes exteriores à própria vontade dos indivíduos. A cultura atua na consciência e situa-se indo muito para além do controle voluntário. *Eu tenho mais estímulo para olhar para mim, além das atividades que são boas para a saúde, o relacionamento com as outras pessoas, a gente tem prazer, a gente volta a ter cuidado com o nosso corpo, com o nosso físico.* A saúde física e mental do indivíduo aposentado depende em certa medida, do tipo de experiências vivificadas no seu tempo anterior à aposentadoria, sendo que após este rito de passagem, as desvantagens se acumulam. Para além das disfunções biológicas que perturbam a vida do idoso, a falta de estímulos adequados e a pouca estruturação dos espaços por eles habitados, contribuem consideravelmente com o seu aspecto distraído e com o esquecimento que lhe é peculiar. *Eu acho muito bom! Aos poucos a gente vai perdendo esses cuidados porque não tem quem olhe.* As atividades físicas são representadas como mudanças de hábitos pois, têm um papel intermédio na sua interação com outros espaços freqüentados. . *Eu antes de vir para cá eu jogava cartas de baralho, muitas horas sentada mas, agora descobri que movimentar o corpo, caminhar é muito melhor. É a melhor coisa da vida!* A sua interação com o meio tende a passar por um processo de reestruturação temporal, de acordo com os novos indicadores e estímulos disponíveis que estão contidos nestas atividades. *As atividades me deram forças para continuar a viver e bem melhor, eu posso dizer que renasci aqui.* Garcia (1998), salienta que a vida não é só uma estrutura de sentido e por isso só sujeita ao tempo

simbólico. É também um organismo vivo, biológico, portanto sujeito ao tempo causal, onde se percebe que o idoso não consegue escapar a este tempo. Ele tenta camuflar essa existência biológica dando-lhe um outro sentido, nem que para isso tenha que passar por algumas mudanças de hábitos.

- autonomia

Eu adoro a ginástica, ela me ajudou muito, eu já não podia nem levantar a perna para subir um degrau da escada. E agora estou me sentindo muito bem... eu faço ginástica há muitos anos aqui, desde que começou no PAM, aqui eu me sinto muito bem disposta (78 anos).

...fazer um pouco de exercício sempre é bom para o organismo, parado o resultado só pode ser ruim, é nenhum o resultado. Faço ginástica para melhorar o corpo que tenho ainda... faço isso para o meu corpo me obedecer. Hoje o corpo já não obedece muito, eu estou mais moroso. A situação de um idoso não é boa, tudo leva para a derrota, e a ginástica ajuda a reagir, me mantém ativo ainda (77 anos).

A atividade trouxe muita coisa boa para mim, e agora está sendo melhor ainda por causa do derrame que eu tive. Agora tudo está de acordo com as minhas necessidades... antes de adoecer e agora está me ajudando a recuperar depois do derrame. Antes eu estava na cadeira de rodas, agora eu já estou ganhando a minha independência outra vez (73 anos).

Mauss no seu célebre artigo sobre as técnicas do corpo, diz que "...o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem" (1979:352). Para

ele o corpo é o meio técnico com o qual o homem se comunica e é capaz de se adaptar constantemente aos objetos e às situações condicionadas e condicionantes da sociedade a que pertence. O lugar que nela ocupa por meio de ligações simbólicas. Aqui identificamos as atividades físicas como meio de manutenção, recuperação ou ganho da autonomia para a vida destes idosos *...Eu adoro a ginástica, ela me ajudou muito, eu já não podia nem levantar a perna para subir um degrau da escada. E agora estou me sentindo muito bem...* Neste recorte verificamos uma recuperação da autonomia possibilitada pelas atividades, pois a musculatura é responsável por aproximadamente 40% do peso corporal e existem muitos tipos de músculos no organismo com variadas funções. Basicamente existem dois tipos de fibras musculares: as estriadas e as lisas que são bem trabalhadas nas atividades. Inclui-se nas perdas deletérias do organismo, uma perda natural com o passar do tempo de fibras musculares, ocasionada pela diminuição da massa muscular e da força. As atividades proporcionam um bem estar na medida em que grande parte dos músculos são postos em movimentos. *...eu faço ginástica há muitos anos aqui, desde que começou no PAM, aqui eu me sinto bem disposta.* A rede de relações significativas que se enreda em torno das atividades físicas, favorece um estado de ânimo bem disposto. *...fazer um pouco de exercício sempre é bom para o organismo, parado o resultado só pode ser ruim, é nenhum o resultado.* A crença nas possíveis melhorias advindas das atividades, distanciam-nos das perdas causadas pelo tempo. O envelhecimento provoca reduções na massa muscular, tanto no volume quanto no número de fibras musculares. Em termos funcionais, a força muscular diminui em aproximadamente 20% aos 65 anos. *Faço ginástica para melhorar o corpo que tenho ainda... faço isso para o meu corpo me obedecer, hoje o corpo já não obedece muito, eu estou mais moroso.* A recuperação da autonomia pelas atividades físicas parece-nos uma constante na vida destes idosos pois, é o dito que emerge dos discursos. *A situação de um idoso não é boa, tudo leva*

para a derrota, e a ginástica ajuda a reagir, me mantém ativo ainda. As alterações ultra-estruturais incluem a desorganização dos miofilamentos e mudanças na estrutura e distribuição das mitocôndrias, que resultam em menor capacidade oxidativa por grama de músculo. Devido a estas e outras alterações o corpo já não obedece como antes. *A atividade trouxe muita coisa boa para mim, e agora está sendo melhor ainda por causa do derrame que eu tive. Agora está tudo de acordo com as minhas necessidades...* Não é desproporcionado falar que em algumas vezes as atividades são representadas como uma panacéia, um grande remédio para todos os males. *...antes de adoecer e agora está me ajudando a recuperar depois do derrame.* Sabemos que as doenças cardíacas em alguns casos estão relacionadas com outras doenças, causando interferência no músculo cardíaco, a arteriosclerose, a diabetes, a hipertensão arterial e a angina de peito são exemplos de tais implicações. *Antes eu estava na cadeira de rodas, agora eu já estou ganhando a minha independência outra vez.* O ganho da autonomia favorecido pelas atividades, torna-se evidente neste recorte. A representação das atividades como autonomia, tem relação com as atividades da vida cotidiana destes idosos, que no entendimento de Mauss (1979) fazem uso do seu corpo como instrumento de comunicação com o mundo circundante.

- sociabilidade

...a atividade me ajuda a viver. Eu já não tenho dores no meu corpo. A ginástica me valeu muito, eu estou aqui há 4 anos e isso é um motivo de distração. Tem as colegas para conversar, para trocar idéias... Os professores são bem pacientes, não é fácil trabalhar com o idoso. Quando eu vim para cá eu estava muito desanimada e agora estou recuperando as minhas forças fazendo ginástica. Eu tenho prazer de dizer que venho para a UERJ fazer ginástica...é tudo bem suave, de acordo com a minha idade...

aqui eu participo de muitas festas, passeios e o convívio com os colegas. É maravilhoso (73 anos).

Essa atividade me faz evoluir bem, ...todo o meu astral subiu e eu me sinto muito bem aqui. Todos são muito simpáticos, muito pacientes conosco que já temos uma certa idade... e de repente uns ficam mais enjoados que os outros e eles são sempre pacientes, e nos ajudam a aprender os exercícios. Eles dão atenção às pessoas da 3ª idade... eu vim mais para cá para ter convivência, para ver e ficar mais próxima das outras pessoas. Porque depois que me aposentei, já não tenho mais a turma lá do trabalho. Depois da aposentadoria ficamos todos muito afastados (74 anos).

...não se pode ficar parado em casa... Aqui temos a dança, a ginástica e muitas outras atividades para se fazer... ficar parada com essa idade esperando o que? ...Só pode ser a morte! As pessoas devem sair, passear tem que se aproveitar a vida, não se pode perder nada. Nós[48] *participamos de tudo, excursões, chorinhos, fazemos de tudo um pouco. Ele passou um tempo na cadeira de rodas mas graças aos exercícios daqui e à fisioterapia, ele já está andando sozinho. Ele tem muita força de vontade para viver... e aproveitamos a nossa ginástica* -(ela72 anos e ele 73anos).

O papel do imaginário na vida coletiva passou a ser indagado pelo pensamento político e social das Luzes, pois a razão tornou se exacerbada. Rousseau dá início a uma reflexão sistemática da "linguagem dos signos". E qual a sua interferência diante da imaginação? É uma evidência, na medida em que a imaginação do homem transcende a sua própria existência física. Importa agora salientar a influência que o imaginário social exerce na

[48] O nós neste recorte representa um casal de senhores que integra o grupo de atividades físicas, foi a única entrevista feita a 2 pessoas ao mesmo tempo, pois o marido mesmo andando sozinho, necessitava do apoio da mulher para locomover-se.

representação das atividades físicas como sociabilidade... *a atividade me ajuda a viver. Eu já não tenho dores no meu corpo. A ginástica me valeu muito, eu estou aqui há 4 anos e isso é um motivo de distração, tem as colegas para conversar, para trocar idéias.* É verificado de sobremaneira nos discursos a interferência do símbolo no fato social. O fazer ginástica tornou-se a tônica das suas vidas, onde o fato de ir a UERJ passou a ser uma referência de sociabilidade... *Os professores são bem pacientes, não é fácil trabalhar com o idoso. Quando eu vim para cá eu estava muito desanimada e agora estou recuperando as minhas forças fazendo ginástica. Eu tenho prazer de dizer que venho para a UERJ fazer ginástica...* Normalmente nas representações coletivas não estão expressas somente a representação "única de uma coisa única, mas sim uma representação escolhida mais ou menos arbitrariamente a fim de significar outras e de exercer um comando sobre as práticas"(Mauss, 1969:210). Eleger a prática das atividades físicas como sociabilidade de entre um leque de outras opções, é em certa medida uma escolha arbitrária, que comanda algumas outras. *É tudo muito suave, de acordo com a minha idade...aqui eu participo de muitas festas, passeios e o convívio com os colegas. É maravilhoso!* De algum modo o símbolo estaria, inicialmente inserido na categoria do signo, onde a maioria dos signos são apenas subterfúgios de economia, levando a um significado possível de ser verificado. Seria um sinal que antecederia a presença do objeto que representa. *Essa atividade me faz evoluir bem... todo o meu astral subiu e eu me sinto muito bem aqui. Todos são muito simpáticos, muito pacientes conosco que já temos uma idade...e de repente uns ficam mais enjoados que os outros e eles são sempre pacientes, e nos ajudam a aprender os exercícios.* O entendimento da sociabilidade vem embutido na paciência dos professores e este significado ainda é verificado na sua sensibilidade didática. Em Cassirer (1972), encontramos uma distinção entre os símbolos e os sinais. Este teve o mérito de reordenar nos seus estudos relativos ao simbolismo, a

noção de pregnância simbólica, percebendo com isso a força e até mesmo a estabilidade e freqüência da organização psicológica. O modo segundo o qual uma vivência é uma percepção imediata e concreta de um significado aqui atribuído à sociabilidade. *Eles dão atenção às pessoas da 3ª idade... eu vim mais para cá para ter convivência, para ver e ficar mais próxima das outras pessoas. Porque depois que me aposentei, já não tenho mais a turma lá do trabalho. Depois da aposentadoria ficamos todos muito isolados.* O fato destes idosos estarem inseridos no grupo de atividades físicas, cria um ambiente de relação social que lhes propicia a sociabilidade. O estudo do imaginário das representações corresponde de algum modo a uma interpretação dos símbolos e mitos, pois canaliza e organiza os dados no que se refere às estruturas antropológicas em regime de imagens e em estruturas do imaginário. *...não se pode estar parado em casa... aqui temos a dança, a ginástica e muitas outras atividades para se fazer... ficar parada com essa idade esperando o quê? ...Só pode ser a morte!* Trouxemos Durand (1988:100), para a interpretação do recorte acima "...o símbolo surge como restabelecedor do equilíbrio vital comprometido pela morte ...depois o símbolo é pedagogicamente utilizado para restabelecer o equilíbrio psicossocial ...a simbólica estabelece um equilíbrio antropológico que constitui o humanismo ou o ecumenismo da alma humana". *As pessoas devem sair, passear tem que se aproveitar a vida, não se pode perder nada. Nós participamos de tudo, chorinhos, fazemos de tudo um pouco.* Percebemos que o símbolo funciona como instaurador do bom senso e do equilíbrio diante da morte (situação limite tratada ainda com grande receio pela sociedade), da vida e dos possíveis desajustes psicossociais. *Ele passou um tempo na cadeira de rodas mas graças aos exercícios daqui e à fisioterapia, ele já está andando sozinho. Ele tem muita força de vontade para viver... e aproveitamos a nossa ginástica.* Falar nas atividades físicas representadas como sociabilidade é falar no modo imaginário e simbólico que estão contidos nesta. Assegurada nas

ações recíprocas que acontecem entre o grupo no desenvolvimento das atividades físicas.

- saúde

...agora sinto-me mais leve, melhorei muito aqui... aqui temos um ambiente melhor do que o do hospital. O ambiente da Universidade exige que a gente melhore de disposição e o organismo também. O desejo é melhorar sempre. Quando a idade vai chegando é preciso um aconchego, uma solicitude conosco, isso é muito importante para mim, se não eu não estaria aqui fazendo exercício... Quem não faz nada e fica só em casa, se vai morrer ontem não morre agora, morre depois, se ficar em casa morre mais cedo, tudo emperra logo... o exercício é tudo na minha vida, dá mais circulação a todo o organismo, coopera um pouco para a gente melhorar de vida (78 anos).

Eu nunca fui uma pessoa de ficar em casa parada, nem lendo, nem vendo televisão. O meu negócio é rua, é na atividade. Eu quero saúde. E para isso faço exercício terapêutico para o reumático, dança folclórica, terapia respiratória porque tenho uma dificuldadezinha para respirar e aqui no IMA atividade física em geral, sou uma aluna assídua em tudo (64 anos).

...A atividade veio a me ajudar muito porque sou diabética, a taxa quase não baixava mais, foi então que a médica me aconselhou a fazer ginástica, para ajudar a queimar um pouco o açúcar. Eu gosto muito de fazer ginástica, adoro a professora e me dei muito bem, as minhas pernas, os meus braços e também a memória melhoraram muito... eu tinha um "problemazinho" na cabeça mas agora estou mais paciente. Eu era muito agitada queria fazer tudo na mesma hora, agora eu penso e me organizo

melhor. Amanhã ainda terei um outro dia... e aqui me dei muito bem e agora a ginástica está em 1° lugar na minha vida (70 anos).

Douglas (1978) salienta que cada sociedade elege determinados símbolos dentro de um grupo comum e universal de símbolos, onde as representações de corpo são pertinentes. Não podemos deixar de apontas para as relações existentes entre sentido e poderio, sistemas simbólicos e estruturas de dominação. O poder simbólico é invisível, até mesmo indizível, mas deixa as suas marcas nos corpos de diferentes formas. Há uma associação quase que mecânica das atividades físicas à saúde. O sentido atribuído às atividades físicas delegam-lhe um poder de saúde. Acreditamos ser um valor inculcado basicamente pelos meios de comunicação e seus sistemas simbólicos de propagação de informações. No entanto, alguns indivíduos quando chegam à idade da aposentadoria, já não gozam de um bom estado de saúde, e quando esta finalmente chega torna-se um alívio. *...agora sinto-me mais leve, melhorei muito aqui... aqui temos um ambiente melhor do que o do hospital. O ambiente da Universidade exige que a gente melhore de disposição e o organismo também, o desejo é melhorar sempre.* A prática das atividades num ambiente universitário já lhes suscita uma melhoria no seu bem estar, algum acalanto para os seus desconforto. A dor muscular, as cãibras e o espasmo são manifestações regulares nos indivíduos na terceira idade. A dor muscular vem sempre acompanhada pelo espasmo muscular, onde se salienta a dor nas costas ou lombalgia. A má postura favorece as dores musculares. *Quando a idade vai chegando é preciso um aconchego uma solicitude conosco, isso é muito importante para mim se não eu não estaria aqui fazendo exercício...* Existe uma gama de sentidos atribuídos às atividades físicas, cabe nesta categoria falarmos sobre a saúde mas, há que reter alguns elementos inerentes a esta. Tomemos como exemplo a morte, que aparece no recorte que segue. *...Quem não faz nada e fica só em casa, se vai morrer*

ontem não morre agora, morre depois, se ficar em casa morre mais cedo, tudo emperra logo... A interpretação deste dito leva-nos a perceber que de todas as maneiras a análise filosófica da morte, basicamente dentro de uma perspectiva existencial, um ponto para além de se ver a morte como a ausência de vida, deu-nos pistas de que é no presente que se constitui o futuro absoluto da vida terrena. Este tem sido também o entendimento dos idosos. *o exercício é tudo na minha vida, dá mais circulação a todo o organismo, coopera um pouco para a gente melhorar de vida.* A idade biológica não se correlaciona necessariamente com a idade cronológica, haja vista as condições de funcionamento dos órgãos. Muitos deles têm a possibilidade de envelhecer primeiro que outros, ou até mesmo ter o seu desempenho comprometido, o que nos sugere que o envelhecimento surge a partir do nascimento.Verificamos a representação das atividades como fator primordial para a melhoria da sua qualidade de vida. *Eu nunca fui uma pessoa de ficar parada, nem lendo, nem vendo televisão. O meu negócio é rua, é na atividade.* As condições que enquadram um indivíduo na terceira idade são múltiplas, no entanto eles dão corpo à atitude de uma nova geração que emerge. *Eu quero saúde! Para isso faço exercício terapêutico para reumático, dança folclórica, terapia respiratória porque tenho uma dificuldadezinha para respirar e aqui no IMA atividade física geral, sou uma aluna assídua em tudo.* Nos indivíduos normais em qualquer idade, a função respiratória não limita a capacidade de realizar exercícios, as alterações ventilatórias que ocorrem com o envelhecimento, não impedem uma melhoria significativa da capacidade aeróbica após o treinamento. À semelhança do que ocorre em indivíduos jovens, nos idosos sem doença respiratória o sistema de transporte de oxigênio depende mais da capacidade periférica e cardiovascular do que da capacidade respiratória. Portanto a "dificuldadezinha" respiratória é superada, pois as atividades representam de fato saúde. *A atividade veio a me ajudar muito porque sou diabética, a taxa*

de saúde não baixava mais, foi então que a médica me aconselhou a fazer ginástica, para ajudar a queimar um pouco o açúcar. O diabetes pode causar-lhes erupção nos pés ocasionado por disfunções circulatórias locais e inclusive pela falta de sensibilidade. Tais lesões evoluem e chegam a úlceras. Mais uma vez as atividades físicas são representadas pelos idosos como solução para todos os seus males. Em alguns casos o reforço da indicação médica amplia a dimensão de tal representação. *Eu gosto muito de fazer ginástica, adoro a professora e me dei muito bem. As minhas pernas, os meus braços e também a memória melhoraram muito...* Os especialistas recomendam que uma vida saudável, com atividade física regular, dieta bem equilibrada, e pouco estresse são as melhores armas para se defender da produção excessiva de radicais livres. *...eu tinha um "problemazinho" na cabeça mas agora estou mais paciente. Eu era muito agitada queria fazer tudo na mesma hora, agora eu penso e me organizo melhor. Amanhã terei um outro dia...* Entretanto, as modificações das células e dos tecidos sofridas através do tempo, ocorrem com maior ou menor intensidade de acordo com cada indivíduo, mas não há aquele que não escape do envelhecimento, quer seja dos tecidos ou dos órgãos *e aqui me dei muito bem e agora a ginástica está em 1° lugar na minha vida.* O processo degenerativo em que se situam não é ignorado, contudo as atividades físicas representadas como a saúde indicam-lhes ainda um horizonte com algumas possibilidades. Moscovici (1976), ressalta a importância das interações sociais dos indivíduos com o meio ambiente, na construção das representações sociais uma vez que se trata da sua produção e não da sua reprodução. Para os idosos em causa as experiências vividas no meio universitário tem sido uma oportunidade infindável de construção das suas representações.

- Auto-estima

...eu aconselho a todo mundo a fazer atividade física. Se você ficar dentro de casa, brigando com os filhos, dando preocupação, enjoando a todos, não vale a pena. Seja útil a você mesmo! Todos têm que se atualizar, mesmo apesar da idade a sua cabeça tem que funcionar positivamente para não dar trabalho à família... esse é o pensamento de todos que freqüentam aqui as aulas (71 anos).

Eu sempre faço atividades físicas, e eu não me importo que as pessoas me tomem como "fogosa", eu estou cuidando do meu "eu", enquanto os outros não gostam das próprias pernas, dos cabelos, eu gosto muito de mim, mesmo agora com essa idade, ...quem quiser que me ache feia eu gosto do meu corpo, mesmo sendo pequenininha e magricela mas eu gosto de mim. As atividades cada vez mais me ajudam a gostar de mim mesmo... Eu me olho no espelho e não sou rival do meu "eu", me gosto cada vez mais (74 anos).

A minha família, os meus filhos me apoiam muito, eles aprovam o que eu faço, me elogiam para os seus colegas... Ainda ontem foi lá em casa uma colega da minha filha e ficou admirada com todas as atividades que faço... – Todo mundo fica doente, e a senhora que já tem uma certa idade não tem nada? – Eu não fico só em casa sentada, eu me cuido, faço atividades físicas na Universidade e por isso sou uma pessoa forte, resistente e saudável. Eu evito as coisas ruins que vêm com a idade (77 anos).

As representações sociais atribuem a velhice a uma perda de identidade ou até mesmo um sentimento incrédulo aos que nela chegam. Obter novas experiências é algo impensado até então, no dito de Sartre é irrealizável. Todavia, o grupo por nós estudado vê no corpo a possibilidade de

estruturar ou manter um eu novo ou renovado. As atividades físicas representadas como auto-estima são um forte indicador de que emerge do seio da tradição uma geração fundadora assumindo outros comportamentos. *...eu aconselho a todo mundo a fazer atividades físicas. Se você ficar parado dentro de casa, brigando com os filhos, dando preocupação, enjoando a todos não vale a pena.* Neste dito há uma articulação das experiências vividas no próprio cotidiano familiar, privado, com a prática das atividades físicas que são experiências da sua vida pública. Resultando um aconselhamento positivo para as outras pessoas da mesma idade. *Seja útil a você mesmo! Todos têm que se atualizar, mesmo apesar da idade a sua cabeça tem que funcionar positivamente para não dar trabalho à família... esse é o pensamento de todos que freqüentam aqui as aulas.* Supomos que o bem estar causado por tais práticas, a sensação de utilidade a si próprio seja um contributo para a valorização da sua auto-estima, onde a cabeça tem que funcionar positivamente a fim de obter um bom convívio familiar. *Eu sempre faço atividades físicas, e eu não me importo que as pessoas me tomem como "fogosa", eu estou cuidando do meu "eu", enquanto os outros não gostam das próprias pernas, dos cabelos, eu gosto muito de mim, mesmo agora com essa idade...* Ao falarmos de um "eu" estamos a falar de um corpo onde reside este "eu", parte integrante de um sistema de ações que são suscitadas, ora pelas necessidades (respirar, comer...), ora pelas vontades (nadar, correr...) que é a própria tomada de consciência corporal que possibilita o ser e estar no mundo. Nos ensinamentos de Heidegger, encontramos o "está aí", entendido não com um caráter objetivo, mas como uma expressão que caracteriza a experiência do corpo, de um corpo presente. A tomada de consciência corporal deste grupo, com a sua auto-estima reforçada pelas práticas, possibilita um gostar dos seus corpos mesmo que encarquilhado pelo tempo. *...quem quiser que me ache feia eu gosto do meu corpo, mesmo sendo pequenininha e magricela mas eu gosto de mim. As atividades cada vez mais*

me ajudam a gostar de mim mesmo... Eu me olho no espelho e não sou rival do meu "eu", me gosto cada vez mais." O envelhecimento do meu corpo é o espelho que mo ensina, ou é a minha imagem nos outros ou a objectivação que promovo quando o observo exteriormente" Vergílio Ferreira (1994:258). O pensamento do autor encontra ressonância no discurso circulante entre os idosos, que acreditam que a vida é como o afinar de um instrumento, de dentro para fora e de fora para dentro. A auto-estima fortalecida parece ser a mola propulsora das dificuldades advindas com o avançar da idade. *A minha família, os meus filhos me apoiam muito, eles aprovam o que eu faço, me elogiam para os seus colegas...* O reforço familiar para a nova atitude do idoso, é um reconhecimento positivo para a manutenção de uma auto-estima robusta. *...Ainda ontem foi lá em casa uma colega da minha filha e ficou admirada com todas as atividades que eu faço... – Todo mundo fica doente, e a senhora que já tem uma certa idade não tem nada? – Eu não fico só em casa sentada, eu me cuido, faço atividades físicas na Universidade e por isso sou uma pessoa forte, resistente e saudável. Eu evito as coisas ruins que vêm com a idade.* Aqui se faz presente uma auto-identidade fortalecida pelas práticas, o que não pode ser diferente com a auto-estima. Pois em todo o estudo o conceito de auto-identidade está relacionado com questões existenciais, o que não é pura e simplesmente um resultado das ações dos indivíduos, mas pelo contrário é fruto de uma sistemática constante, uma rotina com base em atividades reflexivas do indivíduo.

Quadro 5 - Categorias levantadas no grupo: 3

CATEGORIAS LEVANTADAS
Ocupação do tempo
Mudanças de Hábitos
Autonomia
Sociabilidade
Saúde
Auto-estima


GRUPO: 4

Grupo 4: As atividades físicas como:

- autonomia

...As atividades da academia me deixam apta para tudo e cheia de energia, eu me sinto outra depois que comecei a freqüentar a academia. Eu não podia descer uma escada, e para descer do carro então... às vezes precisava de duas pessoas para me ajudar, hoje eu já salto sozinha. Eu faço hidroginástica todos os dias e os meus movimentos estão bem melhores, antigamente eu demorava muito, agora eu desço uma escada sem demora (80 anos).

...Os benefícios das atividades físicas são grandes, me ajudou a emagrecer, eu durmo melhor, não sinto dores no meu corpo, antes eu tinha muitas dores nas costas. Voltei a ter movimentos que já não tinha, estou melhor comigo e mais independente, a gente vai ficando com uma certa idade e vai perdendo os movimentos e aqui eu os recuperei (69 anos).

...eu já não podia me abaixar, e qualquer coisa era muito grande o sacrifício para executar e eu ficava com falta de ar ...antes até andar era difícil mas agora eu faço caminhada e ginástica. Eu ando 1,5Km de casa até aqui, faço a minha ginástica e volto mais 1,5km, tudo isso a pé até a minha casa. Eu estou muito bem agora e aconselho a todo mundo de idade, que venha fazer o seu exercício, porque ficar parado no tempo não dá, enferruja mesmo (70 anos).

As atividades físicas aqui representadas como autonomia, ratificam os anseios destes idosos *...As atividade da academia me deixam apta para tudo e cheia de energia, eu me sinto outra depois que comecei a frequentar a*

academia. A recuperação e ou manutenção dos movimentos é uma vontade primordial para eles. A experiência ao nível do sentido do vivido, possibilita a confirmação dos ganho obtidos através da prática das atividades. Franceschini (1994:87), aponta para o envelhecimento dois grandes tipos de causa: intrínsecos e extrínsecos. Sendo as causas intrínsecas relacionadas com a hereditariedade, com as mudanças ocorridas nas células e com as funções dos órgãos. *Eu não podia descer uma escada, e para descer do carro então... às vezes precisava de duas pessoas para me ajudar, hoje eu salto sozinha.* Já as extrínsecas estão relacionadas com os fatos exteriores a que o organismo está sujeito: a exposição ao sol, a ingestão de bebidas alcoólicas, os radicais livres, as mudanças de comportamento advindas dos acontecimentos da vida em sociedade. ...*Eu faço hidroginástica todos os dias e os meus movimentos estão bem melhores, antigamente eu demorava muito, agora eu desço uma escada sem demora.* E acrescentamos a estas causas, as posturas funcionais, que devido às necessidades laborais, os indivíduos são obrigados a passar muitas horas em determinadas posições, o que pode acarretar prejuízos na postura, comprometendo futuramente o bom funcionamento do seu corpo. ...*Os benefícios das atividades são grandes, me ajudou a emagrecer, eu durmo melhor, não sinto dores no meu corpo, antes eu tinha muitas dores nas costas.* O envelhecimento fisiológico dá-se ao nível estrutural e funcional do corpo humano, ao longo da vida. É entendido como degenerescência orgânica, provoca mudanças corpóreas, causando ao idoso a perda da autonomia durante o processo de envelhecimento. *Voltei a ter movimentos que já não tinha, estou melhor comigo e mais independente, a gente vai ficando com uma certa idade e vai perdendo os movimentos e aqui eu os recuperei.* Este dito veio a confirmar o entendimento da perda de autonomia ao longo da senilidade. *Eu já não podia me abaixar, e para qualquer coisa era muito grande o sacrifício para executar e eu ficava com falta de ar... antes até andar era difícil, mas agora eu faço caminhada e ginástica.* Deste

modo verificamos que a inserção dos idosos nas atividades físicas, tem lhes proporcionado uma manutenção ou até mesmo um ganho da autonomia de movimentos necessários ao dia-a-dia rotineiro. *Eu ando 1,5km, de casa até aqui, faço minha ginástica e volto mais 1,5km, tudo isso a pé até a minha casa.* A representação das atividades físicas como autonomia, faz circular um discurso com conteúdo orientado pelas suas experiências positivas, reforçadas pela vida prática. *Eu estou muito bem agora e aconselho a todo mundo de idade, que venha fazer o seu exercício, porque ficar parado no tempo não dá, enferruja mesmo.* E assim sendo a representação social é a reprodução daquilo que um indivíduo ou um grupo valoriza, elabora e transforma a partir do seu campo imaginário. Adquire um sentido e torna-se parte da realidade social do indivíduo ou do grupo em causa.

- saúde

...essa atividade é importante no meu dia-a-dia, é fundamental para mim que sou diabética, hipertensa e ainda tenho hipotiroidismo. A conselho da minha médica eu procurei a academia e estou me dando muito bem (69 anos).

Eu fiz uma operação de coluna e agora estou me recuperando, foi o meu neurologista que pediu para que eu fizesse atividade física... Eu engordei muito e preciso emagrecer para a coluna não voltar a doer...eu estou me sentindo muito bem, aqui é maravilhoso (66 anos).

É importante essa atividade dentro da água, porque eu tive 3 bloqueios de coronária e o médico não quer que eu faça ginástica comum. Eu estou melhorando muito, as minhas pernas eram muito pesadas e já estão bem mais leves. Agora eu ando 2,3 Km sem ter problemas, faço caminhada

regularmente, recuperação postural e tudo mais que eu puder fazer para melhorar a minha saúde (72 anos).

É sobejamente reconhecido o entendimento das atividades físicas como saúde, haja vista a sua recomendação pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Mas o que importa agora salientar são as representações do grupo em causa relacionadas a saúde *...essa atividade é importante no meu dia-a-dia, é fundamental para mim que sou diabética, hipertensa e ainda tenho hipotiroidismo. A conselho da minha médica eu procurei a academia e estou me dando muito bem.* Controlar a saúde com o auxílio das dietas, dos produtos bioquímicos, bem como com as atividades físicas, recomendadas pelos médicos, tem entrado abertamente no cotidiano dos indivíduos que buscam uma melhoria da sua qualidade de vida. *...Eu fiz uma operação de coluna e agora estou me recuperando, foi o meu neurologista que pediu para que eu fizesse atividade física...* Dentro da normalidade das esperas sociais a morte não deve chegar antes da velhice. Viver é o imperativo categórico dos tempos atuais. Cuidar do corpo está no centro dos hábitos de vida pública ou privada. *Eu engordei muito e preciso emagrecer para a coluna não voltar a doer... eu estou me sentindo muito bem, aqui é maravilhoso.* A manutenção e a defesa do corpo contra as intempéries da idade passou a ser uma prática corrente; o temor, as doenças da sociedade atual perturbam os indivíduos, e para o seu alívio o uso de medicamentos e a prática de atividades físicas também entram em cena. *É importante essa atividade dentro da água, porque eu tive 3 bloqueios de coronária e o médico não quer que eu faça ginástica comum.* É sabido que com o envelhecimento ocorrem várias alterações metabólicas que podem ser afetadas pelo exercício. O metabolismo basal e a captação máxima de oxigênio diminuem gradativamente com a idade; a massa corporal magra também diminui, enquanto que a gordura corporal aumenta. *Eu estou melhorando muito, as minhas pernas eram muito pesadas e já estão*

bem mais leves. As atividades físicas em alguns momentos são representadas como uma panacéia, a solução para todos os males da saúde. *Agora eu ando 2 ou 3 km sem ter problemas, faço caminhada regularmente, recuperação postural e tudo mais que eu puder fazer para melhorar a minha saúde.* O condicionamento físico pode levar ao aumento da capacidade de captação máxima de oxigênio, possivelmente diminuir a gordura corporal e aumentar a massa magra. Deste modo acreditamos que o entendimento das atividades físicas como saúde, advém de representações sociais/individuais, que são elaboradas na e pela psiquê. São elaborações mentais que não fazem parte da categoria dos simulacros e sim do mundo da vida cotidiana.

- mudanças de hábitos

...Além de ficar insegura com a operação, eu me acovardava, eu operei e fiquei muito em casa com medo de sair mas, agora os meus hábitos mudaram, isso aqui me dá ânimo, agora eu tenho ânimo para sair, ir a todos os lugares. A atividade física me ajudou, mudou-me como pessoa. Agora eu me sinto muito bem! (66 anos).

Eu sempre fui muito ativa, tive um problema cardíaco mas não foi por falta de atividades, e sim pelo cigarro e comida gordurosa. Eu fumava 2, 3 maços por dia. A atividade física contribuiu para eu ter hábitos salutares, diminuir a comida e também o meu corpo vai ficar muito bom com essa atividade, já perdi 13 quilos com a parada do cigarro (72 anos).

...sinto interiormente uma alegria muito grande de poder fazer tudo que uma pessoa sadia e mais nova faz, isso me dá uma alegria muito grande. Hoje eu vou ao Teatro Municipal, agora voltei a sair e fazer o que gosto... eu acordo às 6 horas e às 7:30 tenho que estar na academia, me alimento bem

pouco e tenho mais disposição e alegria com as outras pessoas. ...Isto tem sido primordial na minha vida, este novo hábito de vir à academia (80 anos).

As atitudes são incorporadas e os comportamentos afetos ao cotidiano de um modo geral, são manifestos em conformidade com o sistema cultural e simbólico que acaba por estruturar socialmente o corpo, onde o contrário também acreditamos ser verdadeiro, e assim encontramos uma via de mão dupla. Tais atitudes pouco a pouco adquirem o seu valor simbólico que estão incluídos numa significação coletiva. Os aspectos motores e corporais expressam em alguma medida, o grupo social de enquadramento do indivíduo. A representação das atividades físicas como mudanças de hábitos é admitida quando possibilita outras opções no cotidiano dos indivíduos. ...*além de ficar insegura com a operação, eu me acovardava, eu operei e fiquei muito em casa com medo de sair, agora meus hábitos mudaram, isso aqui me dá ânimo, agora eu tenho ânimo para sair, ir a todos os lugares.* Wittgenstein, Gofman, Garfinkel entre outros, citados por Giddens (1994), incluem nos seus horizontes de referência os dados empíricos e admitem que as esperas sociais acerca do controle rotineiro do corpo são incontáveis diante de tantas experiências advindas das interações sociais. *A atividade me ajudou, mudou-me como pessoa. Agora eu me sinto muito bem!* As mudanças de hábitos implicam diretamente nas mudanças corporais, onde o corpo manifesta-se sempre, mas nem sempre percebe-se aquilo que ele tenta comunicar. ...*Eu sempre fui muito ativa, tive um problema cardíaco mas não foi por falta de atividades, e sim pelo cigarro e comida gordurosa. Eu fumava 2, 3 maços por dia.* As atividades do dia-a-dia, os cuidados constantes com o corpo associados aos símbolos reguladores contribuem para uma aparência normal, para uma dignidade e integridade corporal. ...*A atividade física contribui para eu ter hábitos salutares, diminuir a comida e também o meu corpo vai ficar muito bom com essa atividade, já perdi 13 quilos com a parada do cigarro.* O

fator simbólico participa do processo de construção da realidade, sendo apresentada de tal forma que a sua descodificação implica numa unidirecionalidade no sentido de mundo, sentido este que é construído segundo a lógica do imediato. As atividades físicas estão presentes com um forte contributo nesta construção. *...sinto interiormente uma alegria muito grande de poder fazer tudo que uma pessoa sadia e mais nova faz, isso me dá uma alegria muito grande.* Ricoeur (1988) refere-se a Descartes e aponta para o que ele chama vontade ao poder de dizer sim ou não, uma ação entroncada a todo juízo; e por conta desta intuição, a fenomenologia da vontade liga-se diretamente com a fenomenologia da percepção por intermédio da teoria da crença, aquela que define todas as possibilidades do ser, do ser real, ser possível. Esta teoria é uma tomada de posição que implica na noção de ato, aquilo que é possível de ser concretizado. As mudanças de hábitos ocasionadas pelas atividades físicas, levam aos idosos os atos, às ações propriamente ditas, que é o «eu posso» do «eu penso», e encontram ressonância em todos os seus hábitos cotidianos. *Hoje eu vou ao Teatro Municipal, agora voltei a sair e fazer o que gosto...* As teses volitivas mostram-se de algum modo fundamentadas na ação, onde o corpo é a própria expressão do vivido, do querido para viver, o sentir do corpo na ação. *...eu acordo às 6 horas e às 7:30 tenho que estar na academia, me alimento bem pouco e tenho mais disposição e alegria com as outras pessoas...*"Se é certo que toda a consciência é consciência de, a tarefa de uma fenomenologia da vontade consistirá em verificar, numa esfera particular a - esfera prática - o alcance universal da tese central da fenomenologia" (Ricoeur, 1988:141). *...Isto tem sido primordial na minha vida este novo hábito de vir à academia.* A esfera prática aqui verificada reside nas mudanças de hábitos que as atividades físicas apresentam na vida destes idosos. A fenomenologia da vontade encontrou algum assentamento na fenomenologia husserliana, que tratou não só da fenomenologia da percepção mas também, mesmo que de

forma alusiva, tratou dos fenômenos afetivos/volitivos. Há uma modificação necessária nos seus hábitos para a realização das suas vontades. Por isso acreditamos que as mudanças de hábitos ocasionadas pela prática das atividades físicas, são em certa medida, facilitadas pela percepção das limitações corporais, que inevitavelmente se apresentam ao longo da vida.

- estética

...agora eu não paro mais de frequentar, uma coisa que me faz tão bem. O meu objetivo agora é tirar essa barriga, sei que é difícil, tenho que deixar de comer certas coisas. A minha vida melhorou aqui, em tudo mesmo, eu estava muito gorda, com muitas dificuldades até para andar...vivo neste dilema de engordar e emagrecer mas agora com essa atividade salutar, todo mundo me elogia, eu gosto muito de um elogio, e qual a mulher que não gosta de ser elogiada? (80 anos).

...eu já perdi 10 quilos fazendo ginástica, a atividade tem uma importância fundamental para mim, que é a saúde e a estética, isso é que eu acho importante. Eu tenho que gostar de mim, porque se não quem vai gostar? (72 anos).

...e estou me dando muito bem, tinha muitas dificuldades com o peso, fiz dieta e aqui perdi 11 quilos e agora estou mais leve, mais autônoma para tudo... faço natação e alongamento, e com isso consigo manter um bom corpo, ainda sou bem elegante (69 anos).

No discurso circulante entre os idosos, as atividades físicas também são representadas como estética, e este apresenta-nos de sobremaneira pistas

que facilitam articular os recortes feitos nas teorias com as falas. Os valores que condicionam os comportamentos, as censuras que exercem sentimentos de culpabilidade são estruturas que atuam diretamente no corpo, governando o seu crescimento com normas de peso e estatura; a sua conservação com práticas higiênicas e culinárias; *...agora eu não paro mais de frequentar, uma coisa que me faz tão bem. O meu objetivo agora é tirar essa barriga, sei que é o mais difícil, tenho que deixar de comer certas coisas.* A sua apresentação com cuidados estéticos e de vestimentas; e sua expressão afetiva com signos emocionais. *A minha vida melhorou aqui, em tudo mesmo, eu estava muito gorda, com muitas dificuldades até para andar...* O corpo assume um valor social e cultural que interfere diretamente na aparência, nos sentimentos e na sua visão do mundo como um todo. *...vivo neste dilema de engordar e emagrecer mas agora com essa atividade salutar, todo mundo me elogia, eu gosto muito de elogio, e qual a mulher que não gosta de ser elogiada?* Esta estruturação social e cultural do corpo, por uma parte afeta toda a espontaneidade mais imediata do indivíduo, quiçá a mais natural, por outro lado, isso não é fruto só da educação propriamente dita, mas inclui-se todo um processo mimético e adaptativo do indivíduo aos hábitos em voga. *...eu já perdi 10 quilos fazendo ginástica, a atividade tem uma importância fundamental para mim, que é a saúde e a estética, isso é que eu acho importante.* A saúde e a estética surgem como valores fortalecedores de uma auto narrativa de identidade robusta, onde o corpo vê e é visto numa troca simbiótica, quer seja em ginásios desportivos, academias para treinos específicos, quer ou em outros palcos de atividades corporais e exibições constantes. *Eu tenho que gostar de mim, porque se não quem vai gostar?* Giddens vai buscar em Goffman que "A disciplina corporal é intrínseca ao agente social competente; é transcultural mais do que especificamente ligada à modernidade; e é uma característica contínua do fluxo de conduta da vida diária..."(1994:51), onde ficou evidente a teoria do autor no recorte que se

segue. ...*e estou me dando muito bem, tinha muitas dificuldades com o peso, fiz dieta e perdi 11 quilos e agora estou mais leve, mais autônoma para tudo...* Ao darmos um breve passeio na história do corpo, fomos ao princípio deste século, e verificamos que o *status* do corpo se atrelava ao meio social. O trabalhador braçal primava por um corpo robusto e fiel às suas necessidades de esforço. Sendo admirado pela sua força física, robustez e resistência. Já os burgueses optavam por outra estética, onde a aparência física era mais importante, mas sem expor-se em público; no início dos anos 20 o mostrar as pernas em público era motivo de escândalo, nos trajes de noite era permitido às mulheres o uso de vestidos decotados, e as pessoas distintas usavam luvas e chapéus, deixando somente aparecer o rosto. A tradição cristã impunha a antítese evangélica da carne e do espírito, do corpo e da alma, o corpo como prisão da alma fora reforçado. Dar atenção em demasia ao corpo era um pecado carnal, o corpo devia se respeitado mas não cultuado com veemência. Ainda existia o tabu de que a água amolecia o corpo, ao passo que a gordura era sinônimo de saúde (Ariès, 1991). Lavar o corpo não fazia parte das normas higiênicas e de saúde, o que contribuía com as doenças em grande escala, a disseminação de pestes e mortes em tenra idade. O que no início do século era normal figurar nos obituários, a morte por doenças infecto-contagiosas, pneumonia, difteria e a tuberculose, ao contrário do tempo atual onde passou a ser pouco usual morrer antes da velhice. A saúde e a estética corporal são objetivos perseguidos pelos idosos deste estudo, ...*faço natação e alongamento, e com isso consigo manter um bom corpo, ainda sou bem elegante.* Manter um corpo saudável e controlar os efeitos deletério causados pelo tempo, passou a ser a dinâmica da atualidade. O envelhecimento corporal é tratado neste grupo numa outra perspectiva estética, com menos vergonha da sua exposição com um pouco mais de aceitação do encarquilhar do corpo com o passar do tempo. O valor do tempo enquanto passagem, que nos foi inculcado socialmente através do tempo, aponta para um limite de tempo na

vida; ao deixar as suas marcas impressas nos corpos, ele o tempo, não pode passar indelével e o seu caminho vai em direção à finitude, à morte. Mas acreditamos que essa condicionante temporal é de fato o suporte para os projetos de vida, que comportam uma nova estética corporal para o idoso. E de algum modo as reflexões acerca do tempo de vida relacionado à saúde e até mesmo à estética corporal voltam-se sobre a morte, consciente ou não toma-se a princípio esta direção.

- interação social

...realmente o grupo aqui é muito gostoso, é muito animado! Sinto-me mais relaxada quando estou aqui. ...Mas agora eu presto mais atenção às coisas, eu era muito distraída e o grupo me ajuda a acertar os exercícios (69 anos).

...todo o pessoal que trabalha aqui eu gosto muito, desde os da secretaria até aos professores. Isso atrai a gente a ficar nesta academia, o círculo de amizade me faz vir para cá todas as manhãs (80anos).

...tenho os meus dias certos de vir até aqui para fazer essa hidroginástica. É um relaxamento gostoso, o pessoal todo é muito simpático, são 2 horas que eu tenho de lazer, de coisa boa. Eu sinto um grande benefício quando eu saio, sinto-me bem relaxada, e isso é um bom encontro com as outras pessoas também (72 anos).

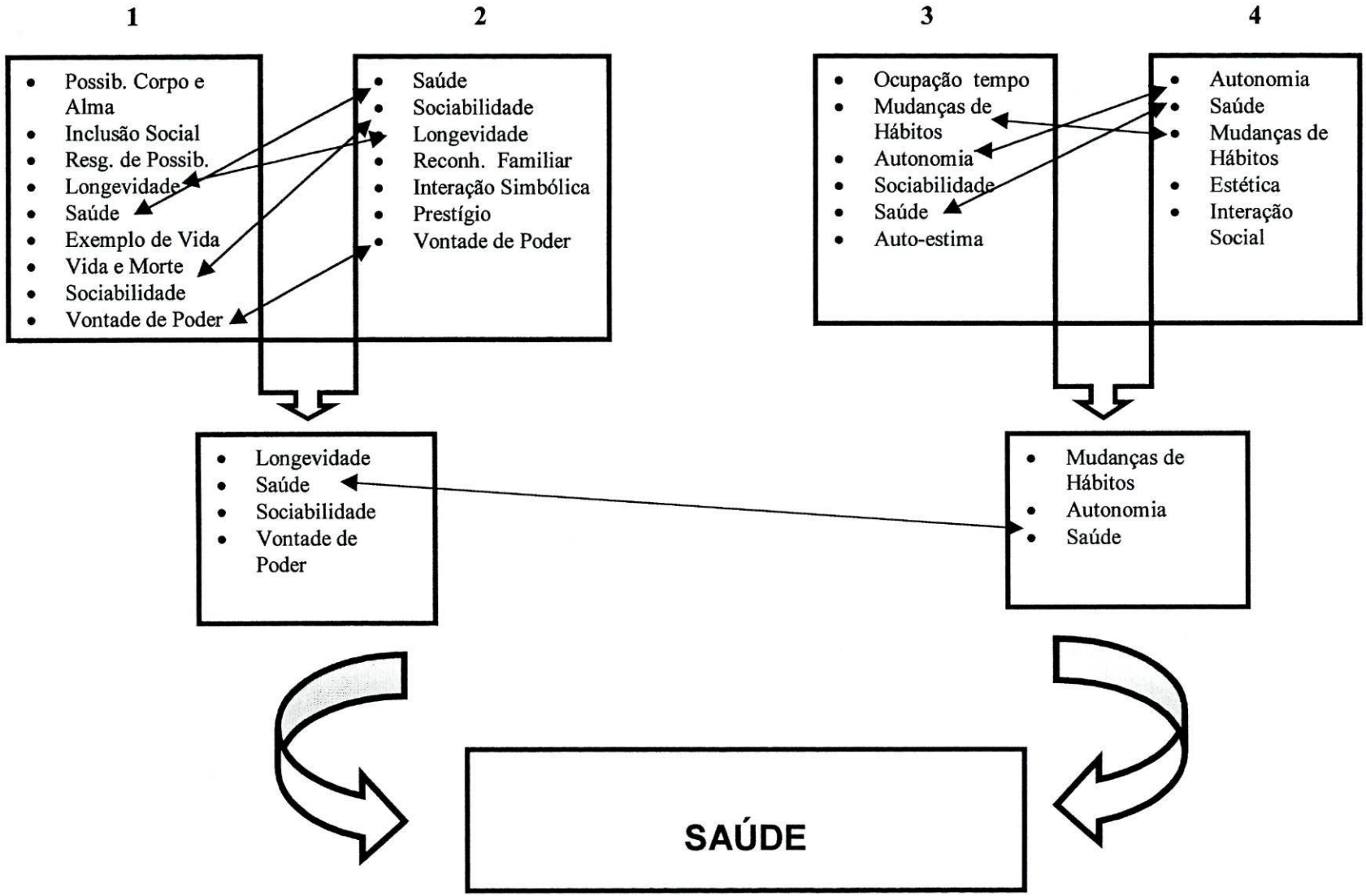
Fazer parte de uma determinada cultura, já é um fator básico de interação social, pois há um influência recíproca entre os fatores sociais e a natureza humana. O corpo ocupa de fato um lugar social, pois todas as pessoas ao nascerem, nascem situadas em algum lugar no espaço, quer seja

político-geográfico, quer seja sócio-cultural, todos de alguma maneira, são identificados e exprimem um espaço de pertença, onde serão acessório de algum lugar na sociedade. Fazer parte do grupo de atividades físicas, é assegurar mais um lugar de pertença, onde tais atividades são representadas como interação social. *...realmente o grupo aqui é muito gostoso, é muito animado! Sinto-me mais relaxada quando estou aqui. ...Mas agora eu presto atenção às coisas, eu era muito distraída e o grupo me ajuda a acertar os exercícios.* Ao sabermos que a existência materializa-se e manifesta-se em termos de práticas e relacionamentos com os outros indivíduos e com o mundo de objetos, não é desproporcionado falar que os sentidos atribuídos por estes idosos às atividades físicas situam-nas inclusivamente como interação social. *...todo o pessoal que trabalha aqui eu gosto muito, desde os da secretaria até aos professores. Isso atrai a gente a ficar nesta academia...* A rede de relações significativas que se forma em torno destas práticas assegura aos seus frequentadores uma continuidade de acontecimentos socais. *...O círculo de amizade me faz vir para cá todas as manhãs.* E por conta disso o "eu" tem um papel preponderante na vida cotidiana, pois organiza-a enquanto identidade (conceito de referenciação), junto aos seus caracteres próprios e/ou do grupo de pertencimento, onde é possível passar a singularidade (conceito existencial) nos diversos modos de existir dentro de um mesmo quadro de referências (Guattari,1986). *...tenho os meus dias certos de vir até aqui para fazer essa hidroginástica.* Evidenciamos também que apesar das relações de trocas econômicas e simbólicas travadas no vasto campo social, que é estabelecido pelas atividades físicas, das diversas representações de modos de produção, vive-se e morre-se numa relação tremendamente singular. *É um relaxamento gostoso, o pessoal todo é muito simpático, são 2 horas que eu tenho de lazer, de coisa boa.* Um dado momento pertence a cada indivíduo em particular, mesmo estando em grupo, não é possível ser partilhado com ninguém, pois não se vive nem se morre no

lugar do outro. *Eu sinto um grande benefício quando eu saio, sinto-me bem relaxada, e isso é um bom encontro com as outras pessoas também.* De algum modo, o tempo é inexorável, dotado de um princípio de individualidade e diante dele, mais ninguém diferente de mim pode ser eu mesmo. Assim sendo importa agora salientar que a linguagem é um modo marcante de interação social, através dela é possível determinar as normas vigentes da vida em sociedade, dotando de significados e de sentidos tanto os lugares como os objetos que povoam e compõem a realidade da vida cotidiana.

Quadro 6 - Categorias levantadas no grupo: 4

CATEGORIAS LEVANTADAS
Autonomia
Saúde
Mudanças de Hábitos
Estética
Interação Social



Quadro 7 - Grelha 1: Semelhanças e diferenças entre pares

A grelha 1 é uma tentativa de fazer a cartografia das relações de semelhanças e diferenças existentes nos grupos. Tal relação está expressa na correspondência biunívoca estabelecida entre os pares.

Ao confrontar as categorias levantadas nos grupos 1, 2, 3, e 4, apresentadas na grelha 1, com aquelas existentes no quadro 2 (ver lista de quadros), verificamos como categorias pertinentes a todos os grupos, as seguintes:

- SAÚDE
- LONGEVIDADE
- SOCIABILIDADE
- PRESTÍGIO SOCIAL
- RECONHECIMENTO FAMILIAR
- OCUPAÇÃO DO TEMPO LIVRE

Assim acreditamos que a análise e interpretação dos dados, na organização apresentada – recolha, redução concomitante, apresentação e interpretação dos dados - , nos proporcionou um modo interativo de análise por todo o seu percurso. Este estudo chegou às suas considerações finais, no entanto cria espaço e continua aberto para outros vindouros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importa agora salientar, que num estudo que se propõe verificar as representações simbólicas, as construções de sentidos que orientam a participação dos idosos em práticas de atividades físicas e desportivas, os hábitos de vida dos grupos distintos, há que considerar também as mudanças significativas ocorridas na vida destes indivíduos. É sabido que eles já não possuem os valores dominantes da sociedade ocidental, tais como: a produtividade, a atividade, a juventude e com isso perderam o seu lugar na vida social, pois aparentemente há a ausência de vitalidade.

O conceito de tradição utilizado para compreender e interpretar dentro do presente, neste estudo teve emprego alargado. O conjunto de conhecimentos e preconceitos acumulados, as tradições que de fato são invenções sociais, e que saturam as histórias de vida, aqui nestes grupos estão adquirindo outros contornos. Algumas mudanças de comportamentos são apontadas por esta geração fundadora. Os comportamentos apresentados por estes idosos, dão corpo à atitude de uma nova geração que emerge no seio da tradição.

No quadro das tradicionais esperas sociais para a velhice, a acomodação é o centro orientador da existência senil. Nos grupos estudados verificamos efetivamente mudanças significativas, a partir de uma vontade de poder que vem da onde já não se espera mais nada. Passaremos a considerar as categorias encontradas nos grupos (1) natação e (2) atletismo, a representação dos sentidos da competição nas suas vidas. São categorias do entendimento representadas com pertinência nos dois grupos. A *longevidade* é um entendimento relacionado a um sentido de maior expectativa de vida, sendo reforçada também como uma segurança ontológica.

A *saúde* aparece representada junto à satisfação de bem estar na vida, que depende e varia de indivíduo para indivíduo dentro de um mesmo grupo. Existem diferenças entre o nível de saúde psicológica e satisfação de vida.

A *sociabilidade* estabelecida entre os pares vai para além das piscinas e pistas, palcos de atuações destes atores sociais. Mesmo na presença da luta que é travada no desporto, (consigo mesmo e com os outros adversários) a sociabilidade é claramente evidenciada. Na ótica simmeliana, verificamos que toda a ação recíproca entre homens é uma socialização, a luta, que constitui uma das mais vivas ações recíprocas, impossível de ser limitada a um indivíduo, há de constituir, necessariamente, uma socialização. A luta, para Simmel, é uma das formas de sociabilidade e esta é uma categoria tremendamente significativa no meio desportivo dos masters e veteranos. Assistimos no mundo da vida a um despojar de muitos fins e intenções comuns entre os indivíduos, o que neste grupo ocorre de modo diferente. A articulação das teorias com os dados, apontou-nos alguns sentidos tais como: responsabilidade e dignidade, capacidade de alcançar objetivos, vontade de aperfeiçoamento, melhoramento da performance, reconhecimento do colega, confraternização e sociabilidade, que permeiam os entendimentos dos participantes das práticas competitivas.

A *vontade de poder* encontrada nestes grupos, torna pertinente a sua leitura a partir do pensamento de Nietzsche, pois nesta se encontra todo um resumo de princípio de vida. Todavia a luta que ali se faz presente, vem de um grande esforço em busca da vitória, um triunfar de onde não se espera mais nada. Vencer o destino inevitável, vencer as fatalidades do tempo como uma vontade de perdurar, de crescer e dar mais intensidade a vida, vontade de ser e de consciência, vontade de ser senhor da sua própria existência e "ultrapassar". As práticas dão oportunidades para a realização dessas experiências.

Acreditamos que as práticas desportivas desenvolvidas por estes grupos apresentam valores, criam sentidos, através de recursos individuais, (há um significado coletivo que é partilhado por todos e uma atribuição de sentido que é

individual) que possibilitam ultrapassar as perdas pessoais e corporais deletérias causadas pelo tempo, que inexoravelmente os aproximam da velhice.

Para os grupos (3) atividades físicas na UnATI e (4) atividades físicas na academia, encontramos as seguintes categorias representativas dos sentidos das atividades nas suas vidas adiante indicadas. Também são categorias do entendimento representadas com procedência nos dois grupos.

As *mudanças de hábitos* ocorridas com os grupos, trazem no seu bojo a ocupação de um tempo livre. O grupo estudado tem o perfil cultural dos homens e mulheres de décadas passadas, onde as ocupações com o trabalho para a manutenção da família e as tarefas domésticas respectivamente eram o centro das suas ocupações e preocupações. A adoção de novos hábitos que incluem as atividades físicas, causam-lhes mudanças significativas para as suas vidas, tanto isoladas como associativas. Em princípio surge uma dissonância cognitiva, e as práticas entram em cena e confirmam a sua resolução. O fator simbólico torna-se presente na medida em que contribui para o processo de construção desta nova opção para os seus hábitos. As atividades físicas exercem um papel preponderante nesta construção. Existem modificações e adaptações nos seus hábitos para a realização das suas vontades, os atos e as ações são acompanhadas por aquilo que "eu posso" do "eu penso" que procuram relativamente algumas acomodações nos hábitos do dia-a-dia. Há ainda uma regulação das vontades determinada pelas limitações corporais.

A *autonomia* representada por eles é atribuída a partir das necessidades utilitárias do corpo. O uso instrumental do corpo é um discurso uníssono que circula nestes grupos. As limitações impostas pelo tempo, as doenças peculiares da idade avançada encontram acalanto nas práticas das atividades físicas. Temos a crença que estas podem ser um meio de manutenção, recuperação ou ganho de autonomia para a vida dos idosos em causa. E com isso inclusivamente fazem uso do seu corpo como instrumento de comunicação com o mundo à sua volta.

A *saúde* está presente com muita firmeza nos discursos que circulam entre todos os grupos deste estudo. Abriremos uma outra discussão no posfácio mas aqui trataremos de tal representação neste grupo. As atividades físicas são representadas como saúde, e algumas vezes também como uma panacéia, pois traz no seu bojo a satisfação e o bem estar do convívio nas respectivas instituições. Um indivíduo com mais de 60 anos que passa a frequentar uma universidade ou uma academia, adquire, faz parte de um ambiente bastante positivo em termos de saúde psicológica. Sabemos que diferentes cenários culturais produzem diferentes comportamentos. Não estamos a questionar os efeitos das atividades, os ganhos em termos fisiológicos advindos das práticas. Nesta representação é notória a busca de um constructo de envelhecimento bem sucedido, ou a procura dele. Que relativamente é perseguida por todos os idosos do estudo.

As questões norteadoras do estudo foram plenamente respondidas, quando encontramos nos discursos circulantes, as atividades físicas e desportivas como base para a construção de sentido dos projetos de vida dos idosos. Os valores orientadores da existência deles estão ancorados de fato nas suas respectivas práticas. A velhice pode ser entendida, nestes grupos específicos, como oportunidade para uma nova autoconstrução, autodesenvolvimento ou construção de um "eu" novo e até mesmo em alguns casos renovado. Tomemos como exemplos os alunos da Universidade da Terceira Idade, ou os competidores que assumem posturas de alunos, verdadeiros alunos, que ainda buscam algo de novo nas suas atividades para os seus aprendizados. O cotidiano das suas existências parece estar orientado a encontrar significados e sentidos no seio dessas práticas. Assim, tais práticas tornam-se carregadas de significados e sentidos que excedem àqueles presentes nas regulamentações que as codificam.

Diante das representações e ações das respectivas atividades mantenedoras da existência desses idosos, ousamos sugerir que o

enquadramento social do idoso, a idade propriamente dita, deveria ser considerada pelos projetos de vida que os indivíduos ainda têm, vontades e desejos manifestos ou latentes. Pela vontade de querer aprender sempre algo novo ou de novo além do mais, os limites da vida estão em plena expansão. O grupo estudado como um todo, cria um movimento emergente em busca de uma nova subjetividade, do próprio reconhecimento, de uma nova forma social de ser e estar no mundo da vida.

Tudo muda inclusive a velhice, e o modo de envelhecer deste grupo apresenta pistas para mudanças no seio da tradição. Os dados levam-nos a crer que os valores por eles interiorizados contribuem para o ritmo adotado nesta opção de envelhecimento. Esta difere demasiadamente das esperas sociais reservadas para o ser velho. O ser velho no ocidente é ter diminuída a sua vitalidade, assim como são diminutos as suas possibilidades de recursos internos para incentivar a vida.

Toda a audácia é criativa e as mudanças passam por algumas delas. A procura pelas práticas das atividades físicas e desportivas, é um meio de ocupação diferente do seu tempo livre. O uso instrumental e valorativo do seu corpo são exemplos de mudanças audaciosas, que os tornam diferentes dos demais indivíduos da mesma idade.

Parece-nos que os mecanismos geradores das diferenças encontram apoio na avaliação feita por eles, das suas experiências passadas, em relação às atuais, e ainda encontram algumas possibilidades de construção para projetos no futuro. A diminuição das habilidades físicas, como também o comprometimento da saúde psicológica e social, são dirimidos diante das práticas escolhidas. Há uma grande crença nas suas escolhas que, lhes garante a continuidade dos acontecimentos. A qualidade de vida está assegurada por tais práticas, que são dotadas de um poderio de sentidos que lhes possibilita uma satisfação emocional e sentimental.

Do conjunto de investigações feitas ressalta, que tais diferenças encontram assento em três aspectos fundamentais, a saber: o tempo, o corpo e as representações sociais, vistos em linhas convergentes com as práticas das atividades físicas e desportivas.

O tempo nestas práticas apresenta analogias significativas. A experiência vivida por estes idosos é traduzida por um elenco categorial necessário para a representação simbólica dessa experiência. O grupo estudado vive com clareza a imensidão do "tempo absoluto", sem princípio nem fim. Aquele que sempre existiu e sempre existirá do mesmo modo para todos os indivíduos, bem como a sua relação idêntica de passagem. O tempo como símbolo de origem humana adquire uma dimensão universal mas, de fato é apenas uma figura simbólica. Engloba tudo o que existe no seu fluxo, que não pode ser interrompido. Neste estudo o tempo pode ser traduzido nos esforços empregues com empenho pelos praticantes idosos, a fim de se manterem dentro do seu fluxo. As posições são medidas, os intervalos, a velocidade de mudanças e as esperas sociais. Para não perderem o trem da história, eles percorrem um caminho axiológico, (nas atividades físicas e desportivas para idosos) em busca de uma estruturação simbólica da sua identidade. O tempo para o praticante destas atividades assume diferentes representações. Na contagem do tempo de vida vivida é idêntico aos demais indivíduos mas, o tempo a ser superado como marca da prova desportiva é supostamente um tempo controlado por ele.

Não se pode escapar ao processo inexorável do tempo. O encarquilhar dos corpos é uma constante, que deixa sempre as marcas impressas no corpo pelo tempo. O mesmo não acontece com o entusiasmo das suas vontades, essas continuam à procura de inovações mais significativas para as suas existências.

O corpo do idoso que vive a experiência das práticas em causa, assume uma atitude só percebida até então por um indivíduo bem mais jovem. A sua auto-narrativa de identidade passa a ser robusta, a partir da sua inserção na atividade. A postura de aluno que quer adquirir novos conhecimentos é

percebida em larga medida, nas representações e ações tanto individuais como em grupo. Encarnado num corpo velho, e só assim se tem a possibilidade de desempenho das tarefas motoras exigidas, ele circula nos diversos palcos da vida com um pouco mais de dignidade, com mais vontade de poder assentada numa representação positiva do seu corpo.

As representações sociais levaram-nos a perceber como o pensamento individual está enraizado no social, sempre observando as suas condições de produção e inclusivamente a troca mútua que é uma constante entre eles. Não é desproporcionado apontar que o fio condutor do estudo foi as representações sociais, uma vez que o propósito foi desenvolver uma compreensão dos hábitos de vida destes idosos em situações de grande significação.

Ao seguir a orientação teórica do tempo, do corpo, e das representações sociais, na tentativa de compreender os hábitos de vida dos grupos em tela, emergiu principalmente nos grupos (1) natação e (2) atletismo a figura do Super-Homem. Todas as representações e ações assumidas por estes grupos de idosos enquadram-se no pensamento de Nietzsche. Articularemos sumariamente o que está nesta teoria com o que foi por nós verificado.

O Super-Homem não deve concordar com as virtudes dos fracos, *os competidores consideram como fracos os outros idosos que ficam nos aposentos, em casa à espera da morte.* Libertar-se da má consciência, amar a si próprio, ter a ousadia de ser ele mesmo, *os atletas idosos apostam na força do pensamento positivo como meio de ultrapassar as dificuldades da vida, exibem os seus corpos como os jovens, ousam nas suas atitudes em busca de melhores resultados nas suas provas.* Ser bastante rígido para criar e impor os seus valores, *a norma vigente nestes grupos é a vitória, mesmo que para isso o custo tenha que ser a vida.* Ser capaz de transgredir grandes sofrimentos, com a finalidade de alcançar o amor do longínquo, daquilo que ainda é futuro, mas ele sente-se responsável, *nós os especialistas das atividades físicas e desportivas, sabemos o quanto é difícil e até mesmo doloroso obedecer aos ditames de uma*

periodização de treinamento desportivo. Eles transgridem grandes sofrimentos na medida em que, expõem os seus corpos a esse treinamento com vistas a melhoria das marcas. Ele deve ter como tônica de vida a auto-superação, vencer a si mesmo e fazer disto a sua arte de viver, *a sustentação da existência dos competidores em causa, está pautada na auto-superação, vencer a si próprio e em seguida vencer o adversário. Em alguns casos a luta deixa de ser com alguém de carne e osso e passa a ser com a máquina, o cronômetro. Para eles a luta contra o cronômetro também é estimulante, pois apresenta maiores dificuldades para o adversário que vem a seguir. Os seus recordes tornam-se difíceis de serem superados por muito tempo.*

Trouxemos de modo breve tal pensamento, como considerações finais devido à sua importância no universo estudado. Existência, resistência e manutenção são categorias do entendimento que circulam num discurso uníssono deste universo. O estudo revelou-nos novas atitudes em grupos emergentes. Tais idosos apresentam inovações significativas para as suas existências, esperamos que sejam mais duradouras e que transgridam a tradição.

POSFÁCIO

Julgamos necessário após as considerações finais deste estudo, apresentar um breve posfácio, às questões relativas à saúde que ainda suscitam algumas indagações. No rol de estudos por nós desenvolvidos (ver anexo I), a saúde é a categoria que mais se evidencia, com alargada distância sobre as demais. É um discurso uníssono que circula entre os grupos de idosos em movimento de atividades físicas e desportivas.

Não se trata de modo algum, pôr em causa os resultados encontrados neste estudo. E sim pôr em andamento questões para estudos vindouros, a partir dos dados levantados neste. Percebemos que o grupo estudado, faz das suas respectivas atividades uma "metáfora" para a vida cotidiana. PRÁTICAS DESPORTIVAS - SAÚDE - EFEITOS E SENTIDOS, apresentam uma relação de semelhança que passa a nos suscitar novas indagações.

Tais indagações certamente serão formuladas em torno dos efeitos e dos sentidos das práticas para os idosos. Tomaremos como horizontes de referências a sáude, já representada no mesmo tom. Conhecemos os sentidos das atividades físicas e desportivas para o grupo de idosos, a sua máxima centrada na saúde, mas, de fato o que desconhecemos são os efeitos desta, para o mesmo grupo. A fisiologia do envelhecimento aponta para as perdas deletérias causadas pelo tempo. Todavia, eles insistem e resistem em plena atividade, mesmo com os seus corpos encarquilhados, e alguns até portadores de anomalias funcionais. Eles desafiam os parâmetros da fisiologia na luta por melhores performances. E perseguem os valores desejados por todos os indivíduos. Um estado de "normalidade", sentir a prazerosa sensação de existir.

Georges Canguilhem, no seu livro, "O Normal e o Patológico" diz-nos que "A fronteira entre o normal e o patológico é imprecisa para diversos indivíduos considerados simultaneamente, mas é perfeitamente precisa para um único e mesmo indivíduo considerado sucessivamente" (1990:145). Acreditamos que esta obra clássica, dentre outras, será de grande valia para o entendimento do estado da questão do idoso/efeitos e sentidos das práticas desportivas. E assim, em certa medida, poderemos reter alguns elementos necessários para a produção de conhecimento nesta área de intervenção. Acreditamos que a procura de novos conhecimentos deva ser a mola propulsora dos docentes que atuam na formação profissional.

BIBLIOGRAFIA

ALLÉAU, R. *La science des symboles*. Paris, Payot. (1976).

ALMEIDA, J & PINTO, J. *A investigação nas ciências sociais.* Lisboa, Editorial Presença. (1995).

ARAÚJO, Cláudio Gil. *Aspectos médicos- fisiológicos da atividade física na terceira idade.* Rio de Janeiro, UERJ. (1996).

ARENDT, Hanna. *O conceito de amor em Santo Agostinho.* Lisboa, Instituto Piaget. (1997).

_____. *Homens em tempos sombrios.* Lisboa, Relógio D´ Água. (1991).

ARIÈS, Philippe.(org.). *Sobre a história da morte no ocidente- desde a idade média.* Lisboa, Teorema. (1989).

_____*História da vida privada.* Porto, Afrontamentos. (1991).

ANSART, Pierre. *Ideologias, conflito e poder.* Rio de Janeiro, Zahar. (1978).

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social.* In: Enciclopédia Enaudi, Imprensa Nacional, Casa da Moeda do Brasil, V. 5. (1985).

BARATA MOURA, J. *Kant e o conceito de filosofia.* Lisboa, Sampedro.(1982).

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70. (1977)

BENTO, Jorge Olímpio. *Desporto e humanismo.* Rio de Janeiro, EdUERJ. (1998).

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *A Construção social da realidade.* Petrópolis, Vozes. (1998).

BLANCHARD, K. & CHESKA, A . *Antropología del deporte.* Barcelona, Bellaterra. (1986).

BOAVENTURA, S. Santos. *Um discurso sobre as ciências.* Porto, Afrontamento. (1997).

BOUCHARD, Claude; SHEPHARD, Roy J.; STEPHENS, Thomas; SUTTO, John R.; Mc PHERSON, Barry D. *Exercise, fitness and health a consensus of current knowledge.* Champaign: Herman Kinetios. (1990).

BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. (1989).

_____*A economia das trocas simbólicas.* São Paulo, Perspectiva. (1974).

BOWKER, John. *Los significados de la muert.* Gran Bretaña, Cambridge University Press. (1996).

BROHN, J.M. *Sociología política del deporte.* México, F.C.E. (1982).

BRUEHL-YOUNG, E. *Hannah Arendt. For love of the world.* London, Yale University Press. (1982).

CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o patológico.* Rio de Janeiro, Forense. (1990).

CANOAS, C. S. *A condição humana do velho*. São Paulo, Cortez. (1983).

CARVALHO, A Souza. *Metodologia da entrevista.* Rio de Janeiro, Agir. (1987).

CASAL, Adolfo. *Para uma epistemologia do discurso e da prática antropológica.* Lisboa, Cosmos. (1996).

CASSIRER, Ernest. *Antropologia filosófica.* São Paulo, Mestre Jou. (1972).

CASTORÍADIS, Cornelius. *A Instituição imaginária da sociedade.* Rio de Janeiro, Paz e Terra. (1991).

COSTA, António. Saúde, violência e desporto. In: *Desporto Saúde Bem Estar.* Porto, Universidade do Porto. (1991).

_____. Actividade desportiva e a sua força simbólica. In: *Actividade Física e saúde na terceira idade*. Oeiras, EGREPA. (1993).

COSTA, Lamartine Pereira da. Autonomia: valor central da terceira idade na promoção da saúde e da actividade física. In: *Actividade física e saúde na terceira idade*. Oeiras, EGREPA. (1993).

CRITELLI, Dulce. *Analítica do sentido.* São Paulo, Brasiliense. (1996).

DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo, Perspectiva. (1974).

DESCARTES. *Discurso do método – as paixões da alma*. Lisboa, Sá da Costa. *(1976)*.

DOUGLAS, M. *Símbolos naturales*. Madrid, Alianza Editorial. (1978).

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica.* São Paulo, Cultrix. (1988).

DURKHEIM, Émile. *De la division del trabajo social*. Buenos Aires, Schapire. (1970).

_____. *Sociologia e filosofia*. Rio de Janeiro, Forense Universitária. (1972).

_____. *As formas elementares da vida religiosa (1912)*. Coleção Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural. (1978).

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo, Perspectiva. (1992).

ELIAS, N. *O processo civilizador: Uma história de costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. (1990).

_____ *Du temps*. Paris, Fayard. (1996).

_____ *Teoria simbólica*. Oeiras, Celta. (1994).

ENTRALGO, Pedro. *El cuerpo humano – teoría actual.* Madrid, Galaxia Gutenberg. (1989).

ETTINGER, Elzbieta. *Hanna Arendt – Martin Heidegger*. Rio de Janeiro, J. Zahar Editor. (1996).

FAIRCHILD, H. *Dictionary of sociology*. New York, Philosophical Library. (1974).

FARIA JUNIOR, Alfredo G & RIBEIRO, Maria da Graça. *Idosos em movimento – mantendo a autonomia. Evolução e referencial teórico.* Rio de Janeiro, EdUERJ. (1995).

FERREIRA, Aurélio B. *Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. (1989).

FITZGERALD, Patrick. *Exercício para o idoso.* In: Linn Goldberg & Dianne L. Elliot, Clínicas Médicas da América do Norte, (vol. I), Aspectos Médicos do Exercício. Rio de Janeiro, Interamericana. (1985).

FRANCESCHINI, Philippe. *A pele e o envelhecimento.* Lisboa, BBCC. (1997).

FOULCAULT, M. *Microfísica del poder.* Madrid, La Piqueta. (1979).

GAIARSA, José A. *Como enfrentar a velhice*. Campinas, Icone. (1986).

GADAMER, Hans-Georg. *O mistério da saúde.* Lisboa, Edições 70. (1997).

GARCIA, Rosa. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. (1992).

GARCIA, Rui. *Programa e relatório da disciplina Antropologia do Desporto.* Porto, Universidade do Porto. (1997).

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. (1989).

GIDDENS, Antony. *Modernidade e identidade pessoal.* Oeiras, Celta. (1994).

GIL, José. *Metamorfoses do corpo.* Lisboa, Relógio D`Água. (1997).

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Cartografia do desejo.* Petrópolis, Vozes. (1986).

GUIMARÃES, Alba Z. *Desvendando máscaras sociais.* Rio de Janeiro, Francisco Alves. (1990).

HALL, Edward T. *A dança da vida.- a outra dimensão do tempo.* Lisboa, Relógio D´Água. (1996).

_____. *A linguagem silenciosa.* Lisboa, Relógio D´Água. (1994).

HANNAH, Arendt. *For love of the world.* London, Yale University Press. (1982).

_____. *O conceito de amor em Santo Agostinho.* Lisboa, Instituto Piaget. (1997).

_____. *Homens em tempos sombrios.* Lisboa, Relógio D´Água. (1991).

HASKELL, W. L. *Physical activity and the diseases of tecnologically advanced society.* American Academy of Physical Education Papers.(1988).

HEIDEGGER, Martin. *Ser e o tempo.* Parte I, Petrópolis, Vozes. (1997)

_____. *Ser e o tempo.* Parte II, Petrópolis, Vozes. (1997).

HÉBERT, Michelle et alii. *Investigação qualitativa: fundamentos e prática.* Lisboa, Instituto Piaget. (1994).

HERMAN, Jaques. *Les langages de la sociologie.* Paris, PUF. (1983).

HUIZINGA, J. *Homo ludens.* São Paulo, Editora Perspectiva. (1986).

HUSSERL, E. *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo.* Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (1994).

JANA, José .E. *Para uma teoria do corpo humano.* Lisboa, Instituto Piaget. (1995).

JASPER, Karl. *Iniciação filosófica.* Lisboa, Guimarães. (1972).

JODELET, D.(org.). *Les representations sociales.* Paris, PUF. (1989).

_____. *Réflexion sur le traitement de la notion de représentation sociale en psychologie sociale.* Communication Information, (6). (1984).

KALACHE, A. O envelhecimento da população mundial. Um desafio mundial. *Revista de Saúde Pública*, **21** (3):200-210. (1987).

KIERKEGAARD, S. *Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor.* Lisboa, Edições 70. (1986).

KLEIN, Etienne. *O tempo.* Lisboa, Biblioteca Básica de Ciência e Cultura. (1995).

KUHN, Tomas. *A estrutura das revoluções científicas.* 4ªed. São Paulo, Perspectiva. (1996).

LACAN, J. *Le stade du miroir.* Paris, Seuil. (1966).

LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo.* Rio de Janeiro, Imago. (1983).

LE BRETON, David. *Anthropologie du corps et modernité.* Paris, Presses Universitaires de France. (1990).

LIMA, Mesquitela. *Antropologia do simbólico.* Lisboa, Editorial Presença. (1983).

LOVISOLO, Hugo. *Educação Física: arte de mediação.* Rio de Janeiro, Sprint.(1995).

_____.O princípio da cooperação. In: *Memórias*: Conferência Brasileira de Esporte Educacional, Ministério Extraordinário do Esportes – INDESP. Rio de Janeiro, UGF. (1996).

_____.*Estética, esporte e educação física.* Rio de janeiro, SPRINT. (1997).

MALHO Levi. Estratégia sobre o filosofar da filosofia. *Revista da Universidade do Porto*, II, Série de Filosofia, 4. (1987).

MAQUIAVEL, N. *Il príncipe blado.* Lisboa, (Trad. Port. Amigos do Livro). (1977).

MARC, Augé. *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. (1997).

MARX, K. *Os manuscritos económico-filosóficos de 1844.* Porto, Brasília Editora. (1971).

MAUSS, Marcel. *Divisions et proportions des divisions de la sociologie.* Paris, Minuit. (1969).

_____.*Sociología y antropología.* Madrid, Técnos. (1979).

MORA, Ferrater. *Dicionário de filosofia.* Lisboa, Dom Quixote. (1991).

MORIN, E. *O homem e a morte.* Sintra, Europa-América. (1988).

MOSCOVICI, Serge. *La psychanalyse, son image et son public.* Paris, PUF. (1976).

_____. *Social representations.* Cambridge, Cambridge University Press. (1984).

MOTA, Jorge. Promoção da actividade física nos idosos: uma perspectiva global. In: J. MOTA; J.CARVALHO (Eds). *Actas do Seminário: A qualidade de vida no idoso: O papel da actividade física.* Porto, FCDEF. (1999).

NERI, A. Liberalesso. *Envelhecer num país de jovens.* Campinas, Unicamp. (1964).

NETO, N. *Filosofia básica.* São Paulo, Contexto. (1991).

NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de poder.* Rio de Janeiro, Tecnoprint. (1975a).

_____. *Ecce homo.* Rio de Janeiro, Tecnoprint. (1975b).

_____.*Crepúsculo dos ídolos.* Rio de Janeiro, Tecnoprint. (1975c).

_____. *Além do bem e do mal.* Rio de Janeiro, Tecnoprint. (1975d).

_____. *Assim falava Zaratustra.* Lisboa, Relógio D'Água. (1998a).

_____. *A gaia ciência.* Lisboa, Relógio D'Água. (1998b).

OAKESHOTT, Michael. *Moralidade e política na Europa moderna.* Lisboa, Século XXI. (1995).

ORLANDI, E. Pulcinelli. *Discurso e leitura.* São Paulo, Cortez. (1988).

PAÚL, Maria C. *Piscologia dos idosos: O envelhecimento nos meios urbanos.* Braga, S.H.° (1996).

PESCATELLO, L. & DIPIETRO, L. *Physical activitv in older adults. Na overview of health benefits.* Sports Medicine, *15* (16):.353-364, 1993.

PONTY, Merleau, M. *O visível e o invisível.* São Paulo, Perspectiva. (1964).

_____ .*O olho e o espírito.* Lisboa, Ed. Gallimard. (1997).

PROENÇA, Raul. *O eterno retorno.* Lisboa, MEC/Imprensa Nacional. (1987).

PROST, A. Fronteiras e espaços do privado. *In História da Vida Privada.* Volume V. Rio de Janeiro, Companhia das Letras.(1991).

RAMIRO, M. Teresa. Seminário de Gerontomotricidade na Educação para a Reforma. *Educação Especial e Reabilitação.* Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa._Volume I, (1988).

REIS, A. *Pessimismo antropológico e optimismo histórico: um conflito na filosofia de Kant.* Porto, Cadernos Sociais, Afrontamento. (1986).

RICOEUR, Paul. *O discurso da acção.* Lisboa, Edições 70. (1988).

_____.*Soi-même comme un autre.* Paris, Éditions du Seuil. (1990).

_____.*Teoria da interpretação.* Lisboa, Edições 70. (1996).

_____.*Finitude et culpabilité.* Paris, Fayard. (s/d).

ROBERT, Ladislau. *O Envelhecimento fatos e teorias*. Lisboa, Biblioteca Básica de Ciência e Cultura. (1995).

_____ . *Mécanismes cellulaires et moléculaires du vieillissement.* Paris, Masson. (1983).

ROGERS, Carl. *Tornar-se pessoa.* Lisboa, Moraes. (1973).

ROSSEAU, J. *O contrato social.* Lisboa, Presença. (1977).

ROVIELLO, Anne-Marie. *Senso comum e modernidade em Hannah Arendt.* Lisboa, Instituto Piaget. (1997).

RUIZ de la Pena, J. *La outra dimensión: escatológica cristiana.* Madrid, Sal Terrae. (1975).

SALGADO, M. *Velhice, uma nova questão social.* São Paulo, SESC. (1980).

SANTIAGO, Leonéa V. *Natação Master: Resistindo à velhice*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho - tese de Mestrado. (1993).

SANTIAGO, L. & LOVISOLO, H. Master de natação: competição, aprimoramento e expressão. *Motus Corporis*: Revista de divulgação científica do mestrado e doutorado em Educação Física. Vol. *4* (2): 84-101. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho. (1997).

SARTRE, J. *L´ êntre et néant.* Paris, Gallimard. (1973).

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação.* Porto, Rés. (s.d.).

SENA, Stella. *Geriatria e enfermagem.* (mimeo). (s.d.)

SIMMEL, Georg. *Estudios sobre las formas de socialización.* Madrid, Alianza Editorial. (1986).

SOUZA FILHO, E. Metodologia de estudo de representações sociais – o papel da entrevista. *Anais do II Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico em Psicologia.* Gramado.(1989).

SPERBER, O. *Le symbolisme en général.* Paris, Collection Savoir - Hermann. (1972).

SPIRDUSO, W. *Phisical dimensions of aging.* Champaign, Human Kinetics. (1995).

TEVES, Nilda. (org). *Imaginário social e educação.* Rio de Janeiro, Gryphus. (1992).

THOMAS, L. V. *Antropologie de la mort.* Paris, Payot. (1975).

TIBON-CORNILLOT, M. *Os corpos transfigurados.* Lisboa, Instituto Piaget. (1997).

TRIVIÑOS, Augusto. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.* São Paulo, Atlas. (1990)

UNAMUNO, Miguel. *Do sentimento trágico da vida.* Lisboa. Relógio D`Água. (1988).

VARGAS, H. S. *Psicologia do envelhecimento*. São Paulo, Fundo Editorial Byk. (1983).

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade*: uma experiência de Geração. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. (1986).

VERAS, Renato. *País jovem com cabelos brancos: A saúde do idoso no Brasil.* Rio de Janeiro, Relume Dumará. (1994).

_____. (org.) *Terceira idade: desafios para o Terceiro Milênio.* Rio de Janeiro, Relumu Dumará. (1997).

VERGÍLIO, Ferreira. *Invocação ao meu corpo.* Lisboa, Bertrand. (1994).

VOTRE, Sebastião.(org). *A representação social da mulher na educação física e no esporte.* Rio de Janeiro, PPGEF-UGF. (1996).

WAHL, J. *As filosofias da existência.* Lisboa, Europa-América. (1962).

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo, Pioneira. (1994).

WEININGER, B. & MENKIN, L. *Envelhecer é viver*. São Paulo, Brasiliense. (1979).

WITTGENSTEIN, Ludwig. *O livro azul.* Lisboa. Edições 70. (1992).

_____*Cultura e valor*. Lisboa. Edições 70. (1996).

WROBEL, Vera & Lovisolo, Hugo. *Etnografia do 1º grau. Análise de interpretação social*. Rio de Janeiro, PUC. (1984).

ANEXO 1

Relação dos estudos desenvolvidos sobre o tema das representações sociais e com base nos discursos dos indivíduos foram levantadas categorias para o desvelar dos sentidos

a)Título do trabalho: A auto representação do nadador master brasileiro

Nome do Evento: Seminário de Pesquisa em Curso

Instituição: Universidade Gama Filho

Ano: 1991

Objetivo: Identificar a auto-representação do nadador master brasileiro

Categorias: jovem, forte, longevo

b)Título do trabalho: Natação Master: resistindo à velhice (dissertação de mestrado)

Instituição: Universidade Gama Filho

Ano:1993

Objetivo: Identificar e interpretar as representações da natação competitiva em suas relações múltiplas com a vida destes praticantes.

Categorias: a auto–superação, o prestígio social, o reconhecimento familiar, o prestígio social, a identidade/singularidade, o modelo de vida, a longevidade, a ascensão social via a competição, a pulsão de vida/pulsão de morte.

c) Título do trabalho: As representações das práticas corporais suaves relacionadas ao cotidiano dos seus praticantes

Nome do periódico: Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Local de publicação: Belém

Instituição: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

Número do periódico: 01

Ano de publicação: 1993

Objetivo: Identificar através das representações a utilização das informações obtidas nas práticas corporais suaves (yoga, tai-chi-chuan, alongamento e consciência corporal), no cotidiano dos seus praticantes.

Categorias: saúde física e mental, equilíbrio, auto-percepção, auto-controle, prazer, postura corporal.

d) Título do trabalho: As condutas polissêmicas assumidas no universo da natação master brasileira

Nome do evento: Simpósio Esporte: dimensões sociológicas e políticas

Instituição: Universidade de São Paulo

Ano: 1993

Objetivo: Identificar os sentidos, a imaginação em ação que orientavam as condutas dos master idosos de natação.

Categorias: auto-superação, modelo de vida, prestígio social longevidade, sociabilidade.

e) Título do trabalho: Idosos em Movimento: em busca da autonomia

Nome do evento: I Amostra Acadêmico Científica dos Cursos de Graduação da UFAL

Instituição: Universidade Federal de Alagoas

Ano: 1994

Objetivo: Identificar e interpretar os sentidos da prática das atividades físicas no cotidiano dos idosos freqüentadores do programa oferecido pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Categorias: curativa/preventiva, ocupacional, sociabilidade, longevidade, evitar a velhice

f) Título do trabalho: Práticas Desportivas Competitivas na Terceira Idade: a influência da mídia nestas práticas

Nome do evento: IV Congresso de EDF e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa

Instituição: Universidade de Coimbra

Ano:1995

Objetivo: Identificar e interpretar em que medida, os meios de comunicação tem influenciado nas práticas competitivas na terceira idade, que valores são inculcados pelos meios de comunicação (matérias veiculadas em programas esportivos, noticiários nacionais e jornais, revistas) neste grupo de idosos com a aquiescência dos especialistas.

Categorias: juventude/longevidade, esporte fonte de juventude, reordenação de valores.

g) Título do trabalho: Idosos e estilo de vida: a representação social a partir da imprensa

Nome do evento: V Conferência Internacional "Actividade Física e Saúde na Terceira Idade"

Instituição: EGREPA - Oeiras

Ano: 1997

Objetivo: Verificar no campo das representações sociais, a relação do idosos com a atividade física, a propagação de modelos de estilos de vida, veiculada pela imprensa brasileira.

Categorias: velhice saudável, preparação para competição, heróis desportivos.

h) Título do trabalho: A intervenção do programa de atividades físicas para idosos, da Câmara Municipal do Porto, na reestruturação dos hábitos de vida dos seus freqüentadores.

Nome do evento: VI Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua portuguesa

Instituição: INEF – Galicia

Ano: 1998

Objetivo: Mapear e interpretar as construções de sentidos que possivelmente reestruturaram os hábitos de vida dos idosos a partir da sua freqüência ao programa.

Categorias: sociabilidade, saúde, ocupação do tempo livre, re-ligação com o passado jovem, o retorno da atenção familiar.

i) Título do trabalho: Competition in the elderly: a paradox the age of the bodies and the enthusiasm of their wishes

Nome do evento: Third Annual Congress of the European College of Sport Science

Instituição: European College of Sport Science – Manchester

Ano: 1998

Objetivo: Identificar as relações e significados que sustentam a prática competitiva na vida destes "atletas". Conhecer parte da representações do grupo e assim poder contribuir com programa de treinamento com base nas suas representações.

Categorias: poder, vigor, boa disposição para o dia a dia, força de atuação, força física, auto-estima elevada, reconhecimento familiar, sociabilidade.

j) Título do trabalho: As transformações corporais dos idosos pertencentes ao grupo de atividades físicas da Câmara Municipal do Porto: argumentos para construções de sentidos

Nome do evento: A Qualidade de Vida no Idoso: o papel da actividade física

Instituição: Universidade do Porto – FCDEF

Ano: 1999

Objetivo: Identificar o discurso circulante no grupo de idosos freqüentadores do programa, acerca do corpo.

Categorias: as questões da autonomia, a resistência as doenças e aos efeitos do tempo, a adoção de um outro corpo.